



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**ELEIÇÃO É TAPEAÇÃO. LUTA ARMADA É A SOLUÇÃO: LEITURAS,
EXPERIÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DO *CONSENSUS BELLICU* NA NOVA
ESQUERDA MARXISTA CEARENSE (1962-1976)**

Henri Randel Costa

FORTALEZA

2009

"lecturis saltem"

Ficha Catalográfica elaborada por

Telma Regina Abreu Camboim - Bibliotecária - CRB-3/593

tregina@ufc.br

Biblioteca de Ciências Humanas - UFC

C872e

Costa, Henri Randel.

Eleição é tapeação. Luta armada é a solução [manuscrito] : leituras, experiências e construção do consensus bellico na nova esquerda marxista cearense (1962-1976) / por Henri Randel Costa. - 2009.

208 f. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 27/11/2009.

Orientação: Profª. Drª. Ana Amélia de Melo.

Inclui bibliografia.

1-NOVA ESQUERDA(CIÊNCIA POLÍTICA) - CEARÁ - 1962-1976.2-GUERRILHEIROS - LIVROS E LEITURA - CEARÁ - 1962-1976.3-RESISTÊNCIA AO GOVERNO - CEARÁ - 1962-1976.4-ATIVIDADES SUBVERSIVAS - CEARÁ - 1962-1976.5-DITADURA - BRASIL - 1962-1976.6-GUERRILHAS - BRASIL - SÉC.XX.I-Melo, Ana Amélia de, orientador. II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em História. III- Título.

CDD(22ª ed.) 981.31063

14/10



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**ELEIÇÃO É TAPEAÇÃO. LUTA ARMADA É A SOLUÇÃO: LEITURAS,
EXPERIÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DO *CONSENSUS BELLICU* NA NOVA
ESQUERDA MARXISTA CEARENSE (1962-1976)**

Henri Randel Costa

Dissertação de mestrado apresentada ao programa
de Pós-Graduação em História da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em História Social.
Orientadora: Profa. Dra. Ana Amélia de Melo

FORTALEZA

2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**ELEIÇÃO É TAPEAÇÃO. LUTA ARMADA É A SOLUÇÃO: LEITURAS,
EXPERIÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DO CONSENSUS BELLICU NA NOVA
ESQUERDA MARXISTA CEARENSE (1962-1976)**

Henri Randel Costa

Esta dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pela orientadora e membros da banca examinadora, composta pelo(a)s Professore(a)s:

Profa. Dra. Ana Amélia de Melo (orientadora)

Profa. Dra. Ivone Cordeiro

Prof. Dr. William James de Mello

DEDICATÓRIAS

In memoriam, esta dissertação é uma homenagem a Advogada Wanda Rita Othon Sidou, militante comunista, defensora de presos políticos, muitas vezes sem cobrança de honorários, exemplo de brava mulher que mesmo diante do autoritarismo civil-militar mostrou coragem como poucos.

E ao meu filho e sobrinhos, José Marcelus ou Portuguesinho, Vitória ou Menina Dengosa, João ou John e Luís Henrique ou Naruto e Dinossauro, com a esperança de que vivam num mundo mais fraterno.

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação de mestrado jamais resulta, por mais brilhante e dedicado que o pesquisador seja apenas do seu esforço pessoal. Esta, felizmente não foi uma exceção, pois se enquadra na regra geral. Primeiro porque não sou um gênio da raça, depois não tenho e não quero ter qualidades laboristas de um operário padrão, e o principal, houve uma gama imensa de pessoas que das mais variadas formas foram vitais para que eu concluísse esta jornada.

São estes colaboradores técnicos e sentimentais que pretendo lembrar a partir de agora, destacando inicialmente os meus pais, Seu José e a D. Arlette, com seu monumental apoio logístico, da abertura das portas da sua casa no Centro, onde me instalei em relativa tranquilidade durante sete meses para escrever o trabalho, até o apoio financeiro em determinadas situações.

Ainda entre os mais próximos não posso deixar de lembrar que minha esposa Vânia Maria, me presenteou com um computador novinho em folha, o qual foi utilizado para escrever do início ao fim a dissertação. Sem esta doação as coisas teriam se complicado, porque o único ordenador que possuía tinha sido privatizado pelo meu filho de seis anos.

Por sinal este herdeiro, José Marcelus, foi o responsável pela minha retirada estratégica da Parangaba para a zona central de Fortaleza, já que além de não aceitar dividir seu novo brinquedinho, o computador, quando eu, na tentativa de ter privacidade para meter a mão na massa me escondia na biblioteca, me encontrava e tentava arrombar a porta ao sentir a minha presença: “Papai o senhor está aí dentro? Eu sei! Responda!

Porém à distância e a ausência geraram em mim saudades que acabaram servindo de estimulante sintetizada na idéia de que quanto mais cedo eu terminasse, mais rapidamente voltaria para perto dele. Para amenizar esta situação resolvi trazer um carrinho vermelho e um robô presenteados por ele que me deram forças para seguir em frente no cumprimento da missão.

Este período também coincidiu com a chegada de Boa Vista/RR do meu sobrinho Luís para fazer um transplante de rim. Ao participar diretamente das etapas finais do tratamento percebi quanto eram pequenas minhas angústias e preguiças. Foi uma lição de vida que ajudou que ajudou, e muito, a levantar e manter a moral nos inevitáveis momentos de letargia.

Felizmente tudo deu certo, sendo impossível medir e narrar à alegria de ver a recuperação desta criança, que de repente passou pelas manhãs cedo a me visitar sozinho, diariamente, sem solicitação, no momento em que eu dava os primeiros passos de mais um dia de trabalho. À noite esta adrenalina psicológica era completada pelo seu irmão, o João ao perguntar quantas páginas eu tinha avançado.

Meu cunhado, Roberto, que me estendeu a mão quando surgiram problemas de digitação devido ao meu baixo conhecimento prático do assunto. E a minha irmã Lia que cotidianamente fazia minha comida, isso tudo ao mesmo tempo em que cuidavam do meu sobrinho dia e noite, incluindo as inúmeras madrugadas tensas que enfrentavam.

Entre os entes mais próximos agradeço ainda ao meu irmão Guy que puxou o cabo de rede da internet que em muito facilitou a minha pesquisa, como também a minha cunhada Rose pela ajuda na alimentação. Não posso esquecer a minha sobrinha Vitória pelas confabulações diárias sobre os mais variados assuntos: Ô menina pra falar!

O quadro de agradecimentos ficaria incompleto sem a lembrança das importantes contribuições da bibliotecária Vanessa Moreira Maciel de Sousa do Seminário da Prainha que educadamente me ajudou a encontrar as obras teológicas ligadas à trajetória do Frei Tito. Além dela, as senhoras Raimundinha, Luana, Zuíla e Célia, da Menezes Pimentel, foram demasiadamente solícitas na busca de jornais e revistas imprescindíveis.

Destaco a especial contribuição do Museu do Ceará através das funcionárias Cristina Rodrigues Holanda (Diretora – Geral), Ana Amélia Oliveira, Bárbara Eliza, Marta Andréa, Kátia Teles, Alexandre e o companheiro Claudeniso ou Cláudio. A todos, meus sinceros agradecimentos pelas mãos estendidas e, de quebra, cafezinhos deliciosos.

Nesta pugna pela ciência muitas vezes algumas coisas são vistas como pequenas, mas na prática acabam tendo uma importância muito grande. Neste sentido lembro a importância da assistência técnica concedida pela Márcia e o José Alves, dois amigos que me ensinaram informática até pelo telefone. Ainda sobre as ajudas técnicas, agradeço também aos gráficos Assis e Henrique pela excelente confecção dos sete volumes da dissertação.

No Mestrado em História, na convergência e na divergência, não posso me esquecer dos meus Professores (a)s, como a Dra. Meize Lucas, que também era Coordenadora, pelos debates sobre Carlo Ginsburg, Dr. Frederico de Castro Neves e as discussões acaloradas sobre E. P. Thompson, Dr. Régis Lopes e os ensinamentos sobre a diferença entre jornalismo e história.

Lembro também a importância das duplas formadas pelo Dr. Frank Ribard, pela racionalidade iluminista e a Dra. Marilda Santana, sempre vigilante dos passos que estávamos a dar nas pesquisas. Além destes ressalto os Doutores Amir Leal de Oliveira e Antônio Gilberto pela preocupação em adequar seus programas aos objetivos dos nossos trabalhos.

Junto ao quadro de Professores, aproveito para retribuir o apoio dado pelos funcionários do NUDOC e da Secretaria do Mestrado, que sempre estenderam a mão para me ajudar no complicado mundo dos papéis. Lembro ainda a companhia dos meus colegas de turma, os recrutas 2007. A todos o meu agradecimento sincero e respeitoso.

Aproveito ainda para agradecer aos mestres que participaram das minhas bancas de qualificação e defesa, as Professoras Dra. Ivone Cordeiro e Dra. Ana Amélia de Melo, e os Professores Doutores Almir Leal de Oliveira e William James Melo. Os seus conselhos e estímulos foram importantíssimos tanto no prosseguimento quanto no término do trabalho.

Um agradecimento singular, muito especial, vai para minha orientadora, a Professora Dra. Ana Amélia de Mello, que mesmo sendo visitante e estar a se preparar para a seleção de professora efetiva ensinou-me a ser mais racional e conseqüentemente menos emocional na construção do texto. Some-se a isto, a importante participação na escolha dos conteúdos da dissertação. Dessa forma acabou na prática se tornando minha Nossa Senhora do Carmo de Maipu.

Finalmente, se esqueci alguém ou alguma instituição, ou qualquer outra coisa, não se trata de mau agradecimento ou deselegância, e sim de puro esquecimento natural. Neste caso peço aos não lembrados que ao encontrarem comigo nos bailes da vida, que me chamem atenção, atitude que receberei com todo respeito e de coração aberto.

SIGLAS

ALN – Ação Libertadora Nacional

AP – Ação Popular

DOI-CODI – Destacamento de Operações de Informações. Centro de Operações de Defesa Interna.

DOPS – Delegacia de Ordem Político Social

FLNE – Frente de Libertação do Nordeste

CEU - Clube dos Estudantes Universitários

CESC – Centro dos Estudantes Secundaristas do Ceará

JEC – Juventude Estudantil Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

JOC – Juventude Operária Católica

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PCBR – Partido Comunista Brasileiro Revolucionário

PCUS – Partido Comunista da União Soviética

PCC – Partido Comunista de Cuba

PF/SR/CE – Polícia Federal. Superintendência Regional do Ceará

PM/CE – Polícia Militar do Estado do Ceará

PC/CE – Polícia Civil do Estado do Ceará

SNI – Serviço Nacional de Informações

VAR-Palmares – Vanguarda Armada Revolucionária Palmares

UNE – União Nacional dos Estudantes

RESUMO

Esta dissertação de mestrado versa sobre a ação política de alguns sujeitos históricos que no final dos anos sessenta e início dos setenta do século passado, concluíram que a luta armada seria o método mais racional e viável para enfrentar a ditadura civil-militar imposta ao país em 1964, mesmo se tendo outras possibilidades de oposição aos capitalistas e ao seu sistema autoritário. Neste sentido, para o entendimento desta opção extremada, foram privilegiados e associados dois nichos, as leituras escritas efetivadas antes e durante o conflito bélico, assim como às múltiplas vivências dos guerrilheiros, da infância até os derradeiros episódios da contenda. Completando este quadro o trabalho ainda destaca a emergência de uma Nova Esquerda marxista, num mundo, tanto ao nível local e nacional, como internacional, marcado pela ótica da Guerra Fria.

Palavras chaves: leitura, nova esquerda, guerrilha

SUMÁRIO

Introdução.....	1
CAPÍTULO I: A construção de uma Nova Esquerda marxista.....	5
1.1 Revoluções e novas teorias no exterior	5
1.2 Brasil: Tensões e assimilações entre a tradição e a reinvenção.....	12
1.3 A Nova Esquerda marxista armada no Ceará.....	28
Partido Comunista do Brasil	28
Ação Popular Marxista-Leninista	37
Ação Libertadora Nacional	44
Partido Comunista Brasileiro Revolucionário.....	50
Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares	56
Frente de Libertação do Nordeste	61
CAPÍTULO II: Leituras, experiências e Consensus Bellicu	64
2.1 PCdoB: Eloísio Peixoto e José Rubens Sales Bastos	64
2.2 PCBR: Célio Miranda, Walter Pinheiro e José Machado.....	81
2.3: ALN: Silvio Mota e Carlos Timoshenko	101
2.4 Frei Tito de Alencar	117
CAPÍTULO III: Às armas Camaradas	154
3.1 Em confronto aberto	154
Conclusão	191
Fontes	192
Bibliografia.....	196

INTRODUÇÃO

O objetivo central desta dissertação de mestrado é compreender a relação entre as leituras escritas e as experiências pessoais de certos sujeitos históricos e a utilização exclusiva da guerrilha como instrumento de luta contra o autoritarismo imposto ao Brasil a partir de 1964, mesmo se sabendo que existiam brechas no sistema ditatorial que possibilitavam a escolha de outros métodos de oposição.

Neste sentido, apesar das inúmeras restrições, diferentemente das outras ditaduras contemporâneas da América do Sul e Central, a nossa não aboliu por completo da política nacional as eleições, pois como sabemos dois partidos políticos, um de oposição, MDB, e outro de apoio ao governo, ARENA, disputavam periodicamente o controle nos três níveis administrativos, municipal, estadual e federal, os poderes Legislativo e Executivo.

Diante deste quadro especificamente brasileiro alguns grupos marxistas armados responderam com ataques ao processo eleitoral, classificando-o como farsa dos civis e militares que se apoderaram do poder através do golpe. Ao mesmo tempo posicionavam-se através de manifestos, discursos e mensagens em muros, que consideravam a luta armada como a única opção para se acabar com a ditadura.

Por outro lado as tensões entre os militantes da oposição armada e as eleições nos remetem a uma discussão mais ampla que vem acontecendo pelo menos desde os anos oitenta no seio acadêmico, particularmente nos Centros de Humanidades com destaque para os Departamentos de História, sobre as relações entre a Democracia Parlamentar e a Esquerda no Brasil.

Nestes debates onde temos um imenso leque de objetos e opções, escolhi as leituras escritas dos militantes e a sua importância na formação do que chamo de Consensus Bellicu virulentamente contra-parlamentar, ou seja, a visão de que somente através das armas seriam conseguidas mudanças no Brasil e no mundo, já que os mesmos viam sua luta como parte de um projeto conflitivo que extrapolava as nossas fronteiras.

Aproveito para ressaltar que minha atração pelo tema não é recente, hajavista que a mais de vinte e cinco anos convivo com antigos guerrilheiros

que foram ligados as mais diversas organizações, que curiosamente sempre me disseram que não tinham grandes profundidades na leitura de textos marxistas, fato que não os impediu de “pegar em armas”.

Estes discursos aparentemente contraditórios, intrigantes, já que uma das máximas revolucionária é baseada na idéias de que não existe ação revolucionária sem teoria, geraram em mim a curiosidade de saber o que efetivamente estes combatentes leram e qual a relação entre os textos lidos e a opção guerrilheira.

Porém o ato de ler é sempre uma questão complexa, passível de ser feita de várias formas, olhando-se para uma pintura, lendo-se um impresso em si, escutando opiniões de terceiros, entre outras. Resolvi, então, sem desprezar as outras, destacar a leitura de textos, por que o movimento revolucionário de inspiração marxista sempre teve a preocupação de espalhar suas opiniões e idéias, sempre que possível, através de variadas publicações.

Além da identificação e análise do conteúdo das leituras feitas pelos futuros guerrilheiros antes e até durante o conflito com as forças repressivas da ditadura, vejo como essencial para entendermos o espírito de beligerância destes sujeitos históricos a necessidade de adentrarmos no mundo das suas experiências, independente de quais tenham sido.

O sentido que dou a este conceito foi retirado do historiador comunista E. P. Thompson, que a partir do entendimento das situações vividas por homens e mulheres dentro de uma realidade histórica tendo em vista suas necessidades, interesses, escolhas, possibilidades, e que interpretam essa realidade de maneiras complexas de acordo com suas consciências e cultura, leva-os a agir em determinadas circunstâncias.

Chamo atenção para o fato de que incorporar os traços culturais dos sujeitos históricos ao corpo do trabalho não significa homogeneidade, pois como vimos com o também historiador marxista Carlo Ginzburg, uma análise de classes é sempre melhor do que uma interclassista.

Dessa forma se Júlio César, São Luís e Cristovão Colombo com seus respectivos soldados, servos e marinheiros se apropriaram de forma diferente da cultura, no caso dos guerrilheiros aconteceram processos semelhantes, pois suas origens regionais, socioeconômicas, religiosas, políticas, educacionais

eram diferentes, portanto com experiências pluralistas, que como veremos acabaram integrando-os a guerrilha por caminhos bastante díspares.

Em relação a pesquisa em si, para levá-la à frente entrevistei alguns dos antigos guerrilheiros utilizando técnicas estabelecidas pela história oral em que o respeito às palavras e os limites dos entrevistados foram regras sagradas, evitando assim a imposição de situações que levassem a constrangimentos e impasses na concessão de informações essenciais, mas também ao grave erro da adaptação, a qualquer custo, das falas aos meus anseios históricos.

Sobre o critério de escolha dos veteranos lutadores, procurei dialogar com aqueles que considero como fundamentais para o entendimento do assunto, levando em consideração a importância do seu papel na construção das organizações guerrilheiras e a diversidade na sua relação com o marxismo. Dessa forma priorizei a qualidade em relação à quantidade.

Acompanhado destas posturas, não os tratei como se fossem reservas morais da Pátria e da Revolução que lutaram contra o autoritarismo, verdadeiros heróis vivos. Afinal de contas, como nos mostra a crítica literária Beatriz Sarlo, não é com idolatria e sacralização que vamos desenvolver conteúdos que nos ajudarão a entender a ação humano-histórica.

Também me foram úteis as variadas publicações impressas, tais como jornais, revistas, memórias, internet, e assim consecutivamente. Porém os materiais escritos mais importantes foram os livros, fonte que destaquei por ser encaixar no universo de uma guerrilha, que no caso do Ceará, era letrada e de várias formas interligada a universidade.

Quanto ao corpo do trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro enfatizo a construção de uma Nova Esquerda marxista, que comportava desde os leninistas até dos novos maoístas e foquistas, priorizando os movimentos e revoluções que a geraram, assim como suas representações e apropriações em nossa realidade nacional e local.

Ainda nesta parte faço alguns comentários sobre as organizações armadas que existiram no Ceará, ressaltando que não foi possível entrevistar militantes de todos os grupos, seja porque já faleceram ou estão residindo em outras partes do Brasil, o que inviabilizou este procedimento.

No capítulo dois adentrei com profundidade na relação entre as leituras que levaram aquelas pessoas a guerrilha. Procurei para melhor entendimento do

assunto detalhar as histórias privadas de cada um dos rebeldes e como estas se relacionaram com a escolha das suas respectivas organizações armadas. E como poderão observar os leitores trata-se da maior parte entre as três, configurando o núcleo central da pesquisa.

Na terceira parte verifico a relação entre a ação combativa dos militantes e as teorias adquiridas antes e durante a militância, acompanhada de como se viveram as desconexões entre o que se imaginava que aconteceria, tese, e o que realmente estava acontecendo na prática.

Aliás, este momento é de uma singularidade excepcional, pois expunha em perigo a própria vida dos partícipes da conspiração, pois colocada em risco durante a guerra revolucionária. As palavras de um dos lutadores apontam nesta direção: “Uma coisa era a teoria, outra era a prática. Eu percebi claramente a diferença, tanto na luta armada, como quando tive que enfrentar a tortura. Era tudo muito diferente da teoria”.

Também lembro que todos os acontecimentos aqui expostos se passaram após a Segunda Guerra Mundial durante a conhecida Guerra Fria, que, sem querer transformá-la numa causa explicativa totalizante, convenhamos acabou se não total, mas parcialmente afetando a vida de milhões no mundo inteiro ao associar-se as realidades nativas.

Caso do Brasil, incluído o Ceará, que não obstante esta influência política externa, já possuía suas idiossincrasias específicas, do anticomunismo raivoso, passando pelo projeto capitalista nacional-desenvolvimentista, estatista, trabalhista e anti-imperialista até a noção de uma revolução de caráter socialista marxista.

Termino esta introdução confessando que para mim como historiador e comunista foi prazeroso este desafio, apesar de todos os problemas técnicos e logísticos que enfrentei durante a pesquisa. E que apesar das minhas simpatias e imenso respeito pelos insurgentes procurei manter o equilíbrio e a objetividade, sem a ilusão de uma irracional neutralidade.

Realço também que esta dissertação não esgota o assunto, ilusão por sinal que nunca tive, ao contrário, espero que contribua e ajude a criar novas opiniões sobre o tema. Além do mais, minha alegria será ainda maior, se os que venham a ter a oportunidade de ler este trabalho compreendam os

porquês que levaram estes sujeitos históricos e políticos a concluir que tudo passaria pela fórmula: “Eleição é tapeação. Luta armada é a solução”.

CAPÍTULO I: A construção de uma Nova Esquerda marxista.

1.1. Revoluções e novas teorias no exterior.

Eleição é tapeação. Luta armada é a solução: Leituras, experiências e construção do Consensus Bellicu na Nova Esquerda marxista cearense (1962-1976). A primeira parte do título desta dissertação de mestrado foi retirada de algumas mensagens escritas em muros de Fortaleza e panfletos feitos por grupos de extrema-esquerda como parte de uma campanha pelo voto nulo nas eleições bipartidárias entre MDB e ARENA.¹

Para tais agrupamentos estas eleições eram farsas montadas pela ditadura para se autolegitimar e ao mesmo tempo enganar o povo, o que tornava inviável qualquer participar neste processo. No Brasil as raízes deste estranhamento com o processo eleitoral estão em vários motivos, mas principalmente a ausência de uma cultura política em que a *Democracia* fosse valorizado como algo inegociável, não importando a conjuntura.

Pontualmente, no caso da esquerda marxista nacional, em tempos mais recentes, a desconfiança com o processo eleitoral, esta ligada a teorizações relacionadas a certos acontecimentos antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial, onde foi protagonista o *Movimento Comunista Internacional*.

Neste sentido a valorização da luta não institucional relaciona-se a algumas vitórias militares em que os comunistas tiveram participação medular, como por exemplo, nas resistências armadas contra o nazi-fascismo na Iugoslávia (partisans), França (maquis) e Itália (partigiannis).

Porém nenhum acontecimento foi mais catalisador do que a vitória das tropas do Exército Popular de Libertação (EPL) do Partido Comunista da China (PCCh) em outubro de 1949, finalizando uma jornada de lutas que durara vinte e dois anos contra as forças do General Chiang Kai-Shek.²

¹ No Ceará seis organizações armadas chegaram efetivamente a lutar contra a ditadura entre 1968-1972: ***O Partido Comunista do Brasil*** (PCdoB), a ***Ação Popular Marxista-Leninista*** (APML), o ***Partido Comunista Brasileiro Revolucionário*** (PCBR), a ***Ação Libertadora Nacional*** (ALN), a ***Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares*** (VAR-Palmares) e a ***Frente de Libertação do Nordeste*** (FLNe).

² Para a Revolução Chinesa veja SCHILING, Voltaire. ***A revolução na China: colonialismo-maoísmo-revisionismo***. 1ª edição. Porto Alegre. Editora Mercado Aberto. 1984; POMAR, Wladimir. ***A Revolução Chinesa***. In: COSTA, Emilia Viotti da. (Direção) Coleção Revoluções do século XX. 1ª edição. São Paulo. EDUNESP. 2003.

A primeira coisa que chamava atenção no caso chinês foi o longo tempo dos combates, quase uma geração, portanto algo bastante diferente da rápida vitória do que tinha acontecido em novembro de 1917 na Rússia. Ainda sobre as novidades criadas pela Revolução Chinesa e a pugna revolucionária, temos a questão referente às zonas rural e urbana.

Neste sentido mesmo com os altos índices de ruralização tanto no caso russo quanto no chinês, com o campo sendo o local de moradia de quase 90% da população, este fator não impediu que acontecessem duas revoluções com sujeitos revolucionários centrais bastante diferentes. O papel decisivo que os operários de Petrogrado tiveram na vitória bolchevista, foi exercido pelos camponeses na China.³

Poucos anos depois, em 1954, outra vitória comunista chamou atenção do mundo, quando da derrota final em Diem Bien Phu das forças militares colonialistas francesas na Indochina. Este caso era muito semelhante ao que tinha acontecido na vizinha China, pois os exércitos lutaram na zona rural durante mais de uma década.

Além disso, foi um litígio paciente em que os combatentes marxistas foram minando o inimigo lentamente, até chegarem ao cimo do conflito num choque frontal com o adversário. Por outro lado os camponeses tiveram múltipla participação nesta luta, desde o fornecimento em massa de soldados para o exército revolucionário, transporte de víveres, até a espionagem.⁴

A partir destas experiências e ações comunistas bem sucedidas se desenharam novas fórmulas de ação subversiva, que em vez das cidades privilegiariam o *hinterland* como palco central de luta. Neste *Teatro de Operação* (TO) a aliança política com o campesinato teria papel decisivo tanto no recrutamento de informantes, como de combatentes para as fileiras do exército vermelho, além de fonte de abastecimento.

Além disso, a luta armada se daria em três etapas diferentes. Inicialmente se fariam **pequenos ataques** em forma de guerrilha, e fugiriam devido à superioridade numérica e potência de fogo das forças governamentais. Depois viria a **guerra de posições**, momento em que os rebeldes já estariam mais consolidados para desafiar o governo em conflitos mais amplos.

E finalmente quando as condições militares fossem favoráveis, partir-se-ia para o confronto frontal com as tropas estatais, ou **guerra de exércitos**. Agora lembro que antes da luta militar em si, existia a primazia do político, significando isto à aceitação

³ Uma geração corresponde a vinte e cinco anos.

⁴ Para a Indochina ler GIAP, Vo. **O Vietnã segundo Giap**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Saga. 1968.

por parte das maiorias trabalhadoras, sendo neste caso os camponeses, das idéias defendidas pelos rebeldes.

Por isso, apesar destas mudanças e novidades a tradição leninista-bolchevista não tinha sido abandonada, pois a idéia de vanguarda leninista-bolchevista como guia revolucionário das massas populares tinha sido reafirmado, e obrigatoriamente seria monopolizada pelo Partido Comunista local, caso da China e da Indochina-Vietnã.

Daí a presença dos *Comissários Políticos* no interior do exército revolucionário ser considerada tão ou mais importante que os comandantes militares, pois não se tratava de uma força armada tradicional, mas sim uma tropa explicitamente politizada, que transformaria radicalmente a sociedade, substituindo o modo-de-produção existente pelo socialista.⁵

Quase ao mesmo tempo, no outro lado do Atlântico, em áreas desérticas do norte da África, a Argélia mediterrânea sangrava numa guerra de independência contra a metrópole francesa. Desde 1954 a Frente de Libertação Nacional (FLN) através da sua força guerrilheira atacava posições gaulesas no interior.

Como na China e Indochina a maior parte dos contingentes eram recrutados entre os camponeses de origem muçulmana, e como aconteceria em Cuba os comunistas participavam da luta, mas não tinham a direção do movimento. Porém houve uma diferença substancial entre o caso argelino e os outros dois anteriores, a FLN sofreu uma derrota militar, mas foi vitoriosa politicamente, alcançando a independência e o poder.

Como explicar isso? Na França os traumas que a guerra causou em seus cidadãos e a visão de que seria inviável a manutenção de um império colonial, levou o Presidente Charles de Gaulle a convocar um plebiscito para decidir o futuro da colônia norte africana. O resultado foi amplamente favorável à independência apesar de que militarmente a FLN estava quase derrotada, enfraquecida e acuada nas montanhas.⁶

Ao mesmo tempo em que se lutava na Argélia e cinco anos depois da vitória na Indochina outra revolução triunfou, a **Revolução Cubana**. Fato que acabou se tornando quase que automaticamente referencial nas discussões sobre o *modus operandi* dos revolucionários. Esta experiência trouxe dois anos depois a implantação

⁵ Vo Giap, General-Comandante dos exércitos comunistas vietnamitas reforça a idéia leninista debatida no livro **O que fazer?** Chamando atenção que a vitória antes de ter sido militar foi política, pois a tropa estava sob a liderança do Partido Comunista e conseqüentemente ganha para o socialismo.

⁶ Cerca de noventa por cento dos franceses votaram SIM pela independência da Argélia. Processo semelhante aconteceu em **Portugal** após a revolta de suas colônias em África, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. A ditadura Nacional-Católica do Estado-Novo entrou em crise econômica e política resultando no levante militar que foi imediatamente apoiado pela grande maioria dos civis, a **Revolução dos Cravos em 25 de abril de 1974**.

do socialismo de tipo *soviético* nas Américas e um forte impacto nas áreas latinas do continente.

Nos países mais industrializados, como Brasil, Argentina e México, o discurso antiimperialista encantava os que almejavam a superação da concorrência imperialista, que segundo se dizia na época, seria o grande obstáculo para a concretização definitiva de um amplo projeto de desenvolvimento nacional.

Além disso, onde a agropecuária exportadora e alguns traços pré-capitalistas eram mais intensos significaria a reforma agrária e a superação do atraso. Por outro lado a luta contra a ditadura de Fulgêncio Batista e pela justiça social era bem vinda numa região marcada por um baixo IDH e ditaduras corruptas e sanguinárias cronicamente presentes.

Não obstante as diferenças entre estas experiências asiáticas, africana e latino-americana, houve um fator que as aproximou, o desencadeamento da luta armada, do processo revolucionário a partir da zona rural. Não que não houvesse tentativas de luta urbana, para isto basta olharmos os casos de Cantão e Xangai em 1927, Hanói e Saigon em 1945-46, Argel em 1957 e Bayamo e Moncada em 1953. Porém o espaço geográfico prioritário nestas experiências de revolução foi à zona rural.

Ainda sobre as características comuns destas revoluções deve-se mencionar a negação do liberalismo ocidental. No caso vietnamita apesar de Ho Chi Mihn ser admirador do trecho da *Declaração de Independência* dos EE.UU que afirma ter o povo o direito legítimo de se revoltar contra seus opressores, ao mesmo tempo apoiava os discurso que denunciava a chamada falsa democracia ianque.

Já os argelinos usaram contra o colonialismo galo as três palavras que são associadas à Revolução Liberal de 1789, *liberdade, igualdade e fraternidade*, mas logo após a independência constituíram uma sociedade política que negava boa parte destes princípios.

Entre os chineses, Mao Tsé Tung a frente, sempre se prometeu uma Nova Democracia, diferente da existente no Ocidente, que segundo afirmavam, era falsa. Por fim em Cuba os vencedores prometiam restabelecer a Constituição de 1940, porém após a tomada do poder esta promessa acabou sendo esquecida e somente em 1975 o país passou a ter uma Carta Magna em que um artigo dava direito exclusivo de governança ao PC de Cuba.

Portanto os exemplos oriundos destas revoluções vitoriosas estavam circulando no mundo e formando um consenso em parte da esquerda em torno do método de luta guerrilheira para se chegar ao governo e poder. Era à coroação da fórmula que

afirmava que a solução estava no pegar em armas e mostrar que a “verdade estava no cano de um fuzil”. ⁷

Porém, não era apenas no terceiro mundo que as novidades estavam sendo gestadas, pois na Europa e Estados Unidos, principalmente no primeiro, e mais pontualmente na França, Alemanha e Itália, intelectuais e militantes esquerdistas repensavam os caminhos da revolução.

As novidades giravam em torno de cinco vetores: o ritmo da ação revolucionária, a oposição aos métodos de luta não explicitamente violentos, a participação direta do povo na tomada de decisões políticas, o fim da separação entre lideranças e base popular e a reformulação cultural das relações interpessoais. ⁸

Na Europa isso se refletiu na crítica ácida as práticas cotidianas dos partidos tradicionais da esquerda majoritária: os comunistas e os sociais-democratas. Ambos foram associados a um suposto imobilismo, além de acusados de excessiva prudência, atitude que os teria levado ao enquadramento na lógica eleitoral do sistema, e conseqüentemente incapacitando-os de serem referências verdadeiramente subversivas.

Estas novas táticas que tentavam acelerar a revolução acabaram gerando uma oposição virulenta a política parlamentar. Por isso foram se incentivou o(a)s trabalhadore(a)s, estudantes, e outros grupos, a fazer política, em vez de delegarem poderes a terceiros para representá-los, o que era uma clara sinalização de rompimento definitivo do Parlamento.

Seria a substituição da democracia representativa pela democracia direta, o que se encaixava numa das mensagens mais importantes da *Nova Esquerda*, a luta contra o autoritarismo, que segundo afirmavam, não estaria apenas nos conservadores, mas na esquerda parlamentar, sendo os Partidos Comunistas e Sociais-Democratas, supostamente, os representantes desta postura.

No Brasil, na falta de uma organização Social-Democrática clássica, após o golpe de 1964 a contestação foi direcionada contra o PTB e os marxistas do PCB. Além de populistas demagógicos, os trabalhistas passaram a ser chamados de covardes. Já a militância do partidão foi acusada de traidora da classe operária e do socialismo. ⁹

⁷ Para uma comparação entre estas quatro guerras revolucionárias ler WOLF, Eric R. **Guerras camponesas do século XX**. 1ª edição. São Paulo. Global Editora. 1984. A frase é de Moa Tsé Tung.

⁸ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento de. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2000.

⁹ Vide coletânea em **PCB: vinte anos de política. 1958-1979. (documentos)**. 1ª edição. São Paulo. Livraria Editora Temas de Ciências Humanas. 1980.

Para completar o quadro dos novos métodos de ação se optou pela inserção e diluição no meio do povo, principalmente de operários, camponeses e até do lumpem-proletariado. Houve inclusive casos de ativistas que foram trabalhar em fábricas, enquanto outros tentaram se deslocar para a América Latina na tentativa de se incorporar às lutas da região.

Basta lembrarmos dos casos do filósofo Régis Debray, capturado na Bolívia em 1967, quando estava participando da expedição guerrilheira do Exército de Libertação Nacional (ELN) comandado por Ernesto Guevara, e do franco-polonês Pierre Goldman que tentou lutar na venezuelana.

Nesta contestação dos paradigmas tradicionais até então reinantes na esquerda, os sujeitos históricos que mais sofreram influência do novo nicho filosófico foram, paradoxalmente, os membros das organizações juvenis dos Partidos Comunista e Sociais-Democratas:

“Os mais brilhantes jovens, filiados aos velhos partidos de esquerda ou às suas “seções de juventude”, entraram em disputa com os líderes adultos de suas organizações. O debate cresceu e tornou-se irascível. Finalmente os adultos, irritados com os jovens a quem consideravam não-cooperadores, expulsaram-nos das organizações das organizações da esquerda internacional – apenas para, alguns anos depois, por volta de 1968, espiar pela janela e ver esses mesmos jovens criadores de problema liderando enormes passeatas pelas ruas”.¹⁰

Mas o que explicaria este comportamento super negacionista, até exótico como julgar as pessoas pela idade ao afirmarem que aqueles passassem dos trinta nos eram corrompidos? Por que essa juventude oriunda do *“The Baby boom generation”*, nascida durante o *Estado do Bem Estar Social*, que não conhecera as privações dos seus pais tinham escolhido estas posturas, apesar de terem democracia, conforto, paz continental, apesar da guerra fria?

É muito difícil, diante de um movimento tão amplo ter uma resposta consensual, mas em muitos casos temos que lembrar que estes rebeldes da geração “privilegiada” eram filho(a)s de esquerdistas que tinham participado de lutas, que se tornaram míticas entre os revolucionários. Desde os acontecimentos influenciados pela Revolução Russa de 1917 até a resistência armada ao nazi-fascismo durante a 2ª Guerra Mundial.

¹⁰ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *Op. Cit.* p. 34.

Dessa forma quando olhavam para si próprios entendiam suas vidas como algo sem sentido, até medíocre, em relação aos que os seus pais tinham construído. Então a revolta contra tudo e todos, e principalmente contra as organizações de esquerda as quais seus pais eram ligados, como os Partidos Socialista e Comunista, além dos sindicatos tradicionais, tenha sido uma tentativa de igualar-se e superar seus próprios genitores.¹¹

Da união dos paradigmas gerados pelas revoluções vitoriosas, China, Indochina-Vietnã, Cuba e Argélia, e as novas teorias resultantes basicamente das discussões na Europa, surgiu o complexo filosófico que deu fundamento a chamada *Nova Esquerda* marxista que não aceitava qualquer conciliação ou participação na política ligada diretamente a Democracia Parlamentar representativa.

1.2. Brasil: tensões e assimilações entre a tradição e a reinvenção.

Para entendermos a especificidade da *Nova Esquerda armada brasileira* será indispensável, além da análise das revoluções, o aprofundamento de três itens: as heranças deixadas pela esquerda tradicional, principalmente a marxista incrustada no PCB, os impactos causados pelos acontecimentos nacionais e as representações teóricas locais e estrangeiras que circulavam nas instituições da sociedade civil.

Nesse sentido penso que um ponto importante localiza-se na percepção de que após a guerra a União Soviética, que apesar das imensas perdas materiais e humanas, saiu fortalecida do conflito, e como o Movimento Comunista Internacional (MCI) tinha forte ligação com esta experiência, também colheu os louros da vitória contra o eixo nazi-nipo-fascista.

No Brasil os reflexos da vitória aliada chegavam instantaneamente ao cenário político nacional fortalecendo as contestações contra a ditadura vigente, o que levou a crise e posterior queda do chamado “Estado Novo” (1937-1945).

O Partido Comunista do Brasil (PCB) que tinha aprovado desde 1943 em encontro clandestino na Serra da Mantiqueira (RJ), uma guinada tática que valorizava mais a participação na Democracia Parlamentar, deixando de lado, provisoriamente, o discurso que enfatizava o “assalto aos céus” que tinha levado a insurreição de 1935, saiu desta ebulição transformado pela vez numa agremiação política de massas.¹²

¹¹ *Ibid. Idem.* p. 35.

¹² Porém nos anos vinte já houve uma ação eleitoral comunista através do Bloco Operário Camponês (BOC). *Vide* KAREPOVS, Dainis. **O Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924-1930)**. 1ª edição. São Paulo. Editora Alameda. 2006; Localmente *vide* MOREIRA, Francisco. **O**

Entre março de 1945 e maio de 1947, hiato temporal em que o partido esteve na legalidade, quando os militantes saídos da clandestinidade e das prisões se reaglutinaram em todos os Estados da federação, os frutos eleitorais não tardaram a aparecer através de fortes votações em cidades como Santos, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza, Porto Alegre, etc...

Para a Assembléia Nacional Constituinte, como é sabido foram eleitos quinze parlamentares, entre os quais os Deputados Carlos Marighella e João Amazonas, nomes que depois estariam à frente de duas organizações armadas da Nova Esquerda brasileira.¹³

Mas com a Guerra Fria se deu fim a legalidade dos comunistas, ainda que vale lembrar que durante o período legal, já vinham acontecendo atos repressivos contra a militância, que resultaram em prisões, ferimentos e mortes de vários deles. Uma das conseqüências desta mudança foi à revalorização nos discursos partidários que enfatizavam as insurreições armadas.¹⁴

Um biênio depois de o Partido ter sido ilegalizado, os revolucionários chineses adentraram vitoriosos em Pequim. No Brasil, o PCB recebeu a notícia com satisfação e regozijo:

“A euforia tinha fundamento. Em plena guerra fria, o capitalismo internacional sofria uma grande derrota. O mundo socialista, no mesmo movimento, saía engrandecido em territórios e população. Mais um irmão-e que grande irmão! Para a

Bloco operário e camponês e a formação do PCB no Ceará. 1ª edição. Fortaleza. Edições UFC. 1988.

¹³ Para a conjuntura do pós-guerra *vide* NETTO, Evaristo Geovanetti. **O PCB na Assembléia Constituinte de 1946.** 1ª edição. São Paulo. Editora Novos Rumos. 1985; Ler também CARONE, Edgar. **O PCB (1943-1964).** Volume II. 1ª edição. São Paulo. Editora DIFEL. 1982; O senador eleito Luís Carlos Prestes (PCB-DF) foi o segundo mais votado do Brasil, perdendo apenas para Getúlio Vargas que tinha vencido para o Senado no RS e SP além de Deputado Federal em sete Estados.

¹⁴ Penso que talvez seja um equívoco colocar a Guerra Fria como única causa da perseguição aos comunistas, não obstante a proximidade de datas, março de 1946, entre o discurso de Winston Churchill na cidade de Fulton nos, EUA e o pedido de cassação do PCB pelo deputado federal Barreto Pinto (PTB-DF). Porém não podemos perder de vista que já existia um clima de agressões contra o partido pelo menos desde o ano novo de 1946 quando a própria capital da república amanheceu ocupada por forças policiais para evitar possíveis manifestações populares. A informação está em SEGATTO, José Antônio, NETTO, José Paulo, NÉTO, José ramos, AZEVEDO, Paulo Cesar e SACCHETTA, Vladimir. **PCB. MEMÓRIA FOTOGRÁFICA (1922-1982).** 2ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1982. p.80; A respeito da modificação da linha partidária veja os seguintes documentos oficiais do Comitê Central: *Manifesto de janeiro de 1948 e Informe Político(maio de 1949).* CARONE, Edgard. **O PCB (1943 a 1964).** 1ª edição. São Paulo. DIFEL. 1982. pp. 72-108.

família socialista em expansão. Mais uma vitória do processo revolucionário mundial sob a firme direção do camarada Stálin.”¹⁵

A influência deste acontecimento sobre o Partido ficaria mais evidente menos de um ano depois, quando do lançamento pelo Comitê Nacional do *Manifesto de Agosto de 1950*, no qual propôs a criação de uma *Frente Democrática de Libertação Nacional* a ser constituída por operários, camponeses, intelectuais e a burguesia nacional progressista.

Mas numa coalizão tão heterogênea quem teria o comando militar e a direção política? Neste ponto houve mais uma semelhança com o caso chinês, pois os autores do documento eram claros em afirmar que este papel seria exercido obrigatoriamente pela vanguarda partidária com intuito de fazer inicialmente uma revolução-democrática burguesa e depois socialista.¹⁶

Assim a sinização da esquerda comunista só cresceu à medida que se discutia o caminho da revolução brasileira. Mas como a China não era o Brasil, a própria dinâmica da realidade brasileira tratou de rechaçar essa tentativa de aproximação com uma realidade diferente da nossa. Por isso a primeira mudança atendeu aos pedidos dos sindicalistas, justamente aqueles que estavam cotidianamente nas ruas sentido os anseios da população.

Estes percebiam que mesmo na clandestinidade poderiam em aliança com outros grupos, como alguns setores do PTB, se aproximar dos trabalhadores, o que levou, na prática, à falência da estratégia pecebista de formar sindicatos paralelos não oficializados no Ministério do Trabalho e reconhecer apenas como legítimas as oposições sindicais que o partido controlava:

“Em 1952, finalmente, um primeiro grande sinal, explícito, de mudança: uma resolução sindical produziu uma reviravolta - os comunistas eram chamados,

¹⁵ FILHO, Daniel Aarão Reis. **O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros**. In: FILHO, Daniel Aarão Reis Filho e MORAES, João Quartim de (orgs.). **História do marxismo no Brasil**. Volume I. 2ª edição. Campinas. Editora da UNICAMP. 2003. p. 183-223.

¹⁶ O *Manifesto de Agosto de 1950* está em CARONE, Edgard. **Op. Cit.** p. 108-112. Nele existe uma coincidência incrível entre o caso brasileiro e o sino-asiático até no objetivo militar. O item nove, por exemplo, do Programa da futura FDLN pedia a formação de um Exército Popular de Libertação Nacional, ou seja, um EPL para o Brasil. Por outro lado é verdade que em nenhum trecho desta missiva exista uma frase com apelo explícito a luta armada, mas dadas as circunstâncias do momento, o clima de ódio, perseguição e guerra fria isso quase claro. Mais esclarecedoras são as discussões partidárias internas, em que somente os militantes teriam acesso. Só para exemplificar este mestrando na sua militância conheceu um ferroviário, Francisco Pereira, que lhe narrou um encontro clandestino no Ceará em que um enviado da Executiva do Comitê Central terminou seu proselitismo despedindo-se da seguinte forma:” **até as trincheiras camaradas**”.

*formalmente, a voltar às lutas sindicais, o que, embora consagrasse algo bastante avançado, não deixou de ter uma importância considerável. A nova orientação potencializou a participação dos comunistas nos renascentes movimentos sindicais e movimentos nacionalistas de então, particularmente na greve dos trezentos mil em São Paulo, em 1953.”*¹⁷

Apesar da grande participação nesta greve devido às posições comunistas estarem mais adequadas com a situação política real, as contradições entre a teoria partidária e a vontade das majorias não cessaram, acentuando a separação entre o que se falava e as ruas. A morte do Presidente Getúlio Vargas em agosto de 1954 expôs com nitidez esse divórcio.

Acompanhada de imensa comoção popular de norte a sul do Brasil, pegou o partido de surpresa. Porém nem isso impediu que as Teses ao IV congresso, a ser realizado no final do ano, fossem muito semelhantes a linha hegemônica. Em dezembro os delegados aprovaram novamente as posições adotadas em 1948 e 1950.¹⁸

Na política tradicional, o quadro continuava convulsionado. Do suicídio de Vargas até a posse de Juscelino Kubistchek e João Goulart no primeiro semestre de 1956, golpes e contra golpes fizeram parte do cotidiano. Nesta situação o PCB surpreendeu quando resolveu fazer com as eleições o que já tinha feito com o sindicalismo, participar ativamente, o que de certa forma era uma negação das resoluções aprovadas a pouco no último congresso.

Lançou candidatos, apoiou outros, inclusive os eleitos para os cargos de Presidente e Vice-Presidente, aplaudiu a ação militar legalista do Marechal Teixeira Lott em defesa da lei, da constituição, que garantiu a posse dos candidatos eleitos Presidente e Vice, e assim consecutivamente.

Ainda em 1956 o mundo foi surpreendido pelo XX congresso do PCUS, acontecimento importantíssimo para a aceleração das discussões internas no PCB, pois até então muitas táticas foram mudadas pelos partidos comunistas no mundo inteiro, mas a imagem de Josef Stálin era inabalável.

¹⁷ FILHO, Daniel Aarão Reis. ***Entre reforma e revolução: A trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964.*** In: FILHO, Daniel Aarão Reis e RIDENTI, Marcelo (orgs.). ***História do marxismo no Brasil. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60.*** 1ª edição. Campinas. Editora da UNICAMP. 2002. p. 80.

¹⁸ Para a comoção nacional quando da morte de Getúlio Vargas e a reação popular contra seus opositores à direita e a esquerda *vide* FERREIRA, Jorge. ***O imaginário trabalhista: Getulismo, cultura popular e política (1945-1964).*** 1ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2005.

No Brasil inicialmente não se acreditou no que com exclusividade o jornal *O Estado de São Paulo* publicara. Oficialmente a Executiva do Comitê Central pediu calma, pois poderia ser uma montagem da CIA e de um órgão da imprensa tradicional e ferozmente anticomunista.

Mas com a chegada dos delegados que representaram o partido no congresso, todas as esperanças de que tudo fosse uma falsidade vieram abaixo, já que o informe foi validado pelos regressados. As conseqüências foram instantâneas, começava mais uma luta interna no PCB.

Acalmados os ânimos o Comitê Central soltou uma circular que abriu as discussões sobre o chamado *Relatório Krushev*. Após discussões acaloradas na imprensa partidária, chegou-se a um posicionamento que levou a uma postura partidária que é considerada um marco divisório na história partidária, a *Declaração de Março de 1958*.

Nunca até este momento tinha acontecido uma aproximação tão grande entre os comunistas e as instituições da República, foi a primeira vez que se falou publicamente na possibilidade de se chegar ao socialismo pela via eleitoral, sem luta armada.¹⁹

Em meio às discussões entre os militantes, dois anos depois a nova tática foi consagrada no Quinto Congresso em 1960, apesar de que internamente não existia unanimidade sobre a questão, o que levou inclusive alguns a romperem definitivamente com o Partido. De qualquer maneira a Direção conseguiu apaziguar os espíritos através de uma conciliação pela revolução.²⁰

*“O V Congresso tentou encontrar um equilíbrio. De um lado aliança com a burguesia, a ótica desenvolvimentista, o caminho pacífico e as reformas nos marcos do regime vigente. Por outro lado, o estímulo às lutas sociais, a reafirmação do papel do partido e do proletariado, a luta pela hegemonia na Frente Única. A crítica do “esquerdismo” dos anos cinqüenta deveria ser acompanhada pela preocupação com um eventual surto do “oportunismo” e do “revisionismo”.*²¹

¹⁹ PCB: vinte anos de política. 1958-1982. (documentos). *Op. Cit.* p.22.

²⁰ O clima de ansiedade, tristeza, ódio, discussão e necessidade de se debater, assim como os caminhos que levaram a 1958 e 1960 pode ser sentido em SANTOS, Raimundo. **A primeira renovação pecebista: reflexos do XX congresso do PCUS no PCB (1956-1957)**. 1ª edição. Belo Horizonte Editora Oficina de Livros. 1988.

²¹ Ver FILHO, Daniel Aarão Reis. **A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil**. 1ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1990. p. 25.

Entre estes dois novos documentos alguns fatos convulsionaram a Ilha de Cuba, era o triunfo da Revolução de 1º de janeiro de 1959, que passou a ser também um novo modelo de revolução socialista para a esquerda da América Latina. Esta vitória reinflamou um dos traços dos marxistas brasileiros, a utilização de determinadas revoluções como parâmetros a serem seguidos, e se possível até copiados pelos revolucionários nacionais.

Porém apesar das simpatias e satisfações pela decretação do caráter socialista da Revolução Cubana em abril de 1961, durante a crise de agosto-setembro de 1961 o partido manteve seu discurso legalista ao defender a assunção do Vice-Presidente João Goulart, ao afirmar que a constituição deveria ser respeitada.²²

Vencida a batalha as reivindicações trabalhistas só fizeram crescer, afinal o novo Presidente sempre fora vinculado as reivindicações da esquerda nacional-desenvolvimentista e às vezes até marxista. Ao mesmo tempo cresceram os discursos dos que pregavam as *Reformas de Base* fora da lei, ou seja através de medidas extra institucionais.

O Partido neste meio, ora combatia estes “esquerdismos”, ora compactuava com eles, o que configurava uma profunda contradição para quem poucos meses antes tinha ido às ruas com a Carta Magna nas mãos para defender a legalidade contra os golpistas civis e militares.

As justas reivindicações dos militares de baixa patente era outra fonte de contradição para o PCB. Acompanhadas de rebeliões que quebravam a hierarquia das forças armadas, um item considerado essencial, sensível para os militares, o Partido as apoiava sem levar em consideração qualquer legalidade. Era como se existissem duas quarteladas, uma negativa, a setembro de 1961, e outra positiva, a dos Praças.

A medida que o tempo foi passando e o movimento popular crescia, setores da esquerda, inclusive o PCB, abandonavam cada vez mais os discursos legalistas de 1961 para recuperar a questão da tomada do poder quando surgisse a oportunidade. Tal postura partia do diagnóstico da realidade brasileira que via um iminente confronto entre o imperialismo, e a incapacidade de João Goulart realizar as reformas.

Mas como sabemos a única quebra da institucionalidade vencedora se deu com a vitória da direita através do golpe civil-militar de 1964, fato que aprofundaria as discussões no Partido, convencendo alguns que a única opção diante do fracasso da via parlamentar, passaria exclusivamente pela luta armada. Afinal era algo que, apesar

* Em 1962 o Partido Comunista do Brasil (PCB) trocou de nome para Partido Comunista Brasileiro, mas permaneceu com a mesma sigla.

²² A relação entre 1935 e 1917 está em VIANNA, Marly. **Revolucionários de 35: sonho e realidade**. 2ª edição. São Paulo. Companhia das Letras. 1992.

das falas constitucionalistas, sempre esteve latente no PCB, seja na militância de base ou nas direções.

Era o ato final de um embate que vinham se arrastando desde a fundação do Partido em 1922 a respeito do melhor caminho a ser utilizado pelos comunistas para se fazer a revolução, onde as possibilidades insurrecionais ou eleitorais sempre representou um impasse político crônico.²³

Completo este quadro enfatizando que as revoluções no estrangeiro não explicam em si a opção pela guerrilha. Elas apenas serviram de estimulante e referência para algo que já estava potencializado internamente. Portanto não é apenas na disseminação da luta armada pelo mundo que devemos procurar as causas da opção guerrilheira de alguns sujeitos no Brasil, mas principalmente nas especificidades históricas locais.

Terminada a discussão sobre a relação da guerrilha Nova Esquerda brasileira e as heranças deixadas pelo PCB, assim como sua respectiva associação com a política nacional, a partir de agora averiguaremos as idéias em circulação em variadas instituições da sociedade civil, que ajudaram na construção do Consensus Bellicu.

Entre estas, nas universidades já existiam antes da ditadura discussões sobre o papel da comunidade acadêmica em torno do que seríamos e como proceder para superarmos nossos problemas, sendo o atraso econômico e as desigualdades sociais os grandes males nacionais a serem vencidos.²⁴

Com o golpe os questionamentos e as tensões cresceram, pois uma pergunta espectral rondava os setores acadêmicos vinculados a esquerda, por que perdemos? A partir desta indagação começaram a surgir explicações que foram apropriadas pelos descontentes como instrumentos teóricos de ação revolucionária e justificativa para a luta armada.

A estagnação estrutural do capitalismo brasileiro por causa da não efetivação das Reformas de Base foi uma das teses mais aceitas, e a partir desta conclusão se

²³ De qualquer maneira a discussão sobre a relação entre a democracia parlamentar e os comunistas brasileiros é complexa, pois só o fato de uma organização leninista ter colocado na ordem do dia está palavra já demonstrava que algo de novo estava surgindo, e que por uma série de motivos foi abandonado definitivamente por uma fatia considerável de militantes. Veja uma discussão sobre o tema em GARCIA, Marco Aurélio (org.). **As esquerdas e a democracia**. 1ª edição. São Paulo e Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1986.

²⁴ A relação entre a elite cultural e os guerrilheiro(a)s brasileiro(a)s estão nas várias tabelas estatísticas em RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. 1ª edição. São Paulo. Editora da UNESP. 1995; Para o Ceará ler FARIAS, Aírton. **Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-1972)**. 1ª edição. Fortaleza. Edições Livro Técnico. 2007. p. 123. Porém chamo atenção para o fato de que esta tabela possui dados apenas da ALN e do PCBR; Os debates anteriores ao golpe podem ser vistos em POERNER, Artur José. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1979.pp. 178-204.

consolidou o pensamento de que a única forma de evitá-la passaria obrigatoriamente pela troca do governo ditatorial e o retorno a pauta política dos projetos preconizados pelo governo anterior derrubado. Ou se faria isto, ou estaríamos num beco recessivo crônico sem saída.²⁵

Intelectuais da USP como Caio Prado Júnior, Octávio Ianni e Francisco Weffort também concluíram que no geral que o golpe era inevitável por causa da internacionalização da economia brasileira. Isto teria levado a burguesia nacional a abandonar o Presidente João Goulart porque seus interesses não se encaixavam mais no projeto desenvolvimentista autônomo que vinham se gestando desde 1930.

Nesse sentido Octávio Ianni defendia que a integração com o imperialismo faria da política nacional algo intrinsecamente autoritário, sendo o terror burguês o único instrumento eficaz para controlar as massas trabalhadoras, o que tornava as discussões sobre as possibilidades da democracia liberal em nosso país pura ilusão de classe.

Ainda segundo Ianni, felizmente existiam organizações como a Ação Popular (AP) e a Política Operária (POLOP) que sempre se mantiveram críticos aos discursos “populistas”, e nunca encobriram as contradições de classe. Ao contrário, mostravam que a centralidade não estava na luta entre a nação brasileira e o imperialismo, mas na luta entre burguesia e proletariado, dessa forma a revolução deveria ser socialista e não nacional-democrática.²⁶

Já Francisco Weffort em seus textos sobre o “populismo” na política brasileira defendeu que o trabalhismo vinha construindo uma política de alianças na qual se procurava esconder o conflito de classes. O povo, os trabalhadores, seriam massa de manobra de uma elite que apenas estava interessada, acima de tudo, em manter o operariado alheio aos seus verdadeiros interesses.

E o pior, a esquerda marxista, referência sutil ao PCB, tinha aderido e ajudado nisto tudo, que segundo afirmava seria apenas uma farsa demagógica. A partir desse diagnóstico cabia então aos mais esclarecidos se portarem como desconstrutores da ideologia “populista” que tinha levado a derrota em 1964, mostrando que no capitalista existiam interesses inconciliáveis.²⁷

²⁵ Veja o trabalho do economista Celso Furtado ***Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina***. 3ª edição. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1968. Em nenhum trecho deste livro o economista defende a luta armada, apenas teceu diagnósticos.

²⁶ Esta tese está no livro IANNI, Octávio. ***O colapso do populismo no Brasil***. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1968.

²⁷ Os dois textos clássicos são ***O populismo na política brasileira*** e ***Estado e massas no Brasil***.

Porém o pensador que mais teria influência sobre a guerrilha foi o militante do PCB Caio Prado Jr. com seu livro *A revolução brasileira*. Para ele o grande erro da esquerda e principalmente do seu partido, foi ter utilizado referências de sociedades estrangeiras completamente diferentes da nossa para explicar a realidade nacional. Olhava-se para as civilizações asiáticas feudais, como a China, e se transplantava mecanicamente esta realidade para cá.²⁸

Como no Brasil nunca teria existido feudalismo, era um equívoco querer destruir algo que não houve. Mas o que seria a especificidade da nossa formação histórica? Segundo ele já éramos capitalistas desde o século XVI quando os portugueses tinham inserido sua colônia na esfera mundial de circulação de mercadorias mercantilista. Então em vez de a esquerda ter lutado pela revolução burguesa que substituiu o feudalismo, deveria ter lutado pelo socialismo.

Por outro lado o pensador confirmou que na Ásia existiu realmente uma burguesia nacionalista inimiga do imperialismo e do feudalismo, afinal as mercadorias que vinham dos países centrais do capitalismo, especialmente da Europa e dos EUA, impediam o seu desenvolvimento empresarial por causa da forte concorrência estrangeira.

Além do mais os senhores feudais lhes sabotavam internamente, pois além de comprar mercadorias dos produtores estrangeiros, impedindo assim a consolidação do mercado interno, obstaculizavam a centralização política e a disseminação do trabalho assalariado.

Por isso, a burguesia chinesa ao verse cercada de todos os lados, por dentro e por fora, levantou-se em armas contra a monarquia em 1911, Proclamando a República através da ação do Partido Nacionalista Koumitang, que tinha entre seus quadros Sun Yat-Sen.²⁹

Mas isso se aplicaria ao Brasil? Segundo Caio Jr. não. Os motivos eram dois: existia uma relação direta entre zona rural e burguesia no Brasil, pois mesmo as primeiras indústrias brasileiras surgiram em áreas de grande produção de bens primários como o café no sul e o algodão no norte. Isso demonstrava uma relação de dependência mútua entre campo e cidade no Brasil em vez de antagonismo.

Segundo, a burguesia brasileira já teria nascido internacionalizada, associada ao capital estrangeiro desde o antigo sistema colonial, processo que teria se aprofundado

²⁸ Para que tenhamos uma idéia do impacto desta obra, basta lembrarmos que o historiador Caio Prado Jr. recebeu o Prêmio Juca Pato de intelectual do ano de 1965.

²⁹ Uma das estrelas pequenas da bandeira chinesa representa esta burguesia nacionalista. As outras três são respectivamente os camponeses, os operários, os intelectuais revolucionários enquanto a grande simboliza o Partido Comunista como vanguarda e guia da Revolução.

após 1822 com a penetração dos capitais estrangeiros, inicialmente britânicos e franceses e depois norte-americanos. Então seria impossível que a burguesia brasileira se comportasse como a chinesa.

Enfim, o PTB dos Presidentes Getúlio Vargas e João Goulart nunca poderia ter exercido o papel de um Koumitang brasileiro. Eis então onde estaria o grande erro do PCB, ter pensado que os petebistas chegariam à luta violenta contra os sócios do imperialismo no Brasil, pois supostamente lhes interessaria uma revolução democrático-burguesa anti-feudal.

Mas como chegar ao socialismo? Surpreendentemente o Professor propôs lutas reformistas semelhantes aos que o Presidente Jango tentou efetivar no seu Governo. Melhores condições de trabalho nas cidades, leis trabalhistas no campo já que a contradição principal não seria entre os sem-terra e os latifundiários, mas entre os trabalhadores que não tinham direitos sociais e os patrões empresários rurais, e assim consecutivamente.

Em outras palavras, acumular forças agindo politicamente nos marcos do capitalismo até que um dia o socialismo fosse aceito consensualmente pela maioria absoluta do povo. E a luta armada? O texto não menciona esta possibilidade, simplesmente a ignorou.

A relação da esquerda armada com este livro foi seletiva, pois se de um lado adotaram as análises do não feudalismo no Brasil, concordando que sempre fomos capitalistas, o que colocava a revolução socialista como próximo passo a ser dado, discordavam dos meios propostos pelo historiador para se conseguir este objetivo.

A este debate somou-se ainda às discussões em torno da chamada *Guerra Popular Prolongada* e do *Foquismo*.³⁰ A primeira é a expressão político-militar originada do processo revolucionário chinês entre 1927-1949. Seu eixo central exige a necessidade inadiável de transferir por medida de segurança o conflito armado para a zona rural, já que nas cidades a identificação e o extermínio dos rebeldes pelas forças de repressão seriam facilitados, haja vista as dificuldades do anonimato, coisa que o campo teoricamente favoreceria.³¹

Depois da mudança do teatro de operações os ativistas teriam que se integrar ao meio camponês para aprender com suas experiências de vida. E finalmente após

³⁰ Boa parte destas idéias Caiopradianas já vinham sendo colocadas na **Revista Brasiliense**, órgão na qual era o Editor-Chefe.

³¹ Em 1927 os comunistas chineses sofreram duas derrotas seguidas de massacres na zona urbana, respectivamente Xangai em abril e Cantão em dezembro.

ganhar a confiança das massas rurais, estariam dadas as condições subjetivas para a entrada dos camponeses na luta armada.³²

Com a entrada dos populares na guerra revolucionária, o comportamento da força rebelde seria proporcional ao poder de fogo do adversário. Se o “inimigo” atacasse com forças superiores, dever-se-ia recuar. Se parasse, seria fustigado, e quando os revolucionários tivessem forças para enfrentá-lo de frente, aconteceriam os ataques mais contundentes. Se a tropa governamental fugisse os rebeldes teriam que persegui-la e destruí-la. No final as cidades seriam cercadas e tomadas.³³

Já o segundo manual de guerra revolucionária é bastante diferente da teoria sino maoísta de revolução. Os textos chineses foram escritos por um sujeito histórico filiado a tradição leninista que afirmava ser o partido político, no caso o comunista, o guia do povo na durante a luta. Entretanto Ernesto Guevara mesmo já sendo marxista, não considerava o partido como dirigente da revolução, mas a própria guerrilha.

Portanto o fator militar viria antes do político, bastava possuir uns poucos homens armados do que convencer centenas ou milhares a lutar, uma vez que consideravam que no próprio desenrolar dos combates as camadas populares se convenceriam da necessidade da revolta armada. Daí a importância de se manter de qualquer maneira o pequeno grupo de guerrilha em funcionamento, o foco, que seria uma espécie de imã que atrairia o povo para a luta.

Em outras palavras o teórico descartava o pré-convencimento dos sujeitos político-históricos, as condições subjetivas, anteriores ao choque militar. Segundo as palavras de Guevara: *“Nem sempre há que se esperar que se dêem, todas as condições para a revolução; o foco insurrecional pode criá-las.”*³⁴

Esta observação nos remete a análise da raiz da palavra foquismo, originada do substantivo *foco*. Ele, Ernesto Guevara, era médico, fato que talvez o tenha

³² As **condições subjetivas** na teoria revolucionária referem-se à política e a cultura, se as pessoas estão convencidas de que o socialismo é o melhor caminho para superar o capitalismo. Ao mesmo tempo ligam-se as **objetivas** que são as condições socioeconômicas, as condições materiais como a divisão social do trabalho oriunda da industrialização e urbanização. Porém mesmo em países ruralizados como a China da primeira metade do século XX a transformação seria possível por causa das diferenças entre senhores feudais e camponeses. Para os marxista-leninistas são necessárias as duas para que aconteça a revolução que será comandada pelo Partido Comunista.

³³ Tática inventada por Mão Tsé Tung para a guerra de posição e deslocamento, típica de uma força militar não convencional diante do exército profissional do Estado. Portanto a fuga não significava covardia, mas sobrevivência diante de um inimigo superior em números, treinamento e equipamento. A chave da vitória estava na política e só depois na luta armada, pois ganhar a confiança dos camponeses era mais importante, afinal eles seriam os principais protagonistas da luta.

³⁴ GUEVARA, Ernesto. **A guerra de guerrilhas**. 2ª edição. São Paulo. Edições Populares. 1980. p. 13.

influenciado nas características da sua representação sobre a Revolução Cubana, que depois virou diretriz técnico-militar revolucionária.

O núcleo desta tática consistia em duas fases paralelas: no início um grupo se deslocaria até um determinado espaço geográfico, de preferência uma montanha ou selva e ao mesmo tempo iniciaria a luta armada. Os combates “inoculariam” o povo de idéias socialistas, “epidemia” que se espalharia rapidamente por causa da indignação com as injustiças. E quando o “tecido” social estivesse totalmente “contaminado”, o corpo capitalista morreria.

Percebemos então certo determinismo biológico associado à política, pois mesmo com algumas reticências, Guevara não duvidava da vitória, esquecendo-se que a revolução não é algo natural, mas sim uma construção histórica da ação política humana que está continuamente sujeita a muitas decisões e mudanças. Porém o importante é percebermos as certezas inexoráveis e como elas influenciaram na ação dos revolucionários.³⁵

Ainda no campo das discussões sobre a viabilidade do foquismo se destacou o livro *Revolução na revolução* do francês Régis Debray, lançado em 1966 antes da morte do “Che” numa conjuntura difícil para os defensores da exclusividade da luta armada, já que vários projetos de criar grupos de guerrilha na América Latina tinham sido completamente exterminados.³⁶

Régis Debray procurou convencer os descrentes reafirmando as teorias gerais do livro *A guerra de guerrilhas*, através de uma operação teórica difícil e paradoxal, pois se de um lado existiu a defesa rígida e apaixonada do foquismo, por outro se deu margem a dúvidas sobre os acertos da teoria:

“Assim, pois, temos que lamentar que nos falte ainda uma história detalhada do processo insurrecional cubano, que não pode chegar a nós se não de seus

³⁵ Quando em 1967 o Exército de Libertação Nacional (ELN) tendo Ernesto Guevara a frente foi derrotado com o conseqüente aprisionamento e assassinato do “Che” pelas forças conjuntas do Estado boliviano e da CIA, poucos problematizaram este fato. Na percepção oficial cubana tudo se resumiu a covardia dos comunistas bolivianos, transformando a necessidade crítica aos equívocos da teoria foquista e da conjuntura da Bolívia, numa procura de bodes expiatórios como o pintor argentino Ciro Bustos, o pensador francês Régis Debray e o Secretário-Geral do Partido Comunista Boliviano Mário Monge. Foi necessária que em 1970 uma nova ação de um novo ELN com uma nova derrota, para que os cem por cento crentes iniciassem uma tênue discussão sobre a teoria do foco guerrilheiro. *Vide* ANDERSON, Jon Lee e CASTANEDA, Jorge. **Op. Cit.**

³⁶ Hugo Blanco e De La Puente no Peru, Jorge Massetti na Argentina, Divinópolis (GO) no Brasil.

promotores e atores e que essa falta nos obrigue a limitar nossas referências a alusões, quando necessitamos de uma investigação sistemática.”³⁷

Ora, os promotores foram justamente aqueles que participaram da guerra civil em Cuba, destacando-se o próprio Ernesto Guevara, que como afirmou o francês teria nos dado apenas uma visão muito pessoal do processo, o que seria pouco, deixando assim lacunas sobre a revolução que só seriam esclarecidas depois de um estudo aprofundado sobre a questão.

Para tentar preencher esta lacuna o teórico escreveu o ensaio *Revolução na revolução*. Nele Régis Debray percorreu o mapa da América Latina tentando mostrar o porquê das derrotas das investidas iniciais e como, aí vem à reafirmação da tese foquista, recomeçar a luta ainda utilizando-se desta teoria. Para facilitar o entendimento da questão destacaremos como referências os casos da Colômbia e Venezuela.

Sabe-se que o primeiro país estava dilacerado por conflitos internos que se arrastavam desde 1948 quando do assassinato do político Liberal Jorge E. Gaitán.³⁸ Nos anos sessenta houve um redimensionamento no cenário político quando surgiram as guerrilhas marxistas, entre as quais o braço armado do Partido Comunista Colombiano (PCC), as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).³⁹

Essa organização comunista apesar de defensora da revolução cubana, não concordava com as teses foquistas como guia teórica, reafirmando o papel da vanguarda partidária. Régis Debray aproveitou então para demonstrar sua divergência com estes colombianos ao asseverar o foquismo comentando a luta de autodefesa dos camponeses contra o exército nas chamadas “repúblicas independentes”, inclusive no povoado e região de Marquetália:

“Assim como o espontaneísmo não aspira o poder político para os explorados e, em consequência, não se organiza em partido político, a autodefesa não aspira a

³⁷ DEBRAY, Régis. *Revolução na revolução*. 1ª edição. 1967. p. 4.

³⁸ Jorge Eliécer Gaitán (1898-1948) Advogado, Prefeito de Bogotá, Ministro da Educação e Senador pelo Partido Liberal. Brilhante orador, falava em desenvolvimento, reforma agrária, democracia, nacionalizações, assistência social e leis trabalhistas. Poderia ter sido o J.D. Perón, Getúlio Vargas, Lázaro Cárdenas ou Haya de La Torre da Colômbia. Seria candidato a Presidente da República nas eleições de 1949, mas acabou sendo assassinado em plena calçada no centro da capital, atentado que levou a revolta popular conhecida como *El Bogotazo*, a *La Violência* e a guerra civil que dura até hoje.

³⁹ Além das FARC foram criados o Exército de Libertação Nacional (ELN) defensor do foquismo, do qual foi membro o Padre Camilo Torres e o Exército Popular de Libertação (EPL) de tendência maoísta.

*supremacia militar dos explorados e, em consequência, não aspira a organizar-se em exército popular regular, com sua mobilidade e iniciativa próprias. Diz-se que há autodefesa onde a força móvel estratégica não é o objetivo número um da luta armada, ali onde a conquista do poder político não é a perspectiva consciente e visível da luta armada”.*⁴⁰

Para consolidar suas concepções frente aqueles que não aceitavam o foco guerrilheiro como instrumento de luta subversiva citou, em tom de alerta, o próprio Guevara, sobre as possíveis consequências que poderiam atingir os céticos que teimavam em duvidar dos ensinamentos da Revolução Cubana:

*“No Vietnam e também na China, a autodefesa armada dos camponeses, organizada em milícias, tem desempenhado um papel muito importante, como pedra básica do edifício das forças armadas de libertação”. Mas lembrou que: “Esses territórios de autodefesa não eram viáveis senão em razão de uma guerra total que se lavrava em outros pontos, com as forças regulares e móveis do Vietminh. A autodefesa não é nada mais que uma parte mínima de um todo com características especiais... Após algum tempo que “Che” escreveu esse texto, “a zona de autodefesa camponesa” de Marquetália e as outras “repúblicas independentes” foram ocupadas e dissolvidas pelo inimigo.”*⁴¹

No país vizinho, a Venezuela aconteceu algo singularíssimo, pois o Partido Comunista de Venezuela (PCV) aceitou participar da guerrilha, tornando-se o único PC latino americano pró-soviético a concordar com o foco. Em conjunto com o Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR), criaram as Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN).

Porém durante os combates divergências levaram os comunistas a abandonar a guerrilha em 1965, o que desestruturou as FALN.⁴² Além disso, a teorização a

⁴⁰ DEBRAY, Régis. **Op. Cit.** p. 12.

⁴¹ DEBRAY, Régis. **Op. Cit.** p. 13; Na região e povoado de **Marquetália** existia uma pequena comunidade de camponeses que tinham se estabelecido nestas terras longínquas fugindo da violência política, era uma das chamadas “repúblicas independentes”, que segundo a direita local e a CIA constituía um Estado comunista no seio do país. Em maio de 1964 o governo colombiano retomou a região através de uma operação militar, o que levou os camponeses sobreviventes a criarem as **Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC)**.

⁴² A **Ação Democrática (AD)** era um partido político social-democrata. Douglas Bravo era militante do PCV, mas como o partido abandonara a guerrilha, fundou o **Partido da Revolução Venezuelana (PRV)** para continuar a luta armada em conjunto com o MIR agora numa coalizão chamada **Frente de Libertação Nacional (FLN)**. .

revolução, o campo e a cidade criada por Douglas Bravo, só fez acirrar as discussões. Este, apesar de foquista, tentou criar uma tática que conciliasse à realidade do país sul americano com os casos russo e chinês:

*“Estamos muito longe da clássica insurreição como a que houve em São Petersburgo, onde o momento conjuntural da crise foi aproveitado em 48 horas para o assalto ao poder e para mudar a velha ordem das coisas. Lá, as cidades foram o fator fundamental, e o campo, secundário. No caso da China e de outros países asiáticos, a guerra prolongada das três etapas foi avia de desenvolvimento.”(...)” No nosso caso, as coisas são diferentes: nem a insurreição clássica das cidades nem a guerra prolongada clássica das três etapas. Por isso podemos falar com propriedade de um caminho venezuelano, que chamamos de INSURREIÇÃO COMBINADA. a superioridade será a conjunção de fatores políticos e militares perfeitamente combinados no cenário das áreas rurais, suburbanas e urbanas.”*⁴³

Régis Debray considerou a proposição um desvio e buscou responder lembrando as imensas dificuldades que a divisão da luta em vários sítios ou terrenos poderia trazer para o desenvolvimento da revolução como um todo. Primeiro a questão da segurança, pois na América Latina o extermínio dos contestadores era uma prática comum, portanto cabia aos sensatos se camuflarem para não serem atingidos pela repressão.

Por outro lado, o chefe da guerrilha precisava sempre estar próximo das suas tropas e não ficar descendo a montanha ou saindo da floresta para freqüentar reuniões políticas nas cidades, pois o comandante deveria sempre dar exemplo de perseverança e companheirismo aos seus comandados.

Dessa forma os políticos das cidades é que devem subir a serra ou se deslocar para a zona rural para falar com os dirigentes da guerrilha. Então não seria racional na percepção deste teórico da guerrilha ficar misturando na luta campo e cidade. Para fechar a questão lembrou as palavras de Fidel Castro:

*“A cidade é um cemitério de revolucionários e recursos”... “Como vimos à montanha proletariza os burgueses e camponeses e a cidade pode aburguesar até os proletários”.*⁴⁴

⁴³ LOWY, Michael (org.). **O marxismo na América Latina: uma antologia desde 1909 até os dias atuais**. 1ª edição. São Paulo. Editora Perseu Abramo. 1999. p. 290.

⁴⁴ DEBRAY, Régis. **Op. Cit.** pp. 45 e 52; Paradoxalmente os Tupamaros uruguaios apesar de totalmente foquista conseguiram lutar num país com altíssimos índices de urbanização, com a

R. Debret sintetizou seus raciocínios perguntando “quais são, a esse respeito, os ensinamentos da experiência cubana e das lutas atuais?”. A principal lição estaria na tática da centralização total em torno da guerrilha, das tropas ao comando único, passando pela vanguarda política. Além da tenacidade e coragem, num teatro de operações que obrigatoriamente teria que ser ruralizado, coberto de florestas e se possível montanhoso.

E como o objetivo era reunificar os rebeldes em torno do foquismo, R. Debray apropriou-se anacronicamente de uma frase de V. Lênin para reafirmar a infalibilidade das suas teorias: “*Diz Lênin em numa de suas últimas notas: A guerra civil soldou a classe operária ao campesinato e isso é a garantia de uma força invencível*”.⁴⁵

1.3. A Nova Esquerda marxista armada no Ceará.

As guerrilheiras e guerrilheiros que se confrontaram com a ditadura civil-militar brasileira instalada em 1964 se diziam porta-vozes de novidades táticas e estratégicas que revolucionariam os métodos de luta até então existentes na esquerda brasileira. Para se colocar em prática estas teorias dezenas de partidos armados foram constituídos em todo território nacional. Porém nem todos conseguiram se organizar em todos os Estados.

No Ceará entre 1962 e 1976 apenas seis organizações que se propunham levar a cabo a luta guerrilheira conseguiram se estabelecer e praticar algum tipo de ação armada. Neste sentido precisamos melhor conhecê-las, e para isto priorizarei entre seus documentos os que falam dos motivos que levaram a ruptura com a esquerda tradicional e os objetivos perseguidos.

1. Início com o **Partido Comunista do Brasil (PCdoB)** utilizando dois importantes pronunciamentos públicos porque escritos pouco antes e logo depois ao golpe, o *Manifesto Programa* (1962) e *União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neocolonialista* (1966). O primeiro uma espécie de “certidão de nascimento” do grupo nos possibilita perceber no que acreditava o partido e os passos que planejava, enquanto o outro aprofundou estes pontos numa conjuntura autoritária.

No *Manifesto Programa* a situação brasileira é associada a uma profunda estagnação econômica, para logo a seguir se destacar os problemas nas áreas

maior parte dos territórios interioranos planos (pampas) sem florestas. E mais, os combates se deram basicamente na maior cidade e capital do país, Montevidéu.

⁴⁵ DEBRAY, Régis. *Ibid. Idem.* p. 79.

ruralizadas do país, as regiões norte e nordeste, principalmente a questão dos trabalhadores sem terra. Nas cidades foram citados os baixos salários, desemprego, altos preços das moradias, criminalidade. E o comum ao campo e a zona urbana, falta de assistência médica, fome, etc.

Após esta panorâmica sobre o descalabro social reinante, a missiva procurou identificar as origens destes problemas na interferência e ações do imperialismo internacional capitalista sobre a nossa economia, em especial o norte-americano, que, associado aos grandes empresários brasileiros gerariam a desigualdade tenebrosa, complementada pelo monopólio da terra nas mãos de poucos latifundiários.

Ainda salientou que mesmo o desenvolvimento da última década que levou bens de consumo para todo o país não teria sido positivo, porque associado ao capital estrangeiro e a inflação galopante que corroía diariamente os salários dos trabalhadores.

Somando-se a esta atrofia econômico-social ainda tínhamos o reacionarismo do Estado brasileiro, pois corrupto, estorcionário nos impostos, cheio de vícios administrativos, que negava direito de voto aos analfabetos e praças das forças armadas, além da mobilização policial e até militar para reprimir os setores populares quando revoltados por causa das injustiças.

Ainda nesta visão o partido classificou os três poderes como símbolos do divórcio entre o povo e a elite, sendo o judiciário quase sempre contrário aos pobres, enquanto o legislativo e o executivo seriam formados exclusivamente por membros da elite que foram eleitos comprando votos.

Quanto a Constituição de 1946 seria apenas um grande obstáculo para as transformações consideradas indispensáveis para a sociedade brasileira, pois exigia indenização prévia em caso de desapropriações de imóveis tanto nas cidades quanto na zona rural, inviabilizando as reformas agrária e urbana.

Diante deste quadro o documento perguntou se existiriam soluções? A resposta foi sim, e o PCdoB as teria. Porém antes de tudo se deveria perder todas as ilusões com o sistema vigente no Brasil, o que também significaria descrédito em relação às medidas paliativas, como a substituição dos homens que governavam por outros mais progressistas.

Ou então a troca dos ministros considerados entreguistas por nacionalistas, e muito menos em governos fortes e ditatoriais que fatalmente se voltariam contra as maiorias, o que não resolveria os problemas e muito menos nossas contradições insuperáveis.

Na verdade, afirmava em seguida o manifesto, a fórmula resolutiva estaria única e exclusivamente na revolução socialista, projeto que o partido considerava impossível

de se construir pela via pacífica, pois claro estava que as elites sempre reagiam violentamente contra os que tentavam atender reivindicações parciais, específicas, em caso de políticas mais amplas concluía-se que:

*“Então, quando se tratar da luta pelo poder político, as classes dominantes não vacilarão em recorrer a todos os recursos, os mais arbitrários, para tentar impedir a vitória das massas populares. Toda vez que seu poder estiver ameaçado, calarão as suas divergências e se unirão para enfrentar o povo”... Nestas circunstâncias, as classes dominantes, tornam inviável o caminho pacífico da revolução”.*⁴⁶

No mesmo documento também se deu atenção especial à política externa, de onde viriam ensinamentos que demonstravam na prática que apesar das tarefas serem árduas e difíceis, as barreiras eram transponíveis, que os inimigos não eram tão fortes quanto se imaginava, que era possível derrotá-los:

*“Cuba é um exemplo de como um povo oprimido, mas decidido a vencer, pode bater seus algozes e construir uma nova vida”... A União Soviética marcha para o comunismo e a China Popular, até há pouco escravizada, forja uma nova sociedade e constitui, hoje, um poderoso baluarte na luta contra o imperialismo”... Os povos da África e da Ásia conquistam sua independência política... Os imperialistas, em bancarrota, e os reacionários apelam para todos os recursos, a fim de esmagar os movimentos revolucionários e conspiram contra a paz mundial. Nada, contudo, impedirá a vitória das forças da democracia e do socialismo.”*⁴⁷

Observamos neste Manifesto do PCdoB, escrito durante o Governo João Goulart, portanto de tendência progressista de centro-esquerda, que, aliás, desejava sinceramente fazer muitas das reformas consideradas indispensáveis à sociedade brasileira pelo Partido, tem no seu núcleo central a negação total de qualquer tipo de ação política reformista.

É um exemplo perfeito da visão do tudo ou nada, típica desta esquerda nova armada marxista, que desprezava algo que apesar dos defeitos ainda existia neste momento, a democracia parlamentar, burguesa é verdade, mas diferente de uma

⁴⁶ Manifesto Programa. In: FILHO e SÁ. **Op. Cit.** p. 33.

⁴⁷ **Ibid. Idem.** p. 34 e 35.

ditadura capitalista como a que se estabeleceu em 1964. Por isso palavras como *nada, inviável, ilusões*, entre outras, foram destacadas com tanta veemência.⁴⁸

Mesmo os exemplos no estrangeiro levam a consolidação da performance guerrilheira, pois todos, sem exceção, tinham passado pelo processo armado. Porém, arbitrariamente não se levou em consideração as acentuadas diferenças entre uma Rússia monárquica teocrática absolutista, uma China autoritária comandada com mão-de-ferro pelo General Chiang Kay Shek.

Ou no caso mais próximo da nossa realidade, a ilha de Cuba do ditador Fulgêncio Batista, e uma África ocupada militarmente por estrangeiros colonialistas. Percebe-se então que o Brasil não se enquadrava em nenhuma destas situações, mesmo assim foi comparado com estas realidades para se poder justificar a defesa intransigente da guerrilha.

A tese guia de 1966 era mais enfática na defesa da guerrilha e para estimular a marcha nesta direção construiu uma visão catastrófica e apocalíptica da realidade. Opiniões como a desnacionalização da economia brasileira associadas ao aumento do desemprego e a diminuição do consumo popular, tornaram a situação das massas *“verdadeiramente insuportável”* e *“nunca os brasileiros atravessaram situação tão calamitosa”*.⁴⁹

No plano internacional o partido optou definitivamente pela China e o seu líder máximo Mao Tsé Tung, rompendo publicamente com a URSS:

*“Ressoa imensamente o apelo de Mao Tsé Tung: povos de todos os países, uní-vos, derrotai os agressores norte-americanos e todos os seus lacaios. Povos de todo mundo, sêde corajosos, atrevei-vos a lutar, desafiad as dificuldades, avançai, um após outro, e, assim, o mundo vos pertencerá” e “Apoiar os esforços da China popular para unir todos os povos, a fim de desbaratar os planos de domínio mundial do imperialismo dos Estados Unidos. Revelar o verdadeiro conteúdo da cooperação **soviético-americana**, que objetiva dividir o mundo em esferas de influência”*.⁵⁰

Enquanto a Guerra Popular Prolongada foi incorporação em definitivo ao cabedal partidário:

⁴⁸ As palavras de um stalinista como o búlgaro George Dimitrov que considerava uma loucura a não diferenciação entre uma democracia parlamentar, mesmo capitalista, e uma ditadura burguesa não foram levadas em consideração pelos autores deste Manifesto Programa.

⁴⁹ União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neocolonista. In: FILHO e SÁ. p. 60.

⁵⁰ *Ibid. Idem.* p. 56.

“A guerra popular é o caminho da emancipação dos povos oprimidos nas novas condições do mundo. É a maneira atual de enfrentar e derrotar os opressores. Não é o caminho clássico da greve geral política e da insurreição nas cidades, tal como ocorreu na antiga Rússia, mas o da luta armada que, paulatinamente, vai-se estendendo até abarcar a maioria do povo. No curso da guerra popular, as greves gerais e os levantes nos grandes centros poderão surgir. Não constituirão, no entanto, a sua característica determinante. As Forças Armadas populares, inicialmente débeis, crescem e tornam-se fortes e superiores às do adversário. Por mais dificuldades que defrontem, por mais derrotas parciais que sofram, sua tendência será a de se ampliar, fortalecer e vencer o inimigo. Sendo parte integrante do povo, tem nele a fonte de sua invencibilidade”.⁵¹

Porém pode-se observar que este trecho pode nos dizer algo mais, pois apesar dos louvores a experiência chinesa, existem traços que o aproximam da representação foquista cubana. As palavras destacadas nos dão a entender que se partirá de algo pequeno, débil, que apesar de todos os obstáculos crescerá e fatalmente chegará à vitória, portanto trata-se de um típico discurso foquista.

E ao contrário do que fizeram os chineses que abandonaram em definitivo as cidades depois dos massacres em Cantão e Xangai, valoriza-se as lutas urbanas, o que por sinal aconteceu no processo revolucionário cubano.

Esta certeza em torno da guerra revolucionária fez com que até a **história** fosse apropriada para reforçar o caminho armado, sendo que nesta construção tiveram imensa importância dois temas, o mito de fundação do Partido (1922), que estaria sendo, em vez de fundado, apenas reorganizado, e certas datas da história partidária que passaram a ser vigiadas.

Passou-se então a confrontar aquelas que se ligavam estritamente aos momentos em que os comunistas usaram a força militar para chegar ao poder ou que pelo menos apontassem nesta direção e as que repensavam este propósito. Era uma daquelas operações históricas que pretende resgatar algo perdido no passado para ser reutilizado nas disputas humanas do presente:

“A partir de 34 o PC do Brasil começou a voltar-se mais para as massas e chegou a dirigir, em 1935, o movimento da Aliança Nacional Libertadora e a insurreição de novembro desse ano... O Manifesto de Agosto de 1950 apesar de defender algumas teses “esquerdistas”, foi uma tentativa de retomar a bandeira

⁵¹ *Ibid. Idem.* pp. 72-73.

revolucionária, abandona da após os fracassos de 1935... No IV congresso, em 1954, o Partido aprovou um programa mais condizente com a situação objetiva e com interesses fundamentais da nação”.⁵²

Enquanto isso no outro pólo se completou o raciocínio destacando-se negativamente as inserções a prática parlamentar, nem que fosse de forma utilitarista e oportunista, excluindo-as do painel guia do processo revolucionário brasileiro:

“Após a II guerra, o Partido conquistou pela primeira vez a legalidade, cresceu rapidamente, atingindo cerca de 200 mil membros. Sua linha política. Que continha muitos aspectos oportunistas, na permitiu que o Partido pudesse opor-se efizcamente à reação desencadeada em 1947”... No entanto, em 1956, sob o influxo do XX congresso do PCUS, irrompeu no Partido um surto revisionista que determinou imensos prejuízos á organização partidária... Uma nona linha, de caráter direitista, foi traçada em março de 1958(...) O V congresso do PC do Brasil, em 1960, ratificou e sistematizou a linha oportunista, alijou da direção a grande maioria dos elementos que se opunham a transformação do Partido em uma organização de tipo reformista”.⁵³

Desta forma percebemos constantes negações e até uma total indiferença e repugnância dos sujeitos políticos que formaram o PCdoB em relação à idéia de integração ao sistema eleitoral brasileiro. Por outro lado surpreendentemente dois políticos que foram membros dos poderes Executivo e Legislativo foram citados nesta tese, Leonel Brizola e Francisco Julião.

A lembrança de ambos não significava, ao contrário do que se possa imaginar, abrir qualquer possibilidade de diálogo com os Três Poderes, mas sim para reverenciar suas atitudes que falavam em transformar o Brasil na lei ou na marra, fechar o Congresso, ou seja, por fora da lei, etc.⁵⁴

A relação entre o PCdoB e estas duas lideranças nacionalistas não ficou apenas na utilização das suas opiniões como exemplos a serem seguidos, pois secretamente o partido efetivou uma ação contraditória, ao participar em 1963 de uma reunião secreta com um tenente do Exército candidato a vereador em Porto Alegre pelo PTB,

⁵² *Ibid. idem.* p. 76.

⁵³ *Ibid. idem.* pp. 76 e 77.

⁵⁴ *Ibid. Idem.* P.72;

no qual o próprio João Amazonas esteve presente. Esse encontro acabou ajudando na eleição do oficial.⁵⁵

Esse clima de apologia da luta armada e necessidade de se diferenciar do outro chegou ao ponto de levar os militantes do PCdoB a resignificar o verbo revisar, que passou a ser sinônimo de abandono da esquerda, do marxismo, e até traição e imoralidade política.

Dessa forma antigos militantes do PCB passaram a ser adjetivados de *revisionistas*, termo importado da China, que também o utilizava contra o PCUS chamando-os de *camarilha de revisionistas soviéticos*. A prova deste suposto divórcio estava no fato deles estarem levantando a *possibilidade* de se chegar ao socialismo sem a violência insurrecional.

Após esta explanação remeto-me a seguinte questão: como na prática funcionaram os projetos do PCdoB? Penso que duas observações devem ser colocadas sobre as atitudes destes maoístas, uma refere-se à capacidade de se resguardar contra a repressão entrando em profunda clandestinidade.

E a outra a paciência em deslocar pacientemente a militância em um dos palcos de onde se iniciaria a revolução, a região do Bico do Papagaio. E soma-se ainda a capacidade de resistir aos convites dos que, em busca de recursos, estavam fazendo ações armadas nas cidades.

Durante os anos de adaptação e espera na região do Araguaia os membros do Partido adotaram um silêncio total sobre o que pretendiam fazer, e ao mesmo tempo procuraram como ensinara o camarada Mao Tsé Tung, diluir-se como os peixes no mar de povo, ganhando corações e mentes dos moradores ao prestarem múltiplos serviços a comunidade. Partos, extração de dentes, trabalhos em roças, litígios passionais eram resolvidos pelos “paulistas”.

Mas quando da chegada do Exército menos de dez moradores entraram na luta. Por quê? Provavelmente a organização confundiu simpatia popular oriunda dos favores e serviços prestados pelos militantes para centenas ou milhares de moradores da região, com *gratidão* pelos favores recebidos. O comportamento dos moradores mostrou na prática que o povo da área não estava ganho politicamente para a revolução.

Então contraditoriamente esse mesmo PCdoB que de forma disciplinada, disse não a todas as pressões para antecipar a luta guerrilheira, escolha que inclusive levou a divisões internas no Partido, se curvou ao foquismo quando foi descoberta a sua

⁵⁵ A história está em SILVA, José Wilson. **O tenente vermelho**. 2ª edição. Porto Alegre. Editora tchê. 1987. p. 81.

inserção na região do Araguaia, ao optar pela não retirada de seus militantes da área com o conseqüente rompimento do cerco militar.

Ao contrário o confronto foi aceito quando se deu ordem de combate ao se iniciar a movimentação na selva de sessenta e nove guerrilheiros. Essa atitude nos leva as suas contradições, como uma organização que sempre se declarara marxista-leninista tenha se comportado como guevaristas?

Para responder esta dúvida vislumbro uma relação direta entre o profundo impacto causado pela revolução cubana sobre a América Latina e o comportamento da esquerda armada em geral. Talvez isso tenha levado de alguma forma a direção e a militância do PC do B a introjetar o foquismo apesar das conversas contrárias, explicitando-o posteriormente numa situação prática favorável, como nos mostra o trecho abaixo:

*“Ao começar o ano de 1972, três destacamentos de guerrilheiros estavam treinados e arregimentados para a luta. Subordinavam-se á Comissão Militar – composta por Maurício Grabois, Ângelo Arroyo e Haas Sobrinho – e davam conta de uma área de cerca de 7000 Km quadrados, coberta de floresta tropical.”*⁵⁶

Então vejamos, a decisão de começar a luta com poucos guerrilheiros já estava tomada antes de abril de 1972 quando se iniciaram os combates. Dessa forma os três destacamentos móveis associados a uma área geográfica grande e selvática, portanto rural, que serviria de camuflagem para os revolucionários significam à base da representação teórica guevarista defendida no livro *A guerra de guerrilhas*. Poucos homens reunidos num foco guerrilheiro ganhariam as massas para a luta revolucionária.

Além disso, existe outra característica pouco lembrada que corrobora para esta afirmação, o ensinamento sobre o foco inicial, o primeiro a ser constituído: *“Naturalmente, quando se fala para as condições para a revolução, não se pode pensar que todas elas se vão criar pelo impulso dado às mesmas pelo foco guerrilheiro”. “Há que se considerar sempre que existe um mínimo de necessidades que tornam factível o estabelecimento e consolidação do primeiro foco.”*⁵⁷

O trabalho inicial já tinha sido feito pelos militantes instalados no Bico do Papagaio desde 1966, restando apenas esperar a chegada de uns poucos retardatários para se

⁵⁶ GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. 4ª edição. São Paulo. Editora Ática. 1990. p. 208.

⁵⁷ GUEVARA, Ernesto. **Op. Cit.** p. 14.

iniciar o conflito. E mesmo com a surpresa da chegada das Forças Armadas, que acabou levando a antecipação da luta, não houve modificações em nenhum ponto dos planos militares pré-estabelecidos.

Ao contrário o Comitê Central do PCdoB reafirmou que nenhuma diretriz seria repensada, portanto a estratégia traçada continuava como ordem do dia: “*Sob o aspecto numérico, previa-se até o final do ano, 1972, a incorporação de mais uns poucos elementos, o que completaria o efetivo julgado ideal para o desenvolvimento da guerra popular*”.⁵⁸

Neste sentido a permanência no Araguaia liga-se a um equívoco sobre os acontecimentos de Cuba, mas aceita em grande parte da esquerda na época, inclusive entre os que aparentemente discordavam, de que a revolução teria partido de vinte homens que sobreviveram do grupo original de oitenta e dois expedicionários do **late Granma**, equipados com um número inferior a duas dezenas de armas.

Talvez isso tenha levado os rebeldes brasileiros a se perguntar: se sete subversivos tinham feito uma epopéia no caribe, imagina o que poderiam fazer dez vezes mais combatentes na Amazônia? As duas primeiras campanhas militares não tinham falhado? Mais por que sair se estávamos ganhando? Não era parecido com Cuba?

Até este ensinamento militar básico da Revolução Chinesa, a constituição de áreas de fuga para em caso de necessidade praticar-se uma retirada, fuga estratégica da região, não foi efetivada, não houve a menor preocupação em com este item importante para a guerra popular prolongada.

Esta desconexão entre a teoria e a prática acabou transformando o teatro de operações no Bico do Papagaio (PA, GO/TO, MA) num beco sem saída conhecida no jargão dos exércitos como “**Caça ao peru**”, situação na qual o inimigo é cercado e trucidado rápida ou lentamente sem qualquer possibilidade de contra atacar, evadir-se, e muito menos vencer o conflito.⁵⁹

⁵⁸ GORENDER, Jacob. **Op. Cit.** p. 208.

⁵⁹ A decisão partidária de permanecer na área acabou alimentando mutuamente as partes em conflito. De um lado as forças militares tentando localizar os rebeldes na mata, de outro os revolucionários andando em círculo num espaço limitado cumprindo ordens superiores na qual acreditavam, pois baseadas em idéias oriundas de experiências revolucionárias vitoriosas. A derrota só não chegou mais rápido por causa da incompetência das três armas nas duas primeiras campanhas em 1972. Bastou que se reorganizasse a inteligência militar, o que levou a identificação de todos os guerrilheiros escondidos no mato, para que a ação final colhesse um a um sem nenhum grande obstáculo, a não ser os naturais. Portanto em vez de uma guerra civil entre uma **tropa irregular revolucionária** e um **exército regular**, como na China, Vietnã ou Cuba, aconteceu apenas uma incipiente tentativa de criar uma ação revolucionária que foi destruída ainda no berço. Ler MORAIS, Taís e SILVA, Eumano. **Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha**. 1ª edição. São Paulo. Geração Editorial. 2005; STUDART,

Assim concluiu que o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) ao ser tensionado por dois vetores, o guevarismo e o leninismo-maoísta, acabou se perdendo nos seus próprios desencontros, e trinta e cinco anos depois, apesar de não reconhecer nenhuma derrota, e de se julgarem maoístas, se comportaram como foquistas.

2. Outra organização que se juntaria à luta armada no Ceará foi a **Ação Popular (AP)**, depois **Ação Popular Marxista-Leninista (APML)**. Sua adesão ao comunismo foi o resultado de um processo de reinterpretação da realidade brasileira a partir de teorias cristãs que tentaram conciliar a tradição milenar da Igreja com os problemas contemporâneos da humanidade, como a questão desenvolvimentista, a justiça social e a luta entre capitalismo e socialismo.

Criada antes do golpe, em maio/junho de 1962, sendo a grande maioria da sua militância formada inicialmente formada por elementos originários das três jotas, Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Estudantil Católica (JEC) e Juventude Universitária Católica (JUC), além do Movimento de Educação de Base (MEB).

Este último realizava programas radiofônicos de alfabetização de adultos, sobretudo na zona rural do nordeste do Brasil, o que aproximava a nova organização dos agricultores e seus problemas cotidianos, como o explosivo problema da posse da terra.

O comportamento deste partido nos chama atenção. A Ação Popular formou-se influenciada pelas correntes do pensamento cristão católico, e apesar de não se declarar inicialmente marxista, já nasce com um projeto de sociedade sem preconceitos ao socialismo, o que provavelmente influenciou para sua adesão seis anos depois ao maoísmo ateu.

Este deslocamento político para a esquerda culminou no início dos setenta com a adesão da maioria dos seus membros ao PCdoB. Ora, como se deu esta mudança num espaço de tempo tão exíguo? Como um grupo católico pôde aderir ao marxismo num país em que a Igreja Católica sempre foi raivosamente anticomunista?

É difícil responder esta indagação, porém um caminho que pode nos ajudar na resolução desta problemática se localiza em certas influências teológicas sofridas pela Igreja Católica brasileira nos últimos cento e cinquenta anos. Nesse sentido sabemos que no Brasil o missionarismo da Igreja de Portugal sobre a colônia sempre foi dificultado pela falta crônica de padres no Reino.

Para resolver ou amenizar este problema, se recorreu a outras Igrejas, como a italiana e a francesa, que intensificaram o envio de sacerdotes para o Brasil na segunda metade do século XIX. A longo prazo, isso gerou em alguns casos, posturas mais abertas, liberais e até de esquerda, com certa aproximação e diálogo com o marxismo.⁶⁰

Dos vários religiosos que influenciaram a militância da APML, quatro são vistos como os iniciadores da nova formação teológica: o Padre e economista suíço preocupado com a superação do subdesenvolvimento no terceiro mundo, Louis Joseph Lebret, além dos teólogos e sacerdotes franceses Teilhard de Chardin, Emmanuel Mounier e do leigo Jacques Maritain.⁶¹

Nos quadros do Clero brasileiro que davam assistência a JUC e a Ação Católica, que tinham posições diferenciadas da maioria dos católicos, estavam os jovens que tinham estudado na Europa. Nesse grupo temos o Padre Henrique de Lima Vaz, Padre Luís Sena, o Padre Almerly Bezerra.

Podemos citar ainda o Frei dominicano Carlos Josaphat, Editor-Chefe do Jornal *Brasil Urgente*, além de autor de *Evangelho e revolução social*, uma espécie de livro denúncia contra os males da injustiça social, que também apontava as fórmulas a serem usadas para superá-la.

⁶⁰ LOWY, Michael. **A guerra dos deuses. Religião e política na América Latina**. 1ª edição. Petrópolis. Vozes. 2000.

⁶¹ **Louis Joseph Lebret** (1897-1966): Frei dominicano e economista francês que nos anos quarenta passou a estudar o subdesenvolvimento nos países do terceiro mundo, levando-o a pedir solidariedade das nações ricas para com as pobres. Morou no Líbano, Venezuela, Colômbia, Vietnã do Sul, Benin, Costa do Marfim, Senegal e Brasil, onde ensinou teologia e economia, utilizou as teorias K. Marx e F. Engels como instrumento de análise da sociedade, por isso ele é considerado entre os seus ex-alunos o “desdiabolizador” do marxismo. É autor de *Economia e Humanismo*, clássico do pensamento social cristão desenvolvimentista. Participou do Concílio Vaticano II onde ajudou a redigir o documento *Gaudium et Spes*, e ainda inspirou a Encíclica *Populorum Progressio* do Papa Paulo VI; **Teilhard de Chardin** (1881-1955): Jesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo francês, tentou conciliar a teologia cristã com o darwinismo, reconhecendo assim a evolução natural, que seria comandada por Deus, sendo que no final o mundo seria uma Noogénese, ou seja, a união de todo pensamento humano em um só. Sua obra-prima foi *O fenômeno humano*, e como cientista ajudou na descoberta do *Homem de Pequim*; **Emmanuel Mounier** (1905-1950): Filósofo francês fundador da *Revista Esprit*, centrou sua teologia no individual humano. Em *O Personalismo* concluiu que os males sociais econômicos se originavam na moral individual degradada. Politicamente manteve-se sempre contrário a extrema-direita, daí sua participação nas ligas antinazifascistas, na Frente Popular, contra o Pacto de Munique, a favor da República Espanhola e da Resistência Francesa contra o Regime de Vichy. Influenciou o pensamento Democrata-Cristão e o Papa João Paulo II; **Jacques Maritain** (1882-1973): Tomista, autor de *Humanismo Integral*, espécie de tratado contra o individualismo, pois o homem deveria obrigatoriamente colocar o bem comum acima das posses individuais para alcançarmos à fraternidade e o equilíbrio social na comunidade. Influenciou a Democracia-Cristã e a Doutrina Social da Igreja. Entre seus admiradores estão os Papas Paulo VI e João Paulo II. Já idoso pediu filiação a irmandade dos *Pequenos Irmãos de Jesus* em Toulouse, França.

A aproximação deste setor do clero brasileiro com o marxismo se consolidou de uma vez por todas com a circulação de novos tratados franceses, vindos de uma geração que estava se destacando na busca de uma doutrina social que respondesse aos desafios do período da guerra fria.

Nomes como dos teólogos franceses Dominicanos Thomas Cardonnel, Jean Yves Calvez, profundo estudiosos de *O Capital*, M. D. Chenu, além do contestador dos discursos que falavam em tradições imutáveis Yves Congar, o que gerava tensões com a hierarquia da Igreja.⁶²

Neste processo a Ordem dos Dominicanos teve um papel único, pois se ligou mais diretamente com seus pares franceses, seja, enviando vários dos seus membros para estudar na França em Seminários como S. Maximin e Saulchoir, ou recebendo no Brasil irmãos gauleses. A troca de idéias e experiências entre os dois catolicismos foi repassada aos jucistas através da assistência teológica gerando fortes impactos.⁶³

Outras influências devem ser mencionadas são as de Charles Péguy, precursor do chamado socialismo cristão, Henri de Lubac que também se preocupou em dar um papel importante aos leigos, Henri Desroche que tentou conciliar o marxismo com o cristianismo, J. Perrin que escreveu tratados de economia, o abade Pierre Voillaume fundador da obra social Emaús.

⁶² **Thomas Cardonnel:** Frei Dominicano, sua presença no Brasil entre dezembro de 1959 até o final de 1961 foi muito impactante entre alguns católicos. Denunciador da “blasfêmia estrutural” que de um lado gerava “os barracos miseráveis e do outro o luxo insultante dos bancos”, “esses palácios suntuosos onde se acumula o dinheiro”, era crítico dos discursos cristãos que naturalizavam a desigualdade social como obra de Deus. Certa vez declarou: “*Por que Marx e Engels sempre viram concretamente a religião sob este aspecto, porque uma multidão de pessoas a descobriu realmente assim, eles a denunciam com razão como a fonte das alienações. Ela esvazia o homem de sua substância, de sua dignidade, força-o a retirar-se de si mesmo, de sua humanidade, torna-o estranho a si mesmo*”. Suas opiniões publicadas na coletânea organizada pelos militantes da JUC *Cristianismo hoje*, geraram mais atritos com a hierarquia da Igreja Católica Brasileira, o que levou seus superiores na Europa a ordenarem sua volta a França; **Jean Yves Calvez** : Jesuíta francês, é autor de uma obra monumental sobre o pensamento de Karl Marx, onde pretendia uma objetividade racional para depois mostrar suas contradições com o Cristianismo. Publicada em Portugal acabou sendo lido de forma seletiva por dezenas e dezenas de noviços no Convento dos Dominicanos na cidade de São Paulo. Os capítulos em que o intelectual exaltava a competência do pensador alemão eram minuciosamente estudados, e aqueles que mostrando as contradições com o Cristianismo, eram deixados de lado; **M.D. Chenu:** Também Dominicano, foi um dos membros do movimento católico na França que se integrou ao meio operário para entender suas perspectivas e ao mesmo tempo cristianizá-los. É autor do clássico *Para uma teologia do trabalho*, escrito que aproximou os Dominicanos brasileiros no meio operário; **Yves Congar** (1904-1995): Defensor da autonomia dos movimentos leigos em relação a hierarquia eclesial, princípio que detalhou na obra *Etapas para uma teoria do laicato*. Essas idéias estimularam os jucistas a criar uma organização política independente da Igreja, no caso a **Ação Popular**, depois **Marxista-Leninista**.

⁶³ Veja LÖWY, Michel. A guerra dos deuses. 1ª edição. Editora Vozes. Petrópolis. 2000.p. 239.

Também não podemos esquecer que a fundação da AP se deu durante o pontificado do Papa João XXIII e do Concílio Vaticano II (1962-1965), período marcado por muitas discussões no interior da Igreja, não apenas sobre a sua história, mas de abertura aos diferentes, como o diálogo com os não crentes.⁶⁴

Para percebermos com mais clareza a fusão entre certas teorias do cristianismo franco-brasileiro e o marxismo vamos pegar uma parte do Documento-Base da AP aprovado no seu 1º Congresso em fevereiro de 1963, em Salvador(BA). Nela priorizarei as partes que discutem o socialismo, o posicionamento diante das revoluções do século XX e os resquícios teológicos ainda sutilmente presentes no documento fundador do grupo.⁶⁵

No início a mensagem já sinaliza para uma tentativa de encontrar um caminho novo, isso fica claro nas suas opiniões em relação às revoluções socialistas que aconteceram na Europa Oriental e na Ásia. A postura é de regozijo, porém mantendo certo sentido crítico, pois tais vitórias são vistas como acontecimentos em países semi-feudais ou pouco industrializados, como a Rússia e a China, o que teria levado a caminhos bastante específicas.

Mesmo após a futura vitória do socialismo procurou-se destacar os fatos que demonstravam a variedade na construção da nova sociedade, como o rompimento da Iugoslávia com a rigidez da ortodoxia soviética, a lembrança de que a revolução cubana inicialmente não optara pelo socialismo, ou as tensões sino-soviéticas.⁶⁶

Outro ponto que chama atenção neste programa inicial da Ação Popular é a sua posição não apologética da luta armada, pois enquanto as outras organizações sempre versavam a respeito da impossibilidade de um caminho de reformas, a AP apesar de reconhecer que as estruturas autoritárias criadas pelos donos do poder levam os dominados a revolta violenta, não se poderia antecipar a forma de concretização do processo revolucionário.

O não estabelecimento de uma norma política rígida acabou levando dois militantes da AP, a revelia da Direção Nacional, efetivassem a primeira ação armada da guerrilha brasileira com vítimas fatais, o atentado contra a comitiva do candidato a Presidente-Ditador pela ARENA, Marechal Arthur da Costa e Silva no Aeroporto dos Guararapes em 25 de julho de 1966.

⁶⁴ LÖWY, Michel. *Ibid. Idem.* p. 245.

⁶⁵ Infelizmente não consegui o Documento-Base completo apenas a parte referente ao socialismo.

⁶⁶ Vide FILHO e SÁ. *Op. Cit.* P. 37, 38 e 39.

Morreram o jornalista Édson Régis de Carvalho e o almirante da reserva Nélson Gomes Fernandes, e quinze pessoas ficaram feridas, inclusive um garoto de seis anos. O autor intelectual do ataque foi o membro do Comando Militar da organização que tinha treinado guerrilha em Cuba, o ex-Padre português Alípio de Freitas. Coube ainda ao militante Raimundo Gonçalves de Figueiredo a missão de “plantar” o artefato letal.

Estes discursos que enfatizavam a tentativa do grupo revolucionário de buscar rumos próprios diante das opções existentes entre os que pugnavam pelo socialismo marxista, aparentemente não expressam mais traços católicos, porém se olharmos com atenção identificaremos a presença ainda marcante desta teologia.

Sobre esta reminiscência o pesquisador Pablo Richard já tinha indicado que os capítulos histórico-filosóficos escritos pelo Padre Lima Vaz eram “uma mistura bastante original e coerente, de teorias formuladas por autores como Lebreton, Mounier, Teilhard de Chardin, Hegel e Marx”. E a sessão de conjuntura política que ficou sob a responsabilidade do militante Herbert José de Souza, tinha mais característica marxista, formando no final um dualismo.⁶⁷

O próprio socialismo é visto de duas formas, como lei da evolução histórica humana seguramente inspirada em Teilhard de Chardin, e como comunidade de pessoas na transparência, influência de Emmanuel Mounier.⁶⁸ Então no geral o documento de apresentação da AP que aparentemente tinha superado a religiosidade ainda era profundamente confessional.

Ainda sobre a face cristã implícita da AP, o tipo de relação que se pretendia entre os militantes e as camadas populares corrobora para reafirmar a teoria católica importada da Europa. Querendo levar uma boa nova ao povo, mas pretendendo ser diferentes, se aprovou que a organização não chegaria com uma proposta acabada, mas que levasse a cabo: “a tarefa de elaborar com o povo, na base da contribuição deste, a nova sociedade”.⁶⁹

Essa atitude se contrastava com o desejo da AP de ser um partido de vanguarda, mas se encaixa nas práticas dos sacerdotes franceses que tentaram se diluir entre os operários para entender seus anseios. Por isso “O trabalho de agitação a partir de problemas concretos e a atuação através dos movimentos de cultura popular,

⁶⁷ LÖWY, Michael. *Op.Cit.* p. 249.

⁶⁸ *Ibid. Idem.* p. 249.

⁶⁹ Documento Base. In: FILHO e SÁ. *Op.Cit.* p. 45.

alfabetização etc., tem demonstrado sua validade como instrumento dessa conscientização".⁷⁰

Isso nos remete a uma característica pouco lembrada das organizações políticas surgidas por influência das revoluções socialistas contemporâneas, a permanência de *comportamentos românticos*. Aparentemente os militantes estariam olhando exclusivamente para o futuro, na verdade estavam em busca do Éden paradisíaco perdido, que seria recuperado pela revolução gerando mil anos de fraternidade entre os homens.⁷¹

Esta relação entre o passado e o futuro permanecia em certos grupos políticos do século XX. Na AP estes sentimentos eram mais acentuados devido à religiosidade, por isso seus militantes teriam que parecer como quase santos. Na prática era um milenarismo utópico em que a crítica ao contemporâneo era utilizada na perspectiva de superá-lo e abrir caminho para o retorno dos tempos em que os homens eram puros e imaculados.⁷²

Novamente o *Betinho* nos ajuda a entender esta *transubstanciação* entre cristianismo e marxismo:

*"Depois de Cristo, deu-se o vazio, mas o Maoísmo chegou e o camarada Mao pegou de novo a bandeira". Segundo ele: "O maoísmo caiu melhor na minha estrutura de inspiração cristã. Um católico praticante fervoroso pode virar um maoísta numa questão de segundos, porque você tem deus, que é o Mao, tem o camarada que é chefe, tem a revolução que é inexorável, tem a bíblia vermelha, que é pequenininha e fácil de ler".*⁷³

⁷⁰ Esta ação é semelhante à ***Pedagogia do oprimido*** do educador católico Paulo Freire, um dos partícipes do Movimento de Educação de Base (MEB), que tinha como lema "De pés descalços também se aprende a ler". Outro subproduto do catolicismo francês no Brasil foi o Movimento de Cultura Popular (MCP) no Recife durante a gestão do Prefeito Miguel Arraes, dirigido pelo casal Germano e Norma Coelho que tinham passado uma temporada em Paris de onde voltaram com uma nova visão de Cristianismo.

⁷¹ Veja FERREIRA, Jorge. ***Prisioneiros do mito: cultura e imaginário dos comunistas no Brasil (1930-1956)***. 1ª edição. Rio de Janeiro. EDUFF e MAUAD. 2002. Esta pesquisa priorizou os comunistas, mas é um interessante aporte para a análise da AP, pois o milenarismo se confundiu com o socialismo.

⁷² RIDENTI, Marcelo. ***Op. Cit.*** p. 210.

⁷³ RIDENTI, Marcelo. ***Ibid. Idem.*** p. 216 e 217; Este militante talvez tenha encarnado como nenhum outro a problemática da relação entre o marxismo e o cristianismo na AP. Apesar de muito debilitado pela AIDS fundou o movimento de caridade ***Ação da cidadania contra a miséria pela vida***. Esta doação final ao próximo e a forma como morreu são semelhantes às atitudes, calvário e martírio de Jesus Cristo, representando uma espécie de retorno às origens até então encobertas pelo marxismo.

Dessa forma a militância da Ação Popular conseguiu a façanha que aparentemente naquelas circunstâncias parecia impossível, a simbiose entre um setor minoritário do cristianismo católico e a teoria subversiva comunista através de um processo de trocas filosóficas visto da seguinte forma pelo historiador Jacob Gorender:

*“Por um processo contraditório não raro encontradiço nas conversões ideológicas, o positivismo althusseriano não dissolveu o fundo religioso da AP. Este fundo ficou recalcado e mascarado ao nível do consciente. Mas fortalecido ao se revestir ostensivamente de nova forma, na aparência contrária ao velho conteúdo. O maoísmo se enraizou na AP apoiado, com um dos pés, no ideário cristão e, com o outro pé, no dogmatismo de procedência althusseriana”.*⁷⁴

3. No ano de 1968 quando a Ação Popular passou se definir como marxista-leninista-maoísta, outro grupo armado se apresentou ao Brasil, o Agrupamento Comunista de São Paulo, mais tarde rebatizada como **Ação Libertadora Nacional (ALN)**. Lembro que no Ceará o núcleo do que seria mais tarde o núcleo local da ALN vinha se formando desde pelo menos 1967.⁷⁵

Apesar de ter sido fundada depois do golpe, de certa forma suas raízes estão relacionadas às discussões internas no PCB a respeito dos caminhos para se chegar ao socialismo. Após a vitória dos golpistas os defensores da linha que privilegiava a possibilidade do socialismo vencer através da via parlamentar eleitoral, perdeu força no corpo partidário, e os que reivindicavam a luta armada se fortaleceram.⁷⁶

Concomitante ao painel político nacional, a ALN se viu ligada ao processo revolucionário cubano. Algumas das suas lideranças, especialmente Carlos Marighella, mantiveram relações estreitas com o Partido Comunista de Cuba (PCC), inclusive passando temporadas na ilha, oportunidade em que acertara o envio dos militantes para o treinamento militar que os tornaria aptos para a guerra revolucionária que seria deflagrada no território brasileiro.

Nenhuma organização brasileira se aproximou tanto das idéias da Revolução Cubana quanto a ALN. E se examinarmos os documentos, manifestos, diretrizes são

⁷⁴ GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas – a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. 4ª edição. São Paulo. Editora Ática. 1990. p. 114; Apesar do autor adjetivar seu colega franco-argelino Louis Althusser (1918-1990) como dogmático e positivista, penso que talvez seja um exagero, pois se isso cabe em relação as suas visões dos aparelhos ideológicos do Estado, não confere quando nos demonstrou que a política não era um reflexo simplista do econômico. Para uma crítica mais contundente ao estruturalismo althusseriano ler NEGRO, Antônio Luigi e SILVA, Sérgio (orgs.). THOMPSON, E. P. **A peculiaridade dos ingleses e outros artigos**. 1ª edição. Campinas. Editora da UNICAMP. 2002.

⁷⁵ Ler Farias, Airton. **Op. Cit.** pp. 76 e 77.

⁷⁶ Olhar CARONE, Edgard. **Op. Cit.**

notórias, constantes e sistemáticas a apologia da utilização da violência na política, tornando este grupo um partido armado por excelência, o que casava com os projetos do Estado cubano naquela situação histórica.⁷⁷

Neste processo de construção da centralidade da luta armada como opção política, penso que se observarmos a trajetória de Carlos Marighella poderemos melhor compreender as implicações desta escolha. Seus dramas políticos podem ser assemelhados aos anseios de outros militantes comunistas espalhados pelo Brasil, inclusive no Ceará, contribuindo de alguma maneira para esclarecer as ambigüidades políticas de homens e mulheres que participaram da guerrilha.⁷⁸

Ainda na primeira semana de abril, logo após a vitória dos golpistas, quando o Marechal Castelo Branco se quer tinha tomado posse como Presidente-Ditador, Carlos Marighella tentou articular um contra ataque fulminante contra a nova ordem estabelecida, ação que apesar de ter fracassado, deixa claro o espírito de confronto que só fez crescer e se fortalecer desembocando depois na luta armada:

*“Há, pois, um plano de ação. Confiante ele nos dá sua linha mestra. Na Vila Militar dois esquadrões de tanques esperam apenas à hora e a ordem de sublevar-se. Descerão à cidade e terão o concurso de forças do Exército, em Deodoro e São Cristóvão. Contingentes do PCB, em ligação com “Grupos de Onze”, buscarão o apoio do povo. O bombardeio do Palácio da Guerra, pelos tanques, anunciará a rebelião”.*⁷⁹

Esta falha não estagnou sua bravura, pois algumas semanas depois, no dia nove de maio, foi localizado num cinema no bairro da Tijuca, zona norte da cidade do Rio de Janeiro-GB, pelos homens da Delegacia de Ordem Político Social (DOPS). Ao resistir à ordem de prisão foi baleado três vezes.

Narrado com detalhes no livro ***Por que resistir à prisão*** de 1965, este libelo além de ter sido uma das primeiras denúncias públicas da aplicação do *Terrorismo de*

⁷⁷ Foram três os grupos de militantes autoentitulados Exército da ALN que foram se adestrar em Cuba, alguns eram originários do Ceará. Veja MIR, Luís. ***A revolução impossível: à esquerda e a luta armada no Brasil***. 1ª edição. São Paulo. Editora Best Seller. 1994; Sobre a aproximação de Cuba com a esquerda brasileira vide ROLLEMBERG, Denise. ***O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro***. 1ª edição. Rio de Janeiro. MAUAD. 2001.

⁷⁸ ***Carlos Marighella*** (1911-196). Baiano de Salvador, filho de um imigrante italiano com uma negra brasileira, filiou-se ao PCB em 1934. Em 1946 foi eleito Deputado Federal constituinte, perdendo mandato em 1948 por cassação. Após o golpe de 1964 diverge do PCB e funda a ALN, quando parte para a luta armada. Morre em novembro de 1969 numa emboscada montada pelo DOPS paulista.

⁷⁹ CARVALHO, Apolônio de. ***Vale à pena sonhar***. 1ª edição. Rio de Janeiro. Rocco. 1997. p. 190

Estado contra os adversários da ditadura, vislumbrou também a necessidade de se resistir ao autoritarismo outorgado a nação.⁸⁰

Sinais de um divórcio total entre uma ação guerrilheira e outras possibilidades políticas já estão presente neste escrito, pois já se consideravam inúteis os três poderes e a Constituição de 1946 ainda em vigor, pois tais aparatos institucionais segundo se ajuizava não impediram o golpe e a ditadura.

Também se exclui os grupos políticos ligados à chamada burguesia nacional, pois estaria clara sua falência, mas ao mesmo tempo eram respeitados os movimentos de defesa dos direitos humanos dos presos políticos até as mobilizações sindicais no campo e nas cidades, estudantis, intelectuais, assim como os anseios da pequena burguesia.

Sobre os métodos que seriam usados pelas “forças populares e nacionalistas”, que estariam à frente da disputa contra aqueles que seriam os principais inimigos do povo brasileiro, o imperialismo norte-americano e o latifúndio, o texto afirmou às claras:

*“Mas é evidente que a solução do problema brasileiro por uma via pacífica se distanciou enormemente da realidade, depois do emprego da violência pelos inimigos do povo”. A Revolução Cubana é um exemplo ilustrativo de que na América Latina – ou pelo menos em muitos países latino-americanos – nada há a esperar de uma vida pacífica para a conquista da independência ou do progresso social”.*⁸¹

A partir desta publicação a defesa da luta guerrilheira tornou-se mais nítida nos escritos marighellianos, passo facilmente perceptível a partir do próximo ensaio *A crise brasileira* de 1966. Trata-se de uma análise geral da situação política nacional inserida no debate interno no PCB sobre qual a melhor tática de luta contra a ditadura.

Apesar dele não desprezar certas lutas institucionais, deixa claro que já não tinha nenhuma confiança que tais métodos pudessem derrubar o sistema, dessa forma passou a vê-las apenas como uma tática que ajudaria na soma de forças que seriam utilizadas na guerra irregular:

“Desde de abril de 1964 estamos sob uma ditadura militar, que emprega a violência e o terror sobre o povo. Então tudo indicava que : “Não é difícil prever, diante

⁸⁰ MARIGHELLA, Carlos. ***Por que resistir a prisão***. 2ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1994.

⁸¹ MARIGHELLA, Carlos. ***Ibid. idem***. p. 141.

*deste quadro, que a situação econômico-social brasileira gera condições capazes de nos impelir às guerrilhas e à guerra civil”.*⁸²

As conseqüências dessas palavras não demoraram a aparecer, imediatamente os ânimos se acirram no Partidão, pois de acordo com os mecanismos internos de funcionamento dos partidos comunistas, somente um congresso nacional, instância superior da vida partidária, teria autoridade para mudar a linha política da organização, regra que teria que ser respeitada por todos, inclusive os membros do Comitê Central e principalmente da sua Executiva, caso de Carlos Marighella.

Diante das divergências com seus camaradas toma a decisão de se demitir da instância máxima partidária através de uma circular interna, a *Carta a Executiva*:

“No item *Caminho eleitoral ou Caminho armado* evidenciou sua principal divergência: “A Executiva pensa ainda em infligir à ditadura derrotas eleitorais capazes de debilitá-las”. E dar grande importância ao MDB, apontado como capaz de emitir a aglutinação de amplas forças contra a ditadura. Ou então apóia a “Frente Ampla” do Lacerda”. Logo em seguida o dirigente transpareceu o que pretendia, configurando definitivamente que: “A saída no Brasil – a experiência atual está mostrando – só pode ser a luta armada, o caminho revolucionário, a preparação da insurreição armada do povo, com todas as conseqüências e complicações que daí resultam”.

⁸³

Depois da renúncia que foi exposta de forma diplomática, pois ainda se pretendia ganhar a maioria dos militantes do PCB para a guerrilha, C. Marighella aprofundou nos escritos ulteriores a defesa das teses guevaristas. Nos artigos *Crítica às teses do Comitê Central* (1967), *Ecletismo e Marxismo* (1967), *Pronunciamento do Agrupamento comunista de São Paulo* (1968), *Algumas questões sobre a guerrilha no Brasil* (1968) e *Chamamento ao povo brasileiro* (1968), revelam-nos esta decisão irreversível:

“Mas o fundamental é consignar a necessidade de preparar o Partido e as massas para a luta armada como saída revolucionária, como perspectiva básica para derrubar a ditadura ou enfrentar a agressão armada do imperialismo”.

⁸⁴ Reclamando da moderação das Teses relativas ao VI Congresso do PCB disparou: “Tal plano tático

⁸² MARIGHELLA, Carlos. *Carta à Executiva*. In: *Escritos de Carlos Marighella*. 2ª edição. Fortaleza. Popular Editora LTDA. 1979. p. 85 e 86.

⁸³ MARRIGHELLA, Carlos. *Ibid. Idem*. p. 92 e 93.

⁸⁴ MARIGHELLA, Carlos. *Crítica às teses do Comitê Central*. In: *Escritos de Carlos Marighella*. 2ª edição. Fortaleza. Popular Editora LTDA. 1979. p. 105.

*exclui subordinar insurreição ou a guerra civil a uma imposição da ditadura, sobretudo quando esta, pela violência com que reprime o povo e sufoca as liberdades, já por si justifica a ação revolucionária do Partido e das massas”.*⁸⁵

E para suprimir as incertezas, tais idéias foram expostas no JB afirmando-se a impossibilidade da derrota: *“Os “gorilas” se defrontarão com uma situação militar, que procurarão resolver segundo os métodos convencionais do militarismo convencional. Estes métodos serão confrontados com os métodos não convencionais da guerrilha. A vitória será de quem melhor emprego fizer da lei básica da guerra. Ou de quem tenha melhores condições no meio do povo para fazê-lo. **A vitória será da guerrilha**”.*⁸⁶

O fim deste processo se deu em 1968 quando se lançou uma proclamação de abandono definitivo do leninismo para aderir ao foquismo: *“O Agrupamento Comunista de São Paulo **é contrário** à organização de outro partido comunista. Não desejamos fazer outro partido, o que seria a volta às antigas discussões e até mesmo a repetição da velha estrutura partidária, **em prejuízo** da atividade revolucionária imediata”.* E mais: *“Nossa estratégia **é partir diretamente** para a ação, para a luta armada. O conceito teórico pelo qual nos guiamos é o de que a ação faz a vanguarda.”*⁸⁷

Porém de todos os documentos, diretrizes, nenhuma mensagem da ALN sintetizou com mais relevância e clareza a idéia de que as armas podiam tudo como o *Mini manual do guerrilheiro urbano*. Lançado em junho de 1969 em pleno desenrolar dos enfrentamentos entre as organizações armadas e as forças militares do Estado.

Dividido em trinta e quatro partes, onde são detalhados minuciosamente os procedimentos a serem seguidos tanto pelos que pretendiam tornar-se guerrilheiros quanto para os que já estavam na luta. Podia-se aprender sobre os tipos de armas, modo de usá-las, atentados, justificações contra os inimigos, deslocamentos, emboscadas, paralisações e greves, e ainda guerra de nervos, propaganda armada. etc.

No final estaria formado o guerreiro ideal, um ser corajoso, disciplinado, patriota, revolucionário, que teria no máximo precauções em relação à morte, e nunca medo. Por isso outros grupos de luta armada no mundo inteiro estudaram este manual de guerra, sendo que um deles, o temido Baader Meinhof (RAF), o adotou por completo como instrumental de formação militar para a ação armada.

⁸⁵ MARIGHELLA, Carlos. *Ecletismo e Marxismo*. In: *Ibid. Idem*. p. 115.

⁸⁶ MARIGHELLA, Carlos. *Algumas questões sobre a guerrilha no Brasil*. In: *Ibid. Idem*. p. 123.

⁸⁷ MARIGHELLA, Carlos. *Chamamento ao povo brasileiro*. *Ibid. Idem*. p. 141.

Agora paradoxalmente, essas convicções criadas por Ernesto Guevara, Carlos Marighella, Mao Tsé Tung, entre outros se conflitavam com a lógica criada por Karl Marx e Friedrich Engels, pois nunca, em nenhuma circunstância eles afirmaram que os atos violentos levariam a derrubada do capitalismo:

*“A forte retórica marxista da Nova Esquerda coincide com o firme crescimento da convicção totalmente não-marxista, proclamada por Mão Tse Tung, de que “o poder brota do cano de uma arma”. Certamente, Marx estava ciente do papel da violência na história, mas para ele este papel era secundário; não à violência, mas as contradições inerentes à velha sociedade iriam conduzi-la ao seu próprio fim. O surgimento de uma nova sociedade era precedido, mas não causado, por interrupções violentas, que ele relacionou às dores que precedem – mas certamente não causam – o evento do nascimento orgânico”.*⁸⁸

Termino essa explanação sobre a ALN esclarecendo o porquê da minha centralização na pessoa de Carlos Marighella, que além de principal teórico e Comandante Militar, era visto pelos combatentes da ALN como um ser quase místico, postura típica que se encaixa no que denominei de sobrevivências cosmogônicas religiosas responsáveis por uma suposta irracionalidade superada pelo homem contemporâneo.

Isso de certa forma lembrava o que Josef Stálin ou Luís Carlos Prestes representaram para outros comunistas como seres veneráveis que deveriam ser idolatrados e imitados, gerando uma corrente de fé laica capaz de levar as pessoas a sacrifícios que só os crentes mais fervorosos são capazes de sustentar.

A partir deste paradigma o martírio do *Che* para Marighella não significou um passo atrás, mas: *“Ao contrário, inspirados no desprendido exemplo do Guerrilheiro Heróico, seguiremos no Brasil a sua luta patriótica...”*. Ou como me confidenciou informalmente o chefe político e comandante militar desta organização no Ceará, Sílvio Mota: *“Ele era como um pai para mim”*.⁸⁹

Termino este item afirmando que a Ação Libertadora Nacional (ALN) foi por excelência a organização armada brasileira que mais se aproximou da visão que afirmava ser a movimentação, digo guerrilha, a chave para a vitória. Como dizia seu próprio líder máximo e principal teórico, Carlos Marighella, *“dever-se-ia libertar as forças até então reprimidas e expandi-las até o máximo de tensão”*.

⁸⁸ ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. In: ARAÚJO, Maria Paula Nascimento de. **Op. Cit.** p. 32.

⁸⁹ MARIGHELLA, Carlos. **Chamamento ao povo brasileiro: In. Ibid.** Ide. p. 141.

4. Outra organização que optou pela guerrilha no Ceará foi o **Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR)**, que teve entre seus fundadores lideranças nacionais como Jacob Gorender, principal economista do Comitê Central do PCB, Mário Alves, intelectual respeitado, Apolônio de Carvalho, lutador das Brigadas Internacionais na Guerra Civil Espanhola, da Resistência Francesa, Jover Telles, líder sindical, autor de um livro sobre o movimento operário brasileiro.⁹⁰

As principais bases do grupo estavam no Paraná, Rio de Janeiro, Guanabara, um pequeno grupo em São Paulo, como também na região nordeste, principalmente nos Estados da Bahia, Ceará e Pernambuco onde rivalizada com outros agrupamentos na luta estudantil, sendo que no último tinha hegemonia. Do ponto de vista organizativo desde o início defenderam que a prioridade era construir um novo partido leninista:

*“A classe operária brasileira só poderá desempenhar o papel de dirigente no processo da revolução se tiver à sua frente um Partido de vanguarda guiado pela teoria marxista-leninista, e capaz de dirigir o movimento revolucionário de acordo com os interesses fundamentais do proletariado. Nessas condições o que se coloca na ordem do dia é a reconstrução do Partido da classe operária em todos os terrenos: ideológico, político e orgânico”.*⁹¹

O PCBR assim como outros grupos da Nova Esquerda armada brasileira, apesar de crítico da esquerda mais antiga, não conseguiu se desvincular da sua origem. Isso explica a definição da sigla escolhida que demonstrava uma continuidade do PCB, desta vez, segundo seus criadores, Revolucionário (R).

Apesar de que assim como outros grupos defender publicamente a ortodoxia bolchevista, o **BR**, como era conhecido entre seus quadros, internamente não escapou das fortes tensões causadas pelas discussões que envolveram o método e a teoria de luta a ser adotado pelo partido, leninismo ou foquismo:

“A guerra revolucionária no Brasil será uma guerra do povo e para ela é necessário mobilizar amplas massas populares. As condições concretas do Brasil indicam que a

⁹⁰ TELLES, Manoel Jover. **O movimento Sindical no Brasil**. Depois rompeu com o PCBR filiou-se ao PCdoB, preso tornou-se colaborador do Centro de Informações do Exército (CIE). Essa infiltração levou ao Comitê Central do PCdoB, resultando na Chacina da Lapa em 1976, quando foram assassinados a tiros Pedro Pomar e Ângelo Arroyo, e João Batista Drummond sob tortura no DOI-CODI-SP.

⁹¹ **PCBR – Linha Política (abril de 1968)**. In: FILHO e SÁ. **Op. Cit.** p. 176.

guerra de guerrilhas é o meio mais adequado para começar a desenvolver a luta armada popular e criar o núcleo inicial do exército revolucionário". ⁹²

Isto ficou mais latente, quando o “consenso” partidário vanguardista e a vontade real de experimentar novas fórmulas se confrontaram, pois alguns revolucionários achavam que o momento ainda era de construir as condições subjetivas, ou seja, levar as teorias e propostas marxistas ao povo brasileiro, enquanto outros desejavam a luta imediata, já que tinham perdido muito tempo e a revolução estaria escapando das suas mãos.

As discussões e pressões internas, principalmente das direções regionais nordestinas, chegaram a um nível tão grande, que o Estado-Maior do Partido precisou intervir para manter a coesão, respondendo as indagações com uma circular endógena, condenando duramente o messianismo e o voluntarismo militarista. Tais práticas levariam a organização a uma encruzilhada crônica entre a cúpula central e a militância de base, até o seu aniquilamento total pelos órgãos de repressão. ⁹³

Uma solução salomônica foi tentada quando a Direção Nacional ao notar a perda de quadros para outros grupos que já estavam “dando tiros para todos os lados”, informou à militância que o BR não foi o primeiro a puxar o gatilho, mas seria o pioneiro no início da guerrilha rural no Brasil. Como nos mostrou o também historiador Jacob Gorender a luta de classes ficou restrita a guerrilha e aqueles que teimassem em não se adequar ao novo vanguardismo seriam no mínimo adjetivados de covarde:

*“No ambiente da esquerda revolucionária do final dos anos 60, falar apenas em **preparação** da luta armada já servia para sofrer a acusação de pacifismo, oportunismo e capitulação. Não se podia aceitar menos do que a luta armada **imediata**. Como, porém, conjugá-la ao ritmo próprio das luta de massas? Neste dilema se debateu o PCBR.* ⁹⁴

No intervalo de existência do PCBR entre 1968 e 1973 três Comitês Centrais foram constituídos, e de certa forma eles também nos mostram esta questão pendular entre *A guerra de guerrilhas* e o *Que fazer?* O primeiro C.C. foi formado pelas

⁹² O foquismo não dizia justamente isso, que a guerrilha geraria o futuro exército revolucionário. No Ceará o militante José Machado Bezerra que esteve inicialmente na ALN rompeu com este grupo por desconfiar da tese guevarista do foquismo, acomodando-se no PCBR.

⁹³ A circular interna se chamou ***Raízes ideológicas de nossos desvios: militarismo e massismo***. A típica dicotomia existente na guerrilha brasileira.

⁹⁴ GORENDER, Jacob. ***Op. Cit.*** p. 104.

lideranças mais experientes e conhecidas do PCB que aderiram ao racha, sendo que em menos de dois anos estaria desarticulado pelas polícias políticas da ditadura.

Desde abril de 1969 o grupo já vinha fazendo ações armadas, mas em dezembro durante o primeiro assalto a bancos no Rio de Janeiro, houve prisões, e partir daí até o final de janeiro de setenta a metade dos membros do C. C. estariam presos ou mortos. Foi à primeira demonstração que o discurso seguia numa direção, luta de massas, e as práticas eram outras, guerrilha sem povo, num desencontro.

Passado o choque inicial desta derrota, montou-se outro C.C. em julho de 1970 numa reunião na Bahia, Ilha de Itaparica, em frente à cidade Salvador. Nela se aprovou um documento de nove pontos com fortes críticas a direção anterior, que supostamente teria sido burocrática, incompetente, além de intelectualizada em excesso. Estes fatores teriam levado a uma quase cisão entre a direção e a base.

Além disso, chama atenção as acusações de incapacidade e falta de determinação e seriedade contra o Comando Nacional no encaminhar da luta armada. Apesar do belicismo, se reafirmou a linha aprovada no 1º Congresso, quando se deu atenção central a tarefa essencial de inserção nas massas para a vitória revolucionária.

E para efetivar estas decisões ficou decidida a criação de Organizações Independentes de Massas (OIM) que seriam clandestinas por questões de segurança. Porém a contradição se mostrou mais clara nos pontos do documento final: *O desenvolvimento capitalista no Brasil. O aparelho de Estado: do liberalismo à militarização, o movimento revolucionário: militarismo e massismo, balanço político e ideológico do Partido, linha militar, linha de massas, a frente revolucionária popular, a luta contra os desvios de direita e esquerda, política de organização.*

Esse quadro nos mostra que as acusações contra o PCB, agora estavam servindo para hostilizar membros do próprio BR. Palavras como burocracias inoperantes foram usadas pela ALN para condenar a construção de outro Partido Comunista, postura que foi teoricamente rechaçada pelo BR, mas que na prática acabou sendo próxima do agrupamento Marighellista.

Já o quase antiintelectualismo servia para condenar as chamadas discussões inúteis que segundo consideravam só faziam atrasar a revolução. Constituiu-se assim um entrecruzamento entre guevarismo e leninismo, independente do que se falava nos documentos internos da organização.

Esta segunda Direção Central, assim como a primeira, não durou muito tempo, pois em dezembro de 1970 a base do Paraná foi destruída pelos órgãos de repressão. Em janeiro de setenta e um, durante um encontro nacional clandestino foram presos vários militantes, o que levou a uma rápida dispersão tendo em vista que existia o

perigo real de uma delação vinda de algum prisioneiro. Afinal era necessário impedir a penetração do inimigo no *Staff* partidário, a executiva do Comitê Central.

A terceira e última direção montada pelo BR se reconstituiu em meados de 1972 com remanescentes da anterior e mais alguns militantes que foram alçados ao Alto-Comando. Sua primeira decisão foi lançar uma nova diretriz, **o Informe do Interior**, quando pela primeira vez se reconheceu os revezes sofridos pela organização e a esquerda armada como um todo, além de sua fragmentação e isolamento.

Esse desencontro era aprofundado ainda mais devido à situação reinante, afinal 1968 tinha ficado para trás e a repressão estava em toda parte nos calcanhares dos sobreviventes gerando uma inversão nos papéis, pois em vez da guerrilha fustigar o inimigo, os guerrilheiros estavam sendo caçados.

Porém esse olhar realista não impediu que persistisse a crônica antinomia entre o massismo, trabalho de construção das condições subjetivas, e militarismo, continuação da luta armada a qualquer custo. Mas como a luta teria que continuar coube ao BR, em conjunto com outras organizações a última ação impactante da guerrilha brasileira, o fuzilamento do Delegado Otávio Gonçalves Moreira Jr.

Católico fervoroso, anticomunista neurótico filiado a organização ultramontana Tradição, Família e Propriedade (TFP) e ao Comando de Caça aos Comunistas (CCC), era originário da Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP). Quando do conflito entre um setor estudantil de extrema-direita da Universidade Presbiteriana Mackenzie e a esquerda da Filosofia da USP na “Batalha” da Rua Maria Antônia, apoiou os primeiros.⁹⁵

Atirador excepcional integrou-se ao DOI-CODI de São Paulo. Partícipe de torturas, assassinatos e ocultação de cadáveres de presos políticos, gostava de amarrar uma corda em uma das pernas dos prisioneiros quando levados a um ponto de encontro com seus companheiros, para segundo dizia, evitar fugas repentinas.

Em resumo, era um alvo perfeito para os objetivos dos guerrilheiros, uma nova oxigenação para a idéia de revolução armada, mesmo quando a realidade estava demonstrando justamente o contrário, que as constantes quedas de militantes estavam levando ao fim da luta.

Dessa forma em fevereiro de 1973, como sempre costumava fazer, o policial estava na cidade do Rio de Janeiro para, como rotineiramente fazia, tomar um banho

⁹⁵ Além do BR participaram no Chile do planejamento do atentado contra o Delegado ALN e VAR-Palmares e VPR. Porém esta última não esteve presente na execução. Os detalhes estão em SOUZA, Percival de. **Op. Cit.** Cap. 10. p. 161-173.

de mar em Copacabana. Na volta para a hospedagem foi surpreendido por um Comando Armado que o atingiu mortalmente com vários tiros de pistola.⁹⁶

Mas o que parecia ser uma demonstração de força e racionalidade acabou sendo o epílogo de algo que já estava apresentando sinais profundos de fraqueza, pois identificados os nomes dos autores do atentado, todos com exceção de um foram capturados, torturados e assassinados, sendo que alguns estão desaparecidos até hoje. Para o BR as consequências foram trágicas:

*“A 28 de outubro de 1973, quatro corpos semicarbonizados jaziam dentro de um carro incendiado na Praça da Sentinela, em Jacarepaguá. Puderam ser identificados Ranúzia Alves Rodrigues, Almir Custódio de Lima e Ramirez Maranhão do Valle, militantes do PCBR.. O incêndio do carro apagou os vestígios da tortura e colocou o ponto final na militância ativa do PCBR”.*⁹⁷

Esse foi o PCBR, a organização que não conseguiu superar até o seu aniquilamento total sua contradição entre o “velho”, diga-se Leninismo, e o “novo”, identifique-se Guevarismo. A prova disso pode ser encontrada na própria estratégia que construíram para sair dessa encruzilhada. Colocava-se como única possibilidade no horizonte o reforço e a reafirmação de algo que vinha se mostrando altamente falível.

No exterior, por exemplo, ainda esperava-se ansiosamente por informações sobre o que realmente se passava no Brasil, e quando a Direção-Comando recontactou os exilados, o fez acompanhada da proposta de uma nova operação militar, secreta, de retorno ao Brasil, que sem transtorno foi aceita imediatamente. O plano só não se realizou por motivos políticos alheios as suas vontades:

“Nunca nos consultaram, sequer buscaram nossa opinião. Só nos contataram – num SOS final – após setembro de 1972, quando a organização estava praticamente esfacelada. E ainda assim para propor um retorno suicida ao país, a fim de reforçar o pequeno grupo de militantes remanescentes. Manda a honestidade que se diga: tal retorno foi organizado; e só não se deu porque o golpe militar no Chile o inviabilizou”.

⁹⁸

⁹⁶ Veja Jornal O POVO. Nacional. **Grupo terrorista fuzila delegado**. P. 5. 27.02.73.

⁹⁷ GORENDER, Jacob. **Op. Cit.** p. 201. No Ceará a organização tinha sido destruída em fevereiro de 1972. Vide FARIAS, Airton. **Op. Cit.** p. 206.

⁹⁸ CARVALHO, Apolônio de. **Op. Cit.** p. 214.

5. O quadro de organizações armadas no Ceará com ramificação nacional se completa com a **Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-PALMARES)**, que como a AP não surgiu diretamente do PCB, mas de militantes que tinham sido em sua maioria da ORM-POLOP, AP e MNR.⁹⁹

O grupo surgiu em 1º de julho de 1969 após uma reunião entre as Direções do Comando de Libertação Nacional (COLINA) e da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Em seguida praticaram sua primeira ação, o roubo do cofre do ex-Governador de São Paulo Ademar de Barros.

O sucesso desta operação militar, que arrecadou dois milhões e meio de dólares, fez com que houvesse a necessidade de se convocar um congresso para se discutir o que fazer com este dinheiro, e ao mesmo tempo finalizar outras questões que tinham sido deixadas de lado em julho.

Durante todo o mês de setembro de 1969 o 1º Congresso em Teresópolis-RJ aprovou um Programa que refletiu as origens pluralistas da militância, gerando assim fortes tensões internas. A principal divergência deu-se em torno da guerrilha: seria ela imediata ou depois de um trabalho de massas? Era o velho desencontro entre o leninismo e o guevarismo foquista.

Resultado, em pleno encontro aconteceu uma divisão política, pois alguns queriam a luta armada imediata, enquanto outros defendiam que o momento era de acumulação de forças através de um trabalho de base entre as massas. Nesse desentendimento a maioria dos que já tinham sido da antiga VPR a reconstruíram, enquanto quase todos os oriundos do COLINA ficaram na VAR-Palmares.

Consagrada à divisão, aparentemente a VAR estaria imune às pressões foquistas, o que foi oficializado no seu primeiro documento oficial. Nele, ao analisar os movimentos e rebeliões populares desde final do século XIX até as Ligas Camponesas, identificaram como causa de seus fracassos, apesar de reconhecer suas tenacidades para a luta, a ausência de um partido e de um programa que fosse além da agitação social:

“Suas lutas, portanto, são as mais violentas, demonstrando o potencial revolucionário imenso dos trabalhadores rurais. A capacidade de luta demonstrada pelos beatos de Antônio conselheiro, pelos fanáticos de Zé Maria, e até mesmo pelos cangaceiros de Lampião, não teve expressão política, nem seu potencial encontrou uma vanguarda consciente capaz de desenvolvê-lo no sentido revolucionário. A luta

⁹⁹ Desta organização fez parte a Chefe da Casa Civil da Presidência da República Dilma Rousseff.

*dos trabalhadores rurais da década de 50, apesar de já possuírem expressão política, permaneceram sob o controle de “agitadores sociais”, incapazes de ultrapassar os limites do radicalismo pequeno burguês.*¹⁰⁰

Dessa forma a VAR-Palmares se autoconsiderava, como outros partidos armados ou não, guia do proletariado e da revolução: *“O Proletariado tem que estar politicamente coeso e militarmente organizado a fim de dirigir a luta revolucionária em todos os níveis, de um ponto de vista de classe. Essa coesão e organização são realizadas pelo Partido Revolucionário do Proletariado, pois somente sob a hegemonia do proletariado o poder em construção se efetivará”.*¹⁰¹

Mesmo tendo resistido às propostas daqueles que foram refundar a VPR, os que ficaram na VAR não descartaram a luta guerrilheira como instrumento revolucionário. A diferença se baseava não no método em si, mas no tempo e no momento que seria utilizado este *Knowhow*.

No próprio documento fundador do partido isso era esclarecido sem desvios ou encobrimentos. Houve inclusive um detalhamento minucioso sobre o assunto, da realidade sócio-econômica brasileira até os passos da futura guerra civil revolucionária na zona rural.¹⁰²

Para isso imediatamente após o termino do congresso de Teresópolis-RJ, paradoxalmente resolveram criar um **Setor de Treinamento de Guerrilha**. O principal objetivo era estabelecer um campo de formação militar no interior do Pará, com cursos de três a cinco meses, e no final pretendia-se chegar a cento e cinquenta guerrilheiros formados e prontos para a luta armada.

O teatro de operações escolhido para o início dos combates seria o interior do Maranhão, onde já estava sendo assentadas famílias de agricultores do Rio de Janeiro, que tinham sido transferidas com urgência, devido sua localização pelo aparato de segurança da ditadura. Até aqui não houve nenhuma contradição com a opção feita no final de 1969, em dezembro quando prisões de alguns combatentes levaram ao fim precoce do projeto guerrilheiro no Pará e Maranhão.

¹⁰⁰ VAR-Palmares. **PROGRAMA**. In: FILHO e SÁ. *Op. Cit.* p. 260.

¹⁰¹ **O partido Revolucionário do Proletariado e a Vanguarda Armada revolucionária**. VAR-Palmares. **PROGRAMA**. In: FILHO e SÁ. *Ibid. Idem.* p. 274.

¹⁰² A ESTRATÉGIA era vista da seguinte forma. 1. **Caracterização das contradições**. 2. **O caráter da revolução**. 3. **Programa estratégico**. 4. **O caminho da revolução**. A) A luta político-militar. B) A guerra revolucionária. b.1. As etapas da guerra revolucionária. b2. O elo fraco. b3) A defensiva estratégica e a guerra de guerrilhas. 5. **O Partido revolucionário do proletariado e a Vanguarda Armada Revolucionária**.

Era algo rotineiro nos documentos da VAR-Palmares a defesa do equilíbrio e da prudência, para isso se tentou uma aproximação com outras correntes políticas próximas, MR-8, POC e PRT, para formar um **Comitê Revolucionário Permanente**. Nesse documento se chegou a reconhecer o isolamento da guerrilha em relação às massas e o absurdo de querer “responder à altura” a ditadura, em partir para o confronto armado naquela situação desfavorável.

Este entendimento não chegou a dar frutos devido ao endurecimento da repressão, porém sinalizava para um tipo de luta que era pouco valorizada pelas guerrilhas existentes na época, o movimento sindical operário. Porém com o POC e o PRT se chegou a publicar um Jornal, **União Operária**, ponto de articulação de um trabalho nas fábricas que deveria construir um sindicalismo não oficial, separado do Estado, pois as Diretorias reconhecidas eram rigorosamente vigiadas pelo sistema de inteligência.

Ao mesmo tempo em que teoricamente se falava e escrevia uma coisa, dando a entender que a mobilização política massiva dos trabalhadores seria o primeiro grande objetivo, na prática se faziam ações armadas rotineiramente, numa contradição com que se pregava na teoria.

No Ceará onde estava organizada e chefiada desde 1969 pelo ex-militante do PCB, o Professor de antropologia da UFC, José Ferreira de Alencar, as expropriações, assaltos, sempre foram tarefas centrais, até para a sustentação financeira do grupo. Chegou-se inclusive a planejar a instalação de um foco guerrilheiro na Serra do Araripe.¹⁰³

No sul a coisa também não era diferente, no primeiro trimestre de 1970 a VAR tentou seqüestrar o Cônsul dos EUA em Porto Alegre-RS, no Rio de Janeiro-GB um avião foi seqüestrado e desviado para Cuba. No ano seguinte um marinheiro inglês foi metralhado na mesma cidade do Rio de Janeiro, era um ataque em solidariedade ao Exército Republicano Irlandês (IRA), a vítima deveria ser um oficial, mas acabou morrendo por engano um *seaman* de dezenove anos.

Em parte esta ansiedade em combater se explica pelo esgotamento dos recursos provenientes da expropriação do cofre do Ademar de Barros. Intensificaram-se as ações armadas para se arrecadar fundos que seriam investidos na revolução. Porém isso não explica tudo, pois a VAR assim como todas as organizações que se diziam leninista, não conseguiu superar suas contradições com as novas teorias revolucionárias.

¹⁰³ FARIAS, Aírton de. **Além das armas: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-1972)**. 1ª edição. Fortaleza. Edições Livro Técnico. 2007. p. 83 e 84.

Creio ter demonstrado isso quando enumerei em diversas oportunidades a relação ambígua que as Direções Cívico-Militares e a militância da VAR-Palmares mantiveram com suas origens, que em parte apostavam nas táticas consagradas pela Revolução Russa de 1917, mas que ao mesmo tempo eram pressionadas pelas novas opções da Revolução Cubana de 1959.

Agora existe outra influência sobre este grupo armado que está diretamente ligada com outro processo revolucionário vitorioso, a guerra de Independência da Argélia (1954-1962). Para entendermos esta problemática temos que nos remeter novamente aos desencontros acontecidos durante o segundo semestre de 1969, quando da formação e racha da organização.

Os militantes que pretendiam “sair atirando” no final do Primeiro Congresso, responsável pela reorganização da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) foi ulteriormente influenciado pela experiência argelina. Essa ligação se deu através do futuro teórico do grupo Ladislau Dowbor, o Comandante Jamil.

Estudante de Economia da Universidade de Lausanne na Suíça, onde conheceu vários estudantes do norte da África que lhe apresentaram com as idéias de Frantz Fanon. Retornando ao Brasil em 1968 se ligou a guerrilha onde teorizou sobre a Revolução Brasileira.¹⁰⁴

Ladislau Dowbor, paradoxalmente, foi o antitéorico em que o ecletismo teórico foi presença constante na sua literatura revolucionária. No seu cabedal conviviam desde André Gunder Franck até Ernesto Guevara, sendo que do primeiro tirou a conclusão de que o Brasil já era capitalista desde o século XVI por causa do “*plantation*”.

Do segundo aproveitou o foquismo para criar um neofoquismo, ou seja, em vez de se partir de um único ponto como pretendia o argentino-cubano, seriam criados ao mesmo tempo vários focos guerrilheiros na zona rural, o que não configurava nenhuma diferença profunda com o foco insurrecional tradicional.

Porém a grande influência foi mesmo Frantz Fanon, principalmente o nacionalismo antiimperialista terceiro mundista, a valorização dos trabalhadores rurais, a guerrilha urbana, a relação dúbia com o vanguardismo dos partidos políticos, e uma novidade, a

¹⁰⁴ Frantz Fanon (1925 – 1961). Psiquiatra nascido em Fort-de-France no arquipélago da Martinica, era oficial médico do Exército Francês durante a guerra de independência da Argélia, onde viu de perto as psicopatologias causadas pelo colonialismo. Teórico da descolonização e do terceiro mundismo, defendia a formação de Frentes de Libertação Nacional que através da luta armada acabariam com a dominação colonial-imperialista no mundo. É autor de **Os condenados da terra**, obra na qual sintetizou suas teorias médicas e políticas.

*defesa do lumpen-proletariado como grupo social capaz de ser tão revolucionário quanto os operários e os camponeses.*¹⁰⁵

O papel do lumpensinato na revolução dividiu a Nova Esquerda, Carlos Marighella herdeiro de parte da tradição do PCB não confiava neles, inclusive chegou a alertar os rebeldes no *Minimanual do guerrilheiro Urbano* para a diferença entre eles, os guerrilheiros marxistas que lutavam por um ideal e os marginais que assaltam pensando apenas em si próprios, inclusive matando trabalhadores inocentes.

E a VAR-Palmares? Onde pode ser localizada sua contradição? Aparece no seu PROGRAMA quando adotou uma tese semelhante as dos dissidentes que foram recriar a VPR, valorizando se não totalmente, mas parcialmente o lumpen proletariado. Essa é uma característica que salta aos olhos, afinal desde o início o marxismo-leninismo para os varpalmarianos sempre foi utilizado como guia revolucionário prioritário:

“A massa de marginalizados da cidade e do campo, vai formar o exército industrial de reserva... Permanecendo a margem do processo de produção, ou tendo com ele e com os meios de produção relações estáveis, sua atitude política é de uma extrema versatilidade, por causa das formas extremamente complexas e mutáveis das relações econômicas e sociais em que estão inseridos...” A partir desta observação sócio-econômica concluem que: *“Podem-se transformar numa força revolucionária importante se forem tratados de maneira adequada: não podemos considerar senão uma parcela minoritária dessa massa economicamente marginal como um lumpenproletariado cujos membros são realmente fechados a toda ideologia e incapazes de reagir e de se organizar no plano político”.*¹⁰⁶

Dessa forma a VAR-Palmares, assim como o PCdoB e o PCBR, foi uma organização da Nova Esquerda que ao mesmo tempo em que procurava se vincular ao antigo e tradicional não resistiu às investidas das novas receitas revolucionárias, acabando na teoria e na prática sucumbindo a elas, inclusive no próprio nome que dava a entender algo do tipo *Vanguarda* bolchevista, mas *Armada*, bem próxima do guerrilheirismo cubano-argelino.

¹⁰⁵ Para a Independência da Argélia e a participação do lumpen-proletariado veja POERNER, Arthur José. **Argélia: o caminho da independência**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1966; YAZBEK, **Mustafá. Argélia: a guerra e a independência**. 2ª edição. São Paulo. Brasiliense. 1985; Vide também os filmes **A batalha de Argel** do comunista italiano Gillo Pontecorvo (1919 -2006) e **Patrulha da Esperança** do Diretor Mark Robson (1913 -1978).

¹⁰⁶ VAR-Palmares. **PROGRAMA. Análise de classes**. In: FILHO e SÁ. **Op. Cit.** p. 263.

6. Finalmente termino este primeiro capítulo falando da organização mais singular das que atuaram no Ceará, refiro-me a **Frente de Libertação do Nordeste (FLNe)**. Sobre este grupo existem dois pontos relevantes que precisam ser destacados, a sua perspectiva regionalista, caso único na guerrilha brasileira do período e a imensa dificuldade em entendê-la com mais profundidade por causa da ausência de documentos oficiais escritos, já que não se tem notícia que tenha imprimido algum programa.¹⁰⁷

Formada no Ceará a partir de um militante expulso da ALN, o amazonense, testemunha ocular do incêndio da sede da UNE em 1964 no Rio de Janeiro, e posteriormente último preso político a ser solto no Brasil, José Salles Oliveira, e por um ex-militante da VAR-Palmares de Pernambuco, que também articularam contatos na Paraíba, a FLNe teve vida curtíssima restrita aos anos de 1971 e 1972.¹⁰⁸

O *modus operandi* da Frente em nada se distinguia dos troncos que lhe deram origem, expropriações revolucionárias como o que efetivado na coletoria de Bodocó em pleno Sertão pernambucano ou a tentativa de assaltar o Banco do Brasil na cidade do Crato, extremo sul do Ceará.

Esta última ação falira, pois o planejamento da ação fora detectado antecipadamente pelos órgãos de inteligência e repressão. Preso o guerrilheiro José Salles Oliveira as quedas começaram, o que levou a desarticulação da organização e o fuzilamento em Recife do militante João Mendes Araújo, oficialmente num tiroteio com a polícia.¹⁰⁹

Chama atenção no caso desta guerrilha a boa relação que tinham com a ALN que chegou a enviar Arnaldo Cardoso Rocha para fazer o trabalho de ligação com o agrupamento no nordeste, chegando inclusive a ter algum grau de comando na Frente, apesar da independência do grupo irmão.

Outra semelhança deste grupo regional foi o projeto para deflagrar a luta armada no campo, pontualmente na Serra do Araripe, também no sul do Ceará. Lembremos neste caso que a VAR-Palmares cearense também tinha esta perspectiva, assim

¹⁰⁷ Vide os casos das **Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN)** que existiu apenas na cidade de Ribeirão Preto (SP) e o **Movimento Revolucionário Tiradentes MRT)** que se organizou apenas no Estado de São Paulo. Portanto ao contrário da FLNe tinha até nos seus nomes perspectivas nacionais. Lembro que o Congresso que discutiria com mais profundidade as características do grupo não aconteceu por causa da sua rápida desarticulação, então o nome adotado provisoriamente poderia ter sido outro, já que existiam outras propostas. Frente de Libertação Nacional, Ação Libertadora do Nordeste ou Frente de Libertação do Nordeste. De qualquer maneira observamos uma tendência à valorização do regional.

¹⁰⁸ José Salles de Oliveira foi expulso da ALN por causa do desastre na operação político-militar no município de São Benedito (Ce). Detalhes estão FARIAS, Airton de. **Op. Cit.** Cap. 03.

¹⁰⁹ O caso do assalto fracassado também se encontra em FARIAS, Airton de. **Op. Cit.** Cap. 03.

como a ALN local, configurando dessa forma uma espécie de herança para a “filha guerrilheira”.

Termino esta explanação sobre a Frente chamando atenção que tanto a ALN como a VAR-Palmares pretendiam, apesar de não serem maoístas, adotar a guerra popular prolongada chinesa, dando prioridade ao cerco das cidades através do campo. Neste sentido o nordeste do Brasil assim como o norte e o centro-oeste, as regiões mais ruralizadas do território nacional seriam espaços perfeitos para a ação guerrilheira.¹¹⁰

Neste capítulo tentei mostrar como esse leque de organizações, movimentos, projetos que veio a ser chamado de Nova Esquerda produziu as mais variadas possibilidades para a ação política. Idéias novas que independente da vontade de seus criadores se fundiram com propostas tradicionais, bolchevismo com foquismo, maoísmo com guevarismo, ação sindical, atentados a bomba, e assim consecutivamente.

Eis que a partir desta certeza colocada pela historiografia surgem as primeiras dúvidas com relação aos combatentes cearenses, que informalmente já vinham me afirmando desde anos oitenta que leram pouca teoria revolucionária, o que foi confirmado por uma Dissertação de Mestrado publicada recentemente:

*“Uma coisa percebida nas entrevistas foi à confiança dos guerrilheiros, à exceção de um ou outro, sobre o pouco domínio que tinham do marxismo quando de sua atuação entre 1968-1972 – muitos só vieram realmente a ler Marx com profundidade nas prisões, após a derrota da luta armada”.*¹¹¹

Agora este mal entendido não se deu apenas localmente, pois mesmo na Europa continente na qual se originam a maior parte das teorias da contestação, também possui mitos intelectuais quando o assunto gira em torno de supostos teóricos que teriam guiado os revolucionários. Veja por exemplo o que nos diz Daniel Cohn Bendit sobre a influência filosófica de Herbert Marcuse e ação dos revoltosos do Maio de 1968:

¹¹⁰ É difícil identificar com precisão esse projetos nos documentos da ALN e da VAR-Palmares porque eles estão fragmentados. Mas quem se der ao trabalho de ler os escritos oficiais de ambas perceberá esta tática militar revolucionária.

¹¹¹ FARIAS, Airton de. **Op. Cit.** p. 130.

*“Marcuse foi introduzido tardiamente na França, prova disto é que, até os acontecimentos de Maio de 68, apenas 40 exemplares de Eros e civilização haviam sido vendidos na França”.*¹¹²

Voltando ao Ceará, passei a me perguntar: o que então os guerrilheiros locais leram que lhes convenceram a virar rebeldes marxistas? Esta pergunta será à base do segundo capítulo, mas que somente poderá ser respondida após minucioso trabalho de coleta de informações, pois como outro comunista que também participou dos embates teóricos que levaram a formação da Nova Esquerda, o historiador E. P. Thompson indicou:

*“A história real revelar-se-á somente depois de pesquisa muito árdua e não irá aparecer ao estalar de dedos esquemáticos”.*¹¹³

¹¹² BENDIT, Daniel Cohn. **O grande bazar**. 1ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1988. p. 13.

¹¹³ THOMPSON, E. P. **Op. Cit.** p. 135. Este historiador foi um dos fundadores da New Left Review.

CAPÍTULO II: Leituras, experiências e *consensus bellicu*.

2.1. PCdoB: Eloísio Peixoto e José Rubens Sales Bastos

Todas as práticas revolucionárias sempre foram acompanhadas de algum tipo de teorizações e discussões ligadas diretamente a certos tratados escritos. Por isso não é possível compreendermos a ação da *Nova Esquerda* no Ceará sem identificarmos as experiências e as leituras específicas dos sujeitos históricos que optaram pela luta armada.

Começamos então escutando as experiências do jovem secundarista Eloísio Peixoto da cidade de Jaguaribe.¹¹⁴ Filho de uma mãe católica praticante e de um pai agricultor e micro-empresário muito dedicado ao trabalho, enquanto a mãe era uma dona de casa excessivamente católica, postura que acabava gerando atritos entre ambos.

Eloísio apesar de ter sido encaminhado desde a infância para o catolicismo acabou interagindo com situações que despertavam incômodos: *“E a missa era um desfile de moda, as mulheres iam elegantes, os homens de paletó. Então eu digo isso não é nada do que a Igreja prega, sabe? A pomposidade, e, e, e. [Silenciou].”*¹¹⁵

Mas as tensões não se resumiram às interrogações causadas pela observação das roupas dos fiéis. A obrigação de obedecer aos rituais e atos que o tornariam católico acabava gerando novas tensões: *“Essa coisa de ser obrigado a ir a Igreja. Não era uma escolha? Não era uma escolha, você era obrigado, todo domingo você tem que ir a igreja, tem de rezar. Mas... todo mês eu tinha que me confessar, eu tinha que contar os pecados”.*¹¹⁶

Porém nada lhe constrangia mais do que a visão ensinada de Deus como um ser onipotente, onipresente, onisciente, e que também poderia ser contra aqueles que não se curvassem as suas ordens. Isso não o levou a tornar-se ateu, mas aprofundou o sentimento de aversão contra o tipo de religiosidade praticada pela família:

“Eu acreditava que existia um criador, e na verdade eu acreditava assim, Como era passado, como se Deus fosse um chefe, porque Deus pra mim era

¹¹⁴ Pequeno Município localizado num Vale homônimo no interior do Ceará, famoso pela violência privada, a conhecida pistolagem.

¹¹⁵ Entrevista com o ex-militante do PCdoB **Eloísio Peixoto** em 01.05.08. A partir de agora Eloísio.

¹¹⁶ Eloísio. *Ibid. Idem.*

*como fosse um observador, um punidor, isso que foi passado para mim. A minha mãe sempre dizia, eu fazia coisas erradas, meu filho você não tem medo de Deus?*¹¹⁷

O conflito expunha as contradições de um Cristianismo que falava ao mesmo tempo no amor ao próximo e na misericórdia divina, mas que cotidianamente era uma experiência ameaçadora. Para o jovem Eloísio a conciliação tornou-se impossível:

*Mas se eles dizem que Deus é amor, e ele está nos observando, castigando pra mim Deus castigava”. Ai o senhor foi se aborrecendo? Eu fui me aborrecendo com estas práticas de Deus ser... Calou-se com ar de aborrecimento. Quando foi com quinze anos eu abandonei a Igreja, eu achava que tinha alguma coisa que a Igreja não respondia. Sabe?”*¹¹⁸

Em paralelo a este processo de frustração e divórcio com a religiosidade realmente vivida, o estudante Eloísio ainda em Jaguaribe teve a oportunidade de ter acesso, além do livro de *Catecismo* estudado disciplinadamente toda semana, à literatura do escritor Jorge Amado através dos livros *Capitães da areia* e *O país do carnaval*.¹¹⁹

Ambos foram lembrados com imenso entusiasmo pelo militante. Seu depoimento enfatiza um caráter revelador das obras como se o contato com aqueles escritos tivessem representado uma rota de fuga em direção de algo que procurava a muito tempo.

Era uma espécie de esperança no fim do túnel, na qual ele acabou envolvendo seus dramas pessoais com aquela ficção: *“Achei legal, muito legal esse Meninos de areia. E o Jorge Amado despertava muito esse negócio da liberdade, de ser livre, eu não lembro muito da história, mas era um negócio da liberdade, de ser livre. E Deus é castrador, punidor, para mim Deus era punidor, castigava! Então nós estamos aqui só para Deus castigar”*.¹²⁰

Notamos na fala em retrospectiva de Eloísio que o contato com determinadas obras literárias, segundo afirmou, acabou servindo de válvula de escape de um mundo

¹¹⁷ Eloísio. *Ibid. Idem.*

¹¹⁸ Eloísio. *Ibid. idem.*

¹¹⁹ *Capitães de areia* foi à obra de estréia do escritor Jorge Amado em 1930. Relata os problemas do abandono de parte da infância e adolescência brasileira situação que ocasiona imensos problemas e infelicidades em nosso país. *O país do carnaval* é de 1931 relata e discute a possibilidade de uma revolução no Brasil, no caso a de 1930, como o sentido da vida para os mais variados seres humanos.

¹²⁰ Eloísio. *Ibid. Idem.* Ele confundiu *Capitães* com *meninos*, pois a obra envolve crianças e adolescentes abandonadas em Salvador.

que o sufocava, causava fortes dúvidas, e o pior, sem respostas consistentes que pudessem amenizar ou solucionar o impasse que presenciava no dia a dia.

No depoimento colhido está presente o encantamento com o modo de vida dos *Meninos de areia*, na verdade *Capitães da areia*. Soma-se a isso a interferência de um Padre, já em Fortaleza completar seus estudos secundaristas no Colégio LICEU do Ceará: *“Esse Padre foi quem me despertou realmente, e isso foi realmente o que mais me transformou! Depois inclusive me despertou para o movimento jovem”*.¹²¹

Segundo diz, o Sacerdote e mestre o impressionaram porque suas aulas de religião tratavam de assuntos que nunca em toda sua vida até então tinham sido discutidos, era uma nova teologia para ele, diferente das ladainhas, catecismos e rituais conhecidos. As novidades e diferenças foram ressaltadas com imensa satisfação:

“Na verdade a aula dele não era religião, não era rezar, não era falar em Deus, mas era politizar. Muito interessante a aula deste Padre. Mas era um cara que tinha um conhecimento muito grande da humanidade toda, em termos da evolução da humanidade, ele dava todo processo evolutivo, ele fazia uma análise histórica da evolução das civilizações anteriores a esta que nós vivemos, de movimentação, transformação”.¹²²

Eloísio nos expôs a redescoberta de uma religião completamente diferente da que conhecia, assim como também menciona o conhecimento de uma nova forma de ver a história. Nesse sentido ressaltando seguidamente a palavra *evolução* com sentido de mudança, transformação, construção do novo no lugar do existente.

Segundo afirmava a história deixava de ser estática, mas passível de ser transformada, talvez por isso utilizou-se de uma citação final enfática na conclusão do seu raciocínio para compartilhar e demonstrar o estado de graça e satisfação que lhe trouxeram estas informações recentemente descobertas e renovadoras.

As conseqüências destes contatos estimularam sua participação na Juventude Operária Católica (JOC), o que é um dado significativo para uma pessoa que tinha se afastado voluntariamente da Igreja: *“A minha tia participava lá na Igreja do Cristo Rei, tinham esse negócio lá. Mas eu participava do Movimento da Juventude Católica*

¹²¹ Eloísio. *Ibid. Idem.*

¹²² Eloísio. *Ibid. Idem.*

porque era um processo bem diferente, bem diferente, não se rezava e se orientava”.

123

A orientação a qual se refere Eloísio era a caridade do Evangelho de São Mateus, algo que se faz ao outro sem esperar nada em troca: *“E tinha uma freira, a Irmã Iolanda que era bem politizada, uma freira que usava hábito bem politizada, nas palestras ela dava noções de servir a sociedade, da Igreja servir a sociedade, nós servirmos aos outros, ajudar os outros, ajudar os outros a se organizar” sempre alguma coisa assim de politização, não*.¹²⁴

Pela forma como usou a palavra “não” entendi que politização não era subversão, no sentido marxista, mas que estas descobertas foram importantes para que fosse dado, como veremos a seguir, o segundo passo na direção de algo que favoreceria a construção do projeto que salvaria os mais necessitados. Por isso enfatizou que a irmã ensinava que deveriam *“ajudar a periferia, ajudar os necessitados, sempre nessa coisa”*.¹²⁵

Além do mais, estas palavras só confirmam o que dissemos sobre o não rompimento com a religiosidade em si, mas com determinada cosmogonia. Bastou que aparecesse algo diferente para que ocorresse uma reaproximação com a teologia, sendo a ponte a caridade católica com os irmãos e irmãs.

Embora ambos os discursos fossem religiosos, existe uma novidade na pregação da freira em relação ao Padre professor, ela enfatizou onde estavam os sujeitos que deveriam ser ajudados, na periferia, e o instrumento que possibilitaria esta ação, a organização da comunidade.

Essas novas visões teológicas se associavam a um assunto caro ao Eloísio, a liberdade, que, inclusive já tinha sido procurada na obra *Capitães da areia*: *“Falava de governos que tinham mais liberdade, governos que eram ditaduras, que foram ditaduras, porque que o caminho não era este de ditadura, mais da liberdade, porque se a Igreja era liberdade”*.¹²⁶

O impacto fez com que a instituição Igreja Católica considerada símbolo de autoritarismo passasse a ser vista de forma totalmente diferente, agora era sinônimo de mudança, transparência, tolerância, e o mais importante liberdade: *“A Igreja, a religião passou a ser para mim um outro aspecto, não passou só a rezar na Igreja, ir para a Igreja”*.¹²⁷

¹²³ Eloísio. *Ibid. Idem.*

¹²⁴ Eloísio. *Ibid. Idem.*

¹²⁵ Eloísio. *Ibid. idem.*

¹²⁶ Eloísio. *Ibid. Idem.*

¹²⁷ Eloísio. *Ibid. idem.*

Ao mesmo tempo uma série de fatos reforçaria a convicção de que na prática os discursos eram corretos, se encaixavam na realidade, afinal o movimento estudantil fazia passeatas quase diárias enfrentando a ditadura. Coincidentemente ele terminou os estudos secundários em 1968, quando já estava envolvido nas reuniões e conspirações que aconteciam no Centro dos Estudantes Secundaristas Cearenses.

Na sede local do CESC, segundo aponta em seus depoimentos, observava que os discursos eram diferentes uns dos outros, às vezes comuns de oposição a ditadura, mas em certas ocasiões conflitantes entre os tribunos. Mais tarde veio a entender que aquelas posturas eram manifestações ocasionadas pela pluralidade de correntes no meio estudantil.

Por outro lado a mudança de um primo para Fortaleza, que fixou residência na casa da tia em que ele também morava acabou servindo de ligação para que adentrasse em definitivo no mundo das organizações armadas comunistas, no caso o PCdoB. O parente era originário de Várzea Alegre, Vale do Cariri, e já era, segundo Eloísio, politizado em termos de Partido Comunista.

Este novo contato abriu novas possibilidades para um sujeito que estava procurando novidades e tentando descobrir novos caminhos: *“Foi à primeira vez que eu ouvi falar em comunismo. E aí ele falava o negócio do comunismo, de que o comunismo era...”*.¹²⁸

Mas como seria segundo o primo, organizada e quais as potencialidades da sociedade comunista que também impressionaram Eloísio: *“não havia distinção de classe social, mas uma só, nós somos todos iguais, nós somos os responsáveis pela nossa vida aqui, nós podemos fazer uma revolução, uma mudança total no mundo, na sociedade”*.¹²⁹

Eloísio informa que aproximação foi imediata, estabelecendo uma relação entre os discursos que escutava no movimento estudantil e os ensinamentos deixados de herança pelo Padre professor e a Freira. E segundo disse: *“Aí foi o Zé Auri que me fez a cabeça e quando eu vi eu já estava ligado ao PCdoB”*.

Acompanhada da decisão de entrar no partido esteve a imerção geral no movimento secundarista e a prática cotidiana de leitura de autores até então desconhecidos para ele. Um dos primeiros *Princípios fundamentais de filosofia*, de George Politzer, além de obras de K. Marx, V. Lênin e F. Engels e Mao Tsé Tung.

Este último, segundo ele, era muito valorizado no PCdoB porque priorizava a zona rural como palco obrigatório e ideal de luta, o que levava o partido a enfatizar

¹²⁸ Eloísio. *Ibid. Idem.*

¹²⁹ Eloísio. *Ibid. idem.*

constantemente, para a militância, a necessidade do seu deslocamento para o interior do país, de onde comandariam a revolução socialista brasileira.

Porém nenhuma obra foi mais arrebatadora, como disse, do que *Vietnã: a guerrilha vista por dentro* de Wilfred Burchett, que relatava a luta contra a intervenção imperialista naquele país. Para ele o contato com este impresso além de ser um relato sobre um povo que demonstrava na prática que era possível se concretizar o que ainda era um projeto para seu partido.

Para Eloísio era importante pelas instruções: “*Tem um livro chamado “Vietnã: a guerrilha vista por dentro”, aí tinha técnicas (...) É na verdade é isso, porque nós nesse livro do Vietnã só tinha técnicas de como sobreviver na selva, como montar armadilhas, como fazer túneis, fazer esconderijos, como organizar uma população para uma guerra, chamar uma população para uma guerra, fomentar uma população para uma guerra, um negócio.*”¹³⁰

Pesquisando esta obra, pudemos observar tratar-se de um relato dos conflitos que se deram no Vietnã entre o início da década de sessenta e os primeiros combates após a chegada massiva das tropas invasoras norte-americanas em 1965. Porém o que torna o livro impressionante são as minúcias que são narradas sobre a construção e fortalecimento das forças da Frente de Libertação nacional (FLN) ao sul do país.

O primeiro capítulo, *Mãe carabina e os filhos*, é marcado pelas narrações de um comandante *Vietcong*, Quyet-Thang, nele está o relato das origens das armas utilizadas pelos seus comandados, já que o país era agrário sem grandes pólos industriais, e a primeira grande batalha, Tua-Hai, enfrentada pelos revolucionários contra o Exército.

Imediatamente o leitor surpreende-se com a informação de que o material bélico portátil não veio da vizinha China, e muito menos da URSS, mas seria autóctone. E a fonte de abastecimento teria sido uma base militar avançada do Exército sulista guarnecida por dois mil homens, após ter sido atacada por duzentos e sessenta guerrilheiros.

O botim da batalha de Tua-Hai, diz o autor, foi distribuído aos seus camaradas espalhados nas províncias em volta de Saigon. Uma das carabinas veio parar as mãos do comandante Quyet-Thang, que a partir desse momento resolveu tomar um pequeno posto inimigo local, para arrecadar novas armas. E como só existia esta arma verdadeira criou-se uma estratégia psicológica para enganar os soldados.

¹³⁰ Eloísio. *Ibid. Idem.* Wilfred Burchett (1911-1983), jornalista australiano que deu voz aos guerrilheiros *vietcongues*. Manteve apesar das pressões sofridas uma firme linha de trabalho em que tentava perceber as motivações dos que eram excluídos pela maioria da imprensa ocidental.

Primeiro foram fabricados artesanalmente armas falsas de madeira que foram distribuídas a tropa rebelde, e durante uma noite sem lua atacaram o grupo inimigo encastelado no posto dentro da selva. Com megafones e tiros exclusivos da única carabina verdadeira aterrorizaram os sitiados ameaçando-os de aniquilamento pela justiça revolucionária caso os crimes contra os seus simpatizantes continuassem.

Neste planejamento a população civil teria sido importante porque, quando interrogada nos locais públicos pelo serviço de inteligência, afirmavam que não sabiam quem eram os atacantes, mais que eram muitos, dezenas ou centenas, informações que teriam levado pânico as forças governamentais.

Dois dias depois voltaram com explosivos artesanais e fizeram novas ameaças, no que resultou na rendição incondicional dos inimigos, e o conseqüente confisco de suas armas e munições. Dessa forma o comandante e suas tropas a partir de uma única carabina, “A mãe”, multiplicaram centenas de “filhos”.

O autor ainda aponta outras conseqüências geradas por estas batalhas, como a fundação de um jornal para as tropas *vietcongs* Chie Thang (A vitória), além da importante conclusão geral e lições do Comandante Quyet-Thang, referindo-se a guerra de guerrilhas, afirmaria: “*que não era a força numérica, nem o poder de fogo que conta, mas o moral e a vontade*”.¹³¹

A história narrada na primeira parte do livro deve ser relacionado com a experiência que Eloísio estava vivendo, só assim perceberemos as potencialidades desta leitura para a formação deste “vietcong” brasileiro. De início temos a descoberta de uma teologia que se assemelhava ao laicismo e o próprio marxismo, que por ser de caráter maoísta se encaixava perfeitamente com os acontecimentos do Vietnã.

Além disso, dois outros pontos ligavam o Brasil à Cochinchina: a via utilizada para combater: Repudiava-se o voto eleitoral naquela circunstância, o que se assemelhava ao que propunha o PCdoB para o nosso país, além da guerra revolucionária estar acontecendo na zona rural, teatro de operações preferencial dos seus camaradas.

Quanto ao problema da logística, intendência afinal faltava os instrumentos de ação, as armas para se iniciar a revolução, o próprio comandante asiático mostrou que isso não representava um empecilho intransponível para que se pudesse levar a frente o projeto político-militar.

E para fechar, as questões de ordem moral estavam garantidas, porque vontade era o que não faltava tanto lá quanto cá. Referindo-se as movimentações do ano de 1968 e a decisão radical tomada em 1969 diante da situação reinante pós AI-5 Eloísio afirmou:

¹³¹ BURCHETT, Wilfred. *Ibid. idem. p. 19.*

*“Que isso aqui não iria resolver nada, manifestações de rua, pichamento de muro. Não ia resolver nada! Aí o PCdoB tomou a decisão de achar que o movimento era o campo, e a gente tinha lido livros de Mão Tse Tung, e que o caminho era esse, que o caminho era o campo”. “Como o Partido tomou a decisão de ir para o campo, eu avisei ao pessoal. Olha se o Comitê Central precisar eu estou à disposição.”*¹³²

Além dos autores estrangeiros, o livro de um brasileiro foi destacado com pujança, *Cangaceiros e fanáticos*, do intelectual comunista Rui Facó. Como sabemos este trabalho tentou explicar o banditismo social e a mística religiosa que envolveu alguns movimentos rurais, como uma reação a concentração da terra no Brasil. Assim a reação armada teria sido um instrumento de libertação contra o coronelismo.

Então a conjugação da teoria marxista-leninista explícita com uma obra de história permeada por um marxismo implícito que destacava a prática móvel das lutas nos Sertões do nordeste, uma espécie de guerrilha sem ideologia bolchevista ou maoísta, acabaram complementando-se para reforçar, fortalecer e estimular as pretensões de guerra popular prolongada do PCdoB.

Nas palavras de Eloísio representou a mensagem que sanou as últimas dúvidas que ainda existiam, convencendo-lhe em definitivo a dar o passo final, em acreditar de uma vez por todas que o projeto guerrilheiro tinha viabilidade, afinal no próprio Ceará houve cangaceiros, Antônio Silvino, Corisco e milenarismo, Caldeirão e Padre Cícero:

*“Agora um livro que eu adorava em termos de, que era brasileiro, que era do Rui Facó. Era (tentando se lembrar), Cangaceiros e fanáticos? Cangaceiros e fanáticos! Eu gostava muito desse livro. Porque ele falava muito do (novamente esquecido). Canudos? Canudos! Falava dos movimentos que houveram no Brasil tem em Cangaceiros e fanáticos, era muito bom aquele livro. Rapaz aquele livro é muito interessante sabe, muito interessante sabe e realmente aquele livro foi que me deu força e complementando com o livro Vietnã: a guerrilha vista por dentro, eu achei interessante”.*¹³³

Outro partícipe do projeto guerrilheiro que diferentemente de Eloísio cresceu no meio de idéias comunistas foi José Rubens Sales Bastos do PCdoB, natural da cidade de Urubutera. O pai militante do PCB era fiel ao socialismo o que o levou a colocar

¹³² Eloísio. *Ibid. idem.*

¹³³ Eloísio. *Ibid. Idem.*

o nome num dos filhos de Lenine. Segundo José Rubens esta fidelidade ao marxismo teria lhe custado três seqüestros e prisões na ditadura do Estado Novo (1937-1945).

134

Além do pai e de um irmão, outro parente próximo era responsável por um trabalho muito importante, pois abria a possibilidade para os militantes do PCB terem acesso à mensagem do marxismo, ainda mais no Brasil que tudo era importado:

*“Tinha uma tia mais velha que morreu solteira, e ela era a principal pessoa do partido lá no interior”. Em Uruburetama? “Ela quem traduzia aqueles livros, a literatura era em francês, eles tinham muito livro lá, naquela época da ditadura enterraram livros, uma confusão mais feia do mundo”.*¹³⁵

De família Reformada Presbiteriana Independente, assim como outros guerrilheiros, José Rubens demonstrou não ter guardado tensões com as práticas religiosas da mãe. Apesar deste clima de boa convivência, muito cedo, tomou a decisão de romper com a igreja, o que não impediu que em suas memórias ficassem exclusivamente recordações cordiais.

Esse período também foi marcado pelos assassinatos do pai e do irmão devido a questões de ordem política, e como a família era numerosa, sua mãe resolveu enviá-lo para a casa de um irmão em Belém-do-Pará. Na capital paraense passou a trabalhar numa firma de exportação de produtos locais, oportunidade na qual manteve contatos com militantes comunistas na clandestinidade.

Essas relações foram às responsáveis pelas escolhas definitivas do comunismo, mas a herança deixada pelo pai também tiveram sua importância. Isso ficou latente quando lhe pedi que identificasse quem o teria influenciado mais, o discurso comunista do pai ou cristianismo da mãe? Disse firmemente: *“Comunista”*.

O que chama atenção neste caso é o fato de que ele somente teve na *Bíblia Sagrada* sua única fonte de leitura extra-escolar, o que o torna completamente diferente da grande maioria dos guerrilheiros, que de alguma forma acabaram mesmo superficialmente entrando em contato com textos marxistas.

A única coisa que explica este comportamento liga-se provavelmente a alguma lógica desenvolvida a partir do que ele escutava privadamente entre os familiares, que depois associada à vida cotidiana no espaço público, acabou dando sentido aos

¹³⁴ Pequeno município localizado na Serra de Uruburetama ou “Sovaco da Serra”.

¹³⁵ Entrevista com o militante do PCdoB José Rubens Sales Bastos em 04/04/08. A partir de agora José Rubens.

discursos materialistas, encaixando a teoria e a prática numa simbiose que o convenceu da racionalidade das palavras utilizadas pelos comunistas.

No início dos anos sessenta fixou residência na cidade do Rio de Janeiro, onde trabalhava como marítimo e fazia movimento sindical, além de ter acompanhado a luta interna no PCB que deu origem ao PCdoB. E foram justamente dois textos oficiais da nova organização, *Carta dos cem* e *Guerra popular: Caminhos da luta armada no Brasil*, os únicos citados que o teriam influenciado a enveredar para a luta armada.

Assim como o *Manifesto programa* de 1962 e *União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neocolonista* de 1966, estes documentos significam algo mais profundo que sintetizam concordâncias com certas posturas, métodos, e encaminhamentos práticos a serem utilizados no fazer política no Brasil.

A Carta dos cem, que na verdade se chamava *Em defesa do Partido/ Carta dos cem*, foi lançada em agosto de 1961, era assinado por uma centena de militantes, inclusive por João Amazonas, Pedro Pomar, Mauricio Grabois e Diógenes de Arruda Câmara, núcleo que logo a seguir formaria a primeira direção do PCdoB.¹³⁶

Na explicitação das divergências, utilizaram alegações jurídicas internas, como o artigo 32 do estatuto partidário que tornava obrigatória para todos o respeito ao que fosse aprovado num congresso nacional, para denunciar uma suposta arbitrariedade cometida pelo Comitê Central ao enviar o pedido de registro do PCB junto ao TSE com o nome de Partido Comunista Brasileiro, em vez de Partido Comunista do Brasil.

Ainda na linha da jurisprudência, os missivistas passaram então a expor mais claramente as suas posições, no momento em que lembraram a Direção Nacional que o motivo da cassação do registro partidário em 1947 estava relacionado a um possível não cumprimento pelo PCB do artigo 141, inciso 13, da Constituição Federal que exigia o respeito ao pluripartidarismo e aos direitos humanos.

Dessa forma não fora o nome da organização o responsável pela cassação do registro partidário. Então diante da informação verdadeira, bastaria que o Comitê central escrevesse ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), afirmando que o Partido defendia estas regras para obter o registro eleitoral.

O passo seguinte foi adentrar no núcleo central da questão baseando-se num suposto abandono por parte da Direção Central do marxismo em troca da legalidade eleitoral. Ao mesmo tempo não apenas se acusou frontalmente, mas apresentaram-se provas para confirmar esta nova postura política, sendo o Programa Político a confirmação do suposto desvio contra-revolucionário.

¹³⁶ Mauricio Grabois está desaparecido até a presente data.

Passou-se então a aprofundar a denúncia dando-se ênfase ao Programa do Partido, que teria regredido a um nível inferior, transformando o PCB numa sigla semelhante ao PTB e o PSB, ou seja, num partido social-democrata ou nacional-desenvolvimentista.

A taxonomização do programa apresentado a Justiça Eleitoral foi uma tática utilizada para se chegar a dois pontos considerados imprescindíveis para qualquer agrupamento marxista-leninista, a reforma agrária e a construção do comunismo. E para entendermos o porquê de tamanha celeuma e desentendimento, temos que localizar ambas as questões na estratégia geral do movimento comunista internacional.

Nesse sentido o documento ao repreender o Comitê Central por ter apenas assumido que o partido tinha como objetivo final o socialismo, em vez do comunismo, além de ter falado de reforma agrária sem a adjetivação complementar *radical*, não estaria fazendo a coisa como deveria ser feita, pelo menos para uma organização que se proclamava comunista.

Dessa forma a luta pela transformação ou como se dizia, democratização do acesso a terra inseria-se no projeto de uma revolução democrático-burguesa considerada indispensável pelo PCB para que se pudesse seguir a linha revolucionária no caminho do socialismo, para em seguida realizar o comunismo. Então se o partido tinha renunciado estes itens, significava feri-lo de morte, transformando-o em algo que teria capitulado ante o capitalismo.

No final “os cem” pediram a Direção que voltasse atrás nas suas posições que estariam renegando o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário: *“Ao adotar essa posição, confiamos que nas fileiras do próprio Partido existam forças suficientes para derrotar as tendências errôneas e encontrar o acertado caminho para resolver as dificuldades que o Partido enfrenta”*.¹³⁷

Cerca de oito anos depois, em 1969, com o PCdoB construído, ou reconstruído na linguagem oficial do Partido, foi aprovado outro documento que acabou complementando as posições defendidas em 1961. Intitulado de *Guerra Popular: caminho da luta armada no Brasil* defendia sem delongas a luta armada.

Escrito derivado das resoluções aprovadas na Conferência Partidária de 1966, do início ao fim apostava que a tática exclusiva e mais adequada a ser utilizada na revolução socialista brasileira, era a guerra de guerrilhas na zona rural, pois cerca de cerca de cinquenta por cento dos brasileiros em 1965 ainda viviam no campo.

¹³⁷ ***Em defesa do Partido/ Carta dos cem.*** Agosto de 1961.

Mesmo na América Latina a situação não era diferente, pois a maior parte da população ainda vivia na zona rural, o que a encaixava na teoria do cerco dos países urbanos industrializados pelo terceiro mundo periférico ruralizado. Configurasse então uma ampliação do cerco das cidades pelo campo, com a faixa do Rio Grande no México até o Estreito de Magalhães na Argentina sitiando os EUA.

No item final, *situação favorável à luta revolucionária*, todos os acontecimentos citados, fossem eles passados ou presentes enfatizavam experiências em que a luta armada foi ou estava sendo usada. Caso do Vietnã, Laos, Moçambique, Angola, Guiné, além dos grupos guerrilheiros da América Latina na Venezuela, Guatemala, Colômbia, etc. A China, neste sentido, era considerada a líder do processo revolucionário terceiro mundista.

A valorização das áreas periféricas do capitalismo mundial como espaços preferenciais para a luta armada, significava o reconhecimento da popularidade na América Latina do fidelismo-guevarista. Porém o PCdoB excluiu, em teoria, a possibilidade da utilização deste método de luta, pois: *“não se coaduna com a realidade dos países do hemisfério e tenta rever postulados básicos da doutrina fundada por Marx e Engels”*.¹³⁸

Junto à exclusão da filosofia militar de Ernesto Guevara e Fidel Castro, houve a preocupação de indicar aqueles movimentos, lideranças políticas e teóricos que não deveriam ser levados a sério porque eram, segundo o documento, traidores ou reformistas vacilantes.

Neste último grupo se enquadravam os militantes nacional- desenvolvimentistas- estatistas de organizações partidárias Justicialista Peronista da Argentina, o Trabalhista Getulista no Brasil ou o Arbenismo na Guatemala.

A lista se completa com os nomes daqueles que o Partido chama de falsos marxistas, os alemães Karl Kautsky (1854-1938) e Eduard Bernstein (1850-1932), o Marechal iugoslavo Josip Broz Tito (1892-1980), os soviéticos Nikita Krushev (1894-1971), Leonid Brezhnev (1906-1982) e Alexei Kossiguin (1904-1980) além do italiano Palmiro Togliatti (1893-1964).

Diante das divergências que existiam naquele instante entre as organizações e as necessidades da dissertação aparece automaticamente a problemática do significado da escolha de cada um dos personagens acima citados para serem renegados pelos autoclassificados verdadeiros revolucionários, no caso os membros do PCdoB. Por que eles? O que tais sujeitos defenderam que tanto incomodava os maoístas do Brasil?

¹³⁸ **Guerra Popular. Caminho da luta armada no Brasil.** PCdoB. 1969.

Para responder esta pergunta precisamos relacionar cada um deles com os debates no movimento comunista internacional que vem de pelo menos do último quarto do século XIX. No caso dos alemães tanto Karl Kautsky quanto Eduard Bernstein perceberam durante sua ação política que a realidade estava se divorciando da teoria. Ambos notaram que novas possibilidades como o sufrágio universal masculino, estava abrindo a porta para que milhões participassem da política.

Essa era uma realidade diferente da época de K. Marx e F. Engels, em que o voto, quando existia era censitário, com o Parlamento com poderes limitados. Então surgiu a discussão de se abandonar a idéia de insurreição e chegar ao governo pela via do voto, como os acontecimentos vinham demonstrando na Alemanha Imperial, possibilidade que vinha se desenhando no horizonte quando o Partido Social-Democrata (SPD) local chegou a obter 34% dos votos nas eleições de 1912.

Porém com a 1ª Guerra Mundial e o voto favorável dos deputados socialistas aos bônus que financiariam a máquina militar de todos os exércitos europeus e a posterior Revolução Russa de novembro de 1917, o movimento socialista se dividiu gerando um antagonismo entre comunistas e sociais-democratas.

Entre os novos guardiões da doutrina do levante revolucionário, caso dos bolchevistas da III Internacional, e os que estavam dispostos a se integrar em definitivo as instituições parlamentares, caso dos socialistas da II Internacional, os maoístas do Brasil optaram pelos primeiros.

O PCdoB, como todos os herdeiros da tradição leninista, expressou sua desconfiança com as eleições ao ausentar esta via do impresso partidário, ainda que fosse como possibilidade instrumental posteriormente descartada no momento do levante armado final.

Isso explica a identificação do militante José Rubens com suas diretrizes, e a negação de outros meios de luta como o eleitoral, o sindicalismo e o movimento estudantil contra o autoritarismo: *“Resistência sindical e estudantil sempre existiu, agora esse negócio de MDB... Existia o partido do sim e do sim senhor, Arena e MDB. Na verdade era uma fachada, um partido consentido pela ditadura para fazer a fachada pseudo-democracia”*¹³⁹

Ora mais os sindicatos e as entidades estudantis, assim como a ARENA e o MDB eram vigiados e infiltrados pelos órgãos de espionagem, e mesmo assim estas entidades foram utilizadas para fazer oposição à ditadura, mesmo nas horas mais

¹³⁹ Entrevista com José Rubens.

repressivas entre dezembro de 1968, outorga do AI-5, e agosto de 1979, decretação da anistia.¹⁴⁰

O entendimento desta paradoxalidade associa-se a visão simplista que alguns comunistas tinham a respeito do parlamento, sempre considerado uma cidadela da reação direitista ou uma formalidade burguesa, e mesmo o alargamento da participação eleitoral com o voto feminino e o fim da legislação censitária não mudou esta opinião em alguns partidos comunistas, inclusive o PCdoB.

Esses raciocínios acabaram gerando novas contradições como o que aconteceu em 1973, pois enquanto o PCdoB tentava fazer uma guerrilha no Brasil, justamente por não acreditar na via parlamentar, no Chile a burguesia local pugnava pela destruição da Câmara dos Deputados e do Senado porque ambos estavam sendo ocupando de forma revolucionária pelos trabalhadores.

Outros associados a exemplos que não deveriam ser adotados pelos revolucionários foram Josip Broz Tito e Nikita Krushev, ainda mais porque desafiaram a liderança e a imagem de Josef Stalin, considerado por muitos comunistas, inclusive os que foram construir o PCdoB, como uma espécie de santíssimo laico que jamais teria cometido erros na sua trajetória política.

A decisão da Liga dos Comunistas da Iugoslávia tendo a frente o Marechal Josip Broz Tito em seguir caminhos próprios na construção do socialismo, desafiando a hegemonia do PCUS na Europa Oriental, fez com que o COMINFORM passasse a chamá-lo de traidor do socialismo. Até um nome foi dado a esta heresia, Titoísmo, e ser acusado de desta blasfêmia significa desonra para um comunista.¹⁴¹

No caso de Nikita Krushev além da tentativa de desconstrução da imagem do “Homem de aço” do Kremlin, ainda se reconciliou com os antigos desafetos da Iugoslávia, o que levou a inversão dos papéis, pois os antes chamados pejorativamente de titoistas passaram novamente a ser respeitados, merecendo inclusive o tratamento de camaradas.

Outra novidade que envolveu o novo secretário-geral do PCUS foram suas opiniões a respeito da possibilidade de uma “coexistência pacífica” com o imperialismo capitalista e o apoio aos partidos comunistas que estavam valorizando o caminho da

¹⁴⁰ A resistência estudantil a ditadura nas entidades vigiadas pela polícia pode ser vista em PORTUGAL, Niedja Lima Torres. ***Estudantes em movimento (Fortaleza: 1969-1979)***. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza. 2008.

¹⁴¹ ***Escritório de informação dos Partidos Comunistas e de Trabalhadores***, instituição fundada em setembro de 1947 para discutir divergências entre os PCs europeus a respeito do possível comparecimento ou não na reunião que iria lançar o Plano Marshall em junho de 1948 em Paris.

institucionalidade em sociedades não socialistas, pensando em chegar ao governo pela via eleitoral.

Estas propostas acabaram levando os comunistas chineses e o PCdoB no Brasil a chamá-lo de revisionista, ou seja, revisor das teses marxista com objetivo de negá-las, o que seria alta traição ao socialismo. Além disso, o acordo que retirou os mísseis soviéticos de Cuba e o telefone vermelho entre Washington e Moscou, segundo o PC da China, foi a maior traição ao socialismo desde 1914, quando a 2ª Internacional apoiou a guerra.

Portanto o que aproximava o PCCh e o PCdoB eram os discursos militarista que enfatizavam a *inevitabilidade* da terceira guerra mundial nuclear, que o imperialismo era um tigre de papel que deveria ser provocado para em seguida ser abatido, que a verdade estava no cano de um fuzil, enfim que a força tudo resolveria, pois como diziam eleição era tapeação, e a luta armada seria a solução.

Mesmo depois da queda de Nikita Krushev seus substitutos Alexei Kossiguin e Leonid Brezniev também foram adjetivados da mesma forma que Karl Kautsky tinha sido por Lênin, como renegados. Os dois com Henry Kissinger foram os pais da *détente* que acabou no programas de controle de mísseis SALT I. Portanto ambos encarnaram por excelência a imagem da conciliação que deveria ser evitada.

Para fechar o *índex* temos Palmiro Togliatti, líder do maior Partido Comunista Italiano (PCI), o maior do mundo num país capitalista. Ele foi um dos iniciadores do que mais tarde se chamou *compromisso histórico* com a democracia, que se baseava na idéia de alcançar o governo da Itália com métodos de luta eleitorais. Com isso ajudou a criar as bases teóricas da singularidade de cada país na luta pelo socialismo.

Mais a frente o PCI condenou a intervenção do Pacto de Varsóvia na Tchecoslováquia em 1968, garantiu que respeitaria todas as liberdades constitucionais caso chegasse ao governo, inclusive o rodízio governamental em possíveis derrotas eleitorais. Além disso, prometeu que não retiraria a Itália da OTAN, respeitaria a soberania do Vaticano e manteria alguns setores da propriedade privada.

Era a configuração do *Eurocomunismo* rompendo parcialmente com a influência histórica do bolchevismo, que polêmicas a parte, batia de frente com o que pretendia em nosso país o PCdoB, por isso o documento *Guerra Popular: caminho da luta armada no Brasil* fez questão de ressaltar o nome do líder italiano, desqualificando seu ideário para reforçar suas apostas no que considerava a única rota, a luta armada.

Na outra face da moeda, estariam os imprescindíveis, como os líderes que representariam vitórias socialistas, revolucionárias, e que justamente por isso deveriam ser imitados. Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lênin, Josef Stálin e Mao

Tsé Tung. Os motivos desta escolha relacionam-se ao conflito com outros ramos do movimento comunista internacional.

Os alemães não poderiam estar ausentes porque foram os criadores do socialismo, o russo porque liderou uma revolução vitoriosa e considerava o parlamento um espaço para ser usado durante o processo de acumulação de forças. O georgiano por motivos óbvios, enquanto o chinês representava as opiniões conflitivas que denunciavam os chamadores revisionistas traidores.

As biografias históricas dos “renegados” foram deixadas de lado porque poderia causar abalos, dúvidas naqueles que estavam se oferecendo para participar da guerrilha. Como lembrar que L. Brezniev foi Comissário Político do Exército Vermelho na 2ª guerra mundial, portanto um homem de confiança do Partido. Que N. Krushev foi um dos chefes da coletivização na Ucrânia, tão defendida pelos stalinistas.

Mesmo o fato de um Palmiro Togliatti ter sido um dos vinte por cento dos delegados do Partido Socialista que rompeu conjuntamente com Antônio Gramsci para fundar o PCI, justamente porque concordava com as vinte condições bolchevistas da Internacional Comunista para ser aceito como membro efetivo, foi esquecido.

Isso sem falar do resistente ao nazi-ustachismo-católico Josip Broz Tito, e o apoio entusiástico dos expurgos na cidade de Viborg pelo jovem Alexei Kossiguin. E que K. Kautsky se declarou marxistas até o fim de sua vida e E. Bernstein apesar de crítico do bolchevismo e de certas idéias de K. Marx e F. Engels considerava o socialismo inevitável por ser moralmente superior ao capitalismo.

Não sei se o Partido sabia de todos estes detalhes biográficos, mas que houve uma operação histórica que pretendia denegrir a imagem de todos, não há a menor dúvida. E mesmo tendo colaborado no que o PCdoB considerava ações acertadas no passado, todos eram depreciados porque não se pretendia abrir mão do caminho armado. Este foi o complexo teórico que José Rubens destacou como importantes que o levaram a apoiar exclusivamente a guerrilha.

2.2. PCBR: Célio Miranda, Walter Pinheiro e José Machado Bezerra.

A leitura de determinados textos também esteve presente na casa do militante do PCBR Célio Miranda de Albuquerque, filho de um casal de trabalhadores das camadas médias baixa do funcionalismo público estadual e federal, sendo o pai militante do PCB. Sua infância e adolescência foram cercadas de publicações marxistas e comentários sobre a guerra fria.

Para demonstrar a forte presença do comunismo na família lembrou que o pai “batizou” um dos filhos com o nome daquele que simbolizava a ação revolucionária

*“Por sinal um deles se chamava Luís Carlos, e era uma homenagem do papai ao Luís Carlos Prestes. Por isso mesmo o papai era do antigo Partido Comunista, velho militante, e talvez, por causa disto eu tenha recebido alguma influência”.*¹⁴²

Além da veneração de certas personalidades, costumavam-se olhar alguns países como locais sagrados, exemplos de sociedades que deveriam ser vistas como modelos, pois superaram situações ainda presentes no Brasil, como a desigualdade social. E mais, a relação de paixão com as experiências pioneiras na ex-União Soviética e Cuba lembra algo semelhante à religiosidade em torno de cidades como Meca e Medina para os muçulmanos e Belém, Jerusalém e Roma para os cristãos.

Dessa forma o espaço geográfico torna-se sagrado e passa a ter um valor cosmogônico transcendental, transubstanciando na Praça Vermelha em Moscou, da Revolução em Havana e da Paz Celestial em Pequim em altares do mundo nas quais os crentes da revolução mundial deveriam sempre direcionar seus pensamentos.¹⁴³

*“Eu cresci escutando o papai falando maravilhas da União Soviética. Ele era apaixonado pela União Soviética, talvez no seu afã de defender o comunismo, talvez pelo seu grau de humanismo era tão forte, ele era apaixonado pelo igualitarismo. Entendo. E como o comunismo defendia esse tipo de situação social, ele era um apaixonado da União Soviética e de Cuba”.*¹⁴⁴

Sobre a ótica do mito, busco aqui perceber como este imaginário serviu de estimulante para que os guerrilheiros praticassem coisas que muitas vezes não teriam coragem de levar a frente se não estivessem convencidos de que seus sonhos e atos eram justos e corretos.

Mesmo o teísmo que para a maioria dos marxistas acabou quase sempre sendo uma fonte de atritos, no caso de Célio foi o contrário: *“A minha mãe era uma católica, mas não praticante, ela não freqüentava a Igreja, meu pai era um ateu convicto. Havia uma convivência, a mamãe não se dava a discutir, conversar sobre política, ela mais escutava, acabava acompanhando as conversas do papai.”*¹⁴⁵

A família também foi responsável pelas primeiras leituras do adolescente Célio, que segundo ele passava por duas etapas distintas e complementares. Num primeiro momento os textos marxistas eram repassados através de livros como o do historiador

¹⁴² Entrevista com o militante do PCBR Célio Miranda de Albuquerque em 14/05/08. A partir de agora Célio Miranda.

¹⁴³ FERREIRA, Jorge. *Ibid. Idem.* pp. 195 – 217.

¹⁴⁴ Célio Miranda. *Ibid. Idem.*

¹⁴⁵ Célio. *Ibid. Idem.*

Leo Huberman, autor de *História da riqueza do homem* e da literatura com *A mãe* do russo Máximo Gorky.

Depois no PCBR as obras de outro escritor, Jorge Amado, com *Subterrâneos da liberdade*, *Capitães da areia* e *O país do carnaval*, foram utilizadas na formação teórica dos quadros revolucionários. O BR também colocou na lista dos livros indispensáveis para a formação de um guerrilheiro o historiador norte-americano e o literato russo, e numa segunda etapa *O capital* de Karl Marx e Friedrich Engels.

A importância destas obras foi destacada nos seus depoimentos. Segundo afirmou o livro *A mãe* causou grande emoção pela história do operário cuja mãe sofria por causa do filho que se envolvia em greves e acabava sendo preso, e *História da riqueza do homem* porque falava da desigualdade e da má distribuição da renda.

Já o escritor baiano participou da construção do consenso radical porque seria “*um formador de consciência social muito grande*”, e apesar dele não se lembrar do conteúdo de *O país do carnaval*, destacou *Capitães da areia* como a obra que falava sobre a exclusão dos meninos de rua.¹⁴⁶

Capitães de areia versa sobre o abandono da juventude, situação que chamava atenção e incomodava Célio. Conforme enfatiza desta observação da realidade surgiram perguntas, ainda na infância, que pretendiam “*entender por que existiam pessoas tão pobres e pessoas tão ricas?*”.

Neste sentido, a realidade cearense com os pedintes lhe agrediam os olhos e impressionavam, concluindo que: “*Fui de certo modo atraído a luta contra o regime militar pela compaixão que tinha da desigualdade que tinha em relação às pessoas pobres*”.¹⁴⁷

Na sua fala Célio faz questão de lembrar o poeta Castro Alves como fonte inspiradora quando era secundarista no Colégio Redentorista dos Padres irlandeses. Na mesma escola Jorge Amado era citado nas redações, o que acabou lhe causando constrangimentos: “*quando eu me levantava para declamar poesia ou falar alguma coisa, o pessoal, a maioria dos estudantes me chingava. “Vige” vai falar o comunista*”.

148

A sua ligação com o comunismo não se deu apenas por causa dos livros e do cotidiano social trágico que vivenciava, mas também pela ação subversiva dos irmãos Mário e Pedro Albuquerque, que militavam no movimento estudantil secundário e

¹⁴⁶ Durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945) por determinação da 6ª Região Militar os seguintes livros de Jorge Amado foram queimados em praça pública de Salvador: *Capitães da areia*, *O país do carnaval*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá* e *Mar morto*. Ao todo foram 1694 exemplares destruídos.

¹⁴⁷ Célio. *Ibid. Idem.*

¹⁴⁸ Célio. *Ibid. Idem.*

universitário. O primeiro no clandestino CESC, e o segundo no meio acadêmico, aonde chegou a ser Vice-Presidente do DCE da UFC na gestão encabeçada por José Genoíno Neto:

*“Meus irmãos eram mais velhos, e praticamente sua adolescência foi praticamente quando se deu o golpe militar e talvez já por influência do meu pai eles participavam das atividades estudantis... Então pode se dizer que eu recebi está influencia, da minha família, do meu pai e dos meus irmãos mais velhos”.*¹⁴⁹

Um terceiro fator que o teria levado ao movimento guerrilheiro foi denominado como *“ambiente social da época”*, cuja marca principal era a mobilização dos estudantes contra a ditadura. E apesar dele não ser universitário, era estimulado pelos irmãos a freqüentar o Clube dos Estudantes Universitários (CEU), local marcado por discussões calorosas entre as lideranças e militantes do movimento estudantil.

Paralelo as mobilizações estava à repressão que confirmava a tese dos partidos armados de que a ditadura não tinha a menor intenção de conversar, pois: *“Quando o regime militar endureceu, tinha certa paranóia, não suportava se quer uma crítica na imprensa ou simples protesto de rua, ele endureceu através do AI-5, caçou todas as entidades estudantis, praticamente ela encerrou qualquer possibilidade de um diálogo com a juventude”.*¹⁵⁰

Agora o quadro estava definido, só restava adestrar-se para o confronto que, em alguns pontos do território nacional já estava em marcha acelerada, inclusive com ações armadas. Foi nestas expectativas que ele foi convidado a fazer um curso obrigatório de preparação teórica num dos aparelhos da organização localizado no bairro do Jardim América, em Fortaleza.¹⁵¹

Basicamente as discussões se dividiam em duas grandes sessões, a primeira privilegiava a História Geral com uma visão panorâmica que começava nos tempos medievais até o capitalismo contemporâneo. Enquanto a outra se dedicava aos acontecimentos da época, principalmente as rebeliões marxistas vitoriosas ou em andamento no mundo.

Os dois itens do curso se complementavam mutuamente da seguinte forma: a civilização constituiu o feudalismo que depois foi superado pelo capitalismo, que seria

¹⁴⁹ Célio. *Ibid. Idem.*

¹⁵⁰ Célio. *Ibid. Idem.*

¹⁵¹ Eram três os “professores” de história, o irmão Mário, a cunhada e o baiano ou como soube depois Odijas Carvalho de Souza, posteriormente assassinado sob tortura pelo DOPS de Pernambuco.

inevitavelmente substituído pelo socialismo através de uma obrigatória revolução armada, até porque existia uma ditadura e a burguesia não entregaria o poder sem resistir violentamente: *"Era quase assim uma seqüência. Então a próxima etapa do Brasil era o socialismo"*.

Este modelo histórico iniciado na Idade Média se baseou no livro *História da riqueza do homem* de Leo Huberman. Este trabalho está dividido em duas grandes unidades, a primeira *Do feudalismo ao capitalismo*, que se inicia com "Guerreiros, Sacerdotes e Trabalhadores", numa clara referência ao modo-de-produção feudal. E a outra com "A velha ordem mudou", quando trabalha assuntos da Revolução Francesa de 1789 até a restauração de 1815.¹⁵²

O segundo bloco, *Do capitalismo ao...?* começa com uma pergunta, "De onde vem o dinheiro?" quando é esclarecida a diferença entre o papel moeda que é capital e o que não é. Complementar a resposta está a nova forma de produção em que o trabalho assalariado andam de mãos dadas, construindo uma nova sociedade, a da Revolução Industrial inglesa.¹⁵³

Ainda neste livro no capítulo *Do capitalismo ao...?* o autor deixa a entender que a vitória do socialismo na Rússia-URSS seria a próxima etapa da história. "Essa perspectiva aparece nos capítulos *"Trabalhadores de todos os países, univos"*, para no final ser consagrado nos itens, *"A Rússia tem um plano"* e XXII" e *"Desistirão eles do açúcar?"*.

São justamente estas três subdivisões que mais estimularam o leitor, segundo o depoimento do Célio, a acreditar na proposta marxista. Confirma então a importância deste livro na sua adesão a guerrilha ao entender que o socialismo viria como algo natural, que obrigatoriamente chegaria como estágio superior da humanidade, custe o que custasse.

Por último este militante fez questão de esclarecer na sua fala que não leu o clássico e básico *Manifesto do Partido Comunista* e que *"adquiriu seu marxismo pelas conversas"* em casa com o pai e os irmãos e na quadra do Clube dos Estudantes Universitários (CEU) da UFC.

Caso diferente se deu com outro militante do BR, o Professor Walter Pinheiro, filho de uma família de camponeses, sendo o pai cearense de Iguatu, Vale do Jaguaribe, e a mãe pernambucana do município de Salgueiro. Essas origens rurais fizeram com

¹⁵²HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. 1ª edição. Guanabara, Editora Guanabara. 1959. pp. 02-15 e 144-153. A primeira edição norte-americana é de 1936.

¹⁵³HUBERMAN, Leo. *Ibid. Idem*. pp. 156-170.

que seus avós materno passassem por uma situação violenta que deixaria marcas na sua infância.

Em busca de uma vida melhor no Ceará os familiares de sua mãe vieram para a cidade de Brejo Santo no Vale do Cariri, onde compraram um pedaço de terra. Acontece que um “Coronel” da região derrubou a cerca da propriedade e deu um *ultimatum*, que todos saíssem daquelas terras porque lhes pertenciam. A resistência do avô a investida autoritária resultou no seu assassinato pelo mesmo plenipotenciário, o que os levou todos a partirem para Fortaleza.

Na capital o pai conseguiu emprego de soldador em várias oficinas até conseguir entrar no SENAI, onde se tornou instrutor dos mais novos, enquanto a mãe trabalhava numa perfumaria chamada Eva, no Centro. Walter foi o fruto fortalezense deste êxodo rural forçado, nascendo em 1944, no final da guerra como ele gosta de dizer. Estudante de escolas públicas passou no teste de Admissão do Colégio Liceu do Ceará.

Nesta escola conheceu o futuro Frei Tito, que segundo relatou já era envolvido na cooperativa da instituição, órgão que recebia livros e os vendia mais baratos aos estudantes. Sabia também de sua militância na JEC e na Ação Católica. Walter passou a fazer parte de um grupo religioso leigo, a Legião de Maria, onde ficou pouco tempo por divergir das suas posturas diante da ditadura: *“Eles só falavam de vida interior, espiritual”*.¹⁵⁴

Após romper com a Legião de Maria porque entendia que *“esse negócio de ficar rezando não iria dá em nada não”*, pois queria algo mais incisivo, já que tinha consciência da existência da ditadura através das conversas com os colegas de escola, conheceu melhor o Tito e os outros militantes da JEC no Liceu. Empolgado com os seus discursos, se filiou a esta instituição, quando começou a participar com entusiasmo no movimento estudantil.

Ressalto que a mãe e o pai eram católicos, freqüentadores dos cultos aos domingos, nunca houve estímulo, no meio familiar, para que ele se incorporasse a qualquer luta, mesmo que fosse através de uma organização religiosa, como por exemplo a Ação Católica.

Nem mesmo com a família sendo formada por trabalhadores de baixa renda, com os pais no comércio e na indústria, também não se falava de política ou sindicalismo em casa, ao contrário quando se fazia, raramente, alguma observação era no sentido da desmotivação: *“Meu pai até comentava nestas coisas ninguém se mete!”*. Ele

¹⁵⁴ Entrevista com ex-militante do PCBR Walter Pinheiro em 25/09/09. A partir de agora Walter.

ênfatiou no seu depoimento que a decisão de enveredar para a política foi completamente pessoal.

A op o pela JEC também foi estimulada pela tolerância com os comunistas, postura diferente de outra organiza o católico que também atuava no Liceu, a TFP (Tradi o, Família e Propriedade). Walter chegou inclusive a visitar a sede do grupo na Avenida Duque de Caxias: *“Inclusive eu cheguei a ir l  uma vez levado por um desses elementos que faziam parte da TFP. A gente foi por curiosidade, eu me mais alguns outros”*.¹⁵⁵

Quando perguntado o porquê da não identifica o com os discursos da TFP, já que eles são católicos também, respondeu: *“São, mais não dava por que eram católicos assim reconhecidamente de direita, de extrema-direita, identificado com o sistema, com que existe de mais atrasado”*.¹⁵⁶

A dinâmica da sua rela o com a religião não se finalizou neste episódio porque mesmo estando na militância da JEC, institui o qualificada pelo Walter como progressista, mas não revolucionária, houve o desencanto com a própria Igreja Católica por esta ter apoiado o golpe de 1964 com passeatas e missas, inclusive uma em que o próprio Arcebispo de Fortaleza esteve presente no Comando da 10  Região Militar para os golpistas.¹⁵⁷

Antes de se afastar da JEC leu várias publica es do grupo, desde publica es internas e externas com conteúdo espirituais até análises de conjuntura nacional e internacional, chamados por ele de políticas. Infelizmente não foi possível identificar nem parcialmente o que exatamente estes materiais escritos possuíam nos seus conteúdos.¹⁵⁸

Ao terminar o secundário reunia-se com um grupo de colegas de esquerda que discutiam estratégias para enfrentar a ditadura. Logo depois prestou vestibular para Engenharia Química na UFC não conseguindo êxito. Nessa época foi aberta a Faculdade de Filosofia do Ceará (FAFICE), aproveitou para fazer exames novamente para Letras, desta vez sendo aprovado.

¹⁵⁵ Walter. *Ibid. Idem.*

¹⁵⁶ Walter. *Ibid. Idem.*

¹⁵⁷ A reprov o de Walter Pinheiro se direciona ao terceiro Arcebispo de Fortaleza **D. José de Medeiros Delgado**, que esteve   frente da Arquidiocese entre 1963-1973, quando apoiou o golpe de 1964 ao organizar missas e passeatas contra a suposta postura marxista do Presidente João Goulart.

¹⁵⁸ Do seu acervo pessoal sobrou apenas uma cartilha da JUC paulista que também era utilizada pela JEC Ceará na forma o de quadros. Este material pertencia ao Tito por isso darei prioridade em utilizá-lo quando dissertar sobre o Frei da ALN; **Guarda Vermelha** era o nome da tropa civil armada do POSDR bolchevista durante a Revolu o de novembro de 1917. Seus componentes eram basicamente operários, que em conjunto com seus *Tovarichts* do Exército e da Armada tomaram o poder em Petrogrado.

Desde início do curso entrou em contato com as organizações clandestinas, como PCB, PC do B e também o grupo trotskista Movimento Comunista Internacionalista (MCI), quando passou a fazer algumas leituras marxistas no original. Esse momento de contato com a literatura revolucionária coincidiu também com o seu rompimento definitivo com a Igreja Católica.

Os autores variavam de V. Lênin até L. Trotsky e Rosa Luxemburgo, mas a estréia se deu com o Manifesto do Partido Comunista de K. Marx e F. Engels, obra que gerou nele uma identificação imediata com a narrativa exposta: *“Eu achei que aquilo que estava ali era realmente a saída para a classe trabalhadora”*. Além disso, entendeu que a luta não era somente para derrubar qualquer tipo de governo, no caso a ditadura, mas tinha que avançar para a tomada do poder. ¹⁵⁹

A empolgação das leituras foi tão grande que rapidamente se ligou a um grupo chamado *Guarda Vermelha*, depois transformada em MCI, tendo como líder o refugiado pernambucano que militou nas Ligas Camponesas de Francisco Julião, e veterano da tentativa de instalação de um foco guerrilheiro guevarista em Dianópolis (GO) Gilvan Rocha. ¹⁶⁰

Foi através dos seus novos companheiros ou camaradas que teve acesso a primeira leitura mais densa, a monumental biografia de Leão Trotsky escrita por Isaac Deutscher. Neste agrupamento havia uma diferença em relação à maioria dos outros partidos da esquerda guerrilheira, o trabalho de base, com os operários das fábricas era priorizado e não aos estudantes: *“Era um trabalho interessante, a gente discutia, escrevia e panfletava nas fábricas”*. ¹⁶¹

Para intensificar suas leituras o grupo adquiriu um mimeógrafo elétrico que facilitou a publicação de alguns clássicos do marxismo-leninismo, como *O estado e a revolução*, *O que fazer?* além de alguns trabalhos de K. Marx e também Rosa Luxemburgo, como *Reforma ou revolução?* L. Trotsky, claro, *Literatura e revolução?* *Terrorismo e comunismo*, Alexandra Kollontai.

Todos concordavam com publicações como *O estado e a revolução* que até tinha sentido para a Rússia, mas não para outras realidades, ou *O que fazer?* que numa Rússia analfabeta tinha viabilidade, pois quem a não ser aqueles que tinham acesso a *intelligentsia* poderiam sistematizar um projeto socialista? Por acaso o marxismo não

¹⁵⁹ Walter. *Op. Cit.*

¹⁶⁰ A trajetória do lutador Gilvan Rocha pode ser vista no seu livro de memória ***Meio século de caminhada socialista***. 1ª edição. Fortaleza. Editora Expressão Gráfica. 2008.

¹⁶¹ Referência a trilogia *Trotsky: o profeta armado*, *Trotsky: o profeta desarmado*, *Trotsky: o profeta banido*.

foi construído historicamente por uma série de teóricos? Portanto não era uma coisa natural, biológica, mas uma invenção da inteligência e dos estudos humanos.¹⁶²

Estas leituras transformaram-se em receitas mágicas infalíveis, poucos foram os que se deram ao trabalho de perguntar se tinham sentido para sua realidade. Dessa forma uma militância formada nesta escola, tinha a possibilidade de reproduzir estes valores, ainda mais numa sociedade repressiva e desinformada como a brasileira.

As opiniões Gilvan Rocha, “chefe” do grupo político que introduziu Walter Pinheiro no marxismo acabam casando com estas visões mecanicamente importadas da Europa. Ao comentar os acontecimentos de 1968 diz que nos *países periféricos* a instabilidade política se daria de duas formas: na primeira quando o poder capitalista estiver abalado implantava-se o *estado de exceção*, a chamada ditadura.

Em outro momento viria o chamado *estado de direito*, que na verdade seria apenas uma farsa porque na prática era a dominação do capital sobre o trabalho, quando o povo seria “*livre para escolher o chicote que manterá a ordem burguesa*”. Isso era chamado por eles, referindo-se aos burgueses e defensores em geral destas opiniões, como democracia.¹⁶³

Discussões a parte a Guarda Vermelha acabou se dividindo, com uma parte se filiando ao Partido Operário Comunista (POC) a outra fundando o Movimento Comunista Internacionalista (MCI). Walter Pinheiro não optou por nenhuma das duas e junto com outra companheira, Socorro Diógenes tiveram a oportunidade de fazer um contato com um militante do PCBR.

A identificação com este novo grupo foi quase imediata porque como explicou, existia uma característica no BR possibilitava que alguns lessem Trotsky e outros Stálin, portanto seria diferente de um Partido como o PC do B, que se alguém falasse em Trotsky seria excluído no ato. E para marcar esta singularidade enfatizou: “*O PCBR não, admitia esta discussão, e a gente achou que era o Partido que a gente estava precisando*”.¹⁶⁴

Dentro do *BR* existia outra norma partidária que o aproximou e convenceu ainda mais da racionalidade da sua escolha, prática que era igual à existente na Guarda

¹⁶² Vide LÊNIN, Vladimir. **O que fazer?**^{3ª} edição. Lisboa. Editorial Avante. p. 101. 1985; Reconheço que para quem ler pela primeira vez o livro *O que fazer?* a dificuldade em se perceber que V. Lênin não está dizendo que os operários e o povo em geral não são conscientes. Mas vejamos um exemplo para desmitificar de uma vez por todas esta visão equivocada sobre a questão. Quando fala, por exemplo, que o movimento operário russo sem o marxismo parece com a política da Igreja Ortodoxa, já é um sinal de que os trabalhadores estão fazendo um tipo de política diferente do que o POSDR deseja, portanto política.

¹⁶³ ROCHA, Gilvan. **Op. Cit.** p. 132.

¹⁶⁴ Walter. **Entrevista.**

Vermelha e no MCI, a valorização da necessidade de se fazer trabalho de base, ou seja, ganhar a classe trabalhadora para o socialismo e só depois fazer, como na Rússia, a insurreição popular para tomar o poder.

Sobre o assunto luta armada ele esclareceu: “*A gente aqui tinha, tanto na Guarda Vermelha quanto no MCI, resistência a guerrilha. A guerrilha em si ou ao foquismo? “Ao foquismo. Por que o MCI, e ainda hoje eu penso assim, via que a tomada do poder não pela via da guerrilha, mas pela organização da classe operária. Organizar os trabalhadores em sindicatos, conselhos alguma coisa tipo assim os soviets”.* ¹⁶⁵

A noção do tempo também estava presente na conspiração revolucionária quando enfatizou que este trabalho, o de ganhar os operários não seria algo de curto ou até médio prazo, demandaria tempo, enquanto a guerrilha, entenda-se foco, seria algo imediato e isolado da classe trabalhadora. Segundo seu conhecimento o BR não tinha pretensões foquistas, mas chegar à classe operária, porém no Ceará era muito voltado para o movimento estudantil.

Observamos dessa forma a importância da leitura de *Que fazer?* De V. Lênin, que, nestas observações, se conflita com outros dois marxistas, Ernesto Guevara, autor de *A guerra de guerrilhas* e Régis Debray, criador de *Revolução na revolução*. Nesta tensão, é claro que o Walter Pinheiro que tinha entrado em contato com o vanguardismo através do trotsquismo, também herdeiro do leninismo, sentiu-se identificado com o BR, porque verificou segundo dá a entender no seu depoimento que poderia manter a sua bagagem teórica.

Já que a norma era ir ao povo onde ele estivesse, seguindo dessa forma os ensinamentos de Lênin, conseguiu um emprego no Banco da Bahia, que com dissolução da Guarda Vermelha e sua adesão quase imediata ao BR, acabou se tornando o homem da organização nesta categoria, ponta de lança de uma oposição semi-clandestina com outros grupos de esquerda a diretoria sindical outorgada aos bancários do Ceará pela ditadura. ¹⁶⁶

Porém um acontecimento viria prejudicar os planos preestabelecidos, a prisão de um grupo de militantes do BR que panfletavam e escreviam mensagens nos muros contra a ditadura, pelo voto nulo nas eleições, além da apologia a luta armada. Entre os detidos estava Paulo Moleque, tido como valente e decidido, por isso tinha sido

¹⁶⁵ Walter. *Ibid. idem.*

¹⁶⁶ A oposição sindical bancária conseguiu tomar o Sindicato dos interventores numa vitória avassaladora tanto nos bancos privados quanto nos estatais. Porém ao organizarem uma greve por aumento salarial o Ministério do Trabalho comandado pelo do Coronel EB R2 Jarbas Passarinho deu ordem de intervenção no sindicato, o que acarretou na demissão de toda a diretoria. Vide ROCHA, Gilvan. *Op. Cit.* pp. 126-134.

deslocado de Pernambuco para ajudar na organização do grupo no Ceará. Era o início do fim do PCBR.¹⁶⁷

As conseqüências da queda do Paulo Moleque não tardaram a acontecer, duas viaturas, uma da DEOPS e outra do Exército apareceram na sua residência para prendê-lo, oportunidade que aproveitaram para fazer uma busca de materiais subversivos pela casa inteira.

O material que realmente existia, cartazes chineses, cartas de Cuba, etc, foram rapidamente enterradas pelo irmão no quintal. Começava um mês e dez dias de interrogatório no 23º Batalhão de Caçadores, Benfica, e num quartel na Avenida Pessoa Anta, na Praia de Iracema.

Sem sofrer tortura, apenas relata ter recebido uma tapa desfechado pelo Major interrogador no 23º BC quando negou diante de uma fotografia em que sua imagem aparecia na invasão do USIS (United States Information Society). Poderia ter sido diferente, pois atrás dele estavam acompanhando o interrogatório três policiais civis da DEOPS, que ameaçavam com a possibilidade de adotar métodos mais bizarros.

Apesar da insistência, nas três vezes que a DEOPS o requisitou a negativa do oficial, Major Alfredo, foi clara: *“Ele está sob minha responsabilidade, aqui, enquanto ele estiver nesta unidade está sob minha responsabilidade, e os interrogatórios serão feitos aqui”*. Marcada uma acareação entre o Walter e o Paulo Moleque, que acabou não acontecendo, foi solto.

Depois o próprio Moleque contou que tinha conversado com este oficial quando disse que tinha se enganado com a pessoa vista na universidade. Quando voltou para o banco, soube da sua demissão, não queriam subversivos na instituição, a mesma coisa aconteceu no Colégio Casimiro de Abreu, no Carlito Pamplona onde ensinava francês, disseram que ele não estava bem visto pelo governo, que terminasse o semestre pra receber as contas.

A primeira coisa que fez quando saiu da prisão foi procurar se informar sobre o paradeiro dos seus camaradas de organização, quando soube que existia uma dispersão geral no Ceará, com alguns tendo se deslocado para Pernambuco. Diante desta tenacidade perguntei ao Walter Pinheiro por que não fazer pelo menos um recuo estratégico, optar por outros métodos que não fossem os armados, como as eleições através do MDB?

Explicou então que a formação que ele aceitara deixava claro que não se tratava mais de disputar politicamente o *Estado burguês*, porque a mudança na sociedade

¹⁶⁷ A prisão do guerrilheiro Paulo Moleque pode ser entendida com detalhes no depoimento de outro militante do PCBR, Célio Miranda de Albuquerque.

tinha que ser estrutural: “*era a busca do socialismo mesmo*”. Por um lado quando confirma que a luta deve ser direcionada ao socialismo, nos diz que a revolução democrático-burguesa já teria acontecido no Brasil, que o país era capitalista, portanto estava pronto para a próxima etapa, o socialismo.

Por outro se o Parlamento e os Três Poderes foram criados pelos processos revolucionários burgueses, porque valoriza-lós? No máximo, afirma como tinham ensinado os camaradas bolchevistas, os revolucionários deveriam instrumentalizá-los para corroê-lo por dentro, pois os únicos órgãos representativos deveriam ser os conselhos, os soviets.

Eis a origem teórica da negação radical em participar de qualquer *Frente Ampla ou Popular* para derrotar a ditadura como propunha o PCB. A democracia burguesa não era uma farsa, como então colocar a possibilidade moderada de reconquistá-la, seria um passo atrás, a história afinal de contas tinha um sentido, e este seria como uma trilha que levaria ao socialismo. Portanto se democracia parlamentar era burguesia e capitalismo por que lutar por algo que deveria ser superado pela história?

Sobre o Governo e a pessoa em si do Presidente João Goulart e seus projetos reformadores do capitalismo brasileiro, sua opinião é enfática, “*não acreditava, e não acredito, porque João Goulart poderia ser de esquerda, mas a esquerda tolerada pela burguesia. Mas ele não era comunista*”.¹⁶⁸

Vejam que nem o golpe da burguesia justamente porque o Presidente começou a se comportar como um dissidente de parte da sua própria classe social ao tentar reformar com certa profundidade o capitalismo brasileiro, é olhado com desprezo, naturalidade e fatalidade, seria apenas uma esquerda aceita pela classe dominante, e a partir do momento que os donos do poder quiseram o tiraram do poder.

Sobre a relação entre as literaturas feitas no MCI, *O estado e a revolução*, outras de L. Trotsky, além dos Soviets, e a opção exclusiva pela luta não institucional disse que compreendeu “*que o sistema capitalista não dava solução para a classe trabalhadora dentro dele, que ele não era um sistema em que a classe trabalhadora pudesse se libertar, e de ter vida digna, e que a saída mesmo seria a construção do socialismo*”.¹⁶⁹

Vimos então que o livro *O estado e a revolução* de V. Lênin é uma publicação onipresente para este e outros guerrilheiros. Lançado em agosto de 1917, depois das *Teses de abril*, quando ganhava corpo no POSDR (bolchevista) a idéia da superação da *Revolução de março* vista como democrático-burguesa, por outra socialista.

¹⁶⁸ Walter. **Entrevista.**

¹⁶⁹ Walter. **Entrevista.**

No geral a obra faz um apanhado sobre a visão do Estado construída por de Karl Marx durante a Comuna de Paris, chega à Rússia de 1917 quando propõe a sua supressão, porque como já se sabia tratar-se de um órgão de classe, repressor, utilizado pela burguesia para reprimir os trabalhadores.

Dessa forma era impossível manter qualquer diálogo com as instituições estatais que o compunham, o que reforçou os discursos que consagraram a política como uma ação que obrigatoriamente apontava, em vez da integração ao seu corpo institucional, para o antagonismo, conflito e sua destruição.

Outro combatente do PCBR que também não nasceu cercado de livros marxistas, como seu camarada de organização Célio Miranda, mas sempre esteve próximo destas idéias e do movimento comunista foi o hoje Professor de física José Machado Bezerra.

Nascido na cidade de Camocim (CE), cidade do litoral norte, quase na fronteira com o Piauí, conhecida pelo seu porto e estação ferroviária, aparelhos responsáveis pela exportação de produtos primários da zona norte do Ceará. Foi também neste município que se fundou, talvez, a primeira célula do PCB estadual, no final dos anos vinte como Bloco Operário e Camponês (BOC).

Os laços familiares de José Machado o ligam a subversão, seu tio, Pedro Rufino foi um dos fundadores do Partido na cidade, e segundo seu depoimento, nasceu na casa que teria sido fundado o PCB e a primeira célula comunista do Ceará: *“Nasci nesta casa, meu apelido era operário, pensavam que eu seria um líder operário, não deu certo”*.

Seu pai, Antônio Bezerra Sobrinho, segundo disse, talvez parente de Antônio Bezerra de Menezes, líder da Confederação do Equador no Ceará. Estivador foi soldado da borracha durante a guerra, onde presenciou várias atrocidades, do transporte a partir de Sobral até a chegada e estadia na floresta, como a escravidão da qual foi vítima porque não recebia salário.

Para fugir dessa situação teve juntamente com um primo que matar o patrão e seus capangas, antes que eles o tocassem no trapiche, local onde tinha sido marcado um encontro para supostamente pagar os salários atrasados. Acabou fugindo numa canoa improvisada.

Analfabeto que só escrevia o nome, de volta ao Ceará foi trabalhar como auxiliar de sapateiro numa micro oficina, ainda em Fortaleza entrou para a Estrada de Ferro, setor de manutenção, na turma de linha trocando dormente, onde pegou uma tuberculose que acabou levando-o a uma aposentadoria precoce por invalidez.

A família aproximava o pai do PCB, principalmente quando os militantes vinham de Camocim para Fortaleza. O próprio Prestes se hospedava na sua casa. Agora apesar

disso tudo, seu pai não era filiado. Machado certa vez perguntou: *“Por que o senhor não entrou no Partidão? Rapaz eu não acredito em partido de eleição. Eu só acredito que a gente vai resolver o problema do Brasil quando a gente enforcar um general em cada poste desses.”*

Machado, segundo seu depoimento, cresceu escutando o pai falando sem dúvidas ou vacilos que só um banho de sangue resolveria os problemas, que a solução passaria pela morte de muita gente. Para exemplificar esta postura paterna narrou na sua entrevista um acontecimento.

Quando estudante do Liceu participou de um quebra-quebra de ônibus, e ao chegar a casa encontrou o pai, entre outros ferroviários amolando facas e preparando cabos de aço. Indagou o porquê daquela cena tensa e o pai respondeu: *“Rapaz bateram nos ferroviários na oficina do Urubu, vamos fazer uma manifestação”*. Segundo disse, talvez o Partidão nem soubesse daquela preparação, de que aquilo estaria acontecendo.

Porém na família existiam também conservadores de extrema-direita, como o avô por parte de mãe, da parte dos Machados, que era rico em Viçosa (CE), mas empobreceu por causa dos excessos do prazer. Passou então a ler a Bíblia, virou religioso e Integralista.

Na eleição presidencial de 1945 a parte da família ligada ao PCB fez uma lista dos que iriam morrer depois da vitória do candidato Yeddo Fiuza, pois tinham certeza da vitória em Camocim e no restante do Brasil, sendo o primeiro da lista o avô nazi-integralista. Isto nos mostra que assim como o Machado enveredou pelo marxismo, também poderia ter se tornado um direitista.

Penso então que somente uma relação social não dá conta e explica a adesão de uma pessoa a uma determinada ideologia, é necessário que tenhamos uma visão ampla da experiência pessoal dos sujeitos históricos para que possamos identificar os vetores que o levaram a determinadas práticas.

Em 1951 veio também para Fortaleza, foi morar no bairro do Bom Sucesso, fim da linha do trem, mas também aonde veio a se localizar a federação dos agricultores, lavradores e trabalhadores da agricultura do Ceará (FALTAC), entidade que defendia os pequenos proprietários rurais, lutava pela reforma agrária, que acabou se filiando a CONTAG

Foi um líder desta organização, segundo falou, que tentou armado de faca e revólver resistir ao golpe de 1964 ao desafiar a polícia para uma luta aberta. Machado acha impressionante a coragem desta pessoa, admira-o, apesar de considerá-lo meio louca.

Matriculado no Liceu do Ceará esteve em vários quebra-quebra levados a cabo pelos estudantes desta instituição, mas fez questão de esclarecer que apesar de viver próximo de comunistas, participava por gostar de arruaças, molecagem, e não por consciência política marxista. Mas foi num destes conflitos que percebeu a conexão entre a sociedade e estes fatos.

No seu depoimento, afirmou que em determinado atrito com a PM conseguiram tomar três metralhadoras dos policiais ao perceberem que as balas não furavam as paredes do Colégio, era apenas pólvora. Saíram em passeata para o Centro e quando chegaram próximos ao SENAI foram aplaudidos pelos operários que trabalhavam numa fábrica vizinha: *“Tem gente que apóia agente. Fiquei arrepiado. Eu achava que era só molecagem”*.

Em 1966 José Machado passou no vestibular para o recém criado curso de física, e lá, como disse na entrevista, se envolveu numa mobilização que pedia pequenas reforma na estrutura do espaço: *“Fizemos uma greve por luta específica, era bem besta. Nós queríamos um bebedouro, que consertassem as louças que estavam todas rachadas, as privadas, que capinassem o terreno da Faculdade, pois nós chegávamos com a calça cheia de carrapicho, etc.”*

Além disso, existia uma Professora que, segundo disse, estava massacrando os alunos, mas não sabia a matéria, colocava questões na prova e não sabia resolvê-las, diante da situação fizeram um mês de greve. Neste ínterim o Reitor da época, Fernando Leite, conseguiu convencer os estudantes a suspender a mobilização ao prometer que atenderia suas reivindicações.

Desmobilizado o movimento, um mês depois ao verem que as promessas não foram cumpridas formaram uma comissão que foi a Reitoria cobrar explicações, depõe Machado: *“O senhor disse que se nós parássemos a greve, o senhor atenderia nossas reivindicações. Porque não atendeu? Rapaz, vocês não entenderam, nada não. Eu não negocio com subversivos”*

De volta ao PICI, fizeram uma assembléia e decidiram ocupar a Faculdade. Machado, neste sentido no seu depoimento, disse que ao contrário do que se pensou na época não foi o líder do movimento. Reconhece também que apesar de não saber os motivos da ocupação da Sorbonne, resolveu imitar o gesto dos estudantes da França ao propôr que se fizesse o mesmo aqui: *“Eu só fiz a proposta, e na hora da votação foi 100% a favor”*.

Começava uma espécie de autogestão discente, os alunos do quarto ano do curso davam aula para os do terceiro, os do terceiro para o segundo e assim consecutivamente. O almoxarifado foi invadido com os papéis sendo usados para

fazer panfletos, os laboratórios foram transformados em oficinas de confecção de *molotovs*, sendo o Diretor da Faculdade expulso.

A rápida transformação da luta moderada em algo mais extremado tinha suas razões, pois alguns estudantes já eram ligados a ALN, entre os quais o Machado, que também era da comissão de defesa do DCE. Disse na entrevista, que na quadra do CEU, no Benfica, um instrutor de artes marciais chamado Davi, além de ensinar caratê, passou aos estudantes de química e física uma apostila de Cuba que ensinava a fazer coquetéis molotov.

Apear do inimigo comum, este setor do DCE foi fonte de tensões entre os agrupamentos de esquerda, pois alguns, como AP, PCdoB, Trotsquistas, achavam que suas funções estavam sendo extrapoladas para um conflito desnecessário com a ditadura. Machado discorda e demonstra sua contrariedade aos que não fizeram guerrilha de imediato.

Informei-lhe então que o PCdoB estava preparando o Araguaia e daí sua postura de certo resguardo, fez questão de ressaltar uma cena que até hoje lhe constrange: *“Eu vi militante comemorando a morte do Marighella. um cara do PCdoB disse, aquele filho da puta morreu. Eu perguntei, quem? Ele respondeu, o Carlos Marighella”*.

Eis um exemplo concreto de que mesmo na ditadura civil-militar os grupos opositores não institucionais, apesar de que terem em comum o desprezo pela luta eleitoral eram divididos e rivalizavam entre si pelo controle do projeto revolucionário que seria mais eficaz e racional, chegando ao ponto do regozijo diante da morte de um Comandante do outro, mesmo se tratando de um símbolo como Carlos Marighella.

Quase ao mesmo tempo, José Machado, que já era próximo do comunismo na convivência com sindicalistas rurais e urbanos ligados ao PCB começou a entrar em contato com a teoria marxista: *“A livraria do Aníbal Bonavides, Ciência e cultura, mandava os vendedores oferecer livros russos de física, química, e obviamente livro de marxismo. A gente se interessava, nós compramos e começamos a estudar o Politzer”*.¹⁷⁰

Machado, no depoimento, afirmou também que foi a primeira vez que lera algo mais filosófico, pois antes nunca tinha lido quaisquer obras de K. Marx e F. Engels ou qualquer outro teórico. Só tinha entrado em contato com esta filosofia através da literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos, escritores dos quais tem conceitos antagônicos.

Para ele os livros do escritor baiano são fantasiosos, cheios de mentiras, pois transformavam os personagens em heróis, como em *Subterrâneos da liberdade*. Por

¹⁷⁰ Aníbal Bonavides era militante do PCB no Ceará, fazia parte do Comitê Estadual do Partido.

outro lado disse já ser crítico, o que teria facilitado a percepção de que a esquerda não era nada daquilo.

Opinião diversa tem em relação ao também comunista Graciliano Ramos, visto como um homem mais realista, por isso se identificou com *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*. Ressaltou ainda que basicamente suas leituras se resumiram a livros de física e marxismo, e mais nenhum outro assunto.

Vejam que marxistas para o estudante Machado eram as obras que citavam os pensadores que construíram esta filosofia. A partir disso outra publicação lida por ele foi também classificada nessa estirpe, O capital do economista soviético P. Nikitin, que também era uma derivação resumida do clássico do século XIX, o que configura outra característica comum na militância, a não leitura dos escritos originais.

Não apenas no seu depoimento, mas em outras conversas José Machado sempre fez questão também de acentuar a qualidade dos livros de física importados da URSS, que seriam melhores do que os norte-americanos porque falavam em dialética e filosofia. Às vezes percebia que tais referências de mudança eram associadas à política, o que unifica o natural e o histórico.

Sobre estas leituras disse que se impressionou com Princípios fundamentais de filosofia de George Politzer, pois dava uma visão geral de tudo, além do *O livro vermelho do camarada Mao Tsé Tung*, por ser muito didático, simples. Para o caso do Machado foram estes dois volumes suficientes para consolidar uma revolta que já vinha quando passou a entender o que foi o golpe de 1964. Explicou dessa forma esta influência mútua:

“Quando houve o golpe eu não entendi, mas cheguei em casa e vi cerca de cinquenta ferroviários chorando bêbados. Um deles disse eu nunca mais entro neste Partido. Depois soube que o motivo da tristeza era o fato do PCB não ter resistido a bala aos golpistas. Penso que o partidão acabou ali, ninguém levou mais à sério o Partido”.

Não vou entrar no mérito da questão se foi certo ou errado o Partido não ter conflito belicamente em 1964, até porque não é o objetivo deste trabalho, como também não é papel de um historiador ficar expondo moralidades e opiniões taxonômicas sobre os assuntos que estuda. O importante é associar esta representação sobre o acontecimento com as práticas que veio ter o José Machado por causa da forma como interpretou este fato.

Para ele como para outros militantes a revolta pela derrota e a forma como se deu representou um divisor de águas sobre como fazer política no Brasil. Como disse no

primeiro capítulo existiam tensões e conflitos entre duas propostas, uma que pretendia se institucionalizar e outra que desconfiava e até repudiava esta possibilidade. Com o golpe ganhou força a segunda corrente na esquerda em geral e principalmente no PCB.

Machado, em depoimento, acha que o seu caso de revolta por causa de 1964 não foi o único, e afirma que nem os dirigentes que vieram a comandar a guerrilha tinham idéia da ferocidade dos militantes jovens decepcionados com a ditadura e a forma como foi implantada.

Citou o próprio Carlos Marighella que ao saber do seqüestro do Embaixador dos EUA numa flagrante contradição condenou a ação, pois era defensor do discurso que dizia: *“os revolucionários não deveriam pedir licença a ninguém para fazer a revolução. Não foi ele que acabou com a organização partidária e fragmentou os comandos de ação?”*.

Neste clima ligou-se inicialmente a ALN através do instrutor Davi e também de um colega que desconfiava ser desta organização, Fabiane Cunha, que participava com ele da Comissão de defesa do DCE. Porém, como destacou no depoimento, seu espírito crítico fez com que começasse a desconfiar do foquismo, apesar de não ter lido *A guerra de guerrilhas* de Ernesto Guevara ou *Revolução na revolução* de Régis Debray.

Neste ponto surge uma problemática, como o Machado pôde ter sido crítico ao foquismo se não leu os dois trabalhos teóricos que defenderam e consagraram este método de luta? Ao depor, explicou que se falava demais no assunto no meio acadêmico do assunto, o que favoreceu para que entendesse do que se tratava.

Além disso, as práticas da ALN acabaram confirmando os discursos dos opositores desta teoria cubana, porque simplesmente não faziam trabalhos de massas, pelo menos não teve oportunidade em notar investidas nesta direção. Sintetizou este comportamento do grupo marighellista da seguinte forma: *“Eles achavam que praticando ações espetaculares a massa se empolgaria, e conseqüentemente entraria na luta”*.

Resolveu abandonar a ALN, mas não se ligou a outra organização, apenas ficou no movimento estudantil clandestino após a decretação do AI-5, sendo eleito para a diretoria clandestina em 1970, mesmo estando com hepatite. Surgiram então dois militantes do PCBR, codinomes Assis Magrinho ou Maguin e Baiano, que lhe apresentaram a plataforma do grupo, fazer trabalhos de massas ao estilo leninista e ao mesmo tempo luta armada.

Machado se incorporou imediatamente ao grupo por concordar plenamente com esta visão. O jovem revolucionário percebeu uma diferença em relação à ALN, após a

morte ou afastamento dos dirigentes mais antigos percebeu que se passou a ter um alargamento nas leituras, pois se passou a ler qualquer coisa, de Stálin até Trotsky. Diz que não viu nenhuma diferença entre um e outro, seriam apenas relatores de casos.

Além do mais foi percebendo que o BR assim como a ALN não fazia trabalho de massas, apenas guerrilha. Apesar disso permaneceu no grupo até o seu por um lado, aniquilamento pelas forças de segurança da ditadura e por outro, auto dissolução, segundo afirmou em depoimento, na anistia em 1979.

2.3. ALN: Silvio Mota e Carlos Timoshenko.

As leituras também foram uma presença constante na vida do guerrilheiro e Comandante Militar da ALN no Ceará Sílvio de Albuquerque Mota, é neto do escritor e folclorista cearense Leonardo Mota, sendo o pai 1º Tenente Exército Brasileiro e a mãe Professora do Ensino Fundamental.

Segundo Sílvio a política aflorava no pai, inclusive de forma contraditória. Nos anos trinta ele chegou a assinar uma petição da Ação Integralista Brasileira (AIB), freqüentou reuniões públicas de comunistas e depois durante a Segunda Guerra Mundial escreveu um soneto chamado *Ode a Stalingrado* que acabou se perdendo.¹⁷¹

Esta abertura excessiva para a política o levou a ter problemas durante o adestramento militar que o preparava para embarcar para a Itália na Força Expedicionária Brasileira (FEB): *“E quando justamente ele seria promovido de soldado à oficial esse negócio, o Comandante disse que diabo é isso? Esse homem não pode ir para a Itália porque ele é comunista, está aqui num comício comunista. “E o pior ainda ele é nazista”.*¹⁷²

Ainda no espaço privado outra pessoa foi marcante na formação do caráter da criança Sílvio Mota, a babá Laurinda Vieira de Souza, vista como segunda mãe, e carinhosamente chamada de Tata. As suas narrativas acabaram criando um imaginário repleto de heroísmo:

“As lendas, as histórias de cangaceiro, as histórias de luta que a Tata me contava. Eu cresci escutando “histórias” de bravura, de coisas, esse negócio todo. E depois

¹⁷¹ **Ode** é uma composição poética que surgiu na Grécia antiga, e era cantada e acompanhada pela lira. Em grego significa canto. Ela se divide em estrofes semelhantes entre si, tanto pelo número quanto pela medida do verso.

¹⁷² Entrevista com o ex guerrilheiro e comandante militar da ALN no Ceará Sílvio de Albuquerque Mota realizada em 28/01/08. A partir de agora Sílvio Mota.

*ainda teve a Sara Mourão. Ave Maria, ela nasceu debaixo de bala lá no Piauí. “Então tudo isso, toda essa coisa eu absorvi”.*¹⁷³

A incorporação do espírito de valentia e coragem na criança Sílvio Mota reforça mais tarde uma moral que se expressa na necessidade, segundo enfatiza Sílvio Mota, de não fugir a luta diante de situações hostis, que acabavam virando desafios a serem vencidos. A própria literatura nos mostrou em diversas situações a importância da bravura na cultura local, a necessidade de se ter *brios*, até porque representava um traço de masculinidade.

Esta claro na sua formação, segundo suas palavras, a idéia de que no Sertão, a noção de *honra e coragem*, atitudes que deveriam nortear o comportamento para o resto da vida. Assim ter coragem significava ser um homem honrado e respeitado, enquanto uma pessoa desonrada era aquela que não tinha coragem: *“foi isso que a Tata me ensinou e era o que se ensinava em todos os sapês lá na Serra Grande”.*¹⁷⁴

Porém ter presente estes traços da cultura sertaneja não significava querer viver o sonho romântico regressista do bandoleirismo, pois como afirmou, cangaceiro não tem nada a ver com guerrilheiro. Foi ressaltado também pelo Comandante que dessa cultura sertaneja também foi retirado o sentimento de defesa dos mais fracos e desprotegidos, o que ele via como uma obrigação moral ocupando um papel de “coronel” às avessas.

Claro que os “coronéis” pretendiam uma clientela em proveito político e econômico bem pessoal, o que não é o caso do nosso sujeito, mas se vê a reconstrução de uma prática tradicional em proveito e direção de algo, a revolução socialista, que negaria a perspectiva tradicional do clientelismo.¹⁷⁵

Em outro traço da cultura local, durante a infância e parte da juventude Sílvio Mota teve alguns conflitos com a religião, apesar dos pais serem católicos tolerantes o suficiente para colocá-lo no Colégio Sete de Setembro, propriedade de uma família de protestantes Batistas. Depois para terminar seus estudos foi transferido para o Colégio Marista Cearense, onde começaram os atritos com o catolicismo.

Na eleição para o Grêmio José de Alencar convenceu a chapa adversária a se dissolver para que fosse organizada uma única, de conciliação, capaz de disputar o

¹⁷³ Entrevista com Sílvio Mota. Este trecho foi narrado pelo entrevistado com muita emoção.

¹⁷⁴ Entrevista com Sílvio Mota.

¹⁷⁵ O caso de Sílvio Mota não é o único, pois um político como Leonel de Moura Brizola, que claramente possuía traços caudilhescos tentou efetivar no Brasil um projeto social-democrata da II Internacional Socialista; Para o mandonismo ler MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta**. 1ª edição. São Paulo. Editora HUCITEC. 1994. pp. 17-51.

pleito. A estratégia se mostrou viável, trazendo a vitória, que, no entanto, não foi aceita pelos Padres, no que resultou na dissolução da entidade estudantil.

Em seu depoimento reafirma-se a existência de um conflito com a direção da escola pela postura autoritária. Além disso, havia o culto oficial a certo sujeito histórico que alimentava ainda mais a sua oposição radical aos Padres: *“O Colégio era tão reacionário que idolatravam o Padre Champagnat”. Ele era contra a Revolução Francesa, e os Padres gostavam do Franco*.¹⁷⁶

Paralelamente, neste período, Silvio dedica-se regularmente a ler os livros de filosofia da biblioteca deixada de herança pelo avô, ato que o levou a tornar-se íntimo dos mais variados títulos, assuntos e autores. Lá se encontravam a sua disposição Gustavo Barroso, Ernest Renan, Platão, Gilberto Freire, Friedrich Nietzsche, os Iluministas, além das coleções Tesouro da Juventude e Clássicos Jackson. Para completar leu a Bíblia do Gênesis ao Apocalipse.

As afirmações de Silvio indicam quanto o conteúdo, especialmente a ilustração francesa, somada à crítica radicalizada ao cristianismo dos anos mil e oitocentos lhe convenceram da inutilidade da religião e a conclusão da não existência de Deus, além da certeza de que a religião em si era reacionária e contra-revolucionária.

Citou os livros *Assim falou Zaratustra* de Friedrich Nietzsche e *Vida de Jesus - origens do Cristianismo* de Ernest Renan como as publicações que lhe direcionaram para o anticlericalismo radical. Dessa forma os textos bíblicos foram dessobrenaturalizados e passaram a ser contestados como qualquer outro texto.

Enquanto os embates aconteciam na escola, o estudante marista adentrava no mundo das obras que declararam uma verdadeira guerra filosófica contra a religiosidade, em especial ao Catolicismo. Sabemos também que alguns iluministas denunciavam além do irracionalismo, o autoritarismo da *“Infâme”*.

Silvio formulou uma leitura a partir, de suas experiências, de um profundo desagrado com a postura da escola diante da eleição do Grêmio, do reacionarismo dos Padres. Dessa forma as duas vertentes, a prática e a teórica, acabaram se cruzando e dando sentido ao anticlericalismo.

¹⁷⁶ *Ibid. Idem. Marcellin Champagnat* (1789-1840). Padre francês fundador do **Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria** e das **Escolas Irmãos Maristas**. Odiava a Revolução Francesa por causa das perseguições contra a Igreja, o que o levou a chamá-la de obra satânica do iluminista que desejava destruir o Cristianismo; **Francisco Franco** (1892-1975). General líder do *pronunciamiento* militar contra a República Espanhola que levou a guerra civil (1936-1939). Após a vitória tornou-se ditador e chefe de um regime autoritário Nacional-Católico antagônico as Revoluções Francesa e Russa, acontecimentos que segundo a extrema-direita franquista simbolizavam a conspiração de maçons liberais e marxistas para destruir o Cristianismo. Seu símbolo era a Cruz Decussata de Santo André, pois estavam dispostos ao martírio na luta contra os defensores de 1789 e 1917.

O pai além de administrador de empresas era Professor de História, o que lhe garantia em casa uma farta quantidade de livros sobre as civilizações das Américas, umas três ou quatro enciclopédias e múltiplos textos sobre o passado do Brasil e do mundo. Também estavam presentes autores locais.

De Gustavo Barroso, católico fervoroso, anti-semita, aderente dos regimes de extrema-direita como o nazismo, fascismo, salazarismo, autor que trabalhou nos seus textos históricos as guerras entre o Brasil e os seus vizinhos no século XIX, Sílvio afirma ter se identificado com o patriotismo: *“Eu li muita coisa do Gustavo Barroso, imagina aquele sujeito ultra-direitista, mais que contava as guerras do Brasil, essas coisas todas”*.¹⁷⁷

Na sua leitura, como se observa, não podemos afirmar que houve uma fonte única de formação. Muito pelo contrário, pois ele fez uma leitura particular da mensagem patriótica barrosiana, o que acabou alimentando o sentimento nacionalista no jovem Sílvio Mota gerando um conjunto teórico que levou a sacralização da *pátria, da nação e do país*.

A identificação foi tanta que anos depois ao saber que o intelectual respeitado era Integralista significou um grande choque emocional, uma imensa surpresa, já que no seu depoimento confirmou a importância deste pensador na sua formação política: *“Eu não sabia que ele era de direita”*.

Nesse sentido a compreensão que elabora sobre o golpe de 1964, mostra este sentimento nacionalista, ao constituir um ódio especial aos golpistas, especialmente porque os vencedores teriam violentado a soberania nacional ao venderem o Brasil às multinacionais, a CIA, enfim aos estrangeiros: *“o que eu não aceitava era esse negócio de estrangeiro mandar no meu país”*.¹⁷⁸

Sílvio Mota enfatiza que em outra oportunidade antes da ditadura, esta tensão entre o nacionalismo pessoal e as posturas daqueles considerados traidores se fez presente no Instituto Brasil - Estados Unidos (IBEU), local onde trabalhava como Professor de inglês e obrigatoriamente tinha que conviver com norte-americanos. Os atritos começavam quando as discussões adentravam na política internacional e as posições que os governos deveriam ser adotadas pelos governos do Brasil.

Quase sempre os funcionários nacionais acabavam apoiando todas as ações dos governos de plantão em Washington, além de terem posturas anticomunistas raivosas. Gerou-se da parte de Sílvio um duplo aborrecimento, pois além de considerar

¹⁷⁷ As obras são ***A guerra do Lopéz*** (1928), ***A guerra do Flores*** (1929), ***A guerra do Rosas*** (1929), ***A guerra de Vidéo*** (1930) e ***A guerra de Artigas*** (1930).

¹⁷⁸ Entrevista com Sílvio Mota.

equivocadas as escolhas políticas dos colegas, os conterrâneos eram americanizados, o que o levava a concluir que: *“Eles eram totalmente antibrasileiros”*.¹⁷⁹

O aprofundamento do conflito acabou levando o Professor a tomar uma decisão drástica para se livrar do ambiente de trabalho, que além de sufocá-lo era considerado um espaço de gente medíocre, vendida e não patriótica. Parecia a ele que os brasileiros eram mais americanos, que os próprios americanos.¹⁸⁰

Da mesma forma que a leitura formava um complexo às vezes contraditório, na relação e interpretação dessa realidade era permeada por muitas dessas incoerências. Se por um lado debatia-se com que considerava uma política imperialista, chegando a demitir-se do cargo de professor do IBEU, no entanto na mesma instituição participaria de um concurso organizado pelo Partido Republicano sobre a paz mundial.

Acabou vencendo com o ensaio *Qual a maior contribuição do Brasil para a paz mundial?* onde afirmava ser a mestiçagem racial o caminho para chegarmos a uma paz duradoura. Como prêmio ganhou uma viagem aos EUA que incluía uma visita aos irmãos Kennedy em Washington.

Na Casa Branca a delegação teve um rápido encontro com John, e Robert com o qual pode ter uma conversa mais prolongada e girou em torno dos programas sociais que os Estados Unidos apoiavam no Brasil, e surpreendendo os presentes *“reconheceu que as relações eram em muitos casos injustas entre eles e a América Latina.”*¹⁸¹

Durante a excursão afirma ter ficado estarelecido com o, o racismo extremado, que além de aberto, acabou atingindo um dos agraciados, o representante da Etiópia, que reagiu a uma palestra no Auditório da Universidade de Princeton em que um professor branco falava sobre a superioridade das civilizações caucasóides sobre as negróides: *“Ele começou a gritar eu sou um ser humano e vários escândalos como esse”*.¹⁸²

No depoimento cristaliza-se a idéia de uma recusa da sociedade americana, e mesmo a opulência material da Nova Inglaterra, pois a viagem foi de Richmond, na Virginia até a cidade de Nova Iorque, não abalou suas convicções. Ressaltando que olhava *“mais para a igualdade do que para a riqueza. Porque afinal de contas riqueza existe no Congo”*.

Silvio Mota observa ainda que nunca ficou deslumbrado com os EUA. Suas preocupações direcionavam-se para as condições de vida dos mais pobres, como os negros. Este olhar prioritário sobre este grupo o levou a duas conclusões, que o *New*

¹⁷⁹ *Ibid. Idem.*

¹⁸⁰ *Ibid. Idem.*

¹⁸¹ *Ibid. idem.*

¹⁸² *Ibid. idem.*

Deal do Presidente F. D. Roosevelt não tinha chegado nestas comunidades, o que as tornava semelhantes à realidade do Brasil.

Essas visões da sociedade norte-americana e a automática relação com outras partes do mundo normalmente parte de pessoas que possuem antecipadamente algum entendimento sobre o funcionamento do sistema econômico global em que alguns países são considerados exploradores enquanto outros são periféricos e complementares dos mais ricos.

Isso nos remete desde as chamadas colônias de exploração versus de povoamento até as teorias imperialistas de Rosa Luxemburgo (1871-1919), John Hobson (1858-1940), Nikolai Bukarin (1888-1938) e Vladimir Ilich Lênin (1870-1924).

No caso do guerrilheiro da ALN como quase todos os marxistas do terceiro mundo nos anos sessenta tinham ligação com a construção, ou como se dizia, libertação definitiva da nação através da segunda independência, ou seja, da revolução socialista que arrebentaria em definitivo os laços que bloqueavam a fundação da nova pátria.

E como eram patriotas e internacionalistas proletários ao mesmo tempo não descartavam que mesmo nos EUA acontecesse uma revolução marxista, tendo a frente os trabalhadores mais humilhados, os negros, possibilidade que tinha sido levantada por pelo apologista da revolução permanente no século XX Leon Trotsky.

Tais teorias podem ser observadas nas respostas dadas as indagações sobre os mecanismos culturais utilizados pela CIA para criar aderentes do imperialismo com o fornecimento de bolsas de estudo, complementos escolares nos cursos de língua, entre outras táticas: *“Huuuummmmm. Quando eu fui para lá, eu já tinha uma certa formação, eu já freqüentava o escritório 25 de março. Se alguém tivesse me mandado para lá para ver se eu me descomunistava se arrependeu”*.¹⁸³

O fato do militante assumir que possuía certa formação nos dá a entender que estava blindado contra as investidas ideológicas da direita, pois a teoria marxista lhe tinha instrumentalizado para estes embates. A intimidade com a filosofia revolucionária já era de certa forma um tanto profunda, e levou-o a freqüentar a sede da organização

¹⁸³ **O Escritório 25 de março** era a sede do Comitê Estadual do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no Ceará. Os comunistas utilizavam esta data porque coincidia com a abolição da escravidão em Fortaleza em 1884 e com a da fundação do Partido no ano de 1922. Na verdade era uma tentativa de confundir os adversários e inimigos, estratégia que acabou não funcionando, pois em 1964 o recinto foi invadido pelas forças policiais e militares golpistas ocasionando o confisco de todos os arquivos partidários e a sede lacrada para sempre; O militante do PCBR **José Machado Bezerra** me confidenciou que os agentes do DOI-CODI lhe ofereceram uma bolsa de estudos nos Estados Unidos em troca do abandono das suas idéias e lutas revolucionárias, o que não aceito pelo guerrilheiro rendendo-lhe mais agressões físicas da parte dos agentes do terrorismo de Estado.

que se considerava porta-voz desta ideologia e dona dos segredos da revolução brasileira, o PCB regional.

Por isso o resultado final da viagem é visto como uma vitória sobre aqueles que teriam pretendido enganar-lhe para lhe transformar em agente de um projeto que significaria traição a pátria e ao povo brasileiro. Com vibração e regozijo relatou o resultado: “*Não houve muita influência por que foi enfrentamento o tempo todinho.*”¹⁸⁴

O nacionalismo deste combatente não foi uma exceção entre os marxistas dos anos sessenta e setenta, mais a regra, pois ser comunista e defensor da nação contra o imperialismo era quase a mesma coisa, mesmo a burguesia considerada nacionalista era respeitada por ser supostamente patriota.

Mesmo após as divisões no PCB que levaram aos grupos armados como a ALN, esta visão patriótica não foi modificada. Ainda nesta perspectiva Glauber Rocha, guerrilheiro cultural que através da película, *Deus e o diabo na terra do sol*, criticou as rebeliões baseadas no cangaço e no messianismo, construiu este enredo baseando-se em *Cangaceiros e fanáticos* do marxista Rui Facó e na publicação de estréia de Gustavo Barroso, *Terra do sol. Natureza e costumes do norte* (1912).

Par chegar a este ponto de inflexão com aqueles que passaram a ser considerados adversários e até inimigos, Sílvio deixa a entender que o marxismo-leninismo o ajudou a ter uma visão mais ampla da realidade: “*Apareceu este livro, comecei a ler. Eu me aproximei do marxismo sozinho lendo Politzer.*”¹⁸⁵ Desse dia em diante houve uma transformação radical nos seus entendimentos sobre o que era o mundo: “*E a partir de Politzer as coisas se tornaram muito mais claras para mim*”.

Este deslumbramento é muito semelhante aos efeitos observados por Henri Chamber sobre aqueles que leram pela primeira vez obras marxistas de um só fôlego: “*Depois eu tive contato com o Zezé de Alencar, ele começou a conversar mais comigo, me indicar mais leituras, eu comecei a freqüentar a livraria do Raposo, e meus conhecimentos se solidificaram através do curso lá do Partido Comunista através do Apolônio de Carvalho*”¹⁸⁶

O resultado desta transição teórica ao socialismo foi que entre 1961 e 1964, tornou-se um militante que confessou aborrecido: “*eu durante todo este tempo lamento*

¹⁸⁴ Vide RIDENTI, Marcelo. *Op. Cit.*

¹⁸⁵ Entrevista com Sílvio Mota.

¹⁸⁶ *Ibid. Idem. Zezé Alencar* ou José de Alencar era Professor de antropologia da UFC e militante do PCB cearense. Em 1964 rompeu com o Partido para militar no PCdoB, de onde também se retirou para tentar organizar a VAR-Palmares no Ceará. Preso foi levado para o Rio de Janeiro onde conheceu as sevícias dos porões do regime, inclusive uma encenação de fuzilamento na então deserta Barra da Tijuca. **Manoel Coelho Raposo** era proprietário de uma livraria em Fortaleza que vendia literatura subversiva, com o golpe ela foi fechada pelas autoridades outorgadas a nação.

muito porque não é muito interessante dizer, eu fui um obediente quadro do Partido". Mas o que continha a obra de George Politzer que tanto o encantou e o convenceu a aproximar-se dos comunistas e rapidamente integrar-se aos quadros do PCB? ¹⁸⁷

Antes de tudo é necessário lembrar que o pensador magiar-francês foi um dos criadores da Universidade Operária de Paris, onde trabalhadores de diversas categorias profissionais tiveram oportunidade de estudar marxismo, e tornarem-se agentes da revolução mundial.

Com a ocupação teuto-nazista e ítalo-fascista na França, passou a fazer parte da resistência, sendo morto pelo inimigo na clareira de Mont Valérien em 1942, o que acabou lhe dando o título de "Morto pela França". Seu desaparecimento não significou o fim da experiência universitária alternativa, mas seu crescimento, agora com a Universidade Nova de Paris.

Foram justamente os seus discípulos que relançaram o principal trabalho de Georges Politzer citado por muitos guerrilheiros, *Princípios fundamentais de filosofia*, mas que na verdade era o desdobramento de outra, *Princípios elementares de filosofia*, esta sim a original. Portanto os leitores não tiveram acesso aos materiais utilizados no biênio 1935-1936, mas outro que sofreu algumas modificações.

Dividido em três partes, onde se pretendia conceituar a filosofia, estimular o seu estudo e identificar o que seria imprescindível na formação dos quadros revolucionários, utilizou-se desde um René Descartes, passando por um Condorcet, é claro, K. Marx, F. Engels, Mao Tsé Tung, Maurice Thorez, até os que são considerados pelos apresentadores da obra, Guy Besse e Maurice Caveing, como os mais eminentes discípulos dos fundadores do marxismo, Vladimir Lênin e Josef Stálin.

¹⁸⁸

Este último recebeu atenção especial porque teria dado grande contribuição através dos tratados *Materialismo dialético e materialismo histórico* transplantado no capítulo IV da obra histórica oficial do PCUS, *História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS*, publicação que teve em Josef Stálin coordenador geral. ¹⁸⁹

A chave inicial da preparação dos combatentes da revolução passava pela desconstrução de certa visão obscura que se tinha a respeito da filosofia, que em muitos casos parecia ter uma áurea de mistério e devaneios que acabavam

¹⁸⁷ *Ibid. idem.*

¹⁸⁸ A 1ª edição brasileira (1960) é baseada na francesa de 1954 quando os comunistas já tinham vencido a guerra civil na China, por isso Mao Tsé Tung está na listagem dos imprescindíveis.

¹⁸⁹ Ambos os livros foram publicados em 1938, portanto depois das aulas de Georges Politzer.

transformando a nobre ciência filosófica em um jogo de idéias afastado da realidade, o que não convencia ninguém sobre a verdade do mundo.

Dividida em dez períodos, a história é vista como a luta entre os que queriam mudar e os retrógrados que tentavam impedir a marcha do progresso. O primeiro estágio teria começado quando os homens se agregaram em micro comunidades e o último o que tributava com ares de certeza o fim das desigualdades entre as nações e a extinção das diferenças sociais internas entre os homens.

A partir desta certeza surgiu a necessidade de se esclarecer ainda mais os trabalhadores contra as ofensivas ideológicas do capitalismo reinante, e um dos instrumentos utilizados nesta luta seria a filosofia, isso significava adotar o que Lênin ensinara, de que não existiria ação revolucionária sem teoria revolucionária.

A postura sonhada pelo livro *Princípios fundamentais de filosofia* acabou utilizando uma obra que já vinha sendo lida entre os revolucionários brasileiros, *A Mãe* de Máximo Gorky, porque a protagonista inicialmente indiferente a tudo acabou tornando-se revolucionária ao se esclarecida pelo filho perseguido pelas suas convicções rebeldes. Era uma mudança salutar que deveria ser imitada por todos.

Os herdeiros de Georges Politzer tinham a certeza de que a única filosofia que tinha capacidade de transformar a sociedade era o materialismo dialético e seu desdobramento teórico, o materialismo histórico. Essa potencialidade viria de sua cientificidade e abrangência, que não via a experiência humana como as outras ciências, biologia, física, psicologia, de forma limitada, mas algo semelhante ao que K. Marx disse sobre a história, a rainha de todas as ciências, sendo as outras auxiliares.

Neste ponto começam ao que foi chamada de grandes contribuições de Josef Stálin desenvolvidas em *Materialismo dialético e materialismo histórico*, que depois foram incorporadas em *História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS*. Para estas obras o método dialético seria um movimento progressivo, ascendente de um estado qualitativo inferior para o superior.

Este consenso acabou gerando outro, a da importância deste princípio para o estudo da vida social e da história com sua instrumentalização pelo partido revolucionário do proletariado. Assim para não nos equivocarmos em política deveríamos olhar obrigatoriamente para frente e não para trás.

Era evidente que as mudanças qualitativas efetivadas pelas classes oprimidas representariam um *fenômeno absolutamente natural e inevitável*. Por isso era necessário que todos fossem revolucionários e nunca reformistas, enaltecer as contradições e nunca escondê-las. Nestas publicações isto consistiria o método dialético marxista que os camaradas deveriam seguir.

A partir destes entendimentos da dialética foram criadas representações históricas em que determinadas *leis* regeriam a ação humana nos tempos, não existindo espaço para os fatos fortuitos, e o seu estudo da história das sociedades passaria a ser um ato de ciência. E mesmo a complexidade da vida social poderia ser identificada da mesma forma e precisão que a biologia mapeou o meio natural.

Esta cientificidade queria dizer e ensinar algo muito importante aos que lutavam por um futuro mais qualificado para a humanidade, que simplesmente o socialismo era uma questão científica, e cientes disso não se deveria jamais apartar a prática e a teoria revolucionária.

Para provar esta premissa nada melhor do que utilizar os acontecimentos da história, desde os tempos mais remotos até os anos trinta do século XX. Se percebia através dos estudos históricos que a sociedade tinha passado pelo comunismo primitivo, que foi desagregado dando lugar a escravidão antiga.

Mas a ação das leis objetivas da história foi impiedosa e impôs suas normas levando a vitória do feudalismo dos escombros da antiguidade tardia, que depois foi superado pela burguesia. Mas isso não representava o fim, pois o socialismo já estava nascendo no horizonte, e a própria Revolução Russa demonstrava ser o primeiro passo nesta evolução dialética histórica.

Então dentro das condições modernas a escravidão era contrária a lógica, mas na desagregação do comunismo primitivo era perfeitamente *natural* a sua substituição pela escravidão na antiguidade, pois representava um progresso em relação ao modo-de-produção anterior e para a humanidade.

Por isso era importante se estudar e entender a movimentação política na Rússia, onde se conflitaram o feudalismo, o capitalismo, o socialismo e as comunidades primitivas nômades. Então nada melhor do que colocá-la no centro das discussões, pois se tratava de um acontecimento em que se perceberia a lógica que movimentava a história.

Assim a reivindicação democrático-burguesa em 1905 dentro das condições locais teria sido um ato progressista, um passo a frente, um avanço. Mas nas condições soviéticas lutar por tais propostas seria irracional, pois representava o retorno para algo inferior e superado, um retrocesso.

Agora a história foi em definitivo substituída pelo otimismo, por causa da aproximação abusiva entre a biologia evolutiva desenvolvida Charles Darwin e as ciências sociais criadas de Karl Marx e Friedrich Engels. Agora a política era semelhante a um embrião que cresceria até tornar-se um corpo mais complexo, ou

melhor dizendo os homens saíram das cavernas e fatalmente chegariam a Praça Vermelha bolchevista ou a Sierra Maestra cubana.¹⁹⁰

O restante da sua educação marxista foi completada com a leitura dos textos de Mao Tsé Tung. Chu En Lai, Lin Piao, no PCdoB, de onde entrou e saiu rapidamente por discordar da demora em começar a guerrilha, nos múltiplos escritos de Carlos Marighella, no clássico *A guerra de guerrilhas* de Ernesto Guevara e os trabalhos do coreano Kim Il Sung.

Estas as leituras introduziu o futuro comandante da ALN no Ceará Sílvio Mota ao marxismo. Portanto era comum a percepção da certeza da vitória, não importando as circunstâncias da luta ou a realidade imperante. Tudo era um organismo que se transformaria de qualquer maneira, cabia aos revolucionários identificar os detalhes e utilizá-lo cientificamente na marcha vitoriosa.¹⁹¹

Além do mais segundo afirma antes de se tornar comunista Sílvio Mota tinha realizado uma leitura particular do *Discurso sobre o método* de René Descartes, associando-o ao marxismo de Georges Politzer, V. Lênin e Josef Stálin e a História Oficial Soviética, formando um quadro teórico que em seu depoimento fica claro, serviu de embasamento para adotar à luta armada.

Busco evidenciar aqui o complexo de leituras onde alguns livros são constantes, porém os modos de ler são muito diversos como podemos observar até o momento. Porém nem sempre os combatentes se nutriram diretamente em textos exclusivamente iluministas-marxistas, pois houve casos de indivíduos que foram influenciados intelectualmente por tratados teológicos, o que significava para alguns, como Silvio Mota, uma contradição.

Outro militante da ALN no Ceará, Carlos Timoshenko Soares de Sales, ao contrário do Comandante Silvio Mota, se confunde com a história do marxismo no Brasil. Filho de um casal de filiados ao PCB, nascido no dia 3 de novembro de 1942 quando, segundo o pai: *o Exército Vermelho da Rússia conseguiu uma grande vitória sobre as tropas nazista de Adolf Hitler. A tropa era comanda pelo General Timoshenko, que era um estrategista dos tanques de guerra. Assim ele deu-me este nome*".¹⁹²

¹⁹⁰ Vide KONDER, Leandro. *O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI*. 1ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Companhia das Letras. 1992. P. 65.

¹⁹¹ Todos os entrevistados me confessaram que tinham certeza da vitória, confiantes que suas idéias e métodos eram os mais racionais e corretos.

¹⁹² Infelizmente não tive a oportunidade de entrevistar o militante Carlos Timoshenko de Sales devido ao seu falecimento prematuro, porém fui presenteado com seu livro de memórias que servirá de base para esta narrativa histórica; MORAIS, Rogério e SALES, Carlos Timoshenko.

A mãe costureira e católica praticante, conciliava as tarefas domésticas e a militância partidária, enquanto o pai marceneiro vivia para o trabalho e para o Partido. O pai participaria do Levante Comunista de 1935 em Natal e amava Josef Stálin, e o menino Timoshenko cresceu escutando comentários em casa sobre histórias comunistas, e ao mesmo tempo sendo levado para as manifestações políticas na cidade de Fortaleza.

Órfão de mãe, o pai casou-se novamente com uma mulher que não aceitava seus filhos, no que resultou em agressões físicas contra as crianças. Decidiu então morar com os tios e devido à herança cultural deixada pela mãe, passou a freqüentar as missas dominicais no 5º Batalhão da PM da Praça José Bonifácio, onde acabou virando coroinha. Lá também conheceu e aprendeu a lutar artes marciais, aprendizado que lhe seria útil mais tarde na guerrilha.

A rotina do jovem Carlos Timoshenko se resumia a estudar e trabalhar em variadas profissões, de comerciário, auxiliar de dentista, bancário, até caixeiro viajante. Diante desta situação começou a pensar em ter um emprego fixo. Em 1965 ingressa por concurso na Escola de Polícia Civil aos 22 anos, já casado e com duas filhas para criar. Nesse mesmo ano passou no vestibular para a Faculdade de Direito da UFC.

Tudo parecia se encaixar numa carreira desejada por muitos, vida rotineira de funcionário público, salário e empregos garantidos independente dos rumos da economia, possibilidade de planejar o futuro, enfim uma sobrevivência muitíssimo diferente de 90% dos trabalhadores brasileiros. Claro que isto teria um preço, fingir que não estava vendo nada a sua volta, demonstrando na prática que o seu nome não representaria perigo ao sistema.

Integrado aos quadros da Polícia, Timó começou a se deparar com algumas práticas existentes no interior da Polícia Civil do Ceará que lhes causaram indignação. Lotado na seção de Lenocínio da Delegacia de Costumes e Diversões começou a perceber a relação direta entre seus colegas de trabalho e a prostituição em Fortaleza, inclusive infantil.

O esquema se dava da seguinte forma, os policiais se deslocavam para o interior do Estado e lá prometiam as jovens que conseguiriam o emprego de empregada doméstica na capital, mas para isso seria necessário que se deslocassem para Fortaleza. Ao chegarem caíam na rede de ameaças e extorsões dos mesmos agentes da lei que diziam querer ajudá-las.

Ainda existia a rede de cobranças de subornos, o famoso “toco” para aquelas que já estavam estabelecidas no mercado do Centro pudessem trabalhar a vontade, pois naquela época a Secretaria de Segurança Pública exigia que todas as prostitutas que quisessem circular no Centro da capital teriam que ter uma licença. Na prática os dois esquemas acabavam se misturando e se alimentando mutuamente.

Neste submundo os bairros miseráveis, como o “Curral”, a “Cinza” e o “Farol” na zona do Mucuripe diariamente estavam nas páginas policiais da imprensa local, mas os estabelecimentos freqüentados pelas elites jamais eram importunados. Nas suas memórias Carlos Timoshenko aponta como sendo este um dos motivos de grande desencanto que o teria levado a revolta.

Na Faculdade de Direito da UFC, no movimento estudantil entra em contato com a discussão sobre a exploração do homem pelo homem, e nesse momento que apareceram contatos com a ALN e as propostas de pegar em armas contra a ditadura. Para Carlos a entrada para a ALN teria sido uma rebelião moral, que se assemelha ao caso do militante do PCB Mimo, que de passagem por Monte Carlo a caminho de Moscou relatou ao partido o que viu:

“Os capitalistas vão jogar nos cassinos cercados de mulheres, infelizes mulheres, frutos do seu sistema” Na volta ao Brasil ele fez uma breve escala Paris, no aeroporto, observou “uma mulher já muito idosa acompanhada por mais seis moças. Uma infeliz mulher. Vendendo suas companheiras como se fossem qualquer mercadoria. Pálidas e esqueléticas, cheirando a fumo, como eram diferentes das mulheres soviéticas!” ¹⁹³

Dessa forma os comunistas viam a prostituição exclusivamente como uma questão de classe, na origem proletária das mulheres de vida errante a causa que as tornavam vítimas fáceis da exploração capitalista. Além disso, as via ainda como presas do comportamento degenerativo da burguesia. Por isso da parte dos revolucionários comunistas as prostitutas mereceriam sempre a sua piedade e absolutamente nunca a condenação. ¹⁹⁴

É difícil diante de o seu desaparecimento prematuro rastrear quais leituras e de que maneira elas interferiram ou não na conduta política do revolucionário Carlos

¹⁹³ Ver FERREIRA, Jorge. **Valores, moralidade e vida privada. Prisioneiros do mito.** Op. Cit. p.127.

¹⁹⁴ **Ibid. Idem.** p. 127.

Timoshenko. Mas penso que podemos indiretamente através das discussões no interior do movimento comunista notar as opiniões que consolidaram toda uma visão de mundo e conseqüentemente influenciaram as condutas e ações revolucionárias.

Neste ínterim as origens comunistas do policial Timó também foram um poderoso estímulo para a sua decisão de entrar na ALN, principalmente as lembranças das palavras do pai ultra-estalinista que nunca davam crédito a outras formas de luta de classes a não ser as que envolvessem a luta armada. Sendo o V congresso do PCB merecedor de críticas ácidas, pois teria levado o Partido na direção da via eleitoral e da institucionalização.

A defesa exclusiva e ferrenha da política de estilo bolchevista, mesmo que não o tenham levado a acompanhar, em 1962, os que vieram a fundar o PCdoB por discordarem da possibilidade de se discutir esta questão, não abalou suas opiniões condenatórias do que Timó considerava uma traição.

O certo é que a tendência a integração a via constitucional continuou, mas com a Revolução Russa de novembro de 1917 e a vitória dos Bolchevistas, a facção que defendia somente a instrumentalização do Estado para depois assaltá-lo e destruí-lo ganhou força novamente, porém sem conseguir a hegemonia no movimento social na Europa.¹⁹⁵

Acredito que os discursos do pai do guerrilheiro Timó representam justamente esta postura, sendo ele mesmo um partícipe direto deste modus de fazer política, pois combatente de novembro de 1935 no R. G. do Norte. Era a aplicação da visão leninista exposta em *O estado e a revolução*, *Teses de abril* ou na menos conhecida *Sobre as ilusões constitucionais*, trabalhos que influenciaram os comunistas em todo mundo.

Neste último texto pouco falado, mas muito elucidativo sobre a relação entre alguns marxistas da II Internacional e a institucionalidade, encontraremos teorizações que podem ter levado a um divórcio radical e a uma incapacidade de diálogo entre os marxistas e a obra criada pelas *Revoluções Liberais*.

Dessa forma as observações de V. Lênin sobre as questões que envolvem o poder de Estado e a sua legitimidade como representação da maioria, baseiam-se nos seguintes pressupostos: a ordem estatal deve exprimir os anseios dessa maioria, sendo a unidade de medida as classes sociais.

¹⁹⁵ Entre 1921 e 1928 o número de filiados aos Partidos Social-Democratas cresceu de três para seis milhões, enquanto nos Partidos Comunistas diminuiu de 900 para 450 mil. Ver KONDER, Leandro. *O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI*. **Op. Cit.** p. 73.

Traduzindo para o marxismo-leninismo, se um partido de operários, trabalhadores em geral, como era o caso do POSDR bolchevista, que se apóia nestas idéias, e, portanto se achava o único e exclusivo representante povo trabalhador, porque sua legitimidade vinha de algo certo e inequívoco, a ciência marxista, faz uma aliança com o campesinato, este governo é justo porque os operários e camponeses são a maioria absoluta da população.

Por último o economicismo só veio consagrar estas representações como nos mostra novamente V. Lênin quando se referindo à representação das maiorias diz: *“Por isso todo o fulcro da questão, se ela for colocada de modo **materialista**, marxista, e não formal-jurídico, consiste em revelar esta divergência, em lutar contra o logro das massas pela burguesia”*.¹⁹⁶

A palavra chave é *“**materialista**”*, ou seja, a economia seria o fator a partir do qual a ação revolucionária deveria se basear, e como os trabalhadores eram em média 90% da PEA e os burgueses 10%, se um governo chefiado por um Partido marxista-leninista auto-intitulado representante científico dessa maioria chegasse ao governo, seriam legítimos.

Se o caso do guerrilheiro Carlos Timoshenko nos mostrou na prática que a mensagem teológica que afirma *“Nem só de pão vive o homem (Dt. 8,3)”* tem certo sentido, pois como vimos apesar da melhora da sua condição social, ele se revoltou contra o capitalismo, a ação rebelde de outro militante se liga ao marxismo, mas principalmente com a religiosidade cristã.¹⁹⁷

2.4. Frei Tito de Alencar Lima

Nascido na cidade de Fortaleza em 1945 no seio de uma família muito católica, Tito de Alencar de Lima viveu esta religiosidade desde a infância quando foi engajado nos Congregados Marianos na Paróquia do Cristo Rei. Em 1958 entrou para a Juventude Estudantil Católica (JEC). Nesta época já dizia aos colegas próximos que pretendia se integrar aos quadros da Igreja através da Ordem dos Dominicanos.¹⁹⁸

¹⁹⁶ LÊNIN, Vladimir. **Obras escolhidas V.I. Lênine. Sobre as ilusões constitucionais**. 1ª edição. Lisboa e Moscou. Edições Avante e Progresso. 1985. p. 303; Apoiados pelos camponeses os *socialistas-revolucionários* tiveram 50% dos votos. O POSDR/Bolchevista obteve 25%, enquanto outros micros partidos ficaram com o um quarto restante. Entre estes os CADETES, ou Constitucionalista-Democráticos de tendência liberal capitalista ficaram com ínfimos 2.5% dos votos.

¹⁹⁷ A partir de agora todos as citações teológicas serão tiradas da Bíblia Sagrada. 1ª edição. São Paulo. Co-edição Editora EP e Editora Maltese. s/d.

¹⁹⁸ Existem duas pequenas biografias do Frei Tito de Alencar de Lima. ACIOLI, Socorro. **Frei Tito**. 1ª edição. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha. 2001 e KUNZ, Martine. **Frei Tito: em**

A JEC, assim como a JUC, como sabemos foi uma das portas de entrada de recentes interpretações teológicas que vinham se constituindo depois da segunda guerra mundial na Europa centro-oriental, principalmente na Alemanha Ocidental e na França, sendo este último país o ponto irradiador das novidades religiosas para o Brasil.¹⁹⁹

O agora Frei Tito acabou se aprofundando nestas novidades, levando-o ao engajamento no movimento estudantil universitário, onde optou pelo confronto armado contra a ditadura. Paradoxalmente a organização guerrilheira escolhida não foi a Ação Popular (AP), caminho quase “natural” dos que chegaram à guerrilha através da religião, mas a Ação Libertadora Nacional (ALN).

Neste caso como não existe a possibilidade de uma entrevista formal tentarei identificar as leituras feitas por este sujeito que o levaram a guerrilha através do acervo existente no Memorial do Museu do Ceará. Frei Tito ocupa neste sentido posição de destaque em virtude do tipo de fonte e do lugar destas na análise empreendida.

O mesmo procedimento não foi adotado nos outros militantes, pois as leituras foram enunciadas nos depoimentos ou livro de memória. Por isso para facilitar o entendimento serão indicados em separado os documentos que serviram para o estudo da complexa relação entre leituras e experiências.

1. Documento Pontifício Sobre o socialismo e comunismo do Papa Leão XIII.

Escrita para combater o marxismo, já na introdução associa o socialismo e o comunismo aos males do mundo, um desvio causado pelo abandono dos ensinamentos divinos a partir do pecado original. Termos biológicos como germe, peste, praga também são associadas aos esquerdistas, tornando-os perversos intrínsecos. E segundo o Papa “*Eles mancham a carne, desprezam o poder e blasfemam da majestade. (Heb. 8)*”.²⁰⁰

nome da memória. 1ª edição. Fortaleza. SECULT. 2002; Incluir seu nome entre os estudos de caso porque foi no Ceará onde se deram os primeiros e essenciais passos na direção da guerrilha.

¹⁹⁹ Para as novas correntes teológicas católicas posteriores a Segunda Guerra Mundial e a sua influência sobre a Igreja brasileira *vide* LOWY, Michel. **A guerra dos Deuses. Op. Cit.** p. 230-255.

²⁰⁰ XIII, Leão. **Documento Papal Sobre o socialismo e comunismo.** INTRODUÇÃO. *Crescem os males da sociedade; Socialismo, comunismo e niilismo.* Roma. 1878. p. 3 e 4. A partir de agora Documento. Epístola-Carta de São Paulo aos Hebreus. A antiga aliança era o símbolo transitório da nova, superior e eterna, da qual Cristo é o mediador.

Mesmo a relação natural entre o homem e a mulher seria negada pelos revolucionários, união que era sagrada até entre os bárbaros, mas desrespeitada pelos contestadores. Na verdade limitam as relações familiares a sensualidade para destruí-la. Para evitar este descalabro e salvar o lar, a mulher deveria ser submissa ao homem como a Igreja é a Jesus Cristo.

Outro ponto de discordância foi à propriedade, e apesar de reconhecer que a posse dela poderia levar alguns a comportamentos não aprovados por Deus (I Tim. 6,10), isso não significava concordar com as propostas que pregavam a sua coletivização, porque isso significaria uma afronta à lei natural divina e ao que foi adquirido por título de legítima herança, pelo trabalho do espírito e das mãos ou pela economia.²⁰¹

Neste ponto Frei Tito fez sua primeira intervenção sobre o que estava lendo ao sublinhar as partes que classificam de *monstruoso* a tentativa de agredir a lei natural, até a defesa dos motivos pelos quais os proprietários devem ser respeitados, herança, trabalho e poupança. Também colocou um ponto de interrogação ao lado, indicando provavelmente dúvidas ou até contrariedade com esta observação.

A opinião do Sumo Pontífice sobre a autoridade fez crescer o abismo com os rebeldes, pois observa o Papa que determinadas idéias que circulavam em panfletos, reuniões, jornais estão constituindo um ódio que leva a plebe sediciosa a atacar a majestade respeitável dos reis e até apontar armas contra os chefes das nações.

Após as apreciações do que foi classificado pelo Documento como erros monstruosos cometidos pelo que representavam o socialismo e comunismo, passou-se então a se detalhar as origens destas visões malditas. Nesta linha o racionalismo teria sido o primeiro passo dado pelos inimigos da fé em Deus e sua Igreja Católica.

A Igreja Católica condenava vividamente a rapina contra a propriedade privada sem abandonar a pobreza a sua própria sorte ao construir hospitais, centros de assistência, casas (2 Cor. 8,9). Além destes atos de apoio aos mais necessitados lhes consola o coração lembrando que a verdadeira felicidade está na vida eterna, as quais devem esperar com paciência.²⁰²

Na leitura do Frei Tito reaparece na intervenção escrita no texto no trecho que lida sobre a necessidade e obrigação dos ricos em estender a mão aos indigentes.

²⁰¹ **Ibid. Idem.** *Contra a propriedade.* p. 4; 1ª Epístola-Carta de São Paulo a Timóteo. Dos senhores e dos servos: “*Por que o amor do dinheiro é raiz de todos os males; nessa cobiça se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores*”.

²⁰² **Ibid. Idem.** DIREITO DE PROPRIEDADE. Condenação da rapina. Desvelo dos pobres. p. 12 e13. Segunda Epístola-Carta de São Paulo aos Coríntios. “A oferta das igrejas da Macedônia aos pobres da Judéia” e “Instruções de Paulo em referência a grande coleta”.

Expressou-se através de quatro onomatopéias acompanhadas de pontos de exclamação: “Ah! Ah! Ah! Ah!”.

Podemos interpretar esta manifestação de várias formas, desde um entendimento sobre a forma que um cristão deveria proceder diante da desigualdade e injustiça social, até uma ironia ou nova discordância ao notar que na prática a caridade dos ricos quase sempre vem acompanhada de algum interesse financeiro ou político, além da indiferença, portanto não se tratando de uma solidariedade a fundo perdido.

Penso nesta segunda possibilidade porque antes o Frei já tinha manifestado dúvidas sobre a diferença entre os grupos sociais e o direito de herança e acúmulo de riqueza através do trabalho, herança e poupança. Mesmo com a sacralização papal que chamou de justas estas possibilidades de enriquecimento financeiro, um ponto de interrogação foi colocado ao lado, o que mostra alguma contestação para com esta conclusão.

A mensagem pontifícia termina com um forte pedido aos Bispos do mundo, herdeiros dos Santos Apóstolos, que impeçam as crianças de entrar em contato com os males teóricos atuais, a fundação de associações cristãs proletárias, e a aposta na educação como instrumento a ser usado nesta pugna. Assim os filhos da Igreja abominariam o socialismo e o comunismo, evitando a contaminação por estas idéias perversas.

Última observação do Frei Tito, quando sublinhou os trechos que afirmam ser este o caminho que levaria a paz, a uma vida tranqüila e sossegada entre os homens. Colocou também um ponto de exclamação ao lado sem escrever nenhuma palavra ou comentário. Diante desta postura vejo que é difícil opinar sobre o que estaria a pensar, mas no geral é perceptível que existem dúvidas com relação aos discursos que compõem o Documento de Leão XIII.²⁰³

2. Comunismo e Cristianismo: um exame das filosofias do Cristianismo e do Comunismo do ponto de vista da vida e da felicidade humana de Martim Valentine D'arcy.

Marin Valentine D'arcy (1888-1976), pensador católico francês, Professor de Filosofia na Universidade de Oxford, partícipe de programas da BBC de Londres sobre teologia e o mundo contemporâneo, comparou nesta obra as possíveis aproximações

²⁰³ O documento é de 28 de dezembro de 1878, e como o Pontificado de Leão XIII começou em fevereiro do mesmo ano, percebe-se então a urgência em se posicionar sobre o assunto socialismo e comunismo.

e repúdios entre o Marxismo e o Cristianismo. Lembro ainda que este teólogo se baseou em outro livro, *"Communism and Christ"*, de Charles Crowy, que também enfatiza a relação entre as duas correntes.

Então o marxismo para o autor teria ultrapassado os limites tanto da análise científica como da economia política para adentrar no mundo da religião ao estabelecer uma nova fé com a promessa de um novo destino para os homens através da construção de uma sociedade de novo tipo, a comunista. E para melhor entendimento desta polêmica opinião adotou o método comparativo entre as teses de Jesus Cristo e Karl Marx e os marxismos em geral.

Enquanto os Evangelhos foram criados para os pobres, os escritos socialistas são direcionados aos explorados. Se o Cristianismo se baseia na Trindade Pai, Filho e Espírito Santo, o comunista na tríade dialética Tese, Antítese e Síntese. A obra libertadora estaria nas mãos do povo escolhido por Deus, enquanto K. Marx apostava no proletariado como o agente histórico efetivador do socialismo e o comunismo.

Mas a aproximação não pararia nestes pontos, pois se Deus era o centro de tudo, responsável pela existência do mundo, o marxismo teria transferido este papel para o materialismo histórico, sendo o pecado original cristão visto e associado pelo comunismo na construção da propriedade privada que teria gerado a exploração do homem pelo homem. Mas quem poderia salvar ou revolucionar o mundo destas tragédias? A Igreja Católica num caso e o Partido Comunista no outro.

E finalmente toda a teoria marxista seria comparável as Sagradas Escrituras, com ambos tendo por objetivo final dois reinos, um de Deus e outro laico, sem classes e exploração, o comunista. Dessa forma o marxismo não seria adversário do cristianismo, mas uma religião rival.

Apesar das semelhanças Martim D'arcy também chama atenção para a existência de dificuldades em se fazer uma pesquisa deste tipo, como a fragmentação no Cristianismo, sendo o Catolicismo a facção majoritária, mas não a única, e as divisões internas no marxismo, aparecendo o leninismo como a interpretação hegemônica, mas em conjunto com outras possibilidades.

Além deste obstáculo, existe outro que acentua ainda mais o desencontro entre o marxismo e o cristianismo, a promessa cristã que fala de um reino dos céus, enquanto o marxismo sempre deixou claro que a sociedade socialista e comunista seriam realidades desta vida. Nesta discussão introdutória Frei Tito destacou o seguinte

trecho: “*Sem livrar as diferenças vitais, espero, contudo mostrar que o Cristianismo e o Comunismo propõem soluções semelhantes a certos problemas*”.²⁰⁴

Sabendo-se que depois Tito se incorporou aos quadros da ALN, vejo a possibilidade nestes destaques sublinhados como uma tentativa de adaptação do pensamento cristão ao socialismo radical, com a descoberta de que os dois sistemas não seriam tão antagônicos quanto se dizia.

Provavelmente esta aproximação não foi abrupta, mas gradual, acompanhada de conflitos e tensões, afinal ele era um católico praticante, e tudo indica conheceu o feroz anticomunismo religioso disseminado naquele período no meio social. Através das observações feitas no restante do livro poderemos sentir este tateamento que acabou desembocando na luta armada.

No primeiro capítulo, intitulado *Comunismo* o autor trabalha a construção do materialismo histórico, ao afirmar que Ludwig Fierbach convergiu com G. W. F. Hegel, mas em vez das idéias afirmou que a matéria, no sentido da ação humana sobre a natureza para retirar ou produzir os bens necessários a sobrevivência, seria o determinante impulsionador da história. Daqui, segundo M. D'arcy, K. Marx construiu sua teoria econômica do modo-de-produção.

Aqui Tito escreveu “*Para Hegel o pensamento é criado; para Fierbach depende do real*”; “*a realidade=matéria*”; “*é anterior ao pensamento*”, e logo a seguir quando afirmou “*a quebra da metafísica*”. Dessa forma percebemos que o leitor, teve uma compreensão bastante aproximada das afirmações dos filósofos, pois existe uma ligação clara entre as suas observações e o que estava lendo.²⁰⁵

A segunda parte, *A essência do marxismo*, dedica-se a analisar com profundidade a obra teórica dos fundadores do socialismo científico para identificar os eixos filosóficos de sustentação do marxismo. Apesar de ter destacado várias partes deste capítulo, vejo que duas em especial foram priorizadas por Frei Tito, uma sobre a história e a outra a respeito da origem das desigualdades entre os homens.

Vejam os seguintes trechos sublinhados: “*A natureza é determinada e também dinâmica*” e “*As forças econômicas que o homem põe em movimento são determinadas tal como as da natureza, mas cabe às possibilidades do homem entendê-las e por elas atingir a verdadeira liberdade*”. A partir destas premissas Tito concluiu escrevendo: “*a história tem um sentido e direção*”.²⁰⁶

²⁰⁴ D'arcy, Martim. *Op. Cit.* p. 10.

²⁰⁵ *Ibid. Idem.* p. 16.

²⁰⁶ *Ibid. idem.* pp. 25 e 26. A escrita pessoal está na p. 29.

Posteriormente colocou em evidência, mas de forma diferente, pois além de sublinhar “*Com o tempo e com o desenvolvimento de técnicas diversas esta elementar sociedade dissolveu-se, e aqueles que eram dotados de maior capacidade exploraram essa vantagem e começaram a dominar os outros*”, desenhou um retângulo em volta de “dominar os outros” e escreveu “*sempre haverá maior capacidade*”.²⁰⁷

Mas qual seriam o sentido e a direção da história? Martim D’arcy explicou que K.Marx teria distinguido cinco períodos históricos, comunismo primitivo, regime patriarcal, feudalismo e capitalismo, sendo o último estudado com mais detalhes, porém deixou claro que o sistema da burguesia não significava o fim da história. Por quê?

Tito respondeu destacando a afirmação do filósofo que baseada no marxismo dizia que os trabalhadores de todo mundo um dia se uniriam e aprenderiam a tratar dos seus problemas. E mais, quando tivessem perfeito conhecimento do modo de usar as leis da economia e da história, serão livres e felizes. Em resumo o autor está dizendo que aconteceria uma revolução socialista que abriria uma nova era na humanidade. No final o Frei escreveu misturando latim e português: “*Se paradis terrestre*”.²⁰⁸

As observações escritas e os destaques sublinhados pelo Frei Tito nos mostram uma pessoa refletindo sobre teses centrais do marxismo ou de pelo menos de algo associado a esta corrente de pensamento. Nesse sentido destaco a consolidação na militância da visão unilinear da história, entre as quais a certeza na vitória da revolução socialista devido o entendimento de que o socialismo seria um processo natural como a biologia dos seres vivos.

Além disso, o susto diante da afirmação de que foram as diferenças humanas que levaram a diferenciação social e o comentário “*sempre haverá maior capacidade*” talvez signifique que o Frei estivesse em busca de uma fórmula que evitasse que isso acontecesse no futuro, inclusive no comunismo. Por fim o paraíso terrestre mostra que a cultura cristã de Tito estava presente nas suas leituras e interpretações, por isso aconteceu à associação entre o reino dos céus divino e o comunismo terrestre.

Outra prova da presença da cultura cristã, mesmo em contato com um movimento oficialmente ateu, está no próximo capítulo da publicação “*O Deus que fracassou*”. Neste terceiro item que analisa a substituição de Deus pela felicidade terrena associa a frase leninista “*o pensamento é um atributo ou qualidade da matéria. O interior*

²⁰⁷ *Ibid. idem.* p. 30.

²⁰⁸ Vejo a tradução como algo semelhante a **Paraíso terrestre**, porque se encaixa no sentido das discussões em andamento.

identifica-se com o exterior” ao pensamento de um teórico católico francês: “*A mesma visão de Teilhard*”.²⁰⁹

Após as observações sobre o marxismo, no quarto capítulo chamado de *Cristianismo* M. D’arcy adentrou nesta religião, quando começou a trabalhar as tensões existentes com o marxismo. Afirma que entre o Novo Testamento e a filosofia de Platão existem contrastes insuperáveis, introduzindo com sutileza o que depois será explicitado, a impossível união com a lógica comunista.

Porém reconhece que a teologia possui relação direta com a vida terrena, pois apesar de Santo Agostinho ter falado de duas cidades, uma dos homens e outra de Deus, a história dos homens e o reino divino são não dissociados, pois o próprio Cristo voltaria para estabelecer novos céus e numa nova terra ‘quando a cidade santa descer do céu como uma noiva para o seu amado’.²¹⁰

Mas esclarece que a vida sobrenatural não tem preço, e que o Evangelho é o tesouro, o convite para o banquete que nos leva a abandonar tudo e o dom supremo do amor. Confirma assim que essas características do cristianismo o tornam incompatível e descompromissado com qualquer outra espécie de amor rival, entenda-se marxismo.

Outro ponto importante da discussão acontece em *Cristianismo e Marxismo*, quando procurou mostrar aos cristãos que a concepção que os marxistas têm da luta de classes é equivocada, o que teria levado a outro erro, uma construção equivocada da história. Segundo o teólogo francês este erro de K. Marx aconteceu, não por má fé, mas sim pela desinformação sobre o assunto existente no século XIX.

Para exemplificar a complexidade não observada por K. Marx e F. Engels citou uma Epístola enviada pelo Apóstolo São Paulo a Filémon na qual intercedia por um escravo de sua propriedade que o procurou em Roma. Nela pediu para que o fugitivo fosse aceito novamente na sua propriedade em Colossos não como cativo, mas como irmão, da mesma forma como se ele próprio em pessoa estivesse chegando.

A disciplina da Igreja Católica e a do Partido Comunista também foram comparadas por M. D’arcy quando reconheceu a semelhança entre as duas, pois a renúncia, abnegação e quase votos de lealdade como nas ordens monásticas, estavam presentes entre os conspiradores marxistas. Porém clareou que apesar das semelhanças, eram ritos diferentes porque os comunistas não admitem contemplações externas ao Partido.

²⁰⁹ **Teilhard de Chardin** (1881-1955). *Vide* primeiro capítulo da dissertação no item referente à APML.

²¹⁰ D’ARCY, Martim. *Op. Cit.* pp. 85-88.

Por isso a parte seis que trata da *Sociedade comunista e sociedade cristã* chama atenção para um item do programa revolucionário que selaria em definitivo a possibilidade de conciliação entre crentes e comunistas, a adoção oficial do ateísmo como política de Estado. Para reafirmar este princípio usou um trecho de *Os Possessos* de Dostoievsky em que a revolução, o ateísmo e a resistência cristã atritam-se:

“De facto” declarou Shatov, “se houver uma revolução na Rússia, tem de começar com a pregação do ateísmo”. Um velho capitão de tempera rija e de cabelo grisalho afundou-se no seu silêncio e não disse uma palavra. De súbito levantou-se no meio da sala e disse em voz alta, mas como se consigo falasse: “se não há Deus como posso eu ser capitão?”. “Pegou seu boné, encolheu os ombros e saiu”.²¹¹

Martim D’arcy termina este penúltimo capítulo demonstrando seu repúdio aos processos revolucionário marxistas afirmando que os soviéticos estavam errados ao dizer que a Igreja Católica nunca defendeu os pobres e excluídos, para isso bastaria lembrar dos posicionamentos dos Papas Leão XIII, Pio XI e Pio XII a respeito das questões econômicas e sociais no mundo contemporâneo.

A finalização deste debate se dá quando o cura conclui que a vocação sobrenatural do homem, eufemismo para Deus, é a única que pode salvar a vida social e civil. Por isso dirigiu aos vagabundos e ao filósofo da economia as seguintes palavras de Cristo: *“A tua é acima das estrelas claras. Nenhum outro palácio está deste modo fundado. Vem, meu amigo, meu irmão tão inteiro. Porque por ti derramei em sacrifício meu próprio sangue”*.²¹²

Chama atenção para a ausência de comentários escritos do Frei Tito a partir do quarto capítulo, quando o teólogo começou a falar mais do cristianismo do que do marxismo, quando suas intervenções resumiram-se aos rotineiros sublinhamentos. Poderíamos colocar mil possibilidades para esta mudança, mas seria um erro tentar captar seus pensamentos apenas com estes indícios, portanto prefiro não escrever nada a respeito.

²¹¹ *Ibid. Idem.* p. 153; Em verdade o nome original do romance de F. Dostoievsky é **Os demônios**, porém o intelectual marxista argelino-francês Albert Camus o adaptou para o teatro com o nome de **Os possessos**. A obra pode ser resumida como uma denúncia contra a miséria e a opressão existente na Rússia czarista do século XIX, o que leva uma classe de homens a conspirar para instalar um governo revolucionário que levasse a cabo mudanças a sociedade nem que fosse necessário a utilização do terror político; O mestrando pergunta se não foi um ensaio prelúdio para novembro de 1917?

²¹² *Ibid. Idem.* p. 200.

3. Inquérito ao marxismo de Pierre Fougeyrollas.

Filósofo, antropólogo, e catedrático de sociologia da Universidade de Paris, Pierre Fougeyrollas (1923-2008) foi a partir de 1942 membro da Resistência Francesa e do PCF, de onde saiu em 1956 por causa do apoio partidário a invasão da Hungria pelo Exército Vermelho da URSS.²¹³

Foi justamente esta militância acompanhada de uma profunda decepção com o *socialismo real* que serviram de objeto para a problematização a qual se propôs, utilizando-se do marxismo como referencial teórico, filosofia do qual não se afastou apesar do seu rompimento com o Partido Comunista. Da crítica destas experiências pretendeu criar uma nova *Weltanschauung*, ou concepção do mundo com o K. Marx e F. Engels como guias científicos.

Nas partes iniciais referentes *A essência do marxismo* e *O materialismo histórico* Tito fez uma quantidade excessiva de sublinhações, talvez porque as polêmicas levantadas nas discussões tenham girado em torno de questões como as possíveis reminiscências do utopismo no socialismo dito científico e a revisão do conceito em que a economia seria o motor exclusivo da história.

De qualquer maneira apareceram nas partes iniciais o único escrito feito pelo Padre durante no livro inteiro, quando na página que discutia o materialismo histórico, em que a produção, a existência social e o pensamento se interligariam neste processo. Tito então demonstra atenção ao que está lendo e posiciona-se sobre a questão: “*Não implica a contradição, mas a ação transformista do trabalhador sobre a matéria*”.

Nos próximos capítulos, *O que é uma classe social* e *A trama da história*, não existe nada, absolutamente nenhuma participação do leitor, nenhum risco, destaques ou comentários escritos. As suas intervenções só voltam a se manifestar em *Superestrutura da alienação e alienação da superestrutura*, onde se critica a transformação do marxismo numa teoria economicista e mecânica.

Assim suas participações privilegiaram as partes que envolviam críticas como a que Henri de Man fez aos partidos da II Internacional em explicar as lutas dos trabalhadores apenas como algo material. Afinal o proletariado também é movido pela moral, que não chega a negar que existe em alguns casos a relação entre infra e superestrutura. Reconhece assim a autonomia e a força das idéias para a movimentação humana e os rumos da economia.

²¹³ FOUGEYROLLAS, Pierre. *Inquérito ao marxismo*. 1ª edição. Lisboa. Livraria Moraes Editora. 1961.

Nos capítulos finais *Há um socialismo científico* e *Socialismo e sociologia*, Tito não se posiciona em qualquer trecho. Sua participação só virá novamente durante a *Conclusão: Para uma nova Weltanschauung*, quando se identificou com o trecho que fala do século XX, como aquele que estaria experimentando uma imensa necessidade de ação: “Com efeito, o que se chama processo de descolonização é muito provavelmente irresistível e irreversível”.²¹⁴

Vejam que o ressaltado se encaixa nas lutas e discursos terceiro mundista do qual um setor da Igreja brasileira participava, influenciada principalmente pelos teólogos europeus, destacando-se a figura do dominicano francês Louis Joseph Lebret, criador do curso *Economia e Humanismo*.

Além disso, devido à herança nacionalista deixada pelo PCB para a ALN, este grupo colocava o imperialismo norte-americano como o inimigo principal do povo brasileiro. Pretendia como o seu próprio nome sinalizava primeiro uma ação libertadora da nação e só depois avançar para o socialismo.²¹⁵

4. Introdução crítica ao marxismo: perspectivas marxistas, perspectivas cristãs de Emile Baas.

No mesmo sentido trabalha este livro de Emile Baas deixado no pequeno do Frei Tito. Dedicado a um sacerdote chamado Jean Bernard, tudo indica francês ou suíço, membro da Companhia de Jesus que foi operário de minas, possivelmente ligado ao movimento dos Padres que se integraram aos locais de trabalho para melhor conhecer a vida dos trabalhadores da produção.²¹⁶

Trata-se de uma tentativa de diálogo respeitoso entre cristãos e comunistas, apesar de ficar em evidência o cristianismo como ponto de referência, sendo o corpo da obra dividido em três partes, que além da tradicional Introdução tem o primeiro capítulo dedicado *O materialismo marxista*, e o segundo *A dialética marxista* e o quarto as *Reflexões críticas* sobre as relações entre cristianismo e marxismo.

Nesta publicação as intervenções do Frei se deram com mais intensidade, tanto escritas quanto sublinhadas, como aquelas que se referem aos filósofos Platão e G.W.F. Hegel, sendo o grego relacionado na introdução relacionado a uma concepção

²¹⁴ *Ibid. Idem.* p. 230.

²¹⁵ Sobre os teólogos europeus que influenciaram o catolicismo brasileiro e o terceiro mundo ver LOWY, Michel. *Op. Cit.* pp. 230-255 e RIDENTI, Marcelo. *Op. Cit.* pp. 25-72; Existem vários documentos da ALN em que esta perspectiva aparece, citarei apenas *O papel da ação revolucionária na organização*.

²¹⁶ BAAS, Emile. *Introdução crítica ao marxismo: perspectivas marxistas, perspectivas cristãs*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Livraria AGIR Editora. 1958.

comunista na antiguidade, o que, aliás, é uma constante do Tito, colocar em evidência qualquer coisa que se refira a este pensador, além do prussiano criador de um modo de pensar histórico dialético.

Fora isso também destacou o comentário de que o pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels não se relacionava apenas a economia, mas também a filosofia, além de não ser exclusivamente um grito de revolta, mas uma tomada de consciência sobre as contradições do mundo moderno, e a visão de Trotsky e Tito, da Iugoslávia, de que o bolchevismo não era a concretização dos projetos almejados K. Marx e F. Engels.

Na impossibilidade de transcrever todos os destaques feitos pelo Padre Tito, optarei por destacar algumas observações feitas pelo autor sobre o pensamento de alguns revolucionários a respeito de cada assunto, e ao mesmo os intercalarei com as intervenções escritas do Frei Alencarino.

Então começemos com esta observação de V. Lênin sobre o que caracterizaria a concepção não idealista explicativa do mundo: O *“materialismo consiste em professar que o espírito não tem existência independente do corpo”*. Porque *“O espírito é um fator secundário, uma função do cérebro, a imagem do mundo exterior”*.²¹⁷

Para reforçar esta opinião citou F. Engels: *“Os que afirmavam a anterioridade do espírito com relação à natureza... pertenciam à tendência idealista. Os mais que consideravam a natureza anterior ao espírito pertenciam às diferentes escolas materialistas”*.²¹⁸ E Josef Stálin: *“que o mundo evolui conforme as leis do movimento da matéria e dispensa a existência de qualquer espírito universal”*.²¹⁹

Aqui aparece a primeira apreciação escrita de Tito, que após destacar no texto o trecho *“ora, diz Marx, a história ensina que a matéria existiu antes do homem”*, afirmou o seguinte: *“A mesma visão de Teilhard”*. Percebemos então a referência ao teólogo jesuíta e geopaleontólogo francês Teilhard de Chardin, o que mostra a penetração do pensamento galo em certos setores católicos no Brasil e a mistura na cabeça de Tito do cristianismo e do marxismo.

Resultante desta materialização aparece K. Marx teorizando sobre a experiência histórica: *“O primeiro ato propriamente histórico foi, pois, a produção de meios destinados a satisfazer a estas necessidades, foi à produção da vida material. Gesto realmente histórico e base de toda a história humana”*.²²⁰

²¹⁷ LÊNIN, Vladimir. **Materialismo e empiriocriticismo**. In: BAAS, Emile. *Ibid. idem*. p. 27.

²¹⁸ LÊNIN, Vladimir. In: BAAS, Emile. *Ibid. idem*. p. 27.

²¹⁹ STÁLIN, Josef. **Materialismo histórico e materialismo dialético**. In: BAAS, Emile. *Ibid. idem*. p. 26.

²²⁰ MARX, Karl. **A ideologia alemã**. In: BAAS, Emile. *Ibid. idem*. p. 37.

Apesar de não ter escrito nas partes referentes à história e ao materialismo, deu atenção especial a relação entre a infra e a superestrutura, como nas seguintes observações destacadas: “Na realidade, os homens começam a deixar de ser animais a partir do momento em que começam a produzir seus meios de subsistência; ou então quando conclui que a consciência “é o reflexo de um regime econômico de uma sociedade”.²²¹

Neste momento começa *A crítica materialista da religião* através de uma nova utilização de K. Marx que ao apropriar-se de uma opinião de Ludwig Fuerbach sobre o assunto, concluiu que “A religião, como sistema filosófico, foi tributária, correspondeu a um estágio da civilização hoje superado”.²²²

A partir desta observação e dos embates mais voltados para a religião os escritos pessoais de Tito reapareceram quando aponta nesse trecho: “Ver em de Lubac: o drama do humanismo ateu”. Se trata então de outro teólogo francês, Henri de Lubac, uma dos pensadores que coordenaram as discussões no Concílio Vaticano II.

Este jesuíta foi autor de um clássico teológico, *A crise do humanismo ateu*, obra na qual procurou construir um dialogo com as teses ateístas do século XIX, com objetivo de entendê-las para recolocar no centro da vida humana aquele que vinha sendo negado desde pelo menos a época do renascimento, Deus.

Observa Henri de Lubac que três foram os teóricos que mais afirmaram o ateísmo no mundo pós 1789, Ludwig Fuerbach, Auguste Comte e Friedrich Nietzsche. O primeiro com a tentativa de desvendar a religião em *A essência do cristianismo*, o segundo com a religião da humanidade e o terceiro quando decretou a morte de Deus. Provavelmente esta parafernália filosófica deve ter causado fortes tensões no Frei Tito.

As discussões são complementadas no capítulo sobre *A dialética marxista* com subitens como *Introdução à dialética*, *O homem e o Estado burguês*, *A ditadura do proletariado* e *A sociedade comunista*. Aproveito para chamar atenção do fato de que foi neste capítulo, onde quantitativamente está a maioria das grafias de Tito.

Na introdução riquíssima em vestígios, resquícios, para os padrões do livro as sublinhações começam em baixo dos nomes de Platão criador segundo o texto do diálogo entre os contrários que resultaram na operação do outro assinalado G.W.F. Hegel *Tese-Antítese-Síntese*.

Em seguida pergunta-se como K. Marx utilizou esta operação filosófica, estando à resposta na substituição da idéia pela matéria. Tito então diz: “as coisas fazem as

²²¹ *Ibid. Idem*; LÊNIN, Vladimir. Op. Cit. In: BAAS, Emile. *Ibid. idem*. pp. 37 e 39.

²²² FUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. In: BAAS, Emile. *Ibid. idem*. p. 41.

idéias e não as idéias fazem as coisas”, para a seguir destacar uma citação de J. Stálin que diz: “*os fenômenos da natureza estão em eterno movimento, e contínuas transformações. O desenvolvimento da natureza é o resultado do desenvolvimento das contradições, isto é, da ação recíproca de forças contrárias da natureza*”.²²³

Tito destaca e realiza diversos comentários associando e comparando fatores biológicos e ação humana. Assim o método dialético seria “*um renovar-se incessante e uma contínua evolução*”, sendo o progresso o nascer do novo, a “*passagem de um estado qualitativo para outro*”. Mas para que a superação histórica aconteça é necessário que em determinadas circunstâncias aconteçam movimentos de rupturas, que identifiquei como as revoluções.²²⁴

Foi justamente esta concepção que fez surgir uma tensão entre o Frei Tito e as suas leituras, expressas através de uma nova ação escrita tendo novamente T. de Chardin como referência: “*Tailhard admitiu tal tese na cosmogênese, mas afirma seguramente que tais saltos bruscos já não mais existirão na evolução pela consciência*”.²²⁵ Vemos cá um choque entre a pregação violenta dos marxistas e a transformação pacífica cristã.

Creio que nesta encruzilhada o Frei tomou posição ao se alinhar com a organização que não aceitava nenhum tipo de caminho político que envolvesse táticas graduais ao socialismo. Também não podemos esquecer que aqueles militantes que romperam com o PCB para criar a Ação Libertadora Nacional (ALN), saíram do Partidão acusando-o de imobilismo.

Por outro lado não podemos deixar de recordar que toda leitura é seletiva. As partes que interessavam que poderiam servir de instrumento teórico para a ação política foram aceitas e utilizadas e as que não correspondiam aos anseios de oposição ao sistema foram deixadas de lado pelos leigos, noviços e sacerdotes. O certo é que algumas contradições não impediram que Frei Tito tivesse escolhido ser base de apoio da ALN.

Sobre a violência chama atenção que quando estava lendo os comentários de F. Engels sobre os escritos de K. Marx a respeito da violência na história que diz “*É o instrumento graças ao qual o movimento social abre caminho e rompe todas as forças políticas mortas e paralisadas*”. De forma contundente Tito exclamou “*Nem sempre*”.

Quanto a Tito mesmo tendo visto alguma simplificação e exagero nesta representação, na prática a ignorou por completo ao aderir às teses foquistas

²²³ STÁLIN, Josef. *Op. Cit.* In: BAAS, Emile. *Op. Cit.* pp. 64-65.

²²⁴ STÁLIN, Josef. *Op. Cit.* In: BAAS, Emile. *Op. Cit.* p 66.

²²⁵ **Cosmogênese**: Teorias que tentam explicar a origem e surgimento do universo.

guevarista e as práticas políticas marighellianas reinantes na ALN, que paradoxalmente acabavam elevando a enésima potência esta visão.²²⁶

Nestas partes encontramos novamente o silêncio do leitor em relação a determinados assuntos. Notas escritas não foram feitas, tudo se resumiu a quatro sublinhações, sendo uma sobre as divergências entre Leon Trotsky e Josef Stálin sobre o tempo necessário da *Ditadura do proletariado*, outro sobre a luta de classes e o caminho em direção ao mesmo tipo de sistema.

Por último fez um destaque sobre o que caracterizaria o comunismo, “*De cada um conforme a sua capacidade, a todos segundo suas necessidades*” e o tipo de seres humanos que construiriam o novo: “... *um tipo de homem bem diferente do que o de hoje tão inclinado a esbanjar as riquezas públicas, e a exigir o impossível*”.²²⁷

Terminada as observações do autor sobre o marxismo, a partir de agora veremos no capítulo IV as *Reflexões críticas* de Emile Baas, considerando que se trata do olhar de um cristão se opõe a literatura revolucionária, e ainda não privilegiará a economia, mas que tem “*A intenção é de fazer um esboço do humanismo marxista e é só sobre este ângulo da filosofia do homem que vamos encetar as reflexões críticas*”.²²⁸

No item três *matéria e espírito*, que, portanto envolvem duas questões que estão muito presentes na discussão, o nosso sujeito mostra familiaridade com o assunto ao escrever “*materialismo histórico*” para em seguida grifar uma observação de Jacques Maritain a respeito de Santo Tomás de Aquino que “*considera imprescindível entre as quatro colunas para o entendimento do homem a casualidade material*”. Depois escreve religiosamente que o “*espíritual dorme na cama do corpo temporal*”.

Mais a frente sublinha o livro de Victor Hugo “*Les pauvres gens*” e o traduz “*Os miseráveis*” no instante em que se discutia *Homem total ou homem mutilado*. Tito só escreverá algo maior no capítulo seguinte que tratará de *Pessoa e comunidade*, quando Emile Baas diz que “*Colocando o amor nas estruturas fundamentais do ser humano, deparamos pela primeira vez o mistério da pessoa. Estão, longe, porém de serem eliminados tôdas as dificuldades*”.²²⁹

O jovem Tito então repete a mesma citação, mas através de outro teólogo: “*Pe. Congar: o Cristianismo e o mistério da pessoa = vasto mundo...*”. Deparamo-nos novamente com outro dominicano francês Yves Congar, também consultor do Concílio

²²⁶ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. In: BAAS, Emile. **Op. Cit.** p.82.

²²⁷ BAAS, Emile. **Ibid. Idem.** p. 86. MARX, Karl. *Crítica ao Programa de Gotha*. In: BAAS, Emile. **Op. Cit.** pp. 87 e 100; LÊNIN, Vladimir. *Pequena Biblioteca Lênin*. **Op. Cit.** In: BAAS, Emile. **Op.Cit.** p. 101.

²²⁸ BAAS, Emile. **Op. Cit.** p. 110.

²²⁹ BAAS, Emile. **Ibid. Idem.** p. 149.

Vaticano II e um dos defensores da renovação da Igreja Católica na segunda metade do século XX.

Sua obra mais conhecida é *Jalons pour une théorie de laïcité*, onde defendeu certo grau de autonomia das organizações laicas diante da hierarquia eclesiástica. Para o sociólogo Michael Löwy estas opiniões levaram a consolidação entre os militantes de organizações como a Ação Católica, a qual pertenceu Frei Tito, de posturas que privilegiavam o trilhar de caminhos próprios na sua movimentação política.²³⁰

Como num pêndulo, ora é um teólogo, ora é um dos pais do ateísmo humanista recente, que aparecem interagindo com Tito, como vemos em *O homem-Deus e Deus feito homem*. Após a frase “*O homem é para o homem seu próprio Deus*”, este é o princípio que resume talvez de maneira mais exata todo pensamento e toda ação marxista”, ele corrige ou intervém simplesmente para mostrar a origem exata desta observação dizendo: “*Ludwig Fuerbach: A essência do cristianismo*”.

Na mesma linha pendular nosso revolucionário católico fez sua última participação neste livro após ler uma mensagem do Papa Pio XI que versa sobre a inquietude dos cristãos diante da decretação da morte de Deus e a apologia da ciência e do trabalho como salvadoras da humanidade. Ele pontualiza o raciocínio ao afirmar: “*Esta afirmação deve-se particularmente a Nietzsche – A morte de Deus*”.

5. O escândalo da verdade de Jean Daniélou.

A lista de teólogos continua com o Padre e depois Cardeal Jean Daniélou (1905-1974), autor de vasta obra, sendo *O escândalo da verdade* a mais conhecida no Brasil. Estudante da Sorbonne e das Faculdades de Teologia de Paris e Lyon, entrou para a Companhia de Jesus em 1938. Escreveu este trabalho com objetivo de mostrar aos homens que as visões que dissociavam a religiosidade da vida contemporânea são falsas, pois seria plenamente possível a conciliação entre ambas.²³¹

Tito, apesar da enorme quantidade de trechos destacados, praticou apenas quatro intervenções escritas nos três últimos capítulos do livro, os que discutem as relações entre *Cristianismo e civilização técnica*, *Verdade e sociedade* e a *Verdade do homem*.

De modo sintético podemos dizer que o autor coloca que a maneira exclusivamente técnica de encarar a vida e o mundo levou a perda da dimensão moral pela raça humana, pois o universo não seria apenas uma dimensão que teríamos que

²³⁰ Veja LÖWY, Michael. *Op. Cit.* pp. 239-243.

²³¹ DANIELOU, Jean. *O escândalo da verdade*. 1ª edição. Petrópolis. Editora Vozes. 1963.

colocar em movimento a nosso favor, afinal um cosmos vazio, da pura técnica seria como um templo vazio de uma presença.

A troca do divino pela praticidade gerou um cativo, porque o mundo da técnica encerra o homem no homem e no poder do homem, fato que, estaria levando ao surgimento de outra necessidade identificada por Santa Teresa de Claudel como uma *“uma janela, uma janela para sair da eterna vaidade”*. O que levou Tito a sublinhar *“o progresso da técnica não basta para resolver o drama do homem”* e o *“o homem que não adora não é homem”*.²³²

Diante deste quadro quais seriam as possibilidades de conciliar a consagração e o mundo moderno da técnica? Existiam saídas para uma convivência? A resposta para o autor é sim. Esta resposta levou Tito a intervir escrevendo: *“valor positivo da técnica”*.

Mas quais seriam os pontos em que os valores da técnica atual que poderiam viver com a religiosidade, já que J. Daniélou passou o tempo todo afirmando que existia um divórcio entre a criação humana e a obra divina? A saída estaria em seguir no próprio homem e ainda mais nas suas diversas intervenções e criações, principalmente nos períodos mais recentes.

Jean Daniélou fecha a discussão pedindo aos crentes que não temam as técnicas porque assim como existiu uma cosmologia medieval, há outra galileana: *“Devemos encarar os caminhos pelos quais esse mundo da técnica cessará de tornar-se um obstáculo à adoração a fim de tornar-se, ao contrário, um mundo que, por sua vez, conduza à adoração”* e como destacou o Tito *“a ascensão religiosa processa-se essencialmente nos meios científicos”*.²³³

Além disso, a capacidade de juntar a adesão cordial ao desenvolvimento científico, mas num sentido espiritualista e religioso em lugar de uma empobrecida relação, como supostamente faria o marxismo ao reduzi-la a um positivismo filosoficamente ultrapassado também chamou atenção do Frei.

Seguindo a trilha escrita deixada por Tito nos deparamos com o capítulo que discute a relação entre *Verdade e sociedade*, e claro com as ciências e os sentimentos espirituais presentes no meio dos embates. Surge então a opinião do senso comum de que a religião seria o reino da imprecisão, enquanto a tudo que seja científico faria parte do pontual, certo, enfim o preciso.

Tito então se encanta com a desmistificação resumida na frase *“Na realidade, o puro liberalismo econômico é uma ideologia que erige em absoluto um aspecto da*

²³² DANIELLOU, Jean. *Ibid. Idem.* pp. 140-142.

²³³ *Ibid. Idem.* pp. 144 e 145.

realidade econômica”. Mas condenar o liberalismo sem limites não significa flertar com a ideologia socialista.

Diante desta situação as perspectivas em busca da verdade estariam na recusa de fazer do estado uma instância suprema, e buscar a saída em algo que esta acima de tudo, sendo a fonte dessa nova ordem estaria na natureza humana, que possuiria um caráter permanente, universal, com um sistema de valores que não estaria a mercê do autoritarismo individuais o coletivos, que se imporia a todos como algo absoluto.

Chegamos ao ponto em que houve uma nova participação, tanto em forma de sublinhação, quanto escrita de Tito, diante da seguinte observação:

“A própria noção de pessoa implica um valor sem fim, e impõe um respeito incondicional. Mas ainda há mais. Ela implica um destino que transcende a sociedade, política ou econômica. Ora, isto não faz apenas da pessoa a unidade do organismo social, mas implica, segundo a palavra de São João da Cruz, que “um único pensamento humano vale mais do que todo o Universo”. Isto não significa, porém, que a pessoa não esteja submissa à sociedade em suas exigências legítimas, mas implica que, por sua vez, a sociedade seja feita apenas para ajudar a pessoa a realizar seu fim que a ultrapassa. ²³⁴

O Frade associou esta citação ao trabalho de outros teólogos bastante presentes nas suas leituras, ao escrever *“Teoria personalista. Maritain e Mounier*”. Emanuel Mounier foi um dos pais da Democracia Cristã além de inimigo do fascismo, do nazismo e da extrema-direita francesa. Defendeu a colaboração entre crentes e não crentes.

Sua obra mais conhecida é *O Personalista*, quando apresentou uma filosofia contrária as sistematizações, porque nas suas palavras assentada na pessoa humana livre e imprevisível. O outro lembrado Jacques Maritain também foi um dos influenciadores da Democracia Cristã, sendo sua publicação mais popular *Humanismo Integral* que sintetizo nas palavras a seguir.

Na mesma página em que foram feitos destaques e associações entre os teólogos do século passado e o Santo do XVI, Tito fez um novo destaque que mais uma vez associa religiosidade com as lutas e realidades específicas as quais estava inserido. Nela a liberdade e a solidariedade humana seriam inseparáveis, e a comunidade de

²³⁴ *Ibid. Idem.* p. 154; **São João da Cruz** (1542-1591). Frade espanhol fundador da Ordem dos Carmelitas Descalços, possui o título de Doutor Místico da Igreja. Sua vasta obra literária pode ser resumida no objetivo de levar as almas humanas na direção de Deus.

peças deve ser relacionada com o universal. E finalmente “Neste sentido, o problema dos países subdesenvolvidos é um problema ético de primordial importância”.²³⁵

Para finalizar este capítulo mostro que o nosso revolucionário cristão entendeu perfeitamente onde queria chegar, talvez até ele próprio, quando colocou em evidência a presença de Deus como objetivo final dos homens: “a revelação do valor infinitivo da pessoa humana tem sua origem e não conserva a plenitude de seu sentido, senão na revelação que nos foi feita no Evangelho do amor de Deus por todos os homens”.²³⁶

Podemos notar também que a valorização da expressão humana e a citação das lutas pela independência na periferia colonial capitalista preenchem dois anseios do Tito. Primeiro a possibilidade de abertura de espaços para sua ação política voltada para o que se chamava nos anos sessenta de libertação nacional do Brasil.

Por outro lado a associação automática de uma opinião de São João da Cruz com Jacques Maritain e Emanuel Mounier lhe davam uma brecha na hierarquia da Igreja Católica, pois ainda a maior parte dos membros desta instituição ainda viam com desconfiança as propostas um pouco mais ousadas de transformação econômico-social pregadas por alguns setores deste corpo eclesiástico, entre os quais o próprio Tito.

Foi justamente a procura de um equilíbrio entre a vocação cristã e a vida temporal que se discutiu no último capítulo da obra de J. Daniélou, *A verdade do homem*, momento em que Frei Tito fez suas últimas participações escritas. Para responder esta questão, o autor lembrou que os crentes foram acusados no século XIX de não se interessarem pelos problemas concretos dos homens em vida, na terra, pois só teriam preocupações celestiais.

Porém no século XX as opiniões sobre a postura dos católicos teriam mudado, inclusive dos intelectuais, e para comprovar esta transformação colocou uma observação de Merleau-Ponty sobre uma possível evolução do cristianismo, pois se percebia a transição de uma religiosidade de transcendência direcionada para Deus para outra de caráter encarnada, mas voltada para o homem.

Para o teólogo isso era equívoco, pois estaria deixando de lado o elemento divino do cristianismo, encherando apenas o humano na religião, e perguntou: será que teríamos que ficar acucados entre a transcendência e a encarnação? Deus e o homem? Tito então entrevistou ao destacar o início da resposta: “Notemos primeiramente que a idéia de que há em nossa vida como dois pólos que se oporiam, um pólo

²³⁵ DANIELLOU, Jean. *Op. Cit.* p. 154.

²³⁶ *Ibid. Idem.* p. 160.

humano e um pólo divino, não corresponde absolutamente à condição e a concepção bíblica do homem". ²³⁷

Portanto a questão não passaria por um possível esquecimento da vida terrena ou uma excessiva valorização da vida eterna, o problema estaria na tentativa do Ocidente tentar retirar de qualquer maneira Deus da vida dos homens, com a ciência sendo instrumentalizada nesta missão. Nosso Frei pratica uma longa e dupla ação, tanto escrita quanto sublinhar, quando a discussão chega a este assunto:

"O drama de hoje reduz-se a que o Ocidente deu ao mundo a ciência sem o cristianismo. Ora, separada do cristianismo, a ciência é um dom mortal. E nós o sentimos bem. Dando êste instrumento ao mundo sem lhe dar o cristianismo, estamos lhe dando um instrumento que ele corre o risco de utilizar um dia para fins que não sejam mais os do verdadeiro serviço da humanidade". Ao lado escreveu: *"Bomba atômica"*. ²³⁸

Dessa forma entendemos que o autor não condena a participar do cristão na cidade dos homens, mas o fato dela ser feita sem a presença do Espírito Santo como muito bem identificou e entendeu o Frei ao escrever *"Bomba atômica"*. Quem sabe mais uma vez o Tito tenha se visto nesta situação que congregava as boas intenções transformadoras, o cristianismo e a integração a luta revolucionária.

A própria Bíblia foi utilizada de novo para mostrar a relação entre as sagradas escrituras e a política, sendo os Profetas do Antigo Testamento exemplares, comparação que levou Tito a grifar: *"Mas Neher explica que isso não vem de que, como disse Renan e depois Marx, os profetas tenham sido a expressão nas sociedades das lutas das classes oprimidas contra as opressoras"*. ²³⁹

Mas o que motivava a intervenção política dos profetas? Para J. Daniélou: *"Na realidade, para os Profetas, o combate político não se originava na luta de classes, isto é, na revolta de uma classe oprimida contra um opressor, e, sim, na fidelidade à uma aliança"*. Este ser da qual os homens deveriam se aliar era Deus, porque *"O homem não é criação do homem, como pensam Marx e Sartre"*. ²⁴⁰

O Tito fez sua última intervenção escrita ao associar a participação dos Profetas na política escrevendo *"Teocracia"*, para depois fechar sua participação sublinhando a

²³⁷ DANIELLOU, Jean. *Op. Cit.* p. 163.

²³⁸ *Ibid. Idem.* p. 167.

²³⁹ *Ibid. idem.* p. 170; Referência a **André Neher** (1914-1988), filósofo e escritor franco-judeu que estudou temas hebraicos. **Ernest Renan** (1823-1892) e **Karl Marx** (1818-1883) são citados porque representam o humanismo ateu do século XIX.

²⁴⁰ *Ibid. idem.* pp. 170 e 171; Tito destacou as duas citações.

necessidade de se espalhar a filosofia de Jesus Cristo na terra, que entendo como auto-retrato das suas intenções: “*A função do sacerdote é transmitir esta graça. E a do leigo é fazê-la penetrar em todas as realidades humanas*”.

6. **A Igreja está com o povo?** De Aloísio guerra.

No meio da predominância de teólogos estrangeiros, encontramos um brasileiro, o Padre Aloísio Guerra, autor de *A Igreja está com o povo?* Uma provocação as posturas do Catolicismo brasileiro. Este volume fazia parte da coleção *Cadernos do Povo Brasileiro* que “... *Eram escritas em palavras simples, para popularizar os temas da revolução brasileira, com tiragem de 20 mil exemplares, em parte distribuídos pela UNE, que ficava com 50% do preço de capa, segundo o editor Ênio Silveira..*”.²⁴¹

Para termos uma idéia do que representava esta série editorial, os títulos são ilustrativos. *Que são Ligas Camponesas?* de Francisco Julião, *Quem é o povo brasileiro*, do historiador Nelson Werneck Sodré, *Por que os ricos não fazem greves?* do filósofo Álvaro Vieira Pinto, *O que é reforma Agrária?* de Paulo Schilling, *Como atua o imperialismo ianque?*²⁴²

Além destes títulos explicitam mais claramente os objetivos da coleção, *Quem pode fazer a revolução no Brasil?* De Bolívar Costa, *Como seria o Brasil socialista?* De Nestor Holanda, *Que é a Revolução Brasileira?* de Franklin de Oliveira.²⁴³

No texto de Aloísio Guerra, as intervenções escritas de Tito se resumiram a um comentário sobre paz e justiça, porém as sublinhações foram inúmeras, em praticamente todo o livro. Vamos então nos remeter e dar prioridade ao capítulo em que houve a intervenção gráfica, para depois aprofundarmos os trechos sublinhados.

Esta parte da publicação é uma exceção a regra, pois enquanto a média é de quatro páginas por capítulo, este que debate a relação entre *Marxismo e cristianismo* possui dez laudas, constituindo-se como o maior do livro. Nele Frei Tito adentra no texto riscando o trecho “*Porque a Igreja é o Evangelho, é Cristo...*”, além de um comentário sobre o estoicismo de Karl Marx destacado pelo Padre Aloísio Guerra:

“O homem Karl Marx é, sob certos aspectos, admirável. Em vez de viver tranquilamente como Professor numa universidade alemã, com todas as honras, bem

²⁴¹ GUERRA, Aloísio (Padre). *A Igreja está com o povo?* 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1963; RIDENTI, Marcelo. *Op. Cit.* p. 114. Ênio Silveira era proprietário da Editora Civilização Brasileira, militante do PCB e do Comando dos Trabalhadores Intelectuais.

²⁴² Esta frase não é Bíblica, mas é muito utilizada por cristãos das mais variadas denominações religiosas como se lá existisse.

²⁴³ RIDENTI, Marcelo. *Op. Cit.* p. 114.

alimentado e bem pago, preferiu ocupar-se do proletariado oprimido da Alemanha, França, Bélgica, Inglaterra, enfim, no mundo inteiro.”²⁴⁴

No desenrolar do texto novas opiniões sobre Karl Marx e o marxismo continuam nesta linha, da abertura para o diálogo sempre acompanhado por elogios que impressionam por saírem da cabeça de um sacerdote católico. Vejamos outras citações destacadas pelo Tito:

“Os cristãos não são obrigados a acusar o marxismo e os marxistas, mas antes obrigados a examinar como foi possível que o marxismo tenha chegado a considerar o cristianismo como uma potência de opressão”. E ainda “Os cristãos tem muito que receber dos marxistas, mas esses tem mais ainda que receber do cristianismo, o qual, em princípio, deve ser comunicado pelos cristãos aos seus irmãos marxistas”.²⁴⁵

A intervenção escrita ficou por conta de uma afirmativa quando acima de um início de parágrafo que dizia ser o Cristianismo pela paz, mas não menos pela justiça, O Tito escreveu em cima *“Não há paz sem justiça !”* portanto existe uma reinterpretação do escrito pelo autor, pois enquanto ele dá primazia a pacificação para depois defender a justiça, o Frei funde uma coisa com a outra, tornando-as carne da mesma carne.

Ao lermos este capítulo podemos nos lembrar das bruscas diferenças entre o Padre Aloísio Guerra e as opiniões do Papa Leão XIII sobre o comunismo e o socialismo explicitadas em Documento Oficial apontado nesta dissertação, que fazia parte do acervo deixado por Frei Tito. Enquanto naquele os comunistas são chamados de *pestes*, entre outros impropérios ofensivos, neste são adjetivados como irmãos.

Outra fonte de inspiração para o Tito pode ter sido o próprio Padre Aloísio Guerra que quero deixar claro não é um marxista-leninista tipo Vietcongue Bolchevista, apesar de ser mais aberto para com os comunistas do que grande maioria dos clérigos, mesmo naquela oportunidade histórica marcada pela intolerância de mão dupla.

Alguns trechos mostram isso: *“Creio firmemente na instituição episcopal como de origem divina. Minha crença chega a veneração ao considerar o Bispo teologicamente*

²⁴⁴ GUERRA, Aloísio. **Op. Cit.** pp. 38 e 39; O título deste capítulo foi retirado de um jornal do PCB, o semanário *Novos Rumos*, que naquela oportunidade publicara o artigo de um sacerdote francês chamado Claude Tresmontant que se intitulava *Marxismo e cristianismo*.

²⁴⁵ **Ibid. Idem.** pp. 42 e 45.

como o pastor da comunidade (mesmo sendo o Arcebispo Coadjutor de Natal, ou o bispo de Campos e Diamantina).²⁴⁶

Talvez a chave para entendermos o desencontro de A. Guerra e a comunhão entre este texto e Frei Tito tenham sido os justamente os três últimos capítulos do livro, *Creio no Bispo, Na história do Brasil e Conclusão inacabada*, onde estranhamente não existe nenhuma participação do Frei, seja escrita ou em destaque.

Em *creio no Bispo* além da profissão-de-fé de lealdade a Igreja existe outro comentário que destaca um trecho da Encíclica *Mater et Magistra* do Papa João XXIII que reconhece na socialização algo inevitável na contemporaneidade, o que deu margem ao Padre para associar esta observação papal com o comunitarismo cristão da Igreja Primitiva, para em seguida perguntar: “Qual o sistema que lhe é mais contrário?”.

Já em *Na história do Brasil* citou vários sacerdotes partícipes de momentos vitais da nossa constituição, como José de Anchieta, que seria cheio de tantos méritos que se tivesse aceitado as índias oferecidas pelos caciques como gratidão pelos benefícios feitos as tribos, teria montado um harém. Ou Antônio Vieira que utilizou sua pena e talento literário para denunciar os exploradores.

A lista ainda tem o Padre Francisco Ferro, assassinado com mais de oitenta fiéis pelos holandeses e seus aliados índios potiguares em 1645, Frei Caneca, mártir da emancipação nacional e da Confederação do Equador e Padre Feijó que como deputado constituinte nas Cortes de Lisboa lutou pela independência do Brasil.

Passando para a *Conclusão inacabada*, que possui este título porque segundo o Padre A. Guerra o leitor deve juntar e julgar todos os casos cá apresentados fez o autor questão de se referir ao capítulo *Marxismo e cristianismo* onde estava a importante lembrança de que a Igreja era o Evangelho, no qual Cristo definiu sua posição assim: “Eis que vim evangelizar os pobres”.

Neste ponto já podemos pensar, inclusive atendendo pedido do autor, que o marxismo foi o verniz que encobriu o verdadeiro estímulo destes homens, o Cristianismo. Claro que Tanto A. Guerra e muito mais Tito foram mais ousados, o primeiro ao chamar os comunistas de irmãos e o segundo ao entrar na ALN, quando tudo indicava que seu caminho seria a Ação Popular (AP), a filha desgarrada, mas legítima da filial brasileira do Catolicismo.

²⁴⁶ *Ibid. Idem.* p. 93; Já sabemos quem eram os Bispos de Campos - RJ e Diamantina - MG, quanto ao arcebispo Coadjutor de Natal em 1963 era D. Eugênio Sales que apoiou o golpe civil-militar de 1964.

7. Itinerário de Marx a Cristo: o caminho de Damasco de Ignace Lepp.

A linha até agora apresentada pelos livros do Tito sempre vão na mesma direção, de cristãos se aproximando do marxismo pelos mais variados motivos, porém no próximo acontece justamente o contrário, pois se trata de um comunista que abandonou a filosofia de Karl Marx e Friedrich Engels para seguir Jesus Cristo. Nesse sentido não é a toa que se chama *Itinerário de Marx a Cristo: o caminho de Damasco* de Ignace Lepp.²⁴⁷

A partir da titulação entendemos que se faz uma relação direta entre a tradição cristã que afirma ter sido São Paulo, o pagão perseguidor de cristãos, se convertido ao cristianismo durante uma viagem pela estrada de Damasco, oportunidade em que o próprio Jesus Cristo teria aparecido em forma de luz e lhe perguntado quais os motivos que o levavam a perseguir tão implacavelmente os cristãos?

Para Ignace Lepp, militante da Juventude Comunista e do PC Francês, as viagens que marcarão sua transformação em direção ao Cristianismo se deram na antiga União Soviética, onde esteve algumas vezes a partir de 1925. Porém foi somente na última delas nos anos trinta que o militante francês se decepcionou com o regime.

Durante a tensão no qual Ignace Lepp constatou em seus camaradas soviéticos que “*Para eles o “socialismo” deixava de ser uma aspiração do coração*”, Tito nada escreveu apesar de ter sublinhado umas poucas frases. A participação de sua escrita só aconteceu exclusivamente, durante o capítulo *Os dogmas de minha fé*, poucas vezes, três no total.

Vamos iniciar pelo subitem *Materialismo histórico e metafísico* onde estão os fundamentos essenciais dos criadores do marxismo. Sobre a questão, destacou: “*Nenhuma palavra é proferida com maior repugnância por um marxista do que: idealismo*”. E após um breve comentário do autor sobre sua juventude quando como todo bom comunista do seu tempo misturava todos os filósofos que colocassem as idéias acima da matéria, sublinhou:

*“que admitissem o absoluto acima da contingência, ou que explicassem o universo à partir de um princípio transcendente. Além disso o idealismo não podia ser, em qualquer de suas formas, se não uma filosofia reacionária e, conseqüentemente falsa. Só o materialismo era, a nosso ver, progressista, e portanto, verdadeiro”.*²⁴⁸

²⁴⁷ LEPP, Ignace. *Itinerário de Marx a Cristo: o caminho de Damasco*. 2ª edição. Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Agir. 1960.

²⁴⁸ LEPP, Ignace. *Ibid. Idem. Os dogmas da minha fé marxista*. p. 118.

Mais uma vez Tito demonstra seu entendimento e intimidade com os paradigmas marxistas ao participar das discussões ao escrever “*Domínio da razão*”. Em seguida em outro subitem, *As infraestruturas econômicas*, depois de várias observações de Ignace Lepp sobre a organização sócio-econômica de cada época histórica, além das suas contradições que levariam a sua superação, comentou: “*Caridade e fraternidade inconsciente*”.

Entendo que nestas observações do Frei Tito aparecem os dois vetores que alimentaram suas escolhas políticas, ou seja, de um lado o recentíssimo Marxismo adquirido principalmente nos estabelecimentos de ensino que freqüentou, do outro o Cristianismo familiar.

Também utilizo este raciocínio para explicar a opinião final do Frei quando o texto fala na *Emulação socialista*, e após riscar a observação “*Se a luta de classes se alimentava do ódio do adversário, a emulação socialista nutria-se sobretudo da consciência da solidariedade entre todos os membros de uma sociedade finalmente libertada. Cada homem teria apenas uma ambição: a de melhor servir à comunidade comunista*”. Disse: “*Tese de Lubac*”.²⁴⁹

Agora aconteceu novamente a utilização do catolicismo, já que o pensador lembrado foi um Cardeal da Igreja, Henri de Lubac, defensor intransigente da construção da sociedade baseada no amor ao próximo, pois isso representaria viver nos princípios deixados por Cristo. Tito então enxerga na construção da experiência socialista na URRS algo cristão, o que mostra sua verdadeira intenção, fazer através do não religioso o reino de Deus na Terra.

O último ato do caminho para Damasco após o desencanto com a militância comunista é narrado passo a passo em *Luz nas trevas*. Neste renascimento algumas Igrejas Protestantes, como a Batista, Metodista, Adventista, Pentecostais, foram procuradas em busca de informações e respostas para seus novos sentimentos.

Não ficou em nenhuma porque discordava da valorização da salvação unicamente individual em detrimento do coletivo do coletivo, do seu nacionalismo excessivo, da não preocupação com os homens no meio temporal e do fato delas terem sido fundadas em média mil e seiscentos anos depois de Cristo.

Porém o acaso mais uma vez redirecionaria sua vida fazendo-o cruzar com um Padre Jesuíta, que segundo afirma era dialético. Através das conversas com este sacerdote conheceu o internacionalismo do catolicismo, a Doutrina Social da Igreja com as encíclicas *Rerum Novarum* (1891) e *Quadragesimo Anno* (1931).

²⁴⁹ *Ibid. Idem.* p. 149.

Mas nada foi mais impactante do que descobrir que K. Marx e F. Engels não foram os únicos que na primeira metade do século XIX que tinham defendido os operários da super exploração capitalista, pois um Bispo da Mogúncia, Von Ketteler também no ano de publicação do *Manifesto do Partido Comunista* teria dirigido uma campanha em defesa de bons salários e dignidade para os trabalhadores. Além de Albert de Mun e o Cardeal Edward Manning da Grã-Bretanha.²⁵⁰

Tito não fez nenhum comentário escrito, apenas reutilizou a técnica do risco abaixo da frase para expor sua atenção para com alguns trechos, como a que afirma ser o *Sermão da Montanha* mais bonito do que o *Manifesto Comunista*, os comentários sobre o Bispo Von Ketteler, o monarquista Albert de Mun e o Cardeal britânico Edward Manning.

Sublinhou também o momento em que Ignace Lepp mostra a sua saída definitiva da curiosidade para entrar na religião em si, numa espécie de ritual de passagem: “Chegado o momento de passar da sociologia e da história para a religião propriamente dita, o jesuíta me emprestou a Vida de São Francisco de Assis de Joergensen, escritor socialista dinamarquês, convertido ao catolicismo”.²⁵¹

O Frei Tito encerrou suas intervenções riscando duas linhas do livro de Ignace Lepp que falam de um velho conhecido e admirado seu: “Graças a Henri de Lubac compreendi a noção de catolicidade era aplicável, também, ao comportamento intelectual”.²⁵²

A falta de posicionamentos escritos dificulta em muito uma possível compreensão dos seus sentimentos e compreensões sobre o que estava lendo, talvez estivesse apenas concordando com o autor de o *Sermão da Montanha* que é realmente mais bonito do que o *Manifesto Comunista*, ou também descobrindo assim como Ignace Lepp certos teóricos católicos precursores da Doutrina Social da Igreja.

Porém uma coisa é certa, tudo indica que o destaque dado aos trechos que citam Henri de Lubac, somados a biografia de São Francisco de Assis, santo por excelência da renúncia material, preocupação e caridade com o semelhante, demonstram a

²⁵⁰ **Wilhelm Emmanuel Von Ketteler** (1811–1877): Bispo católico da cidade de Mogúncia, capital do Estado da Renânia-Palatinado que fundou no século XIX do Movimento dos Trabalhadores Católicos para reivindicar leis que defendessem a dignidade do proletariado alemão. É considerado um dos precursores da Doutrina Social da Igreja. O Papa Bento XVI na Encíclica *Deus caritas est* reconheceu seu pioneiro ao citá-lo; **Albert de Mun** (1841-1914): Católico fervoroso francês, monarquista, político, e membro do Circulo Católico dos Operários e teórico do chamado socialismo cristão; **Edward Manning** (1808-1892): Cardeal britânico de Westminster ajudou a escrever a Encíclica *Rerum Novarum*.

²⁵¹ LEPP, Ignace. *Op. Cit.* pp. 238 e 248.

²⁵² *Ibid. Idem.* p. 265.

pretensão de uma rebelião moral teológica em prol dos maíores sofridos, esquecidos e humilhados.

8. Documento **A técnica da ação** da JUC.

Fecho esta exposição sobre a relação entre as leituras e a ação do Tito utilizando-me do documento *A técnica da ação*, da época em que o futuro Frei ainda era militante da Juventude Estudantil Católica (JEC) do Ceará. Nele perceberemos a tentativa de aproximação com o marxismo para efetivar projetos de outra corrente filosófica, o cristianismo e as discussões que empolgavam setores da sociedade brasileira naquele hiato histórico.²⁵³

O conteúdo é constituído por instruções que visavam criar lideranças jucistas que no futuro agiriam no meio popular, prioridade sintetizada na frase “*os líderes não nascem feitos, mas são feitos*”. Assim “*A formação de líderes deve ser uma preocupação contínua para diversos tipos de movimentos desenvolvendo antes de tudo a capacidade de sentir, compreender e arrastar a ação criadora dos homens de uma dada sociedade*”.²⁵⁴

No processo formador do líder teria um papel importantíssimo o movimento, sendo “*a ação como o centro de todo treinamento*”, com as seguintes fases que deveriam ser cumpridas na construção das lideranças: primeiro o líder deveria ser um agente da mudança. Depois este cabeça da transformação deveria analisar as forças defensoras e contrárias a modificação, estimulando as primeiras contra as segundas com a liderança inserida numa situação real.

Após a teorização do formar e agir o documento passa a detalhar a realidade brasileira que seria marcada pelos primeiros passos em direção ao desenvolvimento, mais ainda marcada majoritariamente um “*angustiante subdesenvolvimento*”, situação que exigia mentes esclarecidas que pudessem superá-lo. Mas por sermos um país jovem poderíamos, segundo o documento, não passar por situações difíceis de mentalidade e estruturas mal formadas.

Isso tornava duplo o trabalho das nossas lideranças, em primeiro lugar porque os obrigava a conhecer com profundidade a realidade brasileira, anotando os agentes que possibilitavam a superação deste quadro para não perdermos as oportunidades

²⁵³ O Documento se chama **A técnica da ação**, tendo sido confeccionado pela JUC Regional São Paulo. Arquidiocese de Ribeirão Preto. Abril/Junho de 1961; Foi-me gentilmente cedido pelo colega do Tito no Liceu do Ceará e também futuro militante do PCBR Walter Pinheiro. Portanto não fazendo parte do acervo do Museu do Ceará.

²⁵⁴ Documento **A técnica da ação**. p.3.

que surgissem. Ao mesmo tempo para evitar possíveis erros as lideranças deveriam apreciar as experiências conduzidas em tanto nos países desenvolvidos quanto nos subdesenvolvidos.

Depois de reconhecer a importância das lideranças, o documento lembrava aos cristãos que precisavam para concretizar estes desafios possuir uma *Metodologia da penetração ideológica nas comunidades*, pois eram herdeiros de um legado, “*anunciar Deus entre as nações e os povos*”. A propaganda neste sentido teria um papel importante nesta missão evangelizadora catequética.

Essa propaganda tinha por objetivo difundir as idéias jucistas entre os moradores das mais diversas comunidades e ao mesmo tempo conseguir sua adesão para levar a frente o projeto transformador do Brasil. Por isso estes militantes para ganhar os populares para o que eles mesmos chamavam de sua *ideologia* achavam indispensável três posturas: Ver, julgar e agir.

A partir da verificação do ambiente, julgamento da situação, sairia à ação mais racional que enfrentaria a realidade encontrada, se levaria a cabo uma *Ação negativa*, ou seja, a remoção dos obstáculos naturais existentes a presença da militância da JUC no local, de acordo com o nível de resistência, *Débil ou Forte*.²⁵⁵

Vencidos os obstáculos iniciais, começaria a *Ação positiva*, “*que deverá atuar sobre área limpa*”, sustentada pelas várias formas de *Agir. Oportunamente* nos melhores momentos e não indo contra as tendências mais fortes do grupo. *Como parte do grupo*, afirmando-o, elevando seus valores positivos. No *anonimato*, como fermento na massa, quando o líder se afirma no seio da comunidade. *Tecnicamente*, com precisão e objetividade, aproveitando-se das experiências anteriores dos comunitários.²⁵⁶

A próxima instrução deste manual “ideológico” será a *Propaganda de tipo leninista*, resumida em seis pontos cardeais, sendo a relação entre as massas e o Partido Comunista o referencial que se pretendia copiar, pois esta organização funcionava como um ponto de ligação entre as camadas populares que se desejava atingir, e as elites.

Chama atenção o fato dos autores terem associado à vanguarda *leninista encastelada no Partido* com os *agrupamentos religiosos laicos* do interior da JUC, o que configurava uma aproximação sem dúvida bastante diferente do que normalmente acontecia quando o assunto era a relação entre a Igreja Católica e os grupos

²⁵⁵ No anexo o leitor(a) encontrará o esquema usado pelos jucistas na sua ação evangelizadora, e perceberá que se assemelha com um croqui militar ou um plano pré-estabelecido por uma instituição qualquer, governamental, política, econômica...

²⁵⁶ Aparece um novo plano em forma de planejamento bélico, *vide* anexo.

marxistas, pois quase sempre nessa época viviam num conflito sem tréguas um com o outro.

Preparado o terreno através da propaganda para a investida consolidadora no ganhar das massas, se passaria agora para a fase final do processo com a *Invasão total da ideologia*, que como o próprio nome esclarece seria de fora para dentro, dos teóricos em direção ao povo através de duas táticas, a *Aproximação individual* e a *Invasão total*.

No primeiro caso existiam foram dadas instruções de não se investir, expor as suas idéias sem antes escutar o público alvo, e para isso se deu um exemplo de como se comportar diante de uma situação concreta durante as discussões com a comunidade: “*Colega, há dias ouvi a sua opinião sobre o assunto tal e pensei sobre ela... (meio caminho andado)... parece-me que você dizia então... (e diz-se o que se deseja)*.”²⁵⁷

A seguir na segunda parte se faria o ataque de “*forma simultânea e por todos os lados*” utilizando os meios visuais e auditivos unanimidade, tendo a afetividade um papel importante na criação do respeito das massas pelas lideranças. Além disso, se deveria acrescentar poucas idéias de cada vez de forma clara e acessível, que refletissem os interesses dos indivíduos, que os emocionasse.

Além de atraentes estas idéias teriam que ser sistematizadas com argumentos de três naturezas: filosófica, científica e da autoridade, abrindo espaços para o que o mais importante e fundamental, o *Aprofundamento ideológico*, pois uma idéia mal assimilada e não aprofundada seria facilmente esquecida, por isso essa consolidação se faria através da vivência e dos estudos teóricos, ou consolidação do eixo central da doutrina na militância.

Esta *cartilha-manual* de ação da JUC paulista que foi apropriada pela militância da JEC cearense pode e deve ser vista de vários ângulos e possibilidades para que possamos entender o caso deste militante que se “desgarrou” do catolicismo em direção a guerrilha. Para isso vejo que são necessárias discussões em torno dos destinos do Brasil, a relação entre a teologia e o marxismo e o sentido da história.

No primeiro destaque percebemos que a grande preocupação do documento e a formação de líderes que deveriam *agir politicamente na realidade brasileira* com objetivo de acelerar o desenvolvimento nacional já iniciado, mas ainda muito distante do que se almejava, o paradigma do primeiro mundo.

É claro que desenvolver não significava apenas fazer crescer a economia, mas integrar o povo, as comunidades, os indivíduos das camadas populares no usufruto da

²⁵⁷ A técnica da ação. *Op. Cit.* p. 14.

riqueza, para que não se repetisse o de sempre, uma minoria de ricos e uma grande maioria de pobres. Acredito então que isso nada mais era do que uma faceta, grosso modo, Democrata-Cristã ou Doutrina Social da Igreja inserida na periferia do capitalismo.²⁵⁸

Essas observações se ligam diretamente a *aproximação da teologia crista, principalmente católica, com o marxismo*, não pretendo aprofundar o assunto porque não é o objetivo deste trabalho, mas vejo e reconheço que muitos clérigos realmente se aproximaram do marxismo porque entenderam que a racionalidade desta teoria poderia ser um instrumento útil de evangelização num mundo cada vez mais laicizado.

Ora se o próprio Vaticano oficialmente tomava posições que reconheciam, até nas Encíclicas e Documentos Papais, o fosso criado pelo capitalismo entre ricos e pobres, por que não se poderia usar o marxismo parcialmente nesta cruzada? Por acaso não tinham sentido, com exceção da não existência de Deus, as opiniões comunistas sobre os mais variados assuntos econômicos e sociais?

Agora vejamos que nenhum dos Padres propôs o socialismo em si, mas a utilização de parte do marxismo para entender e reformar com profundidade o capitalismo, parecendo até certa postura contra-revolucionária, que se antecipa, faz as reformas antes que algum grupo extremista de esquerda as coloque no jogo político e possa ganhar as maiorias trabalhadoras para seu projeto subversivo da ordem.

Claro que os reacionários e tradicionalistas empedernidos consideraram isto uma afronta e a repeliram bruscamente, mas isso não significa que tais propostas fossem realmente revolucionárias. Na verdade numa sociedade como a brasileira dos anos cinqüenta, sessenta e setenta, terrivelmente desigual e autoritária, pareciam ser algo

²⁵⁸ Depois da Segunda Guerra Mundial o discurso Democrata Cristão se consolidou em oposição ao marxismo. Na então Alemanha Ocidental Konrad Adenauer falava em prosperidade para todos, enquanto na Itália Alcides de Gaspari pregava o desenvolvimento peninsular, já que a “bota” não era rica como os outros países capitalistas europeus, sem esquecer a divisão do pão, ou seja, da riqueza. No Chile o Democrata-Cristão Eduardo Frei governou o país entre 1964 e 1970 falando até em *revolução* em liberdade, existia inclusive uma ala partidária mais ousada que simpatizava com as transformações que estavam em andamento em Cuba, chegando inclusive a apoiar o marxista Salvador Allende na eleição presidencial de 1970. Portanto no terceiro mundo periférico os movimentos cristãos tendiam a ser mais abertos, caso do Brasil e do Chile, pois acossados pelo imperialismo, como nas lutas pela nacionalização e estatização do petróleo brasileiro e do cobre chileno, ambos em mão de companhias estrangeiras.

extremista, mas na verdade era uma democracia cristã adaptada a realidade da América do Sul.²⁵⁹

Por fim temos o *sentido da história*, assunto que o *Documento* tem várias opiniões que lhe dão um norte, uma linha do tempo, o que dava margem a geração de certezas entre os seus militantes: “O grande pecado da humanidade, através dos séculos, e não ter descoberto que a história tem um sentido e que a missão dos homens é realizar a história nesse sentido”. Neste sentido cabia aos homens apenas integrar-se ao plano da corrente divina e realizar a sua obra.²⁶⁰

A história é inclusive utilizada para expor o anticomunismo da JUC, tirando qualquer dúvida sobre as intenções deste setor do catolicismo tido como radical, extremado e até marxista-leninista semelhante aqueles que estavam lutando no Vietnã ou no poder em Cuba, na ex-URSS ou na China:

“As páginas da história não cessam de passar. As páginas da vida do Homem muitas vezes se repetem. As semelhanças são uma constante lição onde podemos muita coisa apreender. Os impérios da Síria, da Babilônia, do Egito, da Grécia, de Roma, dos Bárbaros, de Alexandre, de Napoleão, dos Czares, todos parecem escritos com a mesma letra. **Isto nos faz pensar que seja idêntica a letra com que está escrevendo a letra do Império bolchevista.** A queda de todos eles completa as páginas da Grande História”.²⁶¹

Vejo também nesta análise da história certa semelhança com os discursos que profetizaram a *Pentamonaquia*, só que atualizada para a realidade do século XX, herança deixada por alguns teólogos, como o Padre Antônio Vieira, que vislumbrou a ascensão da quinta monarquia abençoada por Deus, o *Reino dos Santos* após a queda da Pérsia, Babilônia, Grécia e Roma, que no caso seria Portugal.²⁶²

²⁵⁹ O Documento cá usado tem na sua bibliografia os seguintes livros que demonstram este ecumenismo ao mesmo tempo laico e teísta: *Tese: metodologia de penetração ideológica nos ambientes culturais comunitários*, do Padre José Marins; *Laird and Laird: Psychology of leadership*, de P. Weil; *A propaganda política*, de J. M. Domenach; *Doutrina e tática comunistas*, de P. Salgado; *A educação dos grupos*, J. A. Rios; *Psicologia social*, de O. Klineberg; *Pastoral: unidade e atualização do apostolado*, de D. Luís do Amaral Mousinho; *Encíclicas e Documentos Pontífices*, Diversos; *Material da JUC*, Diversos; *Síntese de história de La Iglesia*, de P. Hughes; *Curso de capacitação ao comunismo*, do Partido Comunista do Brasil (PCB) e *Revista Problemas da paz e do socialismo*, nº 7, 1960.

²⁶⁰ A técnica da ação. Ação Cristã. **Op. Cit.** p. 17.

²⁶¹ **Ibid. idem.** p. 17.

²⁶² No trabalho *Defesa do livro intitulado Quinto Império* o Padre Antônio Vieira profetizou este reino. No século XVII os Pentamonaquistas estiveram presentes e lutaram na Revolução Inglesa. Vide HILL, Christopher. *O mundo de ponta a cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. 1ª edição. São Paulo. Editora Companhia das Letras. 1987.

Jesus Cristo na mensagem jucista teria um papel central na intervenção humana na história, pois além de salvador era o guia: *“A grande confiança do Cristão é a certeza de estar construindo História eterna de Deus, cujo capítulo temporal é a história do homem que, em CRISTO passa a viver a eternidade de Deus”*. Por isso tudo na história estaria pré-determinado, era inevitável:

“Nada pode abalar o otimismo cristão. Os homens passam e a história escreve-se. Deus avança na história e ela se realiza segundo os planos de Deus. Nenhum acontecimento histórico-humano justifica o desespero, o medo ou a falta de fé do cristão. Nada modificara o plano histórico de Deus”.²⁶³

Vejo então que tais discursos históricos associados ao projeto nacional-desenvolvimentista existente no Brasil pós Segunda Guerra Mundial e ao clima de rebelião no exterior com guerrilhas e revoltas estourando em todos os continentes, além do estímulo religioso que levava ao sentimento cristão da caridade e sincero amor ao próximo no caso específico do Frei Tito. Mas como explicar sua decisão de militar numa organização armada como a Ação Libertadora Nacional (ALN)?

Penso que a resposta passa pela decepção com a maioria, dois terços, da hierarquia da Igreja pelo apoio dado ao golpe de 1964, quando marchas foram organizadas pelos bispos brasileiros em união com as forças conservadoras e reacionárias para justificar através da mobilização de parcelas significativas da população, a quebra da ordem constitucional. Foi uma decepção para todos os clérigos e leigos que estavam por dentro e por fora do aparelho eclesiástico tentando dar novos rumos a Igreja brasileira.

Tito era originário do Colégio Liceu do Ceará conhecido pela mobilização estudantil, bastava que seu corpo discente concluísse que algo tinha que ser feito em favor de uma reivindicação considerada justa para que as energias fossem liberadas nas praças e ruas da capital, inclusive com a utilização da depredação.

Já no sul do país, em Belo Horizonte (MG) entrou para a Ordem dos Dominicanos, como vimos uma das que mais produziu, junto com os Jesuítas, intelectuais renovadores no catolicismo brasileiro e mundial. Depois foi transferido para São Paulo (SP) onde se integrou por completo ao movimento estudantil após entrar no curso de Ciências Sociais da USP. Foi um dos presos em 1968 no Congresso da UNE em Ibiúna (SP).

²⁶³ A técnica da ação. *Op. Cit.* p. 17.

Nessa época em conjunto com outros companheiros da ordem religiosa entrou em contato com o Agrupamento Comunista de São Paulo, núcleo da futura ALN, integrando-se ao chamado Grupo de Apoio da Organização. O restante da história nós conhecemos, prisão, tortura brutal, exílio no Chile e na Europa, e o suicídio.

Portanto o Frei se construiu como sujeito histórico num clima de contestação e muita esperança de mudar o estado das coisas, fazer a reforma agrária, desenvolver o Brasil com distribuição de renda, reafirmar o nacionalismo... Além disso, a postura da movimentação fez parte da sua formação intelectual, tanto no Colégio, quanto no Seminário ou no Convento.

A ALN por outro lado como um *Partido Armado* se encaixava como solução para os males, primeiro desafiava a ditadura com a energia que muitos, especialmente os mais jovens como ele, diziam ter faltado em 1964, e depois porque era por excelência a encarnação da *ação* como solução para todos os problemas. Não foi Carlos Marighella que afirmou em diversas oportunidades que seus guerreiros não pediriam licença a ninguém para fazer a revolução.²⁶⁴

Esta decisão tomada pelo Tito não foi inédita na América Latina daquele momento, pois na Colômbia o Padre Camilo Torres morreu em combate em 1964 lutando nos quadros da organização guerrilheira foquista guevarista Exército de Libertação Nacional (ELN), acontecimento que teve enorme repercussão nos meios religiosos do continente, principalmente entre os católicos. E não duvido que esta informação tenha chegado aos seus ouvidos.

Mas volto a afirmar não foi o marxismo que levou Tito a entrar na guerrilha, a influência desta filosofia foi indireta, através da JEC, JUC e dos teólogos franco-suíços. Serviu apenas de instrumento enriquecedor do fator central subjetivo que o levaria a luta armada, o doar-se gratuitamente aos semelhantes, como nos mostra a cena do filme *Batismo de Sangue* em que diz romanticamente a irmã Nildes: “*Eu quero voltar para o meu povo*”.²⁶⁵

Quero encerrar os comentários sobre o Tito de Alencar Lima lembrando um epíteto do então estudante secundarista do Liceu do Ceará que lhe causava, segundo o seu colega de Liceu Walter Pinheiro, imensa satisfação, **Titov**. Uma associação aos eslavos da Europa Oriental, região do *socialismo real*, e mais pontualmente com o iugoslavo, Marechal Josip Broz Tito.

²⁶⁴ No item dedicado a ALN no primeiro capítulo os leitor(a)s poderão encontrar a bibliografia que demonstra esta fé inabalável na ação revolucionária.

²⁶⁵ Filme ***Batismo de sangue*** do Diretor Helvécio Ratton. 2007; Para o romantismo veja Marcelo Ridenti no livro *Em busca do povo brasileiro: Artistas da revolução, do CPC à era da TV*. P. 23-59.

As origens deste epíteto o contemporâneo não soube explicar se foi uma autoprocamação, ou obra de terceiros que ao notarem sua simpatia pela esquerda o vincularam ao Leste Europeu, ou apenas uma brincadeira sem nenhuma conotação política. Penso que existe a possibilidade de que este apelido seja uma prova de sua aproximação do marxismo, já que neste período já era vinculado, mesmo perifericamente, ao marxismo.

Dessa forma a guerrilha foi a chave que de acordo com que observei nas suas leituras e observações, que mais eficaz e rapidamente abriria caminho para a construção de uma nova sociedade aparentemente socialista. Mas na verdade um ensaio terreno que prepararia os homens para o arrebatamento no juízo final quando finalmente os justos ganhariam o *Reino dos céus*.

CAPÍTULO III: Às armas Camaradas!

3.1. Em confronto aberto.

Quando uma tropa regular, Exército convencional com as três armas, engenharia, infantaria e artilharia, ou irregular, caso das mais variadas guerrilhas, entre as quais as organizações que pegaram em armas contra a ditadura civil-militar (1964-1985) no Ceará, está estimulada e convencida de que seus propósitos são corretos, muitas vezes independente dos obstáculos enfrentados, encaram a situação com destemor.

Mesmo durante o conflito que deu origem a palavra *guerrilha* ou pequena guerra, entre as forças franco-napoleônicas e os realistas espanhóis, a bravura no campo de batalha foi onipresente. No final como sabemos os revolucionários tricolores liberais foram sendo derrotados pelos absolutistas, que por sinal eram apoiados pela massa camponesa católica.²⁶⁶

No caso brasileiro podemos citar vários exemplos de atitudes semelhantes, mas só para demonstrarmos a existência da postura cá trabalhada lembremos Canudos, a comunidade interiorana que enfrentou expedições de aniquilamento formadas por militares e policiais obtendo vitórias sobre as três primeiras, e mesmo sendo derrotada pela quarta foi à custa de muitas mortes e feridos sobre os adversários.²⁶⁷

A mesma coisa aconteceu na insurreição de novembro de 1935 quando um pequeno grupo de vinculados ao PCB e a Aliança Nacional Libertadora (ANL) achou possível mudar um país através das armas. Porém neste caso existe um detalhe que teve repercussões profundas no futuro, inclusive ainda hoje, a famosa fotografia dos derrotados retirando-se sorridentes do quartel do 3º Regimento de Infantaria (RI) no Rio de Janeiro (DF).

Esta imagem foi utilizada pelos vencedores e inimigos da esquerda em geral, singularmente dos marxistas, como prova de que aqueles homens que se envolveram com a filosofia nefasta comunistas eram sádicos inimigos do cristianismo que teriam assassinado seus companheiros de farda dormindo, e

²⁶⁶ Isto pode ser visto no filme católico franquista **Marcelino. Pão e vinho** do Diretor Vladislao Vajda. Espanha/Itália. 1955.

²⁶⁷ MUNIZ, Edmundo. **Canudos: a guerra social**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Editora Elo. 1987.

ainda se regozijavam com a perversidade em público. Portanto eram indiferentes, debochados, “demônios”.

Na verdade a satisfação mesmo se tratando de uma rendição e a consciência de que pagariam caro pelo levante extremista se originava em duas causas, no fato da moral esta alta pela certeza de que tinham feito algo que consideravam positivo para o Brasil e seu povo, e porque coincidentemente alguém na hora em que o fotógrafo estava para acionar a câmera falou alguma coisa engraçada e todos abriram o sorriso.²⁶⁸

Acredito que a partir de agora após termos demonstrado que independente dos objetivos os homens e mulheres são capazes de qualquer sacrifício quando acreditavam nas suas causas, analisaremos a ação de alguns militantes que pertenceram às organizações armadas que lutaram contra a ditadura no Ceará.

Recomeçamos com o admirador dos Vietcongues e militante do PCdoB Eloísio Peixoto, que depois de leituras mencionadas, decepções e redescobertas do catolicismo, concluiu em 1968 que passeatas e pichações não dariam jeito na situação, que não resolveriam absolutamente nada. Por isso se ofereceu para ser deslocado para o interior do Ceará, onde seria adestrado em técnicas de guerrilha numa base clandestinas do Partido.

A tarefa que se propôs a fazer não era das mais fáceis. Ao mesmo tempo queria derrubar a ditadura, trabalhar contra o imperialismo americano, que segundo acreditava seria a desgraça do mundo, inclusive enganadora, pois divergia de programas como *Aliança para o progresso*, para ele uma esmola.

Mas como estava convencido da justeza da sua causa e decidido a lutar com armas em punho não deu um único passo atrás, ao contrário sentiu-se feliz quando chegou a resposta *in persona* da solicitação feita ao Comitê Regional sobre seu deslocamento para a zona rural. Encontrou então com uma pessoa que veio do sul para detalhar as primeiras ordens aos camaradas do Ceará sobre o andamento do projeto guerrilheiro.²⁶⁹

²⁶⁸ Para o levante de 1935 *vide* bibliografia. O caso específico dos praças e oficiais sorrindo na rendição e saída do 3º RI ler MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Op. Cit.* pp. 76-84 e 112-120.

²⁶⁹ Eloísio Peixoto depois soube que o mensageiro era o membro do Comitê Central Wladimir Pomar, filho do ex-militante do PCB que aderiu ao PCdoB **Pedro Pomar**, assassinado pelo DOI-CODI/SP em 1976 na conhecida Chacina da Lapa.

Guerras sempre estão relacionadas a possíveis ferimentos de vários tipos, e já prevendo esta possibilidade os militantes fizeram secretamente um curso de enfermagem, primeiros socorros no Hospital das Clínicas da UFC, para como disse não chegassem “*crus ao campo*”. Aprendeu a aplicar injeção, tirar a pressão, e depois fez viagens, umas três, para o interior do Estado, pois precisava conhecer a geografia e as pessoas de onde seria baseado.

Em 1970 na clandestinidade sentou Praça na Serra Grande, fronteira entre o Piauí e o Ceará, sendo o deslocamento de dez léguas, sessenta quilômetros, entre o município de Novo Horizonte e a base do Partido, feito no lombo de animais, pois não existiam estradas. Além disso, outro obstáculo dificultava a missão, as trilhas eram de areia, mas como já tinha experiência com as roças do Jaguaribe, acabou superando mais esta barreira.²⁷⁰

O próximo passo foi à sobrevivência, para isso começaram a plantar feijão, milho, e criar galinhas, sendo o excedente vendido, além de receberem ajuda em dinheiro do Partido entregue pessoalmente pelo Camarada Vladimir Pomar, conhecido pelo nome falso de “José”. Isto desconstrói um dos discursos mais repetidos pela ditadura, que a guerrilha brasileira era abastecida pelos seus financiadores, Cuba, URSS, e no caso do PCdoB, a China.

A integração a zona rural não se deu apenas por uma necessidade de sobrevivência, pois fazia parte dos planos do Partido esta aproximação com as comunidades, tática do maoísmo, *a guerrilha é o peixe, e o povo o mar*. Para isso aproveitaram-se do trabalho já existente das Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBS) lideradas pelo então Bispo de Crateús D. Antônio Fragoso, para criar outras organizações só que sob controle do PCdoB.²⁷¹

Nestas comunidades aconteciam aulas administradas por uma moça chamada Alzira ou “Leda”, filha de um morador de Crateús, José Ferreira. Neste trabalho também participava outra jovem, Judite, que acabou casando com outro militante do Partido, Washington ou “Luís”, que estava baseado em

²⁷⁰ Os detalhes de boa parte destes acontecimentos na versão do Eloísio estão no Jornal Diário do Nordeste de 24/11/05. p. 14.

²⁷¹ **D. Antônio Fragoso** (1920-2006). Paraibano, foi o primeiro Bispo de Crateús entre 1964 e 1998. Apoiador da Juventude Operária Católica (JOC), além da Teologia da Libertação, movimento que ganhou força nos anos sessenta e setenta na Igreja Católica latino-americana. Incentivador da organização e luta dos movimentos de trabalhadores rurais, era considerado *persona non grata* pela ditadura.

Novo Oriente, cidade cujo pároco local, Padre Geraldinho, apoiaria a causa revolucionária. E por fim seu camarada mais próximo, Tarcísio ou “Paulo”.

O método utilizado nos estudos com os agricultores era o desenvolvido pelo intelectual católico Paulo Freire, que segundo Eloísio Peixoto conscientizava politicamente. Vejo assim um cruzamento o Partido e um setor da Igreja Católica, um querendo a justiça social e o outro o socialismo entre os homens ainda na terra. Considero pouco provável pelos depoimentos que o PCdoB tenha fundado sindicatos sem o conhecimento dos religiosos.

A própria relação entre V. Pomar com o Bispo corrobora nesta direção, Eloísio ou “Pedro” ao falar da presença mensal do seu camarada “José” na região, diz: *“Uma vez no mês ele aparecia lá, em Novo Oriente. Quando ele vinha se hospedava na casa do D. Fragoso. No depoimento de Eloísio há indícios de que D. Fragoso desconfiava que Pomar fosse comunista. “Acho que ele sabia, eu não sei se ele exatamente sabia. Mas ele desconfiava”.*²⁷²

Mas como a ordem era reconhecer o máximo possível o espaço geográfico em que a guerra revolucionária prolongada poderia se deflagrada no futuro, os militantes não pararam na área, o que lhes possibilitou algumas descobertas. A primeira delas, era de que a região possuía muitas grutas que poderiam ser usadas como esconderijos.

Além disso, aprenderam a sobreviver na mata serrana graças à descoberta da existência de uma espécie natural de batata e o mais importante um cipó fácil de ser cortado, diferente do xique-xique e do mandacaré, que são plantas xerófitas, que depois pingava água potável. Outro achado que lhe impressionou foi um poço natural incrustado na rocha de cerca dois metros de profundidade, que cobria com facilidade um homem quando cheio no inverno.²⁷³

O reino animal também fazia parte deste esforço alimentar, pois naquela época existia no local uma boa quantidade de mocós e veados, que acabaram

²⁷² **Eloísio.** Entrevista.

²⁷³ Vejam que se trata de uma adaptação semelhante ao que fizeram os comunistas vietnamitas (vietcongues) na Indochina, técnicas que foram aprendidas pelos seus adversários franceses e repassadas aos norte-americanos nas escolas militares nos Estados Unidos e na zona do Canal do Panamá, na famosa Escola das Américas (SOA). Foi nesta última guarnição militar que os brasileiros estudaram a luta em florestas, aprendizado que possibilitou a criação do Centro de Instrução de guerra na Selva (CIGS), localizado em Manaus (AM), que formou as tropas especializadas das Brigadas de Infantaria e Selva (BIS) que ajudaram a liquidar a chamada “guerrilha” do Araguaia.

caçados implacavelmente pela dupla de rebeldes. Ao mesmo tempo este procedimento era utilizado como treinamento militar de guerra, sendo as armas espingardas de caça, o que mais uma vez comprova o que afirmei pouco acima, de que a guerrilha brasileira ao contrário do que dizia o discurso oficial, era, como disse Alain Rouquié, esquelética.

“Pedro” sempre acompanhado de “Paulo” além da integração estratégica com a natureza criaram um esconderijo artificial na Serra ao construíram um túnel semelhante aqueles que existiam no Vietnã. Esta obra revolucionária acabou sendo muito útil, pois quando a polícia esteve no encalço do seu camarada Tarcísio o local escolhido como refúgio foi justamente o túnel.

Eloísio aproveitou a oportunidade para ressaltar que além das engenharias ensinadas no livro de Wilfred Burchett existiam instruções de relacionamento com o povo, vejo muito semelhantes as que ele e seu Partido tinham com os moradores da Serra da Ibiapaba. Neste sentido ressaltou: *“Ensina como organizar uma população para uma guerra, chamar uma população para uma guerra, né, para fomentar uma população para uma guerra, (...)”*.²⁷⁴

Vejam que este procedimento se liga ao leninismo e ao maoísmo, a preocupação de ganhar os populares antes dos conflitos revolucionários, em outras palavras criar as condições subjetivas, introduzir o marxismo na cabeça dos trabalhadores para finalmente fazer uma insurreição, um levante revolucionário.

Outro acontecimento que expõe as intenções de luta do PCdoB a partir da tradição russa desdobrada na China foi à condenação radical da ação que levou a morte do comerciante de São Benedito. Eloísio classifica como irresponsável, luta sem povo, afoitamento, a atitude da ALN em proceder desta forma, configurando o choque entre o maoísmo e o foquismo em plena Serra Grande, apesar de todos defenderem a guerrilha.

Ainda na Serra acompanhavam estes treinamentos discussões teóricas, sessões que pareciam à leitura obrigatória da Bíblia entre os *roundheads* chefiados pelo líder republicano inglês Oliver Cromwell. Para Eloísio isso além de entranhar na pessoa o comunismo, quando um dos presentes dava uma opinião imediatamente se fazia uma análise para saber se estava de acordo

²⁷⁴ *Ibid. Idem.*

com o marxismo-leninismo. Hoje acha que era muito *“parecido com uma religião”*.

Toda esta movimentação só tinha um objetivo, disciplinar os corpos física e psicologicamente para tornarem-se guerreiros, que abririam os caminhos que levariam o Brasil ao socialismo. Nesta luta encarniçada a morte era uma possibilidade concreta, praticamente certa, tanto do lado dos revolucionários quanto dos agentes do Estado.

A opinião de Eloísio sobre a necessidade de matar alguém em nome da revolução pode ser entendidas também relacionando-a a sua infância e parte da adolescência no Vale do Jaguaribe. Região conhecida pela prática da pistolagem, tradição privada de violência utilizada na resolução de conflitos, principalmente os que envolvessem a política nos três níveis, municipal, estadual, federal e a propriedade de terras.

Relatou-me que neste mundo tudo era decidido pela família mais rica e poderosa do pedaço, o prefeito mesmo que não tivesse laços consangüíneos com o grupo mais forte, deveria obedecê-los cegamente. Os laços de confiança eram construídos a partir de favores pessoais, em que normalmente a família mais plenipotenciária se envolvia como juiz do assunto.

Este microcosmo coronelista também lhe deixou uma marca na infância, o assassinato de uma pessoa da cidade que por ser obesa era utilizada como ícone nas *“brincadeiras da molecada”*. E à medida que foi entendendo as relações de poder na cidade e região formou uma opinião de repúdio a estas práticas: *“Eu achava Jaguaribe uma porcaria. Cada um só queria mandar”*.

Porém novas experiências e espaços de convivência fizeram com que o Eloísio mudasse de opinião a respeito do ato de matar, que passou a ser visto como uma necessidade que levaria a construção de um mundo melhor para as maiorias. Nesta transformação, a do *homo bellicu* as leituras marxistas e o treinamento militar guerrilheiro na Serra Grande tiveram um papel importante como estimulantes que o convenceram a aceitar a nova conduta.

No depoimento está clara a compreensão da morte como uma necessidade revolucionária, extrema, porém justificável: *“Esse negócio de mandar matar, eu achava uma agressão, extremamente violento”*. *“Mas”* o contato com as idéias comunistas lhe mostrou que para fazer a revolução não nada seria mais importante, família, amigos, nada.

Portanto matar, destruir os antirevolucionários, os anticomunistas, os antitransformadores, seria uma atitude normal, racional, politicamente correta. Disciplinado, ainda deixou claro que se tivesse tido a oportunidade de ir para o Araguaia teria ido. E se estivesse armado, como uma metralhadora, na Serra revidaria possíveis ataques das forças da ditadura *“porque foi preparado para isso. Não tinha outro pensamento. Matar ou morrer”*.

Apesar do esforço monumental destes esquerdistas, o trabalho político assim como na região do Araguaia não saiu da etapa inicial, relações amistosas entre aquelas pessoas vistas como cordiais, prestativas, que estavam sempre distribuindo simpatia e solidariedade com os mais pobres. A guerra revolucionária e o marxismo se quer eram conhecida pelos moradores, como esclareceu Eloísio *“tudo ficava em segredo entre os militantes”*.

Diante deste quadro de conexão e ao mesmo tempo de desconexão entre as partes, bastou que a repressão chegasse e tudo se desmoronou como um castelo de cartas. No caso do Eloísio começou com a necessidade de vir para a capital para tratar de sua saúde, onde também sofreu pressão psicológica da mãe para que desistisse.

Durante uma convalescência em casa ao assistir o Jornal Nacional da Rede Globo, se deparou com a notícia da prisão de vários dos seus camaradas, e sua foto estava entre os que ainda estavam soltos, mas procurados. Era março de 1973 e diante da gravidade da situação resolveu fugir, primeiro no litoral cearense, em São Paulo, capital, reduzindo seu contato com o PCdoB a um irmão também militante e fugitivo.

À medida que o tempo foi passando sua ansiedade em pegar em armas, de construir uma guerrilha no Ceará foi se tornando coisa do passado. Em depoimento explica as causas do arrefecimento de seu entusiasmo na descoberta do *Aikidô*, uma luta marcial oriental que lhe teria trazido a liberdade que tanto desejava e na lembrança do pedido da mãe para que abandonasse a guerrilha.

Isso não significa que Eloísio tenha deixado a política, pois declara que acompanhara a Chacina da Lapa, a invasão da PUC em 1977, onde estudava física e foi um dos presos, e dos contatos que fazia com o sobrevivente do Araguaia José Genoíno Neto. Em 1980 esteve no Colégio Sion onde assistiu a

fundação do PT e reencontrou seu velho camarada “José” ou Vladimir Pomar, agora rompido com o PCdoB:

“Eu não fui Direção, mas fui pro campo, e se eu tivesse dezoito ou vinte anos e o regime tivesse no mesmo que estava, eu iria do mesmo jeito, não me arrependo do que fiz, de jeito nenhum porque o caminho era pra esse país, um país melhor, um país liberto, um país de igualdade”.²⁷⁵

A valorização destas lembranças gera em sua fala a repulsa contra aqueles que ele considera como “traidores”, da mesma forma ele diferencia aqueles que deram informações aos órgãos de repressão quando agredidos pela máquina de terrorismo de Estado que usava e abusava da tortura, não eram fracos e necessariamente traidores, mesmo que fossem dirigentes.

Porém verifica-se neste depoimento um sentimento de aversão contra os que fizeram parte das organizações armadas e passaram para o lado do inimigo ao colaborarem inclusive como “cachorros”. Agentes infiltrados entre seus antigos companheiros de luta para atraí-los para os braços dos órgãos de repressão do Estado autoritário. Referindo-se a uma pessoa em São Paulo (SP) que procedeu desta forma, declarou:

“Ele fez feio, ele passou a ser membro da direita, membro da Polícia Federal, ele passou a ir à televisão e falar a favor do sistema. Então essas coisas aí, é que realmente eu condeno, não é entregar o outro, é fazer a coisa feia, coisa do poder, se você defendia uma de liberdade, como é que você vai virar casaca”.²⁷⁶

O caso do militante do PCBR Célio Miranda de Albuquerque além de completamente diferente da situação do Eloísio Peixoto, pois nascido numa família em o comunismo esteve presente no cotidiano devido à militância do pai nos quadros do PCB, teve uma passagem contraditória pela guerrilha, pois lutara com dúvidas e às vezes “sem querer” efetivamente combater.

Como já demonstrei no capítulo dois suas leituras incluíam textos de história que a transformavam numa rota unilinear que teria começado no

²⁷⁵ *Ibid. Idem.*

²⁷⁶ *Ibid. Idem.*

“tempo das cavernas’ teria passado pela escravidão antiga, entrado no feudalismo, depois veio o capitalismo e fatalmente acabaria no socialismo. O que faltava era só algum grupo que tivesse a coragem e a determinação de acender o detonador do processo.

Por outro lado a situação reinante de ataques da ditadura contra o movimento estudantil, da qual era um dos partícipes através do CESC, aprofundou seu desacordo. Após o AI-5 sentiu-se muito agredido e desafiado, entendia a nova situação como se tivesse sido chamado para um duelo, resolveu entrar na guerrilha e lutar de qualquer maneira contra seus algozes.

Mais ou menos neste período mantinha contatos com Paulo Magalhães, codinome Moleque, jovem de dezesseis anos enviado pelo BR para refugiar-se em Fortaleza, pois estava sendo procurado pelas polícias Civil e Militar pernambucana, além da Polícia Federal e as Forças Armadas como perigoso subversivo enquadrado no crime de Segurança Nacional.

A ponte entre Célio e, nas suas palavras, o aguerrido guerrilheiro de Pernambuco foi seu irmão Pedro Albuquerque, militante do PCdoB que na sua estadia em Recife conheceu Francisco Julião, Francisco de Assis e o próprio Moleque. Como o primeiro estava exilado e a repressão estava no encalço dos últimos, resolveu trazê-los para o Ceará. Como explicou *“os procurados lá vinham para cá, e os daqui iam para lá”*.

Moleque passou então a fazer refeições na casa da mãe de Célio e Pedro, oportunidade em que foram criados os laços políticos que os unificariam na mesma organização. Tudo se deu de modo informal, conversas, participação no movimento estudantil, troca de idéias, até o engajamento: *“De repente me vi dentro do PCBR”*.

Porém apesar da adesão espontânea a guerrilha, termo que alias confessou não conhecer até o seu envolvimento no BR, começaram a surgir na sua cabeça contradições e dúvidas, afinal tinha que terminar seus estudos e ainda trabalhar nos Correios como entregador de telegramas. Apesar disso resolveu ir em frente e se adestrar para a guerra.

O treinamento era feito em Maranguape, no sítio de um empresário, do qual não lembra o nome, mas que achou interessante um capitalista estar ajudando o grupo. Basicamente se aprendia a atirar com um revólver calibre 38 e uma espingarda de matar passarinho. Os alvos eram algumas latas e os pássaros

da região, e a partir disso o civil estaria pronto para ações pesadas, como pichações em muros ou assaltos, as chamadas expropriações.²⁷⁷

Ainda sobre o treinamento, além do manejo de armas seria indispensável um bom preparo físico, mas incrivelmente não houve preocupação com este item no BR do Ceará: *“De quinze em quinze dias nós íamos lá dávamos uns tiros, e voltávamos para a vida normal cotidiana. Namorar, estudar, trabalhar. Não tinha treinamento físico, nem se pensou”*.²⁷⁸

Célio revelou em seguida que durante os treinamentos que muitas vezes fugia das aulas de instrução para jogar bola com os adolescentes de Maranguape, além de achar o “pau de fogo” muito pesado. O próprio Moleque de Pernambuco acabou se tornando seu parceiro mais próximo porque falava as coisas muitas vezes com tom de brincadeira, comportamento que depois relacionou com a idade de ambos, dezesseis e dezessete anos.

Apesar de ter concordado com a luta armada, afinal a ditadura não aceitava nenhum tipo de diálogo com a juventude depois do AI-5, as contradições com o que se propôs a fazer começaram emergir. Coincidentemente o seu último trabalho postal foi entregar telegramas no 23º Batalhão de Caçadores, quando aproveitou para comparar os armamentos e o número de soldados do Exército com o “arsenal” e a quantidade de militantes do BR.²⁷⁹

As tensões após estas comparações em vez de diminuírem só fizeram crescer, começou a achar desproporcional, muito difícil, complicado “aquele grupinho”, referindo-se aos quadros do BR, lutar contra o Exército Brasileiro. Chegou à conclusão de que era inviável, mas como estava agrupado teria que participar, mas as dúvidas continuavam, causando uma instabilidade que não era exposta aos camaradas da organização em hipótese alguma.

Além das dúvidas este militante começou a temer por sua própria vida. Mesmo assim continuou na luta, decisão que nos leva a um novo problema, pois teria sido possível que um sujeito histórico mesmo contrariado tenha

²⁷⁷ Depois Célio veio, a saber, que se tratava do médio empresário João Adolfo, ligado a ALN do Ceará.

²⁷⁸ Célio. Entrevista.

²⁷⁹ Mais um guerrilheiro que revela o baixo nível dos armamentos das organizações armadas e a desconexão com que se pretendia fazer, a revolução socialista brasileira.

continuado num projeto do qual tinha dúvidas gigantescas? Não seria mais lógico o retirar-se da luta?

Aparentemente sim, mas outros fatores se mostraram até aquele momento muito mais fortes do que os medos e dúvidas. O primeiro foi de ordem muito pessoal, pois se liga a necessidade de não demonstrar fraqueza diante de outra pessoa que todos ou a própria pessoa considera mais frágil do que si próprio.

Para melhor ser entendido Célio fez o seguinte comentário comparativo: *“Eu via assim, o Moleque, um menino veio desse, está participando, por que eu também não posso participar?”*. Estas palavras expressam os sentimentos de uma pessoa que ao verse diante de outra mais jovem, julgado mais fraco, sentiu-se diminuído para si e diante do grupo que interagia, no caso o BR.

Era preciso mesmo diante das interrogações crescentes reagir e provar que era capaz, dessa forma sua honra estaria a salvo para si e para os outros membros da organização. Além disso, lembremos que no final da adolescência e no início da fase adulta a valorização da coragem e da determinação diante de situações difíceis faz parte da cultura que é introjetada nos meninos desde o nascimento, e para o Célio seria uma vergonha dar um passo atrás.

Mesmo as organizações armadas que se diziam opositoras ao machismo ao valorizarem a participação das mulheres na luta guerrilheira, não poderiam ser imunes a tais traços culturais. Para um jovem como Célio dizer que estava assustado, amedrontado seria uma tarefa das mais difíceis. Neste sentido lembremos também as acusações de covardia que são feitas aos militantes do PCB porque optaram por outro tipo de luta contra a ditadura.²⁸⁰

Outro fator que pesou na escolha do nosso guerrilheiro foi à presença dos irmãos Pedro, do PCdoB, que foi preso no conhecido Congresso da UNE em Ibiúna (SP) e depois um dos sobreviventes da chamada “Guerrilha” do Araguaia, e Mário, também militante do PCBR, que o acompanhava inclusive

²⁸⁰ Mesmo em processos revolucionários vitoriosos tais características sobrevivem. Vide os depoimentos femininos que demonstram este comportamento em Cuba em CARVALHO, Luiz Macklounf. **Mulheres que foram à luta armada**. 1ª edição. São Paulo. Editora Globo. 1998.

nos treinamentos, com o qual tinha maior ligação, já que o outro estava na clandestinidade.²⁸¹

São os laços de família tão presentes na política rompendo a tradicional divisão esquerda e direita que foi hiper valorizada por alguns marxistas como se fosse uma “camisa de força” teórica impossível de romper. Uma vez escolhida uma posição principalmente à esquerda, isto anularia todas as outras influências culturais do militante.

A movimentação política do período entre 1945 e 1964 como mostrou também foi importante *“A gente estava assim, aquela vontade muito grande de ver um Brasil diferente, que não media limites, entendeu?”*. Vejam que esta observação associa-se a uma das marcas da esquerda nacionalista ou marxista do período, a vontade de transformar social e economicamente a realidade brasileira, mesmo que preço pago fosse altíssimo.

Tais perspectivas geraram um clima político que levaram muitos ao sacrifício total em nome de uma causa que consideravam mais importante, postura constantemente repetida tanto na fala do Célio quanto na de outros ex-guerrilheiros entrevistados. Dessa forma a luta é considerado por todos como o instrumento que possibilitaria a conquista do poder e automaticamente libertaria o Brasil das garras do imperialismo e o povo da injustiça.

Enquanto isso a direção político-militar do BR resolveu fazer algumas ações no Ceará, principalmente na região metropolitana de Fortaleza, e o critério de escolha dos quadros combatentes que participariam em tais investidas seria a experiência. Os mais velhos ficariam com as missões mais perigosas e os menos experientes, como Célio, foram incorporados aos comandos que efetivariam as chamadas pequenas ações.

O trabalho revolucionário mais leve consistia em diversas possibilidades como a “paquera”, espionagem desarmada dos possíveis alvos que seriam atacados pelo braço armado da organização, o grupo de fogo: *“Eu passava o dia lá observando o lugar, se tinha vigia, que horas o vigia entrava, que horas o*

²⁸¹ Ressalto que Célio só teve acesso a informação de que o irmão esteve no Araguaia depois de sua prisão em Fortaleza no ano de 1972.

*vigia saia, quantos tinham naquele prédio. Para poder repassar para o membro do Partido para eles fazerem a ação. Eu não iria fazer a ação”.*²⁸²

Uma ação prática da chamada “paquera” foi à vigilância sobre o Colégio São José na Rua Sena Madureira no Centro da capital, com objetivo de expropriar, roubar uma peça que aparentemente não tinha grande importância para a luta armada, o mimeógrafo da instituição educacional. Na verdade tinha um papel fundamental no processo de luta, pois possibilitava a impressão de panfletos que levariam a mensagem da organização.

Todo este esforço que colocava em risco a própria organização caso alguém fosse capturado visava rodar mensagens para os chamados *comícios relâmpagos*. Outro tipo de pequena ação, verdadeiro desafio a ditadura já que o movimento estudantil estava proibido desde o AI-5, e os órgãos de repressão tinham ordens de usar a força máxima, inclusive, matar os infratores.

Estes ataques que se davam da seguinte forma: marcava-se um ponto de encontro onde aconteceria o ato, que também se tornava o local de convergência de todos os guerrilheiros que participariam da ação. Ao chegarem enquanto os impressos eram distribuídos um dos rebeldes fazia um rápido discurso político, para em seguida baterem em retirada porque a polícia chegava e a troca de tiros era inevitável.

Célio nos conta como participou de algumas destas ações: *“Participei de um no Padre Andrade, na Praça do Liceu, e eu já ensaiava ser um discursador, me trepei de repente num tamborete lá e fiz meu discurso. Eu chamei o Castelo Branco de pescocinho, ditador Castelo Branco. Era contra o regime militar. Conclamando a população a se unir contra a ditadura”.*²⁸³

Às vezes tudo era feito sem automóveis, como no do Colégio Castelo Branco em que “a tropa” revolucionária chegou de bicicleta. O Paulo Moleque estava armado juntamente com outro camarada, enquanto Célio estava desarmado. O inspetor do colégio, que segundo especulou poderia ser do SNI, ao perceber a ação subversiva deu o alarme, e como a área era um grande areial a bicicleta atolou e foi abandonada.

²⁸² Célio. Entrevistas.

²⁸³ Célio. Entrevista.

Acabaram depois do fracasso do ato indo a pé pelo trilho até o Jardim América onde se esconderam numa casa alugada que servia de aparelho da organização e residência do irmão Mário, sua esposa, ele próprio e outro militante não identificado. Vejam que do início ao fim se entrelaçam o baixo nível de aparelhamento, até a falta de cuidado com a segurança já que as relações familiares foram mantidas num aparelho.²⁸⁴

O recrutamento de novos militantes-guerrilheiros para a organização também fazia parte do rol de trabalhos políticos leves ordenados ao Célio pelos seus comandantes, e para que tudo desse certo era necessário seguir algumas etapas bem definidas que começavam com as aulas de história dadas no aparelho localizado no Jardim América até o convite formal aos candidatos para que se integrassem em definitivo ao BR.

Estudante secundarista do Colégio Redentorista dos Padres irlandeses convidou seis colegas também adolescentes e moradores do mesmo bairro que vivia, Porangabussu, para participarem de um curso, na verdade era o primeiro passo para o recrutamento.

As aulas teóricas falavam do progresso da humanidade, do feudalismo até o capitalismo, sendo a próxima etapa o socialismo, e cabia aos presentes construí-lo no Brasil através de uma revolução armada, porque a burguesia não deixaria que fosse pacífica.

Os presentes então eram convidados a se incorporar ao PCBR, mas antes lhes era dado um tempo para pensar, e foi justamente neste intervalo que começaram a surgir tensões, desencontros, e finalmente as negativas. Célio neste ínterim ficava apreensivo durante o curso, pois sabia que os instrutores falariam de luta armada, guerrilha para os convidados, mas como tinha que se falar acabava resignadamente aceitando a situação.

O nosso militante conta a reação dos secundaristas convidados a fazerem o curso revolucionário: *“Quando terminou fui deixar eles em casa no bairro, acompanhar eles para saber como eles tinham visto aquela coisa toda. E na*

²⁸⁴ A distração e até a irresponsabilidade com a segurança foi crônica na guerrilha brasileira, incluindo a cearense. O lendário ex-Capitão do Exército Brasileiro Carlos Lamarca durante seu deslocamento para a Bahia chegou a dar carona a dois universitários paulistas e no final ainda tirou uma fotografia amigável com ambos. Detalhe C. Lamarca dirigia-se secretamente para o interior do Estado para montar um foco guerrilheiro rural do MR-8. Ler Revista *Isto é*. De carona com Lamarca. Edição 1856. 11/05/05.

*saída um foi logo dizendo, égua Célio o negócio é muito pesado, né, muito perigoso. Tu és doido é macho, não de jeito nenhum, tu és doido, não, não vou não. Resultado nenhum dos seis se dispôs a partir para a luta armada ”.*²⁸⁵

Mas houve, pois um entre os seis, classificado pelo Célio como mais aberto e menos medroso, apesar de não ter aceitado o convite para entrar diretamente na luta, concordou em guardar uma caixa de documentos da organização na sua residência, que o transferiu para a casa de um irmão que era do Exército. Lá o recipiente foi descoberto e além dos papéis tinha um revólver no seu interior.

Mas as relações familiares foram novamente determinantes, pois o militar simplesmente destruiu os papéis e aconselhou o irmão a se afastar das más companhias e encerrou o assunto. Foi um golpe de sorte, pois se o soldado tivesse seguido a risca as determinações dos seus comandantes fatalmente teria entregue o achado às forças de segurança e as prisões seriam imediatas, o que provavelmente teria destruído o BR ainda no seu início.

Quanto às ações de maior envergadura e impacto praticadas pelo PCBR como o assalto ao Banco do Brasil de Maranguape e o Bank of London em Fortaleza, Célio esteve completamente ausente, pois tinha perdido contato com a organização. Soube tempos depois na prisão que tais ataques tinham sido praticados pelos seus camaradas, mas insistiu que não teve participação nenhuma nestes e em outros casos.

Contraditoriamente nesta época o guerrilheiro Célio passava por uma nova crise existencial, bem mais forte do que as primeiras no início da luta, pois se tudo começou com dúvidas sobre a viabilidade da luta, agora as questões giravam em torno das sociedades que eram vistas pelos combatentes como exemplos, principalmente a Europa Oriental e a ilha de Cuba.

Segundo afirma já naquela época indagava-se sobre a existência de um partido único nos países do *Socialismo real*: “*Eu ainda acreditava no socialismo, mas eu não entendia porque Cuba existia a muito tempo e ainda adotava o Partido único. Se aqui se luta pela democracia, por que lá em cuba só tem um Partido?*”

²⁸⁵ **Célio.** Entrevista.

Era uma pergunta que contestava uma das bases do socialismo criado a partir da experiência na Rússia-URSS, e por isso tratada como algo intocável. Acabava também, sem que o Célio soubesse, atacando certo marxismo que via a questão apenas pela lógica econômica do modo-de-produção. Então se o Partido Comunista era o representante dos trabalhadores, não era necessária a existência de outra organização partidária.²⁸⁶

Assunto difícil de tratar com outros camaradas do PCBR, pois poderia ferir sensibilidades, resolveu Célio diante da situação ficar em silêncio e guardar para si a questão: *Este tipo de avaliação eu ficava só comigo, muitas vezes eu tinha medo e vergonha, ser taxado até de alguma coisa e falar aos companheiros*".²⁸⁷

Porém o grande estímulo que o levou a repensar definitivamente tudo veio de onde menos esperava, o grupo totalizante que pretendiam libertar, o povo. Para se explicar melhor contou-me que em determinada oportunidade convidou seu companheiro Moleque para irem a um forró, uma tertulha, no que escutou: *"Companheiro eu não vou para uma festa, ele era muito sectário, porque enquanto estamos numa festa o povo estava passando fome"*.

Apesar de respeitar e admirar as posições do camarada de partido colocou sua discordância afirmando que sua opinião era uma besteira, e confessou que *"estava mais preocupado com o próximo jogo do Ceará, assim como a grande maioria da população"*. Foi à primeira vez que discordou abertamente de um membro da organização, e partir deste dia os antagonismos se acentuaram até contra o discurso do BR quando afirmava que estavam no meio de uma guerra:

"Eu ouvia os companheiros dizer que se estava no meio de uma guerra, e eu não sentia guerra, ta entendendo? Eu não sentia guerra porque eu via o povo, de certo modo apesar da carestia, da inflação, da dificuldade para se sobreviver, mas eu sentia o povo de um modo geral alegre na rua, entendeu? Levando à vida".²⁸⁸

²⁸⁶ Durante o capítulo II fiz várias análises sobre o marxismo economicista e sua formação histórica no final do século XIX. Além disso, o Professor Jorge Ferreira nos mostra como a crença na relação exclusivamente econômica entre os homens levou os comunistas brasileiros a derrotas fragorosas. *Vide Prisioneiros do mito. Op. cit.*

²⁸⁷ Célio. Entrevista.

²⁸⁸ *Ibid. Idem.*

O mesmo Célio que foi sensível em perceber a separação entre o BR e o povo, não o naturalizou ao explicar que a propaganda da ditadura era em grande parte responsável pelo distanciamento ao dizer que seriam terroristas, inimigos da família e da pátria, entre outras coisas tidas como importantes pela sociedade: “*Nós éramos de certa forma marginais. Comecei a ver que nós estávamos bancando o messias, os heróis*”.

O que Célio entendeu não era uma novidade entre os que se propuseram a derrubar a ditadura, foi o profundo divórcio entre as massas populares, inclusive os trabalhadores, e os que diziam serem portadores dos desejos do povo. É sem dúvida uma atrofia leninista da política, mas não de V. Lênin, que associado ao foquismo reproduziu a prática das sociedades secretas do século XIX, como os Carbonários.

Alem disso como uma organização como o PCBR poderia voltar atrás e repensar suas práticas se o centro da sua fundação e recrutamento de militantes era baseada justamente a negação total do que propunha o PCB? Uma frente ampla, moderada sim, mas não direitista como afirmavam os seus divergentes. Não desejavam ser o Partidão reorganizado só que agora realmente *Revolucionário*, portanto se retirasse “o dedo do gatilho” não seriam novamente o que mais abominavam, um novo PCB.

Os descaminhos entre os dois vetores, a vanguarda e o povo que teoricamente seria guiado por esta mesma *avant-garde*, e certa incapacidade de perceber que interesse, parafraseando E. P. Thompson “*é aquilo que interessa*”, e o povo estava querendo outras formas de resistência, levou o militante Célio da desconfiança para o ceticismo.

Neste clima de desalento estavam marcadas as eleições municipais de 1972 quando o BR em conjunto com outros grupos armados resolveu levar acabo uma denúncia pública deste processo considerado espúrio, corrupto, fraudulento e simplesmente mistificador, instrumento dos políticos civis e militares que apoiavam a ditadura para ludibriar o povo brasileiro e se legitimar diante do mundo. ²⁸⁹

²⁸⁹ Embalada pelo crescimento econômico, censura, propaganda e consenso oligárquico a ARENA elegeu 80% dos prefeitos, e o MDB apenas 20%. Na cabeça dos guerrilheiros era a confirmação da farsa.

O plano utilizaria quatro grupos armados em Fortaleza ao meio dia, que escreveriam mensagens nos muros, nos ônibus, além de distribuição de panfletos e discursos denunciando as eleições como farsa, e claro propondo a luta armada como alternativa aquela palhaçada enganadora.

Um Comando recebeu ordens de fazer uma ação na esquina das Avenidas Imperador com Duque de Caxias. Quando um ônibus parasse dois entrariam, um faria um discurso e o segundo distribuiria panfletos, um terceiro escreveria *“eleição é tapeação. Luta armada é a solução”* na lateral do veículo. Os dois últimos ficariam do lado de fora na calçada dando cobertura armada, vigilantes em relação à polícia. Célio era um destes, acompanhado por Moleque.

Como vimos Célio subiu na hierarquia militar revolucionária, já anda armado e participa de ações mais difíceis, mas as contradições neste momento emergiram segundo afirma, com maior força. Confessou que não sabia atirar e confiava plenamente no Paulo para alvejar o inimigo caso aparecesse: *“Me deram um revólver, eu não sabia nem atirar, fiquei com medo. Se vier qualquer coisa aí, eu me mando daqui. Mas eu achei que o Paulo sabia atirar”*.

Não lhe passava pela cabeça jamais que o Moleque também não tivesse grandes práticas com as armas de fogo, afinal era um dos mais extremados da organização e o PCBR não seria irresponsável de colocar duas pessoas que não tivessem grande intimidade com revólveres para fazerem a vigilância e a cobertura numa ação perigosa em plena luz do dia, quase uma provocação e desafio a máquina de repressão.

No meio da ação apareceu um Rural da PM por trás do ônibus e hoje o militante diz que se todos tivessem ficado calmos a raio patrulha passaria e a operação teria sido um sucesso, mas o pânico se apoderou de todo mundo. Paulo puxou o revólver e deu um tiro para cima, e a ronda que não tinha percebido nada imediatamente veio na direção deles. O Moleque correu e o carro da polícia foi atrás dele.

As cenas foram narradas tensamente pelo partícipe da seguinte forma: *“Nós ficamos tão apavorados que um loiro sarará que estava com a gente na retaguarda também correu nunca mais eu o vi. A mocinha de dezoito anos que*

*estava comigo ficou mais apavorada do que eu, tão nervosa que não saía do lugar, eu tentando puxar ela, e ela não saía do lugar, pregada no chão”.*²⁹⁰

Depois de forçar a movimentação da companheira “colada” conseguiu correr com a mesma para uma vila onde invadiram uma casa e a moça inventou que estava sendo perseguida por um tarado armado de faca. Passaram para outra residência ao pularem um quintal e coincidentemente lá morava um Professor do Célio no Colégio Redentorista. Tentando disfarçar saudou-o, *Professor?* Estava sem um dos sapatos, perdido na debandada.

Como o mestre era galanteador ofereceu-lhes ajuda, inclusive acabou levando a companheira em casa de carro, enquanto o Célio aproveitou para enrolar sua arma num jornal e foi a pé, pois o Paulo estava com o dinheiro do transporte do Comando, até um aparelho no Montese tentar um contato com o Partido, o que não conseguiu.

Dirigiu-se, ainda a pé, para a Maraponga, quando se desfez da arma jogando-a numa lagoa, para em seguida ir para casa no Conjunto José Walter, quando soube da prisão do Paulo. Continuou a fuga, pois, a polícia poderia chegar a qualquer momento. Lembrou que suas mãos estavam sujas de piche na casa do Professor e viu quando ele foi se interar da situação na rua. Nunca mais voltou ao Colégio, trabalho e residência. Escondeu-se na casa de um tio no bairro da Floresta: *“Passei a ser foragido”*.

Quanto ao Moleque soube depois que trocou tiros com a polícia e na hora da sua prisão tentou suicidar-se, mas como o revólver não tinha mais balas não conseguiu concretizar seu ato desesperado. Nesta situação os militantes guerrilheiros já sabiam como proceder nas próximas vinte e quatro horas, tempo em que o prisioneiro deveria resistir às torturas, e os outros limpavam os aparelhos, esconder-se-iam até um novo contato.

Moleque agüentou, tempo em que os esconderijos foram desativados, mas todos posteriormente foram identificados pela polícia, a começar pelo do Montese. Célio ficou sumido de três a quatro meses, perdeu completamente o contato com o BR, seu irmão Mario foi preso em Recife (PE), até que apareceu um militante do Partido por ele chamado de carioca. Sua preocupação central era saber informações do irmão, se estava bem apesar de preso.

²⁹⁰ **Célio.** Entrevista.

Algum tempo depois a mãe contatou a Advogada de presos políticos e militante do PCB Dra. Wanda Sidou para defendê-lo. Esta enviou-lhe um pedido para que se entregasse, pois a polícia na ânsia de capturá-lo poderia matá-lo. Célio quando chegou a 10ª Região Militar decidido a entregar-se percebeu algo estranho, sentiu que a polícia não o prendeu porque não quis, pois estavam informados dos seus passos.

Chegou a esta conclusão ao lembrar os encontros com o Carioca atrás do Liceu do Ceará, oportunidade em que este misterioso militante lhe pediu que fizesse um trabalho teórico sobre *Capitalismo e existencialismo*, e que se preparasse para morar no ABC paulista onde faria trabalho de base nas fábricas. Célio se opôs intransigentemente a possibilidade de abandonar o Ceará porque a família precisava dele.

O mesmo Carioca segundo afirma Célio, ao perceber que estava diante de um militante em crise resolveu estimulá-lo dizendo que os sobreviventes teriam que honrar os mortos, citou Ernesto Guevara e afirmou que a luta armada dos Tupamaros no Uruguai estava se desenvolvendo, que não poderiam desistir da luta. Porém Célio estava irredutível, porque *“as evidências eram claras, o povo não queria fazer guerrilha”*.

Em outro encontro o carioca faltou, mas uma rural estacionada próxima ao ponto de encontro lotada de homens que pareciam policiais ficaram lhe observando sem interferir. Na semana seguinte Célio tentou novamente um contato e seu parceiro se ausentou, resolveu então não aparecer mais, pois quando isso acontecia tudo indicava que a pessoa teria caído, sido presa.

Na prática quando as teorias foram testadas começou a sentir que existia alguma coisa errada, pois percebia o divórcio entre o que leu e a realidade, quando notava que as pessoas não reagiam de acordo com que esperava. Foram tantas as decepções, que somadas às questões estruturais, tipo desproporção entre o tamanho do Exército e a guerrilha, que se convenceu que teria que repensar tudo e redirecionar a luta.

Célio foi um exemplo de sujeito histórico influenciado desde cedo pelo marxismo na própria família, que ao ver a realidade social de Fortaleza concluiu que tinham sentido os discursos que escutava, mas não foram estímulos suficientes para lhe tornar um extremista ao ponto de lutar com armas em punho.

Fatores como a perseguição aos entes queridos e o autoritarismo da ditadura tiveram um papel central na sua escolha pelo PCBR e a guerrilha. Porém ao perceber que havia uma disjunção entre as teorias que inicialmente acreditou e a realidade, problematizou silenciosamente o estado das coisas e fez novas escolhas.

O policial guerrilheiro da ALN Carlos Timoshenko de Sales como já sabemos também foi outro que mergulhou na luta armada, de corpo e alma após revoltar-se contra as injustiças sociais existentes entre nós, no Ceará. Caso específico da associação entre a prostituição e a corrupção existente na Secretaria de Segurança Pública.

Sua luta tem um caráter diferente dos outros sujeitos históricos cá analisados porque rompeu as fronteiras do Ceará e até do Brasil, passando pelo conturbado Uruguai dos Tupamaros até o Chile do presidente Salvador Allende e a experiência, a via local para o socialismo. Mas não parou por aí, chegando até Portugal da Revolução dos Cravos e a França, quando continuou a lutar, mas sem armas na mão.

Timoshenko, apesar da sua participação discreta na guerrilha por causa da função que exercia na SSP-Ce, esta situação não o impediu de participar da execução que vitimou em São Benedito (CE) o comerciante José Armando Rodrigues, sendo o único, entre os cinco que compunham o Grupo Tático Armado (GTA) da ALN a romper o cerco policial de mil homens das polícias Civil, Militar e Federal, sendo até então o maior da história do Ceará.

A partir deste acontecimento a vida deste rebelde se resumiu a uma palavra, *fuga*, retirada que começou na própria Serra quando o ônibus intermunicipal em que estava retornando a Fortaleza foi parado numa barreira policial. Para escapar apresentou suas credenciais a dois PMs como se estivesse participando da caçada aos “terroristas”: “*estou na área companheiros*”.

Ao chegar à capital percebeu que a situação era de cerco total, por isso resolveu ir para Maranguape, para a casa da namorada também guerrilheira. Depois já retornado a Fortaleza, escondeu-se num prostíbulo no bairro Monte Castelo que tinha sido fechado por ele no combate ao lenocínio, mais que ainda funcionava clandestinamente.

Neste ambiente nada convencional para ser um aparelho de guerrilheiros, segundo afirma, foi muito bem tratado, tanto pela proprietária do estabelecimento, Dona Odaléia, quanto pelas funcionárias, afinal Timó, ao contrário dos outros policiais nunca exigira serviços sexuais grátis, suborno ou e muito menos tinha feito ameaças de violência contra as garotas, o que gerou uma reciprocidade afetiva entre as partes.

O respeito mútuo enfatiza, chegou a um ponto tal, que a gerente e as meninas quando souberam que Timó estava sendo procurado por terrorismo queriam formar uma comissão para ir ao Secretário de Segurança Pública, Coronel EB R1 Hamilton Holanda, para dizer que *“aquele moço não era nada disso, mas muito boa pessoa”*.

Apesar do acolhimento os deslocamentos continuaram primeiro para a casa de um operário na periferia de Fortaleza, depois para um edifício comercial no Centro, e novamente para outra residência de uma militante de idade avançada e por fim num aparelho da organização onde ficava dentro de um buraco armado com um fuzil Fall M-1, uma metralhadora INA, uma pistola 45 e alguns explosivos. O tormento só terminou quando ele foi retirado para Natal (RN). Começava a terceira etapa da fuga.

Em terras potiguares foi recebido por militantes do PCBR, que já o vinham ajudando desde Fortaleza, levaram-no imediatamente para uma ilha próxima a Natal, onde participou de debates com seus “novos” camaradas e se aprofundou nos estudos da filosofia marxista-leninista. Bem como passou por uma transformação do seu aspecto físico. O estudo era uma necessidade, já que até aquele momento, como reconheceu, só tinha agido, praticado subversão, e tinha lido pouco marxismo.

Estas palavras são evidências claras de que Timó como boa parte da guerrilha brasileira não tinha grandes níveis de leituras teóricas. Eram mais levados pela indignação contra o *status quo* do que por um sólido nível de estudos sobre o marxismo, sendo muitas vezes sua formação baseada em discussões, formação e entendimento pelo ter ouvido, e assim por diante.

Timó mais preparado teoricamente e convencido da necessidade da continuação da luta cumpriu uma nova ordem da organização, ir para Recife- Olinda (PE). Em Pernambuco participou de outras discussões teóricas que o estimularam ainda mais a fazer a revolução, sendo logo depois mandado para

o Rio de Janeiro (GB), onde O BR e a ALN estavam concentrando forças, fazendo planos para continuar a luta contra a ditadura.

No Rio de Janeiro não fez ações armadas, mas se envolveu diretamente nas negociações entre as organizações armadas que levariam ao seqüestro do Embaixador da Suíça no Brasil Giovanni Enrico Bucher em dezembro de 1970. Depois com o aumento da repressão presenciou o fuzilamento de um companheiro, escapou, mas perdeu o contato com a guerrilha, resolvendo então uma nova retirada estratégica, para não ser preso.

Tentou pedir asilo na embaixada do México na Avenida Atlântica, onde informaram-lhe que necessitava de um salvo conduto do governo brasileiro para conseguir apoio diplomático. Desistiu e resolveu ir para Brasília procurar ajuda na Representação do Chile, onde escutou a mesma explicação, até que aceitou o conselho para dirigir-se ao Uruguai, onde a fronteira era mais tranqüila.

Chegou a Porto Alegre (RS) pegou o transporte para Rivera e depois Montevideú. Ao desembarcar na capital uruguaia procurou de imediato o bairro das embaixadas, e quando se aproximou das representações de Cuba e Chile foi preso pela polícia política e levado para a Chefatura Central, onde conheceu sua primeira sessão de torturas. Timoshenko acabou sendo vítima do conflito entre o governo direitista de Pacheco Areco de um lado e do outro a esquerda desarmada e a guerrilha dos Tupamaros.²⁹¹

No Uruguai, ainda na prisão, recebeu de um companheiro Tupamaro o livro *Princípios de filosofia marxista* de Georges Politzer, obra que leu com dedicação. Isto nos mostra que a influência desta obra extrapolava as fronteiras do Ceará e do Brasil.

Não esqueçamos que a obra de Georges Politzer enfatizou que teria sido inviável escrevê-la sem as duas referências teóricas de apoio, *Materialismo dialético e materialismo histórico* e *História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS* de Josef Stálin.

Depois de passar por três cárceres orientais e se aproximar dos *Tupamaros* na prisão, e dedicar-se às leituras, Carlos Timoshenko foi solto, quando

²⁹¹ Para o autogolpe do Presidente civil Juan Maria Bordaberry em julho de 1973 com apoio dos militares assistir o documentário *Las cinco em punto* do Diretor José Pedro Charlo.

aproveitou para rumar na direção do Chile, ainda no governo da Unidade Popular de Salvador Allende, e finalmente depois do golpe setembro de 1973 fugiu em definitivo para a Europa.

Como podemos compreender o sentido desta trajetória? O que as motivou? Provavelmente não chegaremos a uma resposta coberta de certezas, dada a complexidade e variedade de motivações que poderiam, em cada um destes homens, ter desencadeado a decisão de pegar em armas e participar, dessa maneira da luta contra a ditadura.

Indicamos aqui algumas obras do pensamento marxista e uma leitura particular que, pelos indícios encontrados nos depoimentos tiveram importância central. Será no entrelaçamento dessas leituras e experiências cotidianas que entender as motivações para a luta guerrilheira. Dessa forma, Timó, como outros convencido da racionalidade e justeza dos seus atos foi capaz de qualquer odisséia.

Era o ano de 1960 e Timó estava cassado tendo duas filhas, sendo uma recém nascida. Sem emprego fixo, fazia qualquer coisa, era um biscoiteiro, porque o importante era conseguir alguma coisa para sobreviver. Conheceu um baiano e um motorista com quem acabou constituindo uma sociedade comercial virou uma espécie de caixeiro viajante.

Levado para o interior da Bahia onde segundo lhe disseram ganharia dinheiro, só conseguiu envolver-se numa confusão que quase lhe custou a vida. Pensou nas filhas em Fortaleza, resolveu então desfazer a sociedade com os sócios e com o dinheiro do automóvel vendido que pertencia aos três retornou para Fortaleza, pelo menos estava em casa, e não em terras estranhas.

O retorno não significou melhora nas condições de vida, faltava tudo em casa, as crianças tinham fome, a mais velha reclamava e a de colo chorava. Estava desesperado, a ponto de fazer uma loucura. Olhava para as pessoas em torno da Praça do Ferreira passando com compras variadas, roupas, sapatos, alimentos, e não aceitava a diferença. Por que alguns têm e outros não? Tomou então uma decisão.

Lembrou-se do estabelecimento comercial, uma bodega, que pertencia a duas mulheres solteiras que não vendiam fiado, mas poderia ser a resolução mesmo que provisória da situação. Chegando ao comércio pediu uma série de gêneros alimentícios, principalmente os que mais precisavam as meninas,

Margarete e Margarene, e no final disse que pagaria quando pudesse, que as duas ficassem tranqüilas, mas que honraria sua palavra.

É contraditório para um filho de comunistas chegar a esta situação, ainda mais quando explicou no seu livro de memórias que não chegou a este ponto mais rapidamente porque o pai teria lhe inculcado na cabeça que um revolucionário não roubaria nada de ninguém, o que tornava a questão mais complexa. Onde estaria o elo que ligaria a moral revolucionária e as apologias burguesas do privado?

Tudo indica que existia uma interseção entre o que era considerado uma ideologia burguesa que sacraliza a propriedade privada e o discurso moral comunista em mostrar-se diferente desta mesma classe que sabidamente era corrupta, informação que era plenamente conhecida pelos revolucionários.

Para este trabalho importa notar que mesmo alguém que depois se tornou guerrilheiro não estava automaticamente colocado neste caminho, foram às desavenças da vida que o levaram a esta situação histórica. Claro que a lembrança do que aprendeu com pais foi utilizado para analisar o que presenciava, mas a herança familiar não garante que obrigatoriamente alguém vá seguir a linha política deixada pelos pais.

O primeiro Comandante do Grupo Tático Armado (GTA) da ALN no Ceará Silvio de Albuquerque Mota é outro sujeito que deve ser citado como exemplo de homem que enveredou pelo caminho da luta estimulado por uma causa que concluiu ser justa e sensata, que vitoriosa beneficiária à maioria absoluta do povo brasileiro. Foi um dos que acreditou no que diz o hino da independência: Ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil.²⁹²

Era de uma família relativamente instruída, que estava acima da média do povo cearense, o avô foi um conhecido intelectual cearense, o folclorista Leonardo Mota. Apesar disso resolveu ser guerrilheiro da ALN e lutar contra a ditadura civil-militar.²⁹³

Na luta contra o autoritarismo foi Comandante do GTA ou grupo de fogo da organização, participou de algumas operações arriscadas que tiveram repercussão no Estado. Como vimos mesmo antes da guerrilha nos dias do

²⁹² Esta canção cívica foi apropriada pela ALN como seu hino oficial.

²⁹³ Boa parte destas informações, mas não exclusivamente, estão no seu livro de memórias MOTA, Silvio. **Rebeldes**. 1ª edição. Fortaleza. Editora Expressão Gráfica. 2009.

golpe de 1964 tentou retirar uma máquina *Off-Set* do sindicato dos Bancários para imprimir panfletos que pediram resistência ao golpe.

Incorporado a ALN praticou, acompanhado dos seus companheiros, de um atentado a bomba ao IBEU, escola onde estudou, mas que tinha repulsa pelo americanismo reinante no quadro de professores e funcionários. O carro usado na ação, um fusca, era de sua propriedade, assim como a iniciativa de jogar o petardo no pátio interno da instituição educacional.

A ação falhou, o artefato não explodiu, mas os panfletos deixados no local contra certo industrial que estava tentando organizar no Ceará o grupo paramilitar de extrema-direita Comando de Caças aos Comunistas (CCC), o esquadrão da morte, que deveria como o próprio nome diz, caçar os que se atreviam a desafiar a ordem imposta desde 1964, fizeram efeito, pois o capitalista financiador recuou adontado.

Em pelo menos duas oportunidades esteve à frente de contatos no interior do Estado para averiguar com detalhes as regiões que depois poderiam servir de Teatro de Operações quando a guerra revolucionária de guerrilhas fosse deflagrada. Esteve na Serra da Ibiapaba ou Grande onde trocou informações com o militante José Bento, pequeno agricultor que teve ligação com os Grupos de Onze de Leonel Brizola.

Aproveitou para cruzar a fronteira com o Piauí onde manteve contatos com parentes distantes, os Mourões, família a qual pertencia Sara Mourão uma das suas babás que lhe influenciaram profundamente ao narrarem histórias e histórias do coronelismo, do cangaço, enfim do império do bacamarte na sua infância. Como o Silvio faz questão de falar até hoje: *“Ela foi criada de baixo de bala e eu adquiri este espírito”*.

As visitas ao interior não resumiram a Serra Grande e adjacências, São Benedito e Carnaubal do lado do Ceará e Pedro II no Piauí, assim como Salgueiro em Pernambuco por causa do Quartel da Polícia Militar localizado no município. Também esteve em Sobral, Crato, Quixadá, onde fez contatos políticos. Teve preocupação especial com o Batalhão de Engenharia do Exército em Crateús, Independência e Castelo no Piauí.

Silvio ou Ernesto esteve também à frente de uma missão de negociação que buscava sinal verde do Comando Nacional da organização para que levassem a frente uma ação que poderia ter se transformado numa vitória de

Pirro para a ALN e talvez toda esquerda do Ceará, o ataque aos aviões F-80 estacionados na Base Aérea de Fortaleza.

Deslocado para São Paulo com este objetivo, Ernesto, encontrou-se pessoalmente com Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira e Rolando Fratti, staff do grupo, para relatar o que pretendiam fazer, necessitavam apenas de munição calibre 44/40, já que possuíam explosivos. A tríade não condenou a idéia em si, mas argumentou que a repressão seria tão violenta que destruiria a estratégia da luta, portanto o ataque teria que ser suspenso.

Neste encontro ficou sabendo que seria deslocado para Cuba para fazer treinamento militar intensivo de guerrilha durante oito meses, mas antes ainda teve tempo de participar de algumas ações, entre as quais uma na então longínqua Praia do Futuro, quando objetivavam roubar, expropriar um carro para fazerem um assalto a banco próximo ao Mercado São Sebastião.

Numa determinada ação tentou com seus companheiros passar como policiais e tomar o automóvel de alguém que estivesse na área, e assim procederam. Abordarem um casal, anunciando-se policiais, porém surpreenderam-se com o fato de o indivíduo ser policial e reagir. Silvio Mota ou “Ernesto” acabou ferido com uma punhalada na barriga. O restante do comando abriu fogo contra o homem. O policial morreu.

O incidente, segundo nos relata, precipitou a viagem a Cuba onde se incorporaria ao chamado Terceiro Exército da ALN, assim chamado por irreverência, mas também porque acreditavam sinceramente que conseguiriam começar com o foco guerrilheiro até transformá-lo numa tropa regular, como a força inimiga, o Exército Brasileiro.

O percurso foi grande, primeiro o Rio de Janeiro onde manteve novos contatos com Carlos Marighella, depois Praga na Tchecoslováquia, Moscou na URSS, Irlanda, Canadá e finalmente a ilha onde iria participar de treinamentos militares guerrilheiros.

Desembarcado em Cuba observou inicialmente algumas coisas que não existiam no Brasil, como os clubes sociais abertos, qualquer pessoa poderia entrar, não existiam sócios. As praias também eram para todos como entre nós, obra da revolução, porque eram privadas até 1959. Percebeu o racionamento, segundo afirma culpa do bloqueio econômico dos EUA e do aumento da renda dos trabalhadores não acompanhada pela produção.

Em seu depoimento destaca que em Cuba neste período as armas estavam em toda parte, nas casas, nas ruas, segundo afirma, era difícil olhar para o lado e não ver alguém armado. A CIA praticava atentados e a guerra sistemática aos contra-revolucionários na Serra de Escambray terminara a pouco tempo.

Alojado com seus companheiros numa casa confortável que pertenceu a um magnata que foi embora depois da vitória da revolução, faziam ginástica e estudos teóricos marxista e também militares. O curso em si ainda não começara.

Após receberem a visita do novo Comandante da ALN Joaquim Câmara Ferreira ou Toledo, as coisas começaram a andar em direção ao treinamento militar intensivo, gerando euforia nos brasileiros da ALN. Dividido em dois grupos, primavera e outono, Silvio ficou no primeiro, devidamente aparelhado com roupas verde-oliva, botas e claro um belga fuzil automático leve (FAL) mesma arma do Exército Brasileiro.

Para alguns brasileiros que lá estiveram principalmente antigos militares perseguidos pela ditadura, portanto com experiência de caserna, o treinamento era ruim, acharam que no Brasil os soldados eram mais bem adestrados. Silvio discorda: *“O treinamento era excelente, não tenho do que me queixar”*. Lembrou com saudades e emoção seu vigor físico, marchas diurnas e noturnas na montanha, no mato, atirava, tratava com explosivos, inteligência.²⁹⁴

Conviveu com veteranos da guerra civil espanhola, até um Coronel do Exército da Coreia do Norte, Park, que convidou a militância da ALN para uma festa na sua embaixada. Silvio afirma que escutou muitas versões de como se mata um *yankee*, especialidade deste militar entre 1950-1953. Dessa aproximação surgiu um acordo entre as partes que possibilitou o envio de militantes a serem treinados na península asiática.

Conheceu gente de toda América Latina, camponeses, estudantes, operários, velhos e novos comunistas e um dos fundadores da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Carlos Fonseca Amador (1936-1976), que alguns depois morreria em combate na Nicarágua lutando contra a ditadura Somozista apoiada pelos EUA.

²⁹⁴ **Silvio**. Entrevista.

Apesar de alguns conflitos no interior da organização e entre dirigentes revolucionários em Cuba, segundo expõe no depoimento, não diminuiu seu entusiasmo. Era um homem honrado e estava na ilha para se preparar para fazer a revolução e assim procederia, era um homem de decisões, tinha que libertar o povo brasileiro da ditadura e do sofrimento do dia a dia.

Em seu relato descreve a arriscada operação de volta para o Brasil, que também envolvia uma rota internacional. Dotado de um passaporte alemão que só lhe causaria problemas, viajou para a Suíça, Itália, Tchecoslováquia, e finalmente Recife (PE) Brasil.

Da capital pernambucana Silvio deveria deslocar-se para um encontro com seu companheiro Jeová Assis Gomes, que por sinal não apareceu, e coincidentemente além deste desencontro teve outra notícia amarga, o corpo do capitão Carlos Lamarca estava chegando ao IML Nina Rodrigues de Salvador (BA).²⁹⁵

Retornou ao Recife fez contato com um irmão e cunhada que moravam por lá, conseguiu dinheiro, voltou para a Itália e novamente para Cuba. Na ilha fez trabalho stakhanovista, não obteve autorização para voltar ao Brasil, recebeu um convite para ir a Portugal em plena Revolução dos Cravos, onde participou de uma reunião que dissolveu a ALN em definitivo. Acabou indo para a França onde ficou até a anistia em 1979, quando retornou ao Brasil e ao Ceará.

Em definitivo seu depoimento afirma, assim como em outros casos, que somente uma firme convicção na revolução, para se passar por estas situações e ainda ter a forte decisão de continuar. Relata ainda que chegou a tentar o suicídio em Cuba cortando os pulsos quando sentiu que não poderia mais continuar a luta em honra do Brasil e dos camaradas que morreram pela revolução socialista e patriótica brasileira.

As energias que levaram este trabalhador das camadas médias ao ponto que chegou podem ser buscadas em vários pontos, e um dos mais que fez questão de ressaltar foi o patriotismo. Segundo disse sempre olhou a vitória

²⁹⁵ O contato do Silvio Mota Jeová Assis Gomes n/ao apareceu no local marcado porque foi fuzilado pela repressão em Araguaína (GO). Seria o futuro chefe da guerrilha do Movimento de Libertação Popular (MOLIPO), organização surgida em 1971 a partir de um racha da ALN completamente apoiado pelo Serviço de Inteligência de Cuba.

dos civis e militares golpistas em 1964 como uma vitória da CIA, a polícia secreta dos EUA, portanto uma intervenção estrangeira no Brasil.

Em Cuba nunca aceitou se filiar ao Partido Comunista, apesar de ter sido convidado duas vezes, por não ser uma organização brasileira. Reconhece também que as leituras patrióticas do historiador Gustavo Barroso sobre a formação da nacionalidade brasileira no século XIX muito lhe influenciaram.

Em sua fala emerge a presença da cultura da violência privada do polígono das secas, baseada na bravura, coragem, de não levar recado para casa, ir à forra, contra os desafetos. As babás, Tata e Sara Mourão, neste sentido tiveram um papel importante neste consenso psicológico. Não foi coincidência a visita os Mourões no Piauí quando das suas viagens de reconhecimento de terreno. Este ato só poderia ter algum valor importante para ele.

A estes resíduos culturais, acrescenta-se o marxismo, teoria que no terceiro mundo foi apropriado por vários nacionalismos devido ao seu antiimperialismo latente, como fez a Ação Libertadora Nacional (ALN), assim como o Hino da Independência como sua canção oficial, convergindo sentimentos que o atraíram-lhe.

Para o universo do Silvio esta seria uma oportunidade de dar o troco aos inimigos, tanto pela pátria quanto pelo povo, grupo social que pensava ter obrigação de proteger e ajudar, como era comum nas zonas rurais de um Ceará marcado pelo bacamarte, a faca e a enxada.

Mais o projeto guerrilheiro era bem maior do que somente a luta armada em si, pois existia toda uma rede em volta dele, por isso muitos não chegaram a pegar em armas, mas faziam trabalhos importantes sem os quais a guerrilha não teria existido.

Mesmo precariamente, caso do Frei Tito que pertencia ao Grupo de apoio da ALN, responsável pela utilização da estrutura de um setor da Igreja Católica para levar mensagens e esconder conspiradores, inclusive o próprio Carlos Marighella, era muito importante.

Nesse sentido, a Ordem dos Dominicanos proprietários de instituições espalhadas por boa parte do território nacional era uma estrutura imprescindível para a ALN, já que tinha seminários, conventos igrejas em Minas Gerais, Rio Grande do Sul, região de fronteira que poderia servir de

ligação com outros grupos guerrilheiros dos países vizinhos, esconderijo e rota de fuga para militantes procurados.

Outro ponto do Brasil em que os Dominicanos tinham trabalho missionário se localizava no município de Conceição do Araguaia no sudeste do Pará, onde estava instalado um Convento. Esta região já tinha sido observada no passado como área de possível deflagração de luta pelo PCB, e após o golpe passou a ser disputada pelos grupos que surgiram das lutas internas no Partidão, inclusive a ALN.²⁹⁶

O próprio Tito estava num local estratégico, insuspeito, primeiro por ser da Igreja, segundo por estar localizado numa região habitada pelas camadas médias da cidade de São Paulo (SP), o Convento no bairro de Perdizes. Além disso, ficava na cidade mais industrializada do país, onde teoricamente estavam os sujeitos que após conhecerem a mensagem dos revolucionários fatalmente iriam aderir à revolução.²⁹⁷

Por isso quando capturado a fúria dos órgãos de repressão contra o Tito foi devastadora, mesmo não tendo participado de ações armadas diretamente, mais indiretamente era responsável pelas ações da ALN, já que teria feito trabalhos de logística semelhantes aos que são feitos pelas Intendências nos exércitos regulares.

Alem do mais era membro de uma instituição que em tese deveria apoiar a ditadura, mas que apesar de ter apoiado o golpe vinha se atritando desde segundo trimestre de 1964 com o novo regime ao ter pedido a normalização o mais rápido possível da institucionalidade baseada na Constituição de 1946. Dessa forma Tito era também visto como um traidor pela direita.

Os conseqüentes sofrimentos passados pelo Tito devido a sua abnegação a uma luta da qual fielmente acreditava e sua resistência até a exaustão das suas forças são provas de que estava disposto a tudo. Não entrarei nos detalhes do fato, por demais conhecidos, mas penso que é importante citar esta situação dolorosa para mostrar que apesar do que passou até o fim da sua vida o Frei manteve-se firme das suas convicções.

²⁹⁶ Vejam que não uma simples coincidência o PCdoB, também outro racha do PCB, ter iniciado a Guerra Popular Prolongada nesta mesma área geográfica.

²⁹⁷ Boa parte do que estou á falar pode ser observado tanto no livro quanto no filme *Batismo de sangue*, apesar de que o personagem central em ambos é outro dominicano, Frei Beto.

Fé adquirida na família católica, na militância da Juventude Estudantil Católica (JEC), onde fez parte da Direção Nacional, no entrosamento com o movimento político anterior ao golpe de 1964, nos Conventos Dominicanos de Belo Horizonte (MG) e São Paulo (SP). Era a construção lenta e gradual da necessidade de um bom cristão se doar aos seus semelhantes.

As leituras dos teólogos que dialogavam com o marxismo se fundiram com sua vida de militância formando um quadro *sui generis* entre a religião e o movimento comunista. Então K. Marx e F. Engels apenas foram apropriados para reforçar a mensagem de Jesus Cristo que previa a libertação do cativo do povo de Deus. Compromisso de amor com este sujeito coletivo levado tão a sério que esteve presente até no último encontro com a irmã na França antes do seu suicídio.²⁹⁸

A mesma coisa aconteceu com os militantes José Rubens do PCdoB e Walter Pinheiro do PCBR, ambos não chegaram a participar de ações armadas, mas tiveram que enfrentar situações violentas, como prisões arbitrárias e tortura, por estarem envolvidos em projetos revolucionários contra a ditadura civil-militar, mesmo que não estivessem mais mobilizados, como veremos mais a frente, se passou com o segundo.

Apesar desta semelhança entre os dois, vimos que o encontro de ambos com o marxismo foi completamente diferente, pois enquanto o militante do PCdoB tinha na família pessoas ligadas ao PCB, o combatente do BR adquiriu esta formação relacionando-se no Colégio Liceu e na Faculdade de Filosofia do Ceará (FAFICE).

Após a sua primeira prisão Walter Pinheiro perdeu completamente o contato com seus camaradas de luta, ficou isolado do processo, o que não impediu dele conhecer as masmorras do sistema em outra oportunidade, justamente num momento em que o PCBR estava dilacerado, praticamente destruído, com os militantes tendo até que assaltar pequenos comerciantes para sobreviver.

Dessa vez conheceu as práticas que desrespeitavam os prisioneiros políticos, sendo torturado pela Polícia Federal, tudo indica, na “Casa dos

²⁹⁸ Os detalhes desta relação entre cristianismo, marxismo, povo e libertação podem ser vistos na leitura referente à ALN no segundo capítulo desta dissertação. Lá existe um quadro mais abrangente sobre o assunto, dos teóricos as práticas políticas do Frei Tito de Alencar Lima.

horrores”: *“Lembro que me levaram encapuzado numa viatura para fora da cidade. Como eu sei? Fomos parados numa barreira da Polícia Rodoviária e após sermos liberados o federal reclamou ao dizer para os outros que estavam no carro “esses caras só sabem atrapalhar”.* ²⁹⁹

José Rubens também conheceu na própria pele o terrorismo de Estado quando caiu prisioneiro do DOI-CODI no Rio de Janeiro, mas como reconheceu não desistiu da luta por que entendia que qualquer um que lutasse contra o capitalismo estava sujeito a sofrer perseguições. Até hoje defende com unhas e dentes a linha partidária adotada para enfrentar a ditadura.

Entre os combatentes presentes nesta dissertação o que mais enfrentou prisões foi o Professor José Machado, quatro no total, três na PF e uma no DOI-CODI. Afirma também ter sido torturado em Fortaleza pelo Delegado Octávio Gouveia Júnior, o Octavinho, do DOI-CODI de São Paulo, que depois viria ser fuzilado pela guerrilha no início de 1973 no Rio de Janeiro (GB).

Um dos casos relatados no livro Brasil: Nunca Mais é o seu: *“(...) que várias vezes seguidas procederam à imersão da cabeça do interrogando, a boca aberta, num tambor de gasolina cheio d’água, conhecida essa modalidade como banho chinês; (...)* ³⁰⁰

Este ciclo de aprisionamentos e maus tratos sofridos por José Machado foi o preço pago pela escolha opositora ao sistema autoritário, quando se entregou sem limites ao confronto contra a ditadura. Entre as ações armadas que participou, duas tiveram muita repercussão local, os assaltos ou expropriações aos bancos do Brasil em Maranguape e of London em Fortaleza.

No ataque as duas casas bancárias fazia parte do setor de cobertura, ou seja, do pessoal tinha ordens de conflitar com os órgãos de segurança caso estes aparecessem. Como explicou no depoimento: *“Era o mais difícil, seríamos os primeiros a atirar”.*

Apesar disso reconhece que o inimigo estava muitíssimo mais preparado, e para provar sua tese exemplifica o caso do ataque a FENAC da Secretaria de Agricultura, quando um Comando expropriou várias armas que estavam expostas para o público. Regressados aos aparelhos descobriram que faltavam

²⁹⁹ **Walter.** *Entrevista.* A “Casa dos horrores” era um centro clandestino de tortura que existiu na Região Metropolitana de Fortaleza. Vários prisioneiros denunciaram sua existência.

³⁰⁰ Brasil: Nunca Mais. **Op. Cit.** p. 41.

peças que tornavam às máquinas inúteis: *“Eles estavam mais preparados do que nós, isso é um fato. Eles eram orientados pela CIA, e nós por pebas”*.

Sua pessoa também está associada a dois incidentes que viraram referenciais para os que fizeram oposição à ditadura no meio acadêmico, como o ato de ter “saído no braço” com membro da TFP ou ter sido transformado contra sua vontade em mito entre os estudantes devido a um incidente durante uma mobilização contra o autoritarismo. Ele confirma os dois casos, mas com ressalvas, praticando um tipo de desconstrução da mitologia de si próprio.

No primeiro caso, em depoimento, falou que realmente lutou com um militante da TFP, porém não estava sozinho, já que outros estudantes também participaram do ataque. Também desmente a estória de que conseguiu tomar o estandarte do grupo, na verdade apenas conseguiram arrancar o mastro, pois a bandeira foi abraçada pelo militante de extrema-direita que não o saltou, mesmo sendo espancado.

O outro fato aconteceu durante o terceiro ano do curso de física, sendo sua turma composta por quatro membros. Numa das greves três não aderiram e ainda foram flagrados denunciando o único partícipe, José Machado, como líder e organizador do conflito, o que não era verdade. Resultado os estudantes se mobilizaram em solidariedade, caçaram a carteira dos delatores e o mito cresceu em torno do seu nome.

Machado diz taxativamente que não era o grande líder da mobilização e por mais que explicasse isso, seus colegas não aceitavam ou não queriam saber. Agora confirma que era dedicado a causa do corpo discente, chegando a dormir durante um mês nas instituições estudantis, fazendo plantão de solidariedade e prontidão: *“Eu passei a ser um mito quando me acusaram de ser um cabeça, sem eu ser”*.

Deixou claro também na sua fala que odiava os órgãos de repressão da ditadura, policias e forças armadas, e que concordava com certos discursos estudantis e esquerdistas que valorizavam os atos de violência, principalmente contra as instituições citadas pouco antes.

No depoimento afirmou até que discordava da famosa máxima de Ernesto Guevara que aconselhava aos revolucionários que deveriam ser duros, mas sem perder a ternura: *“Ninguém entrou por amor, entrou por ódio mesmo. A*

peessoa mata por ódio. Não tem a história do Guevara, isso é conversa. A esquerda jovem era feroz”.

Um dos últimos movimentos do qual participou José Machado se deu em 1970, quando um grupo armado do PCBR ao perceber que a qualidade da comida do restaurante universitário estava, segundo Machado na sua entrevista, piorando, subiu numa mesa denunciando a situação. Outros espalhados estrategicamente começaram a bater as colheres, no que foram acompanhados pelos estudantes.

O movimento cresceu a um ponto que nem o BR esperava, pois pretendia apenas fazer uma denúncia, um comício relâmpago. Chegou-se inclusive, apesar da repressão e vigilância pós AI-5 a fazer uma marcha até a Reitoria da UFC. O Reitor para resolver a questão encaminhou uma eleição para formar uma comissão tripartite para administrar a situação.

Segundo Machado, houve duas chapas entre os estudantes, uma de esquerda e outra de direita. A primeira teve 1200 votos e a segunda 200. Pouco tempo depois o Reitor comunicou a chapa vencedora que não seria possível sua posse porque a 10ª Região Militar tinha detectado o apoio da esquerda a chapa.

Os estudantes esquerdistas reagiram confeccionando um jornal chamado *O Bandeja*, mas antes da sua distribuição ficou acertado que todos os membros da chapa retirariam os materiais subversivos guardados em casa, pois a possibilidade da prisão dos diretores não empossados era grande. José Machado participou ajudando secretamente na distribuição do impresso, e apesar da ulterior prisão de muitos, acabou não sendo identificado.

Caso diferente aconteceu em 1974 quando os presos políticos entraram em greve de fome no Ceará e através da Dra. Wanda Sidou as famílias começaram a ser avisadas. Machado afirma em depoimento, que o medo era tão grande que nem os partidos, como AP, PCdoB e PCB, nem os parentes tentaram fazer nada para denunciar a situação.

Ao ver o impasse, o PCBR chamou para si a missão de escrever nos muros de Fortaleza o que estava acontecendo, e realmente assim procedeu. Certo dia o Professor Machado recebeu um recado que pedia sua presença na casa da Dra. Wanda Sidou, e para lá se encaminhou.

Mas como a advogada demorava em atender seus clientes, o Professor resolveu merendar no bar Avião da Avenida João Pessoa, ao lado do trilho, quase em frente a residência dela. De repente foi cercado e preso por agentes da Polícia Federal. Segundo disse, foi um azar terrível, pois se tratava de um ponto de encontro secreto do PCdoB, organização do qual não tinha a menor ligação e da qual divergia.

Do DPF foi transferido para o antigo Quartel da Polícia do Exército na Avenida Pessoa Anta, e logo depois para Recife (PE), onde foi torturado pelo DOI-CODI local. Afirmou no depoimento que: “as torturas da PF eram “carícias” perto das do DOI-CODI”.

Passou vários dias em comer e beber água, e no final quando não conseguiram provar sua relação com os escritos nos muros de Fortaleza, o enviaram de volta ao Ceará quando foi abandonado num terreno baldio, meia noite, da Avenida Sargento Hermínio, barbado, cabeludo, sujo, descalço, e com um recado dos algozes: *“Não conseguimos provar nada contra você, mas na próxima vez te matam”*.

Neste período o PCBR, independente da denúncia da greve de fome dos presos políticos feita à revelia do PCdoB, tentou um contato as Forças Guerrilheiras do Araguaia (FORGA). Em 1972 ou 1973 ao escutarem constantemente as Rádios de Tirana na Albânia e Pequim na China falar em luta naquele ponto do Brasil, o BR formou uma comissão que se deslocou até o Pará com intuito de fazer um contato para se incorporar à luta.

Ao chegarem na área não conseguiram falar com absolutamente ninguém, não viram vestígios de combates, nem conversas nos municípios paraenses de Xambioá, Conceição do Araguaia e Marabá. Machado em depoimento é enfático: *“A comissão voltou dizendo que não viu nada semelhante a um Vietnã. Nada. Nada”*.³⁰¹

Como vimos José Machado além de participar de ações armadas, também sofreu as conseqüências das suas escolhas, bateu e levou. Mesmo assim não

³⁰¹ Estas informações do militante José Machado do PCBR se assemelham ao depoimento da guerrilheira cearense Teresa Cristina que desertou do Araguaia. Ela enfaticamente diz no filme *Guerrilha do Araguaia: as faces ocultas da história* que ao chegar naquela região não encontrou nenhum Vietnã, pois lá não existia “porra nenhuma”. Justamente por isso resolveu fugir.

desistiu da luta, inclusive da guerrilha, por isso discordou da direção Nacional do PCBR quando está resolveu dissolver a organização e parar o projeto político armado: *“Para mim foi uma traição, desbundaram. O senhor Gorender não queria saber de luta armada”*.

Como explicar esta perseverança diante de um quadro tão obscuro? Para o José Machado não foi à família com suas idéias comunistas que formou esta personalidade nele, mas o pai, com suas noções de honra com sentido de coragem e brios. Como falou no seu depoimento:

“Meu pai era muito metido em briga. Meu pai dizia assim, olha se apanhar lá fora, apanha aqui também. Não traga desaforo para casa. Ele falava isso na minha infância e adolescência. Pode brigar, não sou contra, agora se apanhar aí, apanha aqui de novo. Não traga desaforo para casa. Acho que aquele clima de machão, de valente, de não abrir nem para um trem. Meu pai era um doido varido”.³⁰²

A incorporação do espírito de valentia e coragem em José Machado consolidou mais tarde a prática da necessidade de não fugir a luta diante de situações hostis, que acabavam virando desafios a serem vencidos. A própria literatura nos mostrou em diversas situações a importância da bravura na *cultura local*, da necessidade de se ter brios, até porque representaria um traço de masculinidade.

O trecho á seguir, que se passa na região de fronteira entre Ceará e Pernambuco, cujos personagens diante de um conflito, não deixam por menos quando atacados por dois rapazes, os irmãos Gabriel, resultou na reação automática da matriarca da família Zepha, que acompanhada de um jovem da casa deixou claro que:

“Em tais condições, esmorecer seria peor; o rapaz revestiu-se de animo, lançou mão do bacamarte que possuía á um canto, e intimava-os a recuar, quando a porta da cosinha cahiu ás machadadas. A Zepha, com um cacete, travou lucta com dois dos aggressores e fel-os recuar”.³⁰³

³⁰² José Machado. *Ibid. Idem*.

³⁰³ FILHO, João Ernani Furtado Filho (apresentador). CARVALHO, José. **Perfis Sertanejos: costumes do Ceará**. Cap. 03 **BRIOS**. Edição fac-similar. Fortaleza. 2ª edição. Coleção Outras Histórias nº. 35. Museu do Ceará. 2006. pp. 32-33.

Quanto às leituras José Machado diz que não foram importantes nestas suas posturas que envolviam violência, pois apesar de ter lido alguma coisa sobre marxismo, admite que ao se ligar a ALN e ao PCBR, já tinha a idéia fixa, formada de que às armas resolveriam qualquer situação ou algo parecido.

Portanto à adesão e insistência na luta armada, apesar dos percalços que indicavam para uma derrota, de alguma forma, em alguns mais em outros menos, tiveram relação com as leituras, principalmente do marxismo. Que entrelaçadas com outras experiências públicas e privadas acabaram gerando o consenso de que ***eleição era tapeação e a luta armada a solução.*** ³⁰⁴

³⁰⁴ Constantemente todos falavam que a teoria ensinava isso, esclarecia aquilo, e assim consecutivamente. Alguns desejavam, inclusive, mesmo depois da derrota estar mais do que clara arar por um tempos e retomar a luta de tão convencidos da viabilidade das suas idéias.

CONCLUSÃO

As ações históricas dos militantes cá analisados me demonstraram basicamente três coisas: primeiro que no geral os que se insurgiram em armas contra a ditadura, com honrosa exceção, tinham pouca leitura sobre o marxismo, principalmente os textos escritos pelos teóricos do século XIX ou XX. Muitas vezes este contato foi feito através de formas indiretas, como a literatura ou livros de história, ou conversações.

Das leituras feitas praticamente todas davam a entender que a vitória era inevitável, bastava que se levasse a mensagem aos trabalhadores para que a sua reação fosse imediata ou automática de adesão ao processo revolucionário que se pretendia efetivar. Neste sentido tanto faz a “Velha” como a “Nova” esquerda, ambas possuíam estas características que tornavam o processo social quase uma naturalidade biológica.

Portanto distorções ficaram naqueles que se pretendiam diferentes como os maoístas e os foquistas que simplificaram as questões que envolviam o movimento social histórico chegando ao ponto, o primeiro, de afirmar que o imperialismo era um tigre de papel e o segundo a transformar os homens em prisioneiros da natureza e dos números com a teoria da serra e do pequeno grupo destemido que desencadearia o processo.

Além do mais os militantes agiram influenciados pelos traços culturais que lhes foram inculcados, como a religião que gerou o sentimento de caridade com os mais desfavorecidos, e o nacionalismo que travestido de antiimperialismo penetrou fundo na cultura política da esquerda.

Não podemos esquecer que a revolta pela derrota sofrida em 1964 gerou um clima de revanchismo contra os donos do poder, e como de alguma forma o ambiente universitário era continuamente atingido pela repressão, as reações violentas foram vistas como legítima defesa, o que só fazia consolidar a cada ato repressivo da ditadura.

Por fim houve um divórcio, entre as representações que alimentavam a luta armada guerrilheira, e a realidade concreta, resultando numa derrota, ainda hoje nem sempre aceita, completa e total de todas as forças esquerdistas que se levantaram em armas para combater a ditadura.

FONTES

Entrevistas:

- . **Silvio de Albuquerque Mota.** Primeiro Comandante-em-Chefe da ALN/Ce. Participou de treinamento militar em Cuba no chamado Terceiro Exército.
- . **José Machado Bezerra.** Participou de ações armadas de envergadura do PCBR/Ce. É considerado pelos sobreviventes como um ícone vivo da organização e da luta armada.
- . **Célio Miranda Albuquerque** – Esteve na ação fracassada que resultou na captura de um militante que levou a destruição do PCBR/Ce.
- . **Eloísio Peixoto** – Sentou praça na Serra Grande ou Ibiapaba na fronteira com o Piauí com objetivo de adaptação e reconhecimento do terreno para dar início da guerrilha rural do PCdoB na região.
- . **José Rubens Sales Bastos** - Defensor intransigente da luta armada no PCdoB.

Além destes foram colocados na pesquisa os militantes falecidos da ALN **Tito de Alencar Lima**, do grupo de apoio da organização, **Carlos Timoshenko de Sales**, membro do Comando que fuzilou o comerciante de São Benedito (CE). As suas participações e lutas foram reconstruídas tendo como base os livros e comentários anexos do primeiro e as memórias do segundo, além de conversas informais que tive com pessoas que os conheceram.

Biblioteca Pública Menezes Pimentel

Setor hemerográfico:

- . Jornais: **O Povo e Diário do Nordeste.**
- . Revistas: **Veja, Isto é, Visão e Singular.**

Memórias:

- . Carlos Timoshenko de Sales e Rogério Moraes.

Timó: Timoshenko – o subversivo que cruzou a fronteira.

- . Silvio Mota

Rebeldes.

- . Gilvan Rocha

Meio século de caminhada socialista.

Filmes:

- . **Subversivos**. Direção de Felipe Barroso. 2008.
- . **Batismo de sangue**. Direção de Helvécio Ratton. 2006.
- . **Cabra cega**. Direção de Toni Venturi. 2004.
- . **Araguaya: conspiração do silêncio**. Direção de Ronaldo Duque. 2004.

Documentários:

- . **Guerrilha do Araguaia - as faces ocultas da história**. Direção de Eduardo Castro. 2007.
- . **Marighella - retrato falado do guerrilheiro**. Direção de Silvio Tendler. 2001.

Livros:

Gustavo Barroso

- . **A guerra do Lopez**. 1928.
- . **A guerra do Flores**. 1929.
- . **A guerra do Rosas**. 1929.
- . **A guerra do Vidéo**. 1930.
- . **A guerra do Artigas**. 1930.

Wilfred G. Burchett

- . **Vietnam: a guerrilha vista por dentro**. 1967.

Régis Debray

- . **Revolução na revolução**. 1967.

René Descartes

- . **Discurso sobre o método**. 1637.

Leo Huberman

- . **História da riqueza do homem**. 1936.

Ruy Facó

- . **Cangaceiros e fanáticos**. 1963.

Ernesto “Che” Guevara

- . **A guerra de guerrilhas**. 1960.

V.I. Lênin

. **O estado e a revolução.** 1917.

Carlos Marighella

. **Por que resistir a prisão.** 1965.

. **A crise brasileira.** 1966.

. **Carta à Executiva.** 1966.

. **Crítica às teses do Comitê Central.** 1967.

. **Ecletismo e marxismo.** 1967.

. **Algumas questões sobre as guerrilhas no Brasil.** 1968.

. **Pronunciamento do Agrupamento comunista de São Paulo.** 1968.

. **Mini manual do guerrilheiro urbano.** 1969.

Georges Politzer

. **Princípios fundamentais de filosofia.** 1946.

Ernest Renan

. **Vida de Jesus.** 1863.

Josef Stálin

. **História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS.** 1938.

. **Materialismo dialético e materialismo histórico.** 1938.

Livros deixados pelo Frei Tito de Alencar Lima

. **Sobre socialismo e comunismo.** Papa Leão XIII. 1878.

. **Comunismo e cristianismo.** Martin D'arcy.

. **Introdução crítica ao marxismo.** Emile Baas. 1958.

. **Itinerário de Marx à Cristo.** Ignace Lepp. 1960.

. **Inquérito ao marxismo.** Pierre Fougereyrollas. 1961.

. **O escândalo da verdade.** Jean Daniélou. 1963.

. **A Igreja está com o povo?** Padre Aloísio Guerra. 1963.

. **La Sainte Bible.** 1961.

Documentos das organizações armadas:

PCdoB

. **Em defesa do Partido/Carta dos cem.** 1961.

. **Guerra popular. Caminhos da luta armada no Brasil.** 1969.

. **A técnica da ação.** Juventude Universitária Católica. 1961.

BIBLIOGRAFIA

ACIOLI, Socorro. *Frei Tito*. 1ª edição. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha. 2001.

ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara*. Uma biografia. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Objetiva. 1997.

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. 2ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1989.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento de. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo*. 1ª edição. Rio de Janeiro. FGV. 2000.

BENDIT, Daniel Cohn. *O grande bazar*. 1ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1988.

BETELLHEIM, Charles. *Revolução cultural e organização industrial na China*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Graal. 1979.

BLANCO, Abelardo e DÓRIA, Carlos. *Revolução Cubana: de José Martí a Fidel Castro*. 2ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1983.

CARONE, Edgar. *O PCB (1943-1964)*. Volume II. 1ª edição. São Paulo. DIFEL. 1982.

CARVALHO, Apolônio de. *Vale à pena sonhar*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Rocco. 1997.

CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara. A vida em vermelho*. 1ª edição. São Paulo. Companhia das Letras. 1997.

FARIAS, Aírton de. *Além das armas: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-1972)*. 1ª edição. Fortaleza. Edições Livro Técnico. 2007.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Rio de Janeiro. 1ª edição. EDUFF e MAUAD. 2002.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: Getulismo, cultura popular e política (1945-1964)*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 2005.

FERNANDEZ, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. 1ª edição. São Paulo. T.A. Queiroz. 1979.

FILHO, Daniel Aarão Reis e SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da revolução: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda nos anos de 1961-1971*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero. 1985

_____ e MORAES, Pedro de. *68: a paixão de uma utopia*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Espaço e Tempo. 1988.

_____. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. 1ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1990.

_____. *O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros*. In: _____ e MORAES, João Quartim de (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Volume I. 2ª edição. Campinas. Editora da UNICAMP. 2003.

FURTADO, Celso. *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*. 3ª edição. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1968.

GIAP, Vo. *O Vietnã segundo Giap*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Saga. 1968.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. 2ª edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas – a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 4ª edição. São Paulo. Editora Ática. 1990.

HOBBSBAWN, Eric John. *Revolucionários*. 1ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Paz e Terra. 1982.

IANNI, Octávio. *O colapso do populismo no Brasil*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1968.

KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Campus. 1988.

_____. *O futuro da filosofia da práxis*. 1ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Paz e Terra. 1992.

LOPES, Régis KUNZ, Martine (orgs.). *Frei Tito: em nome da memória*. 1ª edição. Fortaleza. Museu do Ceará. 2002.

LOWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia desde 1909 até os dias atuais*. 1ª edição. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. 1999.

_____. *A guerra dos deuses. Religião e política na América Latina*. 1ª edição. Petrópolis. Editora Vozes. 2000.

MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*. 5ª edição. Petrópolis. Editora Vozes. 1995.

MORAIS, Taís e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha*. 1ª edição. Geração editorial. São Paulo. 2005.

MIR, Luís. *A revolução impossível: à esquerda e a luta armada no Brasil*. 1ª edição. São Paulo. Editora Best Seller. 1994.

NETTO, Evaristo Geovanetti. *O PCB na Assembléia Constituinte de 1946*. 1ª edição. São Paulo. Editora Novos Rumos. 1986.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros. Memória e história do PCB*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Relume - Dumará. 1995.

- POMAR, Wladimir. *A Revolução Chinesa*. In: COSTA, Emília Viotti da. (Direção). *Coleção revoluções do século XX*. 1ª edição. São Paulo. EDUNESP. 2003.
- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. 1ª edição. São Paulo. EDUNESP. 1993.
- _____. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. 1ª edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2000.
- ROLLEMBERG, Denise. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora MAUAD. 2001.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. 1ª edição. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2007.
- SCHILING, Voltaire. *A revolução na China: colonialismo-maoismo-revisionismo*. 1ª edição. Porto Alegre. Editora Mercado Aberto. 1984.
- STUDART, Hugo. *A lei da selva. Estratégias, imaginário e discurso dos militares sobre a guerrilha do Araguaia*. 1ª edição. Geração editorial. São Paulo. 2006.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1981.
- _____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. 1ª edição. Campinas. Editora da UNICAMP. 2002.
- _____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. 1ª edição. São Paulo. Editora Companhia das Letras. 2005.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1979.
- WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira e Estado e massas no Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Paz e Terra. 1988.
- WOLF Eric R. *Guerras camponesas do século XX*. 1ª edição. São Paulo. Global Editora. 1984.
- SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Direito à memória e a verdade: comissão especial sobre mortos e desaparecidos políticos (1961-1988)*. 1ª edição. Brasília. 2007.
- VAGUE, Tom. *Televisonários. A história da Facção do Exército Vermelho, mais conhecida (por engano) como Grupo Baader Meinhof*. 1ª edição. São Paulo. Conrad Livros. 2001.
- VIANNA, Marly. *Revolucionários de 35: sonhos e realidade*. 2ª edição. São Paulo. Companhia das Letras. 1992.